

gizela kolifon

Estudos em Fonologia

UMA HOMENAGEM A GISELA COLLISCHONN



ORGANIZADO POR

TAÍSE SIMIONI
TATIANA KELLER

ORGANIZADO POR
TAÍSE SIMIONI
TATIANA KELLER

Estudos em Fonologia

UMA HOMENAGEM A GISELA COLLISCHONN

1.^a edição

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

Santa Maria, RS
2019

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Eliana Rosa Sturza

Coordenadora substituta

Tatiana Keller

Projeto gráfico e diagramação

Jamir Gonçalves Ferreira

E82 Estudos em fonologia : uma homenagem a Gisela
Collischonn / organizado por Taíse Simioni, Tatiana
Keller. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, PPGL,
2019.
1 e-book : il.

ISBN 978-85-99527-49-8

1. Linguística 2. Fonologia 3. Linguagem
I. Collischonn, Gisela II. Simioni, Taíse III. Keller,
Tatiana IV. Título

CDU 801

Ficha catalográfica elaborada por Shana Vidarte Velasco - CRB-10/1896
Biblioteca Central da UFSM

SUMÁRIO

Prefácio	5
Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	
Consoante pós-vocálica final no PB como <i>onset</i> de um NV	12
Patrícia Rodrigues Barbosa	
A vocalização de /l/ no PB sob uma perspectiva diacrônica	34
Laura Helena Hahn-Nonnenmacher	
O <i>status</i> das regras de sândi externo no português brasileiro	65
Juliana Escalier Ludwig Gayer	
Uma análise da ditongação decrescente (V#V)	86
Tarcisio Oliveira Brambila	
Haplologia em Lages/SC: variação e efeitos lexicais	109
Débora Heineck Luiz Carlos Schwindt	
Acento secundário no espanhol mexicano	135
Alessandra Santos Solé	
Revisitando o acento secundário em português brasileiro	158
Tatiana Keller	
Estrutura moraic do latim ao espanhol	185
Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa	
A harmonia vocálica em Bagé e a variável escolaridade	194
Méllani da Silveira Laus Taíse Simioni	
Desvios de pronúncia em língua espanhola: um estudo de caso com graduandos do Curso de Letras Português / Espanhol	213
Patrícia Paprocki Brasil Hindrichson Maria Alejandra Saraiva Pasca	
Homenagens	240
Biobibliografia de Gisela Collischonn	246
Sobre os autores	267

PREFÁCIO

Este livro é mais um valioso legado de Gisela Collischonn. Organizado por ex-orientandas, constitui-se, sob um ângulo, em um tributo à competente e generosa professora Gisela e, sob outro, expressa parte da alta qualidade da produção científica motivada e orientada pela Gisela, inteligente, perspicaz, rigorosa, capaz, verdadeiramente brilhante pesquisadora e fonóloga.

Os estudos que compõem o livro evidenciam que os profissionais formados por Gisela reconhecem que há magia nos sons presentes nas línguas naturais, mas evidenciam também, seguindo o caminho da orientadora, que o encantamento maior não está nessa superfície sonora, mas na abstração da gramática que interpreta os sons como unidades do sistema linguístico. E esse encantamento cresce ao se analisarem os fenômenos das línguas sob os pressupostos de modelos fonológicos que têm sido propostos para oferecer suporte aos olhares de linguistas.

O livro “Estudos em Fonologia: uma homenagem a Gisela Collischonn” oferece relevante contribuição à comunidade acadêmica, com a apresentação de dez pesquisas desenvolvidas com grande rigor científico, abordando temas de particular interesse no campo da Fonologia das línguas e discutindo-os em acuradas análises, firmemente embasadas em atuais teorias fonológicas.

O primeiro capítulo tem o foco em questão relevante e ainda pouco explorada, no português, que é a existência de sílabas com núcleo vazio. Patrícia Rodrigues Barbosa argumenta que as consoantes /r, s, l/, em final de palavras como ‘florØ’, ‘lápizØ’ e ‘papelØ’, não estão na posição final da sílaba, mas ocupam a posição de *onset*, sendo seguidas por “um constituinte silábico vazio, Ø, que eventualmente pode ser preenchido no curso da derivação fonológica, mas que também pode permanecer vazio em qualquer nível derivacional”. Com fundamento em Harris e Gussmann (1998; 2003) e em outros autores (KAYE, 1990; SCHEER, 2008), com o uso de dados do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), o estudo revelou a possibilidade de o estatuto silábico das consoantes finais do português ser repensado, admitindo que são *onsets* e não codas. A autora defende que a existência de consoantes finais como *onsets* de sílabas com núcleos vazios se mostra um processo em andamento em PB, para o qual o sistema apresenta três opções de escolha a fim de promover uma sequência CV: apagar ou ressilabar, no caso de /r/ e /s/, e, além das anteriores, vocalizar, no caso de /l/.

A pesquisa de Laura Helena Hahn-Nonnenmacher, intitulada *A vocalização de /l/ no PB sob uma perspectiva diacrônica*, é o segundo capítulo do livro. Tem o foco na realização de /l/ em posição final de sílaba em português por falantes do PB, na relação entre a posição da lateral na estrutura silábica e a sua realização na superfície e na relação das diferentes histórias das regras de vocalização e

velarização da lateral em português. Vale-se sobretudo de dados secundários, retomando estudos de velarização e vocalização realizados sobre o PB, em especial os referentes a variedades faladas no Rio Grande do Sul (RS). A análise dos dados, que aborda as perspectivas diacrônica e variacionista, tem base na teoria de Bermúdez-Otero (2007; 2012; 2013), segundo a qual a arquitetura da gramática permite prever as propriedades gerais das mudanças linguísticas, incluindo aí as mudanças em curso. Com esse suporte teórico, o estudo conclui que o fenômeno da vocalização de /l/ se encontra na fase II do ciclo de evolução, no qual o padrão gradiente passa a ser foneticamente categórico, com o desenvolvimento concomitante de uma nova regra fonológica como contrapartida à regra fonética original, sem haver referência à estrutura lexical ou morfológica. Segundo a autora, uma regra fonológica que atingiu a fase II, ou seja, que deixou de ser gradiente e que permanece livre de idiossincrasias lexicais é, então, fonética e lexicalmente abrupta, sendo que salienta a dificuldade de se detectar esse tipo de situação, como ressalta Bermúdez-Otero (2007), já que as fronteiras entre aplicação gradiente e categórica não são estabelecidas com facilidade. Com segurança, os resultados da pesquisa evidenciam que a vocalização de /l/ não atingiu a fase III do ciclo de evolução, uma vez que, nessa etapa, regras se tornam sensíveis à estrutura morfossintática, muitas vezes com uma redução no seu domínio de aplicação, e podem também desenvolver exceções lexicais.

Seguindo um tópico que, em determinado momento, convergiu grande interesse da pesquisadora Gisela, no terceiro capítulo Juliana Escalier Ludwig Gayer traz uma investigação sobre *O status das regras de sândi externo no português brasileiro*. Apresenta uma reconsideração em relação à divisão dos fenômenos de sândi na língua, uma vez que há padrões de aplicação distintos para a elisão e a degeminação, de um lado, e para a ditongação, de outro: nos contextos em que a elisão e a degeminação ocorrem com mais frequência, a ditongação parece não ocorrer normalmente, e vice-versa. O capítulo também discute outro ponto importante vinculado ao tema pesquisado: as evidências para considerar a natureza do sândi ou como um processo fonológico, ou como um fenômeno fonético ou coarticulatório. Para o PB, a autora considera a existência de dois tipos de sândi, o fonológico e o fonético (ou coarticulatório), fazendo essa distinção com base nas ideias de Bermúdez-Otero (2007; 2012), que faz uma gradação mais fina entre implementação fonética e componente fonológico. A discussão sobre o *status* do sândi externo no português brasileiro parte de uma representação entre os níveis do modelo de Bermúdez-Otero (2007), detalhando a relação entre os níveis fonológico e fonético – à representação que propõe o autor dá o nome de “arquitetura modular *feedforward* clássica da fonologia”.

No capítulo seguinte, Tarcisio Oliveira Brambila apresenta *Uma análise da ditongação decrescente (V#V)*, vinculado “a um dos últimos projetos de

Gisela: ‘Fonologia do nível da frase: a proeminência acentual/tonal e processos de resolução de hiato’’. Trata-se de um estudo da formação de ditongos decrescentes em fronteira de palavras, como, por exemplo, no contexto com variação, e discute estratégias para evitar hiatos que são presentes no português, seja interna e externamente (V#V) no nível da palavra. A análise encontra suporte especialmente na abordagem da sílaba na língua (BISOL, 1999), fazendo também referência à Hierarquia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986; BISOL, 2005). Seguindo o caráter variacionista e verificando os resultados de diferentes variáveis linguísticas que favorecem a ditongação, a pesquisa conclui que toda vez em que uma sequência de duas vogais puder ser evitada, essa evitação ocorrerá: os dados mostraram percentual superior a 60% de aplicação da ditongação; a tonicidade das duas vogais é o fator que poderá bloquear o processo.

O quinto capítulo traz o estudo sobre *Haplologia em Lages/SC: variação e efeitos lexicais*, realizado por Débora Heineck, em coautoria com o colega e grande amigo da Gisela, Luiz Carlos Schwindt. Considerando que a haplologia pode ser morfológica ou sintática, a pesquisa dirige o foco particularmente para a análise sincrônica da haplologia sintática, ou seja, para o processo de redução de uma sequência de duas sílabas semelhantes em uma sílaba só, no contexto de fronteira de palavra. Depois de referir estudos já realizados sobre haplologia no português brasileiro, são apresentadas questões de pesquisa, cujas respostas são trazidas com o suporte teórico-metodológico da Teoria da Variação. Os resultados apontaram um alto índice de aplicação da haplologia em 16 entrevistas de Lages/SC, integrantes do Banco VARSUL, que alcança nível superior ao registrado em outras investigações. Confirmando ser sistematizável o fenômeno da haplologia e ser influenciado de modo importante por determinadas estruturas linguísticas, os resultados da investigação indicaram, no exame de frequência lexical, que a variável *palavra na primeira posição e palavra na segunda posição* pode ter alguma relevância na aplicação do processo, tendo sido aventado o papel da frequência nesse fato, já que foi constatada uma coincidência considerável entre as palavras mais relevantes para a aplicação (com maiores pesos relativos) e as palavras mais frequentes do *corpus*. Entre outros resultados, pela análise da estrutura métrica das palavras envolvidas na haplologia, o estudo defende ser possível supor que o processo ocorre como uma forma de diminuir a distância entre os acentos, de modo a tentar restabelecer uma propriedade rítmica, o que responderia por ser o apagamento desfavorecido quando a segunda sílaba do contexto for tônica; esse fato corrobora a hipótese de que o choque de acentos gerado pelo apagamento inibe a aplicação do fenômeno.

O capítulo subsequente tem, como tema, um fenômeno muito frequente em pesquisas propostas por Gisela – o acento –, sendo-lhe especialmente caro o acento secundário, que foi o foco de sua Dissertação de Mestrado, orientada

por Gisela. Alessandra Santos Solé retoma esse fenômeno no estudo intitulado *Acento secundário no espanhol mexicano*. A pesquisa relatada analisa o acento secundário pelo viés acústico, em palavras paroxítonas com três sílabas pretônicas produzidas por falantes nativos do espanhol do México. Mais especificamente, investiga esse acento a partir da relação entre as vogais (pretônicas e tônica) dessas palavras em diferentes estilos de fala no que concerne às propriedades acústicas: valor máximo de F0, média de intensidade e duração vocálica. Na investigação, o acento secundário do espanhol é entendido como um acento retórico, isto é, um fenômeno ou “dispositivo” característico da fala pública, quando o falante se dirige a uma audiência. O texto relata estudos que analisam o acento secundário em espanhol e, com esse fundamento, propõe a hipótese de que “existem dois padrões principais de acento retórico no espanhol falado por nativos do México: um padrão enfático e outro rítmico, que se manifestam e se distinguem em palavras com três ou mais sílabas pretônicas. Isso significa que os participantes da amostra poderiam produzir na fala retórica tanto formas como ‘dòmnicános’ (padrão enfático) quanto ‘domìnicános’ (padrão rítmico), por exemplo. Por outra parte, os falantes também poderiam produzir formas como ‘dominicános’, sem acento secundário, em uma fala mais coloquial”. Pelo exame de variáveis analisadas, os resultados apontaram que a posição silábica em que se encontram as vogais e o estilo de fala influenciam significativamente os valores das três propriedades acústicas examinadas: valor máximo de F0, média de intensidade e duração vocálica.

No mesmo curso do capítulo anterior, seguindo o gosto de Gisela pelos estudos sobre o acento, Tatiana Keller *Revisita o acento secundário em português brasileiro*, trazendo um recorte dos resultados da pesquisa experimental que faz parte da sua Dissertação de Mestrado, orientada por Gisela. A criteriosa investigação responde a duas relevantes questões com foco no acento secundário, a partir do exame de um *corpus* de falantes de Porto Alegre/RS e da compilação dos resultados de um teste de percepção aplicado a seis juízes, falantes de PB: (i) a localização da(s) sílaba(s) portadora(s) da proeminência é constante ou admite variação? e (ii) pode manifestar-se mais de um acento secundário por vocábulo? Os resultados são confrontados com a pesquisa de natureza fonético/perceptual, de Moraes (2003), e com o estudo de natureza fonológica, de Collischonn (1994). Para a primeira questão, os resultados apontaram, de modo bastante consistente, a ocorrência de acento secundário na 1ª sílaba pretônica, especialmente em palavras com quatro ou mais sílabas pretônicas, ocorrendo a percepção do acento secundário apenas na 2ª pretônica em um número bastante reduzido de palavras. Esses dados corroboram a previsão de Collischonn (1994) no sentido de evidenciar a possibilidade de variação entre a 1ª e a 2ª pretônica em uma mesma palavra. A pesquisa apontou ainda, de forma inédita, que, em palavras com 5 sílabas pretônicas, há a variação na posição de acento secundário entre sílabas não-iniciais (3ª e 4ª sílaba). Com referência à

segunda questão, os resultados da pesquisa aqui relatada revelam que, em palavras com número par de sílabas, o acento secundário recai na 1ª sílaba pretônica e a cada segunda sílaba à direita desta, confirmando a previsão de Moraes (2003). O capítulo conclui com o registro de que os resultados ora confirmam as observações de caráter fonético/perceptual (MORAES, 2003) e ora as de cunho fonológico (COLLISCHONN, 1994), “o que leva a crer que um entendimento mais completo sobre o acento secundário, e outros fenômenos linguísticos, deva conjugar esses dois tipos de análise”.

No capítulo a seguir, Evelyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa aborda a *Estrutura moraica do latim ao espanhol*, representando e refletindo o olhar de Gisela Collischonn para os estudos diacrônicos. O estudo assume que a quantidade vocálica e a quantidade consonantal, comumente tratadas como fenômenos separados na literatura que tem foco na evolução das línguas românicas, pode ser explicada via Fonologia das Moras (HAYES, 1989), como um só fenômeno, considerando a passagem do latim ao espanhol. Também o capítulo traça um paralelo com pesquisas anteriores sobre o tema (COSTA, 2011; COSTA; KELLER, 2014), trazendo dados sobre o português e o italiano. O estudo explica que, enquanto o italiano mantém as geminadas latinas, criando geminadas novas via alongamento compensatório, o português as elimina, simplificando-as, e o espanhol apresenta ecos das geminadas através das palatais. Nesse curso evolutivo das línguas românicas, enfatizando a passagem do latim ao espanhol, a pesquisa registra que esta língua não preserva a mora das consoantes geminadas latinas, nem das vogais longas, nem dos ditongos latinos e tampouco da consoante pós-pico silábico. Salienta, no entanto, que a estrutura moraica latina implicou efeitos em segmentos do espanhol, o que pode ser verificado na estrutura interna (que não é simples) das soantes palatais e da africada: sob os pressupostos da Fonologia Autossegmental, enquanto às soantes palatais é atribuído o *status* de consoantes complexas, para as africadas é reconhecida uma estrutura de contorno. A emergência dessas consoantes no espanhol é vista, portanto, como um reflexo da estrutura moraica do latim.

No nono capítulo, Méllani da Silveira Laus e Taíse Simioni examinam *A harmonia vocálica em Bagé e a variável escolaridade*; o estudo, rigorosamente desenvolvido, muito bem representa o interesse de Gisela Collischonn pela variação linguística. Retomando um tema muito caro para os estudos fonológicos e variacionistas realizados no sul do Brasil, tendo a pesquisa precursora na Tese de Doutorado de Leda Bisol, em 1981, a investigação examina a “harmonia vocálica” em dados pertencentes ao âmbito do Projeto de Pesquisa *Banco de Dados de Língua Falada de Bagé (RS)*, da Universidade Federal do Pampa, que cumpre a relevante tarefa de registrar traços característicos da fala dos bageenses e, assim, descrever as variedades linguísticas da região, além de oferecer contribuição para análises comparativas entre variedades do PB. Salienta, ainda, que a discussão particular

sobre a variável escolaridade permite uma abordagem sobre as relações entre fala e escrita, podendo trazer evidências de que a segunda pode influenciar a primeira. Apresentando uma clara explicação, bem como uma formalização do processo de “harmonia vocálica”, os resultados obtidos na pesquisa apontam a incidência menor desse fenômeno na comunidade de Bagé (alcança taxa de 23%), em comparação com seu registro em outras regiões do RS, para as duas vogais médias que são alvo do processo: a vogal /e/ e a vogal /o/. Depois do exame cuidadoso de variáveis estruturais que condicionam a “harmonia vocálica”, o estudo salienta que há diferente tratamento de uma e de outra vogal média na aplicação do processo em razão do nível de escolaridade dos falantes: escolaridade menor favorece a harmonia de /e/, enquanto a escolaridade intermediária favorece a harmonia de /o/. A análise destaca o fato de que as pessoas mais escolarizadas desfavorecem a elevação das duas vogais, sendo atribuída à escrita a possibilidade de exercer influência sobre a representação fonológica.

Fecha o livro o capítulo de Patrícia Paprocki Brasil Hindrichson e de Maria Alejandra Saraiva Pasca, que, sob o título *Desvios de pronúncia em língua espanhola: um estudo de caso com graduandos do Curso de Letras Português/Espanhol*, vai ao encontro de outro interesse de Gisela Collischonn: o contato entre fonologias e o ensino de línguas. Com o foco na pronúncia como parte do processo de aprendizagem de língua espanhola (LE) como L2 por estudantes brasileiros, dois eixos conduzem o estudo relatado no capítulo: (a) os principais fonemas consonantais da LE que podem gerar dificuldade ao aprendiz brasileiro, as vogais da LE e as palavras heterotônicas e (b) as principais dificuldades de produção oral desses fonemas e das palavras heterotônicas em LE pelos participantes da pesquisa, que são universitários brasileiros. Descritas com detalhe as unidades linguísticas integrantes do primeiro eixo, sendo explicitadas especificidades dos níveis fonético e fonológico da LE, o capítulo é dirigido para o segundo eixo, apresentando um estudo exploratório que continha todas as particularidades da LE discutidas no primeiro eixo. O objetivo do estudo exploratório foi buscar uma conscientização e, talvez, uma futura autoanálise por parte dos aprendizes acerca de sua pronúncia. As autoras defendem a necessidade de explicações explícitas sobre diferenças fonológicas entre línguas próximas e recomendam, com exemplos de tarefas, muita prática oral por parte do aprendiz para o desenvolvimento da pronúncia.

Nos dez capítulos deste livro, Gisela Collischonn está lindamente representada, como pesquisadora brilhante, por competentes discípulos, e também está, com grande justiça, muito bem homenageada: todos os estudos constituem-se em reflexos importantes dos pensamentos profundos e avançados da Gisela, advindos de um imenso conhecimento teórico, e também de suas ideias sempre novas, provocadas pelo inesgotável interesse pelo funcionamento das fonologias das línguas.

Nesse entremeio da seriedade das análises teóricas e das emoções das lembranças felizes e intelectualmente desafiadoras, todas motivadas pela Gisela, é verdadeiro afirmar-se que esta merecida e bela homenagem se constitui também em um agradecimento pela admirável profissional e maravilhosa pessoa que foi a Gisela Collischonn. Foram privilegiados todos os que com a Gisela tiveram a oportunidade de partilhar seus conhecimentos, sua sabedoria, sua generosidade, sua sensibilidade. Os sentimentos sempre foram tão grandes quanto seus conhecimentos. E todos – sentimentos e conhecimentos – foram sempre compartilhados com imensa generosidade.

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Consoante pós-vocálica final no PB como *onset* de um NV

Patrícia Rodrigues Barbosa

Colégio Santa Inês
Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

1. INTRODUÇÃO¹

Esse trabalho considera que uma consoante final, C], no Português do Sul do Brasil, não ocupa a posição de coda, mas é *onset* de uma sílaba com núcleo vazio. Assim, as consoantes finais /r, s, l/ das palavras ‘florØ’, ‘lápizØ’ e ‘papelØ’ não estão na posição final da sílaba, mas na inicial e são seguidas por um constituinte silábico vazio, Ø, que eventualmente pode ser preenchido no curso da derivação fonológica, mas que também pode permanecer vazio em qualquer nível derivacional. Nossa hipótese baseia-se na proposta de Harris e Gussmann (1998, 2003) e de outros autores (KAYE, 1990; SCHEER, 2008) de que as consoantes finais, cujo comportamento é muitas vezes distinto das consoantes mediais, possuem uma representação silábica específica, são *onsets* de sílabas cujo núcleo é vazio.

Em muitas línguas, as consoantes finais comportam-se diferentemente das codas internas. A borda direita das palavras admite, com frequência, mais consoantes do que as codas internas podem acomodar. Além disso, as consoantes finais frequentemente são ignoradas na aplicação de processos métricos. Por exemplo, sílabas CVC contam como prosodicamente leves na posição final, mas como pesadas em outras partes da palavra (HAYES, 1995). Conforme Côté (2011), podemos classificar os comportamentos distintos das consoantes finais em duas tendências diferentes, “imunidade segmental” e “invisibilidade métrica”. Pela “imunidade segmental”, as consoantes finais são isentas das restrições de caráter segmental

¹ O presente capítulo apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada **Consoantes pós-vocálicas finais no PB: onset de sílabas de núcleos vazios**, de Patrícia R. Barbosa, cuja orientadora foi a professora Gisela Collischonn, defendida em 2011, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

que se aplicam às codas internas. Pela “invisibilidade métrica”, as consoantes finais são ignoradas na aplicação de processos de caráter métrico.

Diversas abordagens procuraram explicar esse padrão: apêndices, extrametricidade e consoantes não-moraicas. Há, inclusive, abordagens mais recentes que negam o papel da sílaba na explicação do comportamento, atribuindo-o a condições específicas sobre as bordas das palavras ou a propriedades das sequências de segmentos (YIP, 1991; CÔTÉ, 2008). O tema, sem dúvida, continua motivando novos levantamentos empíricos e novas abordagens teóricas. A abordagem que consideramos neste trabalho baseia-se na ideia de que esse padrão de comportamento das consoantes finais é uma consequência natural da arquitetura fonológica, na qual as estruturas segmental e suprasegmental são independentes uma da outra, mas interligadas por condições de licenciamento.

Esta proposição junta-se a outros trabalhos, como os de Pedrosa (2009) e Cardoso, Hora e Pedrosa (2010), que analisam a validade dessa teoria para os dados do Português Brasileiro, e os de Mateus (2002) e Veloso (2006), para os dados do Português Europeu.

Nosso objetivo é propor que o Português do Sul do Brasil é uma língua NV, ou seja, um sistema que permite uma consoante na posição final, devido ao núcleo vazio que a licencia. Nossas hipóteses são as seguintes:

- 1) Existem forças para manter a estrutura CV, mesmo sendo V uma posição vazia, que pode ser preenchida, ou não, ao longo da derivação;
- 2) Há um parâmetro acionado no idioma permitindo esse comportamento da consoante final;
- 3) A realização das consoantes /l, s, r/ na posição final mostra uma força extrínseca ao sistema, permitindo uma estrutura complexa do tipo CVC], relacionada especialmente ao nível de linguagem. Isso, por sua vez, pode ser o motivo para a variação de pronúncias /flor/ [flo], /mes/ [mejs], /mal/ [maw].

O trabalho se dedica fundamentalmente ao entendimento de uma perspectiva teórica, observando tanto os seus postulados quanto os seus desdobramentos na observação de línguas, trazendo como contribuições a análise da aplicação da proposta para o Português e a discussão das suas implicações.

2. ANÁLISE DO PB DO SUL DO BRASIL

A análise de dados do Português nos permite comprovar que essa é uma

língua cujas consoantes /r/, /s/ e /l/ em final de palavra são *onset* de uma sílaba com núcleo vazio.

Para que nossa proposta seja válida, ela tem de funcionar para a Fonologia do Português em geral e não apenas para uma das variedades. Nesse sentido, partimos da análise dos dados do Português Europeu (PE) e seguimos com dados de estudos voltados para o Português Brasileiro (PB), a fim de verificar pontos comuns e diferentes entre esses dois dialetos mais amplos, sem perder de vista que o objetivo de nossa explicação se restringe ao Português do Sul do Brasil. Acreditamos que os dados de diferentes variedades não nos levem ao argumento de que um dialeto tem a consoante na coda e outro tem a consoante no *onset* de um núcleo vazio; ao contrário, esperamos que a análise proposta dê conta de situar o fenômeno dos núcleos vazios no PB, lançando luzes sobre o que acontece nos diferentes dialetos. Dessa forma, esperamos que eventuais diferenças entre os dialetos possam ser atribuídas a fenômenos de implementação fonética e não distingam estrutura fonológica.

A fim de verificar a proposta de que uma C] pode ser *onset* de uma sílaba com núcleo vazio no PB, analisamos dados do Português Europeu, conforme Mateus e d'Andrade (2000) para comparação com o PB. Em seguida, passamos aos tipos de consoantes que ocorrem em final de palavra (r, l, s, n), buscando verificar se a interpretação como *onset* final é possível e quais as suas consequências, segundo estudos como os de Hora e Monaretto (2003), Barbosa (2005), Pedrosa (2009), Collischonn e Quednau (2009), Battisti (1997).

2.1. Núcleos vazios no português europeu e no português brasileiro

Nesta seção, apresentamos sucintamente as ideias básicas de Mateus e d'Andrade (2000), os quais analisam a proposta de que, no Português Europeu, consoantes iniciais e interiores em determinados ambientes, como *pneu* [pn] ou *pequeno* [pk], são, na verdade, *onsets* de sílabas com núcleos vazios. Dentre os aspectos que julgamos relevantes, encontram-se a representação silábica adotada (divisão *onset*-rima com esqueleto CV), a possibilidade de núcleos vazios, a silabificação em etapas e os princípios que regem a estrutura silábica em Português.

Inicialmente, observamos alguns dados e passamos, então, a expor a análise dos autores, que não tratam especificamente das consoantes finais, foco de nosso trabalho.

Considerando os ataques com apenas uma consoante, todos podem ocorrer no início da palavra e no meio da palavra. Por outro lado, nem todos os grupos consonantais são aceitos na posição de ataque, assim como ocorre em outras línguas. Dessa forma, sílabas com *onsets* complexos em Português incluem um seletor grupo de segmentos formado por plosiva+líquida, embora o grupo consonantal ter-

minado com uma lateral [l] seja muito menos frequente do que aquele terminando com um tap [r].

(1) Grupos consonantais permitidos no PE

	a) Grupo consonantal inicial	b) Grupo consonantal medial
Plosiva+tap	[pr]ato [br]anco	com[pr]ar a[br]aço
Plosiva+lateral	[pl]ano [bl]oco	com[pl]eto

Esses grupos consonantais estão de acordo com o **Princípio de Sonoridade**, ou a Generalização de Sequência de Sonoridade, o qual prediz que a sonoridade do segmento que constitui uma sílaba cresce do início até o núcleo e decresce em direção ao fim. As propostas para a hierarquia dos segmentos que constituem a escala de sonoridade são consensuais em estabelecer a sequência de sonoridade decrescente, conforme (2).

(2) vogais > glides > líquidas > nasais > fricativas > plosivas

Esse pressuposto do Princípio de Sonoridade e sua inter-relação com a escala sonora não é o bastante para estabelecer a possível sequência de sonoridade em *onsets* do Português. Normalmente, uma sequência de fricativa+líquida (sr, sl,...) é um *onset* impossível, embora previsto de acordo com o Princípio de Sonoridade. As exceções são sequências de uma fricativa não coronal e uma líquida ([fl] ou [vl], por exemplo), mas mesmo essas são menos frequentes.

É preciso ter em mente que o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissimilaridade são entendidos primeiramente como aplicação da base de silabificação, como mostram as muitas violações desses princípios no nível fonético em diferentes línguas, as quais não nos detemos aqui, incluindo o Português, como os autores mostram a seguir.

Outros grupos consonantais podem iniciar uma palavra no nível fonético do Português Europeu, os quais parecem ser *onsets* de suas respectivas sílabas. Alguns exemplos são dados em (3).

(3)

	Início da palavra	Meio da palavra
a) plosiva+plosiva		
[pt]	ptério	captar
[bt]		obter
[bd]	bdélio	abdômen
[dk]		adquirir
[kt]	ctenóforo	pacto
b) plosiva+fricativa		
[ps]	psicologia	
[bs]		absurdo
[bv]		óbvio
[bʒ]		abjurar
[tz]		quartzo
[dv]		advertir
[ks]		axioma
c) plosiva+nasal		
[pn]	pneu	apneia
[bn]		obnóxió
[tm]		ritmo
[tn]		étnico
[dm]		admirar
[dn]		adnominal
[gm]		estigma
[gn]	gnomo	diagnose
d) fricativa+plosiva		
[ft]		afta
e) nasal+nasal		
[mn]	mnemônico	amnésia

Esses grupos consonantais violam claramente o Princípio de Sonoridade e as condições de boa formação silábica, pois, em (3a) e (3e), ambas as consoantes têm o mesmo grau de sonoridade. Em (3b) e (3c), as duas consoantes em sequência mostram que, de fato, alguns dos grupos consonantais são iniciais ([ps]icologia ou [pn]eu) e que, portanto, devemos postular que essas sequências (e não apenas

sequências de plosiva+líquida) são *onsets* possíveis no Português.

Partindo dessas observações, os autores passam a analisar mais *onsets* violando o Princípio de Sonoridade e a Condição Dissimilatória, em outros grupos consonantais no Português Europeu coloquial.

(4) Grupos consonantais fonéticos no Português Europeu

a)	b)	c)
espaço [ʃpásu]	pequeno [pkénu]	soterrar [sutRár]
esbirro [ʒbíRu]	depende[r] [dpedér]	sossegar [susgár]
estar [ʃtár]	decifrar [dsifrár]	cometer [kumtér]
esdrúxula [ʒdrúʃulə]	terreno [tRénu]	
escuta [ʃkútə]	separar [spərár]	
esgana [ʒgənə]	seguro [sgúru]	
esfinge [ʃfiʒ]	meter [mtér]	
esvair [ʒvəír]		
escindir [ʃsidír]		
eslavo [ʒlávʉ]		
esmagar [ʒmægər]		

Para Mateus e d'Andrade (2000), é possível hipotetizar que, nesses casos, todas as séries de consoantes são também *onsets* no nível fonético, no início da palavra (4a e 4b) e no meio da palavra (4c). Por outro lado, é muito mais difícil aceitar essa solução em vista de exemplos em (5), a seguir, que apresentam um maior número de consoantes.

(5) a)	b)
telefone [tlføn]	despegar [dʃpgár]
merecer [mrsér]	empedernir [epdnír]
devedor [dvdór]	
c)	d)
despregar [dʃprgár]	desprevenir [dʃprvnír]
desperdiçar [dʃprdisár]	desprestigiar [dʃprʃtiziár]

Levando em conta o PE coloquial, o número de sequências que violam o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissimilaridade cresce.

Realmente, as palavras evidenciam dois tipos de dados: em (3) e (4a) não há vogal subjacente; em (4b), (4c) e (5), grupos consonantais resultam do apagamento de uma vogal subjacente e, nesse caso, há evidência de apagamento de vogal por-

que há uma alternância em palavras morfologicamente relacionadas: devo [dévu], dever [dvér] e devedor [dvdór]. Em (3) e (4a) não há evidência para uma vogal subjacente.

A conclusão a que os autores chegam é a postulação de núcleos vazios no Português para palavras como as de (3) e (4a). De fato, para explicar esses grupos consonantais, é necessário assumir que eles não ocupam o *onset* da sílaba, mas o da sílaba posterior, cujo núcleo é vazio, postulado justificado por quatro argumentos empíricos, os quais não apresentaremos aqui.

É importante notar que os grupos consonantais permitidos na posição de *onsets* no Português, representados em (1), nunca mostram uma vogal inserida no PB. Então, pronúncias como [piratu] ‘prato’, [biranco] ‘branco’ ou [palavira] ‘palavra’ são inaceitáveis, mas verificáveis no estágio de aquisição.

Todos os grupos consonantais fonéticos incluídos de (3) a (5) são específicos do PE e alguns ocorrem graças aos processos fonológicos que não se aplicam no PB (como o apagamento de [i]). As diferenças observadas no nível fonético entre PE e PB são causadas pela existência desses grupos consonantais que são responsáveis pela distinção de ritmo entre cada um dos dialetos.

Ao explicar essa aparente violação do Princípio de Sonoridade e da Condição de Dissimilaridade, os autores propõem a existência de um núcleo vazio não preenchido no nível fonético do PE. Parece que, na base da silabificação, apenas alguns grupos consonantais são licenciados como *onset* silábicos.

No Português, não há consoantes silábicas, as rimas (R) sempre têm uma vogal nuclear, e todas as vogais podem ser núcleos (N). Dessa forma, elas são os únicos elementos indispensáveis na escansão silábica. Para Mateus e d’Andrade (2000), apenas as consoantes subespecificadas /l/, /r/ e /s/, com diferentes realizações, são codas possíveis no Português, conforme alguns exemplos, como ‘par’, ‘mal’ e ‘más’, no PE e no PB.

Na fala coloquial do PB, a introdução de um [i], como em ‘abstrair’, para ocupar a posição do núcleo vazio, cria uma nova sílaba, e a primeira das duas consoantes é movida para dentro do *onset* dessa sílaba (a-bis-tra-ir).

Em resumo, os três segmentos subjacentes, /r/, /l/ e /s/, são as únicas consoantes licenciadas para a posição de coda no Português. Como em muitas línguas, consoantes licenciadas para coda estão em menor número do que aquelas licenciadas para ser *onset*; em Português, seu número é restrito a três².

Seguindo a análise de Mateus e d’Andrade (2000), a rima do Português

² As consoantes licenciadas são “r”, “l”, “s”. A consoante “n”, apesar de contribuir para o peso, não entrou nesse estudo, o que pode ser realizado futuramente.

pode ter somente uma consoante na coda e, se essa consoante é /s/³, o núcleo pode incluir também um ditongo (‘pois’, ‘auscultar’). Nas sílabas que foram analisadas antes, a rima pode ter mais do que três segmentos, sendo, normalmente, três posições⁴, independentemente de quantos segmentos estão no *onset*. Esse fato mostra que a relação entre os segmentos internos da rima é mais fechada do que entre a rima e o *onset*.

É tácito, na perspectiva que adotamos, que sílabas sempre possuem uma rima com seu respectivo núcleo. No que toca ao *onset*, sua presença no Português também é obrigatória, de acordo com Mateus e d’Andrade (2000), isto é, qualquer sílaba básica desse idioma consiste em um *onset* e em uma rima, mesmo se um deles (mas não ambos) estiver vazio.

A existência dessa posição vazia tem consequências no nível pós-lexical, e a realização fonética de algumas consoantes que ocupam o *onset* vazio em certas circunstâncias apontam situações relevantes:

- a) a realização do autosegmento nasal [+nas] como [n] em palavras derivadas como *irmanar* /irma[+nas]+a+r/ [irmenár] versus sua realização apenas como a nasalização do núcleo como em *irmão* /irma[nas]+o/ [irməw];
- b) a especificação da fricativa subespecificada /s/ como /z/ antes da vogal: ‘desiludir’ /des+iludir/ [diziludír], assim como sua especificação como palatal: ‘descrever’ /descrever/ [dĩkɾer].

Baseados nesses argumentos, Mateus e d’Andrade (2000) propõem que, no Português, qualquer sílaba é constituída obrigatoriamente por um *onset* e uma rima.

Com relação às convenções sobre a base da silabificação, os autores salientam o fato de que as sílabas não são escandidas na representação lexical. Escansão e estrutura interna são o resultado da aplicação de certas convenções que dão base à silabificação. Pelo emprego dessa convenção, cada sílaba está adjunta ao esqueleto através das linhas de associação, e ela preenche seu *tier* com um certo número de unidades de tempo ou posições.

Após ter considerado a sílaba sob um ponto de vista fonotático e ter discutido algumas questões relacionadas a sua estrutura interna, os autores partem para algumas considerações sobre o Português. A ordem, então, para a estrutura da sílaba nesse idioma é “todos os núcleos primeiro”, iniciando-se, a partir daí, a construção de rimas de acordo com as restrições da língua. Dessa forma, é neces-

³ Essa consoante tem um *status* especial em muitas línguas.

⁴ Há alguns casos em que o ditongo fonético incluído no núcleo é criado durante a derivação da palavra.

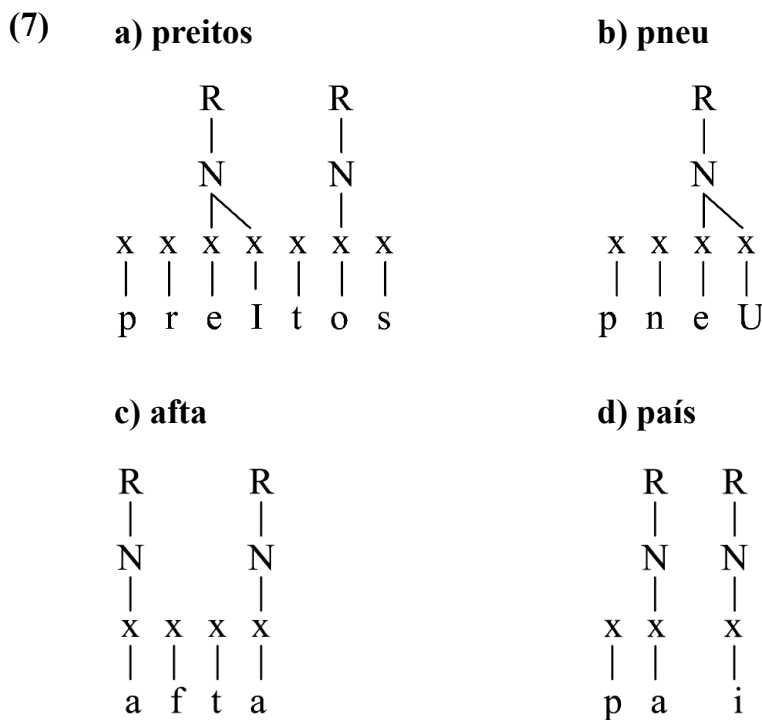
sário formular o algoritmo para a silabificação, o qual funciona seguindo as cinco convenções presentes a seguir.

(6) Convenção da Associação do Núcleo

- | | |
|--|--|
| <p>a)
 Associe a um Núcleo
 todo X [-cons] não
 marcado lexicalmente
 e precedido por um
 segmento consonantal;</p> | <p>b)
 Associe o segmento
 consonantal X
 remanescente à esquerda
 do Núcleo.</p> |
|--|--|

A primeira parte da convenção de associação do Núcleo, (6a), associa a ele todo segmento X [-cons] (vocálico) se não é lexicalmente marcado e se ele não for precedido por uma vogal. Isso significa que vogais subjacentes lexicalmente marcadas como não acentuadas e não precedidas por outra vogal são núcleos *per se*, ou seja, todas as vogais são núcleos. A segunda parte dessa convenção, (6b), integra a consoante remanescente ao núcleo criado, o qual automaticamente constrói a rima.

A aplicação da convenção da associação do núcleo é exemplificada em (7) com as palavras ‘preitos’, ‘pneu’, ‘afta’ e ‘país’⁵.



⁵ A respeito da palavra “país”, é preciso dizer que “i”, mesmo precedida de outra vogal, forma um núcleo por ser “lexicalmente marcado” com relação ao acento.

As vogais altas incluídas no núcleo à esquerda (i, u), em (7a,b), estão sujeitas à regra de glide e ambas formam ditongos decrescentes.

A próxima convenção, Associação do *Onset*, silabifica a consoante seguida por uma vogal (um núcleo) como *onset*.

(8) Convenção da Associação do *Onset*

a)

Associe todo C [+cons] que precede imediatamente um núcleo a um *Onset*;

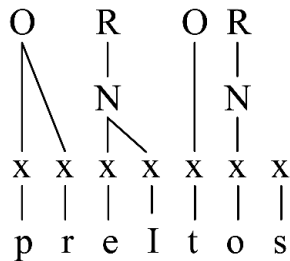
b)

Associe ao mesmo *onset* um X[+cons] precedente se ele está de acordo com o Princípio de Sonoridade (PS) e a Condição de Dissimilaridade (CD).

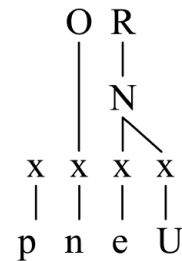
Cada X [+cons] que precede uma vogal é associado a um *onset*. Uma sequência de dois segmentos [+cons] é associada ao mesmo *onset* se as consoantes estão de acordo com o PS e com a CD. A aplicação de (8) está ilustrada nos dados em (9).

(9)

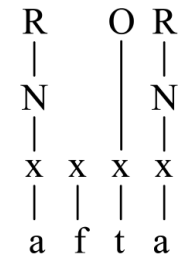
a) preitos



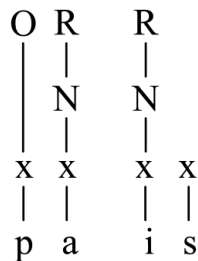
b) pneu



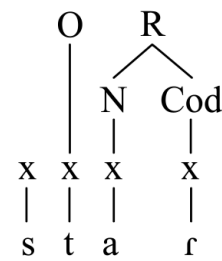
c) afta



d) país



e) estar



Após a aplicação de (6) e (8), o X [+cons] remanescente precedendo um *onset* que não é associado a nenhum constituinte da sílaba, nem no início da palavra (como /p/ em ‘pneu’) ou no interior da palavra (como /f/ em ‘afta’), não está integrado na estrutura da sílaba. A existência de uma consoante “não associada”

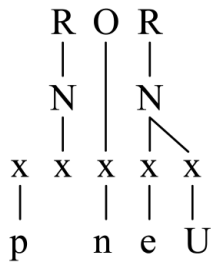
dá espaço à introdução de um núcleo vazio através da aplicação da Convenção de Criação de Núcleo Vazio.

(10) Convenção da Criação do Núcleo Vazio

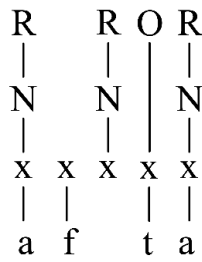
Crie um núcleo à esquerda do *onset*, com a respectiva posição no esqueleto, se, no *tier* do esqueleto, esse *onset* é precedido por uma posição “não associada” especificada para vozeamento. Em outras palavras, crie um núcleo à esquerda da posição não associada.

Em (11), a seguir, a Convenção da Criação do Núcleo Vazio é aplicada em ‘pneu’ e ‘afta’, palavras que apresentam um X [+cons] não associado, após a aplicação de (6) e (8).

(11) a) pneu



b) afta



As consoantes não associadas agora podem associar-se a um *onset* pela re-aplicação de (8), visto que são seguidas por um núcleo (vazio).

De acordo com a hipótese de que, em Português, qualquer sílaba obrigatoriamente consiste em um *onset* e uma rima, a base para a silabificação inclui a convenção que cria uma posição de *onset* quando há uma rima que não está precedida por um *onset* (12). Como consequência disso, o que é tradicionalmente conhecido como hiato (duas vogais adjacentes, como em ‘boa’ ou ‘país’) é de fato uma sequência de duas vogais separadas por um *onset* vazio no nível básico (da derivação).

(12) Convenção da Criação do Onset Vazio

Crie um *onset* à esquerda da rima, com a correspondente posição no esqueleto, se no *tier* do esqueleto essa rima não é precedida por um *onset*.

Em (13), a aplicação da Convenção da Criação do *Onset* Vazio na base da silabificação de ‘afta’ e ‘país’⁶ é demonstrada.

⁶ A representação de ‘país’ revela que, para os autores, a consoante final é extramétrica, muito embora isso não seja afirmado no texto.

em monossílabos ou não, pela presença de categorias vazias, como (15) explicita, e existe um pé troqueu silábico em todas as palavras. Dessa forma, um vocábulo é bem formado se termina em um pé troqueu silábico, independentemente de que esse tenha uma vogal preenchida ou vazia como seu dependente. Isso explica, conforme Charette (2006), a estrutura da palavra mínima e a do acento regular.

A análise que fazemos a partir de agora das consoantes finais /r/, /s/ e /l/ mostrará como ou se isso acontece no PB. Seguindo a ideia de que há codas licenciadas pelo *onset* de sílabas seguintes, para fins da nossa análise, as consoantes /r/, /s/ e /l/ serão consideradas codas no **interior** da palavra, ao passo que, no **fim**, elas são *onset* de sílabas com núcleos vazios. Isso fortalece a ideia de que há um comportamento diferenciado das sílabas finais, o que pode fazer com que estipulações teóricas, como a extrametricidade das consoantes finais, sejam revistas.

Vale apontar o que se mostrou relevante na análise de Mateus e d'Andrade (2000): a silabificação, por exemplo, é um aspecto positivo a ser considerado na medida em que os autores propõem as etapas com as respectivas condições para a criação da sílaba. Uma questão que fica em aberto, porém, diz respeito justamente à consoante final, pois ora é representada como coda, especialmente /r/, ora é representada como extrassilábica, como /s/.

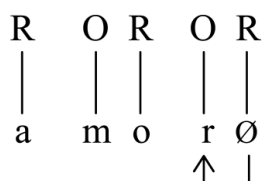
A análise de /r/ corrobora essa ideia. Vemos que o Parâmetro da Consoante Final (PCF) direciona as convenções para a silabificação em todas as etapas. Segundo o PCF, para manter a sequência CV, uma tendência universal, a língua permite que a consoante final de uma palavra seja realizada pós-lexicalmente porque, na verdade, é *onset* de uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido foneticamente, ou não, permanecendo, nesse caso, na estrutura abstrata. Formalizando, temos:

(16) Parâmetro da Consoante Final (PCF)

Uma consoante pode ocupar a posição pós-vocálica final em uma palavra, desde que seja *onset* de uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido foneticamente ou não.

A representação do PCF pode ser vista em (17).

(17) amor



Com base na representação do Parâmetro da Consoante Final, em (17), o preenchimento do núcleo, no PB, pode advir de três contextos, representados em (18), a saber: sufixação, ('amoreco'), flexão, ('amores') e sândi ('amo[r+a]ntigo'). Quando não houver esses contextos, a consoante final pode ser realizada foneticamente, 'amor', evidenciando uma estrutura CVCØ, pois é licenciada pelo núcleo vazio. Isso mostra que o PCF está acionado nesse idioma.

(18) a) amoreco



b) amores

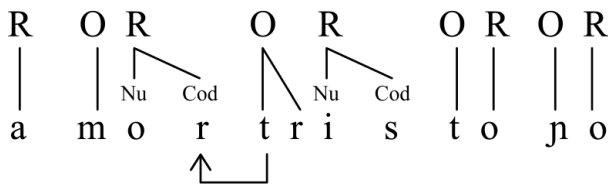


c) amor antigo



Quando, ao invés de uma vogal para preencher esse núcleo vazio, surge uma consoante, ela licencia a C] para ocupar a posição de coda, como em 'amo[r+t]ristonho'.

(19) amor tristonho



Quando a consoante final for seguida de pausa, ela será realizada, sobretudo na modalidade culta, pois tem um núcleo na estrutura abstrata que a licencia. Apesar de a Fonologia de Governo, teoria que também faz parte de nossa análise, não tratar dos aspectos fonéticos, seus princípios, como a ideia de licenciamento, não contradizem o que propomos. A modalidade coloquial do idioma, no entanto, ao apagar uma C], revela uma tendência do sistema linguístico a evitar uma estrutura com sílaba de núcleo vazio, ainda que o parâmetro esteja ligado, e procura não realizar essa C], lançando mão de diferentes estratégias de "reparo", como ressilação ou apagamento.

Assim, o Português Brasileiro parece ser um sistema que tem o PCF acionado, já que grande parte dos dialetos falados no país aceita a realização fonética

da consoante final. É interessante notar que muitos desses dialetos, especialmente os da região Nordeste, conforme Hora e Monaretto (2003), ao mesmo tempo em que permitem uma C], no nível formal, parecem empenhar-se também para a não realização desse segmento, desfazendo a estrutura com núcleo vazio, a fim de evitar essa sílaba que foge ao padrão CV universal. Nos demais dialetos desse idioma, que alternam entre as diferentes realizações do rótico e/ou apagamento desse fonema, estamos diante de uma variação fonética, o que pode explicar a diversidade dentro de um mesmo sistema linguístico.

A análise da fricativa pós-vocálica no final da palavra como *onset* de sílaba com núcleo vazio aponta para o fato de que, assim como o rótico, internamente, este segmento pode ocupar tanto a posição de coda, como em ‘pasta’ e ‘rasgo’, quanto a de *onset*, como em ‘caso’, ‘cansa’; entretanto, quando na posição final, como em ‘lápiz’, podemos dizer que não se trata da posição de coda, mas da posição de *onset* de uma sílaba com núcleo fonologicamente vazio. As razões para isso são baseadas em evidências do comportamento dessa consoante durante o processo de aquisição e na fonologia do adulto.

No período de aquisição da linguagem, a produção correta da fricativa final evidencia que a realização desse segmento nessa posição ocorre antes da aquisição na coda medial. Nesse sentido, os estudos sobre a aquisição da fricativa podem ser interpretados como indicativos de que a representação da fricativa final é diferente da representação silábica da fricativa medial, o que no nosso entender pode ser interpretado como indicativo de que a fricativa final é, na verdade, o *onset* de uma sílaba com núcleo vazio.

Para Miranda (2009), que também estuda a aquisição da linguagem, a estrutura CVC não está presente na fase inicial da linguagem, motivo pelo qual a criança pode tanto categorizar as sílabas diferentemente do adulto, quanto construir representações diferentes para codas mediais e finais, uma vez que as finais são mais perceptíveis pela proeminência.

As demais evidências para o comportamento de consoante final como *onset* em uma gramática estabilizada são: (i) sempre que possível, a ressilabação entre palavras ocorre (‘lápiz[za]marelo’), podendo esse fato ser interpretado como indicativo de que /s/ final encabece uma sílaba com núcleo vazio, o qual desaparece automaticamente quando seguido de uma sílaba sem ataque; (ii) na flexão de número (‘rapaz[ze]s’) e na sufixação (‘lápiz[ze]ira’), também podemos dizer que não se trata da posição de coda, mas da posição de *onset* de uma sílaba com núcleo foneticamente preenchido, mas fonologicamente vazio.

Além dos mesmos contextos arrolados na análise do rótico, é preciso dar conta da prefixação, o que não parece ser problema, visto que o mecanismo é o mesmo daquele visto na flexão e na derivação. Dessa forma, analisaremos esse segmento, nos contextos de prefixação, sufixação e flexão de número, no nível

lexical, e no contexto de ressilabação pós-lexical, ou seja, em sândi.

Independentemente de o segmento ser /s/ ou /z/ na subjacência, vemos que a fricativa coronal tende a ser mantida no dialeto do Sul. Parece-nos o mesmo mecanismo que ocorre com o rótico, analisado anteriormente, o que nos possibilita fazer a generalização de que é criada uma categoria chamada “núcleo vazio” no nível lexical, anterior aos processos que ocorrem tanto no nível lexical, como flexão e afixação, quanto no nível pós-lexical, como sândi⁷.

A região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) apresenta as mesmas variantes que a região Sul (Porto Alegre e Florianópolis), incluindo o apagamento. Recife, Salvador e João Pessoa apresentam o apagamento como última opção; no entanto, quando a fricativa está na posição final, João Pessoa apresenta o apagamento na segunda posição, evidenciando um comportamento diferenciado nesse dialeto⁸. Vemos que, independentemente do modo ou do ponto de articulação da fricativa, ela tende a ser mais realizada do que apagada nos dialetos do PB; isso é verdadeiro especialmente para a fala do Sul do Brasil. Essa preferência pela manutenção do segmento garante a consoante que servirá de *onset* para a sílaba seguinte, quando houver afixação, flexão de número ou sândi, como em (20).

- (20) a) afixação: rapa[z]inho, de[z]avisado
 b) flexão: rapa[z]es
 c) sândi: rapa[z]amoroso

Fica evidente que a ressilabação ocorre graças à espera que a consoante final tem para o núcleo vocálico que a ela se anexa. Na verdade, não se trata propriamente de ressilabação de consoante, mas de fusão do núcleo vazio da sílaba com a vogal seguinte, o que somente é possível devido ao fato de este núcleo ser vazio. Eis o funcionamento do mecanismo de busca do padrão CV. A preferência pelo padrão CV faz com que as consoantes finais sejam primeiramente *onsets* à procura de um elemento para preencher seu núcleo vazio; caso não seja preenchido, aí então são licenciadas pelo núcleo vazio para ocupar a posição final, ‘simpleØ’, ou por uma consoante para ocupar a posição de coda, ‘simplestrabalho’. É o mesmo raciocínio usado para o rótico: a fricativa /s/ apresenta várias possibilidades fonéticas, de acordo com o dialeto, mas, na posição final, da raiz ou do prefixo, ela pode:

- a) ser mantida, licenciada pelo núcleo vazio: ‘lápiz’ - *lápi;
 b) ser mantida, licenciada por uma consoante seguinte: ‘lápizpreto’;

⁷ O quadro que Pedrosa (2009) elaborou sobre a distribuição das fricativas pós-vocálicas no PE, no Espanhol e no PB é bastante esclarecedor e amplia nosso olhar acerca desse segmento.

⁸ A análise completa desses resultados pode ser consultada em Barbosa (2011).

c) ser mantida com o preenchimento do núcleo vazio por uma vogal seguinte: ‘lapisamarelo’ (sândi), ‘lapiseira’ (sufixação), ‘desalmado’ (prefixação).

Com relação à categoria morfológica da fricativa /s/, desinência de plural, podemos observar que há uma tendência ao apagamento em diversas classes gramaticais, no nível coloquial, devido ao fato de que já existe um elemento que carrega essa marca, normalmente na primeira posição do sintagma (‘as guria bonita’, ‘meus irmão menor’). Tal como no caso do rótico final em verbos, por exemplo, é possível considerar que esse apagamento seja de natureza mais morfossintática do que propriamente fonológica.

Quanto ao comportamento de /l/ na posição final, este é variável, à semelhança do que acontece com /r/ e com /s/. Foneticamente, o núcleo vazio não é uma preferência no PB. O que o sistema faz com isso? Como mostramos até aqui, preenche este núcleo, por meio da flexão e da afixação, no nível lexical, e do sândi, no pós-léxico (‘mares’, ‘desagrada’, ‘males’, ‘amor+antigo’) ou apaga a sílaba de núcleo vazio (‘amor’ ~ ‘amo’, ‘automóvel’ ~ ‘automove’). Isso nos faz pensar se estamos diante de um parâmetro ligado ou desligado no PB; entretanto, os dados analisados são indícios de que o PCF é um parâmetro ligado (‘mal-males’), já que os falantes realizam essa C] pós-lexicalmente, ou seja, o sistema aceita a realização da estrutura CVC, ainda que haja muitas possibilidades de substituição da consoante final por uma semivogal.

A análise da lateral na posição final de uma palavra mostra-se como uma evidência a mais para o PCF: ela é, à semelhança de /r/ e /s/, *onset* de uma sílaba com núcleo vazio, a qual pode: (1) ser realizada pós-lexicalmente sozinha, independente das variações dialetais do PB (‘mal’, ‘mar’, ‘mas’), já que o PCF está ligado nesse idioma; (2) ter seu núcleo preenchido (‘males’, ‘mares’, ‘mai[za]lém’), ou (3) ser apagada (‘mar-ma’, ‘automóvel-automove’). O comportamento de /r, s, l/ na porção final da palavra – ser apagada, preenchida ou mantida – mostra que o PB é uma língua que tem o Parâmetro da Consoante Final acionado, o qual permite uma C] pela existência de um *onset* com núcleo vazio que a licencia, embora a consoante possa também ser apagada, o que no nosso entender indica um processo de apagamento de uma sílaba de núcleo vazio.

O sistema do PB lança mão de uma estratégia diferente quando há uma lateral na posição final, a vocalização (‘mal’ [maw], ‘ma[w]dade’), e visa ao mesmo objetivo das demais consoantes: a busca pelo padrão CV. No caso de ‘ma[l]dade’ ~ ‘ma[w]dade’, a lateral é licenciada para a posição de coda pela consoante /d/ do sufixo, ao lado da vocalização. Aqui, há uma questão a ser resolvida: por que a lateral final é tratada como a interna e é vocalizada tão facilmente? Uma possível resposta pode estar relacionada com o *onset* do sufixo /d/, posto que essa vocalização não acontece com ‘malefício’ ou ‘maléfico’, por exemplo.

O PB é uma língua na qual uma C] pode ser *onset* de uma sílaba com núcleo vazio, o qual pode ser preenchido por afixação ou sândi ou pode ser apagado, como mostramos. O que move o parâmetro aqui discutido, no nosso entender, é o respeito à tipologia CV, uma tendência aparentemente universal. Dados de trabalhos variacionistas, como Hora e Monaretto (2003), e de aquisição, como Mezzomo e Ribas (2004), mostram essa tendência do PB, e vemos que a tipologia CV parece sempre predominar. No Sul, foco de nosso trabalho, o núcleo pode ficar vazio se não há sufixação ou sândi, especialmente no nível formal de linguagem; em alguns dialetos do Norte, a C] é mais apagada.

A análise dos segmentos /r/, /s/ e /l/ na posição final mostrou que, apesar das variações dialetais que todos esses segmentos sofrem, a ideia de consoantes finais serem *onsets* de sílabas com núcleos vazios deve ser considerada em PB. Considerando que o Parâmetro da Consoante Final está acionado no idioma, uma C] pode ser realizada como o último segmento audível da palavra, ou seja, mesmo sem o núcleo ter sido preenchido, ou pode ser ressilabada através de flexão ou sufixação, no nível lexical, ou de sândi, no nível pós-lexical, processos que permitem a realização fonética de uma consoante final. A representação fonológica de uma estrutura (C)VC] alia os mecanismos de flexão, sufixação e sândi à concepção de C] como *onset* de sílaba com núcleo vazio, e a mora pode ser considerada como uma categoria presente em outro nível prosódico, entre a sílaba e o pé métrico, “aguardando” o preenchimento do núcleo vazio. Considerar o último elemento de uma estrutura CVC] como coda explica o acento em termos de peso; por outro lado, o modelo CVCØ], em que o último elemento é *onset* de uma sílaba com núcleo vazio, explica o acento pelo número de sílabas. A perspectiva de que as consoantes finais são *onset* de sílabas com núcleo vazio mostra que a atribuição de acento se dá pela contagem de sílaba do fim para o início. Dessa forma, as oxítonas terminadas em consoante (‘amor’) e as paroxítonas (‘júri’) têm o acento atribuído de forma regular, na penúltima sílaba (a.mo.rØ; jú.ri), enquanto as proparoxítonas (‘árvore’) e as oxítonas terminadas em vogal (‘avô’) são casos excepcionais.

3. CONCLUSÃO

Analizamos aqui a proposta de que as consoantes finais são *onsets* de uma sílaba com núcleos vazios, defendida por Harris e Gussmann (1998). O estudo dos dados do PE e do PB revelou aspectos interessantes para repensar o estatuto silábico das consoantes finais do Português, admitindo que são *onsets* e não codas. Para uma discussão sobre outras questões não analisadas neste trabalho, sugerimos a leitura de Barbosa (2011).

Harris e Gussmann (1998) não explicitam se consideram que as consoantes

finais sejam universalmente *onsets* ou se em algumas línguas elas poderiam também ser codas. Entretanto, a própria ideia de que consoantes em coda têm de ser licenciadas por um *onset* seguinte deixa claro que, em princípio, codas finais não deveriam ser admitidas em nenhuma língua. Assim, torna-se uma questão empírica avaliar se a proposta pode ser aplicada a línguas como o Português, para a qual abordagens anteriores tinham considerado as consoantes finais codas (BISOL, 1999, entre outros). Portanto, a nossa análise do Português procura contribuir para essa discussão, complementando análises como a apresentada em Pedrosa (2009). Entretanto, diferentemente da ideia implícita em Harris e Gussmann (1998), consideramos que uma consoante final pode ser *onset* ou coda, dependendo da língua, isto é, o seu status vai depender de uma escolha paramétrica.

Adotamos a perspectiva de que a gramática é regida por princípios e parâmetros, admitindo marginalmente a existência de condições e regras específicas à língua. Adotamos também a perspectiva da existência de mais de um nível representacional, minimamente uma forma subjacente e uma forma de superfície, admitindo que esta representação de superfície possa conter núcleos silábicos vazios. Tal como apresentada em Harris e Gussmann (1998), a abordagem de C] como *onsets* não depende essencialmente da distinção entre níveis derivacionais, mas da estruturação da representação fonológica, em que o nível segmental é distinto do nível silábico. No entanto, adotamos aqui uma abordagem híbrida, que considera os níveis designados da Fonologia Lexical e a ideia de licenciamento oriunda da Fonologia de Governo. O núcleo vazio, portanto, é criado no léxico e pode ser preenchido, ainda neste nível, por vogais introduzidas pela sufixação e pela flexão. No entanto, um *onset* de sílaba com núcleo vazio pode persistir até o pós-léxico sem ter de necessariamente ser preenchido com alguma projeção vocálica.

A existência de consoantes finais como *onsets* de sílabas com núcleos vazios mostra-se como um processo em andamento em PB, para o qual o sistema apresenta três opções de escolha a fim de promover uma sequência CV: apagar ou ressilabar, no caso de /r/ e /s/, e, além das anteriores, vocalizar, no caso de /l/.

Com relação ao rótico, quando na posição final, pode haver apagamento ou enfraquecimento, ou, ainda, aspiração, dependendo do dialeto do PB. No Sul, /r/ é bem marcado principalmente nos nomes, ao contrário dos verbos, que mostram uma tendência forte para o apagamento. Quando na flexão, ele se mantém e o núcleo é preenchido, como em ‘mar-mares’, e, com essa hipótese sendo provada, eliminamos as vogais temáticas abstratas, defendidas por Camara Jr. (1970).

A fricativa alveolar sofre apagamento do último segmento do sintagma por razões de ordem sintática, uma vez que o plural é marcado no elemento mais à esquerda do sintagma, como em ‘as menina’, sendo que é ressilabado quando precede uma vogal, como em [a.za.vo] ‘as avós’.

No dialeto do Sul, a lateral apresenta menos apagamento do que vocaliza-

ção e ressilabação, num movimento contrário aos dialetos mais ao Norte. A consoante /l/ tem uma tendência muito forte à vocalização, o que mostra uma preferência desse segmento para desfazer uma sílaba com núcleo vazio e estrutura pós-lexical CVC].

Normalmente, quando estão na raiz, os segmentos /r, s, l/ finais são mantidos no dialeto do Sul do Brasil, inclusive por uma questão de formalidade linguística. Como *onsets* de sílabas com núcleos vazios, eles são ressilabados ou licenciados, mesmo sem núcleo audível, tanto na flexão quanto na sufixação, mas não necessariamente no sândi.

As consoantes /r, s, l/ na posição final são, como defendemos, *onsets* de sílabas com núcleo vazio, não apenas /s/, como propõe Pedrosa (2009). Antes de realizarem-se como elemento final no componente pós-lexical – posição amplamente conhecida como lugar em que ocorre o enfraquecimento das consoantes, pelo declive natural da sequência de sonoridade na sílaba, culminando, muitas vezes, com seu apagamento –, essas consoantes ocupam, em algum estrato do léxico, a posição de *onset* de sílabas com núcleo vazio. O ambiente em que isso se verifica corrobora a ideia de que há certa diferença entre as sílabas interna e final, conforme Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001).

As consoantes /r, s, l/ finais são codas quando seguidas por outra consoante que as licencia – /mar.zinho/ ou são *onsets* de sílabas com núcleo vazio que as licencia – /a.mo.rØ/. Ambas as realizações da consoante final – coda e *onset* – são possíveis por conta do PCF, acionado no Português.

Na posição final da palavra, essas consoantes são *onsets* de uma sílaba com núcleo vazio (marØ, pazØ, malØ), e foneticamente, a fim de formar sílabas com a estrutura CV, esses elementos reorganizam-se de diferentes formas:

- a) Com /r/, podem ocorrer apagamento e ressilabação. A consoante permanece na flexão e na sufixação, sem diferentes realizações ou apagamento (*maxesia *ma0esia)
- b) Com /l/, podem ocorrer vocalização, ressilabação ou apagamento (pape[w]-papel-papé). Quando é *onset*, permanece igual (papel, papelada). No caso do /l/ quando o sufixo inicia com uma consoante, ele é licenciado para ser coda (papelzinho).
- c) Com /s/, podem ocorrer apagamento e ressilabação. Na flexão de plural, há palavras que não mudam – lápis, simples – mas na sufixação mudam: lapiseira, simplesinho~simplinho (apaga para manter CV).

Essas consoantes podem comportar-se de modo distinto a fim de evitar a re-

alização de uma sílaba com algum grau de complexidade, como a estrutura CVC]. O acionamento ou não do Parâmetro da Consoante Final resulta nas diferentes tipologias das línguas do mundo. Em sistemas em que ele está desligado, não há licenciamento de C]; em sistemas em que ele está acionado, como no PB, uma sequência CVC] é permitida, mesmo que o núcleo permaneça inaudível até o nível pós-lexical. Isso evidencia que o parâmetro realmente não é universal, mas uma escolha da língua, na medida em que há sistemas que permitem apenas estrutura CV].

No Português, as rimas sempre têm uma vogal nuclear e todas as vogais podem ser núcleos. Dessa forma, elas são os únicos elementos indispensáveis na escansão silábica. Para Mateus e d'Andrade (2000), apenas as consoantes subespecificadas /l/, /r/ e /s/, com diferentes realizações, são codas internas possíveis no Português; em nosso ponto de vista, essas consoantes podem ser codas, mas antes são *onsets* de sílabas com núcleo vazio, as quais se mantêm, mesmo sozinhas, no dialeto do Sul do Brasil numa tendência a manter o PCF acionado para promover estruturas CV e também por questões de nível de formalidade, inclusive.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. R. **A fricativa coronal /z/ em final de morfemas no PB:** uma análise pela Teoria da Otimidade. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BARBOSA, P. R. **Consoante pós-vocálica final no PB:** *onset* de sílaba com núcleo vazio. Tese (Doutorado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BATTISTI, E. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos:** uma abordagem baseada em restrições. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado.** Campinas: Unicamp, 1999. v. VII. p. 701-742.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARDOSO, W.; HORA, D.; PEDROSA, J. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan./mar. 2010.
- CHARETTE, M. The end of the (Turkish) word. **SOAS Working Papers in Linguistics**, v. 14, p. 23-40, 2006.
- COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. As laterais variáveis na região sul. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (Orgs.) **O português do Sul do Brasil:** Variação Fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 128-146.
- CÔTÉ, M.-H. Empty elements in schwa, liaison and H-aspiré: The French holy trinity revisited. In: HARTMANN; J.M.; HEGEDŰS, V.; VAN RIEMSDIJK, H. (Eds.) **Sounds of silence:** Empty elements in syntax and phonology. Amsterdam: Elsevier, 2008. p. 61-103.

CÔTÉ, M.-H. Final consonants. In: VAN OOSTENDORP, M.; EWEN, C.; HUME, E.; RICE, K. (Eds.) **Companion to phonology**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011. p. 848-872.

EWEN, J. C.; HULST, H. **The phonological structure of words: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HARRIS, J.; GUSSMANN, E. Final codas: why the west was wrong. In: CYRAN, E. (ed.) **Structure and interpretation: studies in phonology**. Lublin: Folium, 1998. p.139-162.

HARRIS, J.; GUSSMANN, E. **Word-final onsets**. Ms. University College London, University of Gdansk, 2003.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: principles and case studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HORA, D.; MONARETTO, V. N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: EDUFPB, 2003. p. 114-143.

KAYE, J. Coda licensing. **Phonology**, v. 7, n. 2, p. 301-330, 1990.

MATEUS, M. H. M. **Variação e Variedades: o caso do português**. Oriente lux. Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60 Geburtstag, 2002.

MATEUS, M. H. M.; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MEZZOMO, C. L.; RIBAS, L. P. Sobre a aquisição das líquidas. In: LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 95-109.

MIRANDA, A. R. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais em português. In: FERREIRA-GONÇALVES, G., KESKE-SOARES, M.; BRUM DE PAULA, M. (Orgs.) **Estudos de aquisição fonológica**. Vol. 2. Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009. p. 111-130.

PEDROSA, J. L. R. **Análise de /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SCHEER, T. Why the prosodic hierarchy is a diacritic and why the interface must be direct. In: HARTMANN; J.M.; HEGEDÜS, V.; VAN RIEMSDIJK, H. (Eds.) **Sounds of silence: Empty elements in syntax and phonology**. Amsterdam: Elsevier, 2008. p. 145-193.

VELOSO, J. Reavaliando o Estatuto Silábico das Sequências Obstruinte+Lateral em Português Europeu. **DELTA – Revista de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 22, n. 1, p. 127-158, 2006.

YIP, M. Coronals, Consonant Clusters, and the Coda Condition. In: PARADIS, C.; PRUNET; J.-F. (Eds.) **The Special Status of Coronals: Internal and External Evidence**. San Diego: Academic Press, 1991. p. 61-78.

A vocalização de /l/ no PB sob uma perspectiva diacrônica

Laura Helena Hahn-Nonnenmacher

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul –
Campus Feliz*

1. INTRODUÇÃO

No português brasileiro (PB), a vocalização da lateral /l/ em posição final de sílaba é um fenômeno já estabelecido na fala das grandes cidades brasileiras (LEITE; CALLOU; MORAES, 2007; TASCA, 2000; ESPIGA, 2001; COLLISCHONN; QUEDNAU, 2009; COSTA, 2003). Em algumas comunidades do Rio Grande do Sul, no entanto, vocalização alterna com velarização da lateral (TASCA, 2000; ESPIGA, 2001) no mesmo ambiente e considera-se que a velarização seja uma das etapas do processo de alteração da lateral que antecede a vocalização (TASCA, 2000).

Essa hipótese comprova-se em outras línguas, uma delas o inglês. Segundo Bermúdez-Otero (2012c), as regras de vocalização e de velarização encontram-se em estágios distintos de maturação. Bermúdez-Otero apresenta argumentos para atestar que, no inglês, o processo da velarização é mais antigo que o da vocalização e que, por isso, este é aplicado em domínios gramaticais maiores. Relacionado a isso, para o autor, a velarização é uma regra categórica, e não gradiente, como é a vocalização.

A análise do inglês apenas ilustra a proposta de Bermúdez-Otero (2007a), que é de uma teoria geral sobre o modo como processos fonéticos adquirem caráter fonológico e depois passam a ser registrados nas formas subjacentes; em outras palavras, atribui papel à diacronia na estruturação da gramática. Nossa análise pretende aprofundar o entendimento dessa proposta, a partir do exame do comportamento das laterais pós-vocálicas no português.

Neste estudo, propomos uma investigação sobre a realização de /l/ em posição final de sílaba em português por falantes do PB, sobre a relação entre a posição

da lateral na estrutura silábica e a sua realização na superfície e sobre a relação das diferentes histórias das regras de vocalização e velarização da lateral em português. Esta investigação se valerá sobretudo de dados secundários, retomando estudos de velarização e vocalização realizados sobre o PB, em especial os referentes a variedades faladas no Rio Grande do Sul (RS). Assim, considerando que faremos uma reanálise da vocalização de /l/ no PB, com base em Bermúdez-Otero (2007a, b; 2012a, b, c; 2013), apresentamos, em 2, de forma sucinta, devido à extensão breve deste trabalho, a sua proposta. A seguir, trazemos um pequeno histórico desse processo. Iniciamos, em 3, com Quednau (1993), que analisou a vocalização com base na Fonologia Lexical; passamos, em 4, ao trabalho de Costa (2003), que também analisou o fenômeno com base na Fonologia Lexical, mas o fez a partir das distinções estabelecidas por Labov (1981, 1994), Kiparsky (1988) e Harris (1989). Ambos os estudos realizaram análises em termos de estrutura fonológica (Quednau, 1993 – com base em Clements, 1985, 1989, 1991 – e Costa, 2003 – com base em Walsh, 1997). Em 5, abordamos estudos sobre a vocalização na perspectiva variacionista (LEITE; CALLOU; MORAES, 2007; QUEDNAU, 1993; DAL MAGO, 1998; TASCA, 1999; ESPIGA, 2001; COLLISCHONN; QUEDNAU, 2009; BATTISTI; MORAS, 2016; MORAS, 2017). Collischonn e Costa (2003), que tratam do papel dos constituintes prosódicos e da ressilabação na aplicação da vocalização, Collischonn (2008), que traz mais dados sobre a ressilabação de /l/ e seus limites prosódicos, Schwindt (2012), que reanalisa os dados de Collischonn e Quednau (2008, 2009) e observa que não há condicionamento exercido por morfemas individuais, são apresentados em 6. Em 7, apresentamos as nossas considerações finais.

2. BERMÚDEZ-OTERO (2007a)

Trabalhos como os de Espiga (2001), Leite, Callou e Moraes (2007), Collischonn e Quednau (2009), entre outros, mostram que, no PB, /l/ em posição final de sílaba realiza-se predominantemente como semivogal [w]. Entretanto, essa vocalização não acontece em grau tão pronunciado em todas as regiões. Tasca (1999), por exemplo, constatou que a vocalização é incipiente em algumas localidades abrangidas pelo banco de dados VARSUL¹.

No inglês britânico, Johnson e Britain (2007), baseados na literatura exis-

¹ VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas coletadas nas capitais e em algumas cidades do interior dos três estados do Sul do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Essas entrevistas foram realizadas no início dos anos 1990, e seu acervo é mantido pelas seguintes instituições: PUCRS, UFRGS, UFSC, UFPR.

tente e em dados coletados na região de Fenland (leste da Inglaterra), afirmam que a vocalização de /l/ tende a aparecer como um fenômeno natural em línguas que têm a dicotomia entre *l* claro e *l* escuro (isto é, alveolar e velarizado, respectivamente). Aparentemente, a vocalização de /l/ é um fenômeno relativamente novo no dialeto dessa região, diferentemente do que se observa em outras áreas do sudeste inglês. Ainda segundo os autores, considerando-se o inglês britânico, a vocalização de /l/ é vista como uma característica da cidade de Londres que está se expandindo radialmente e, progressivamente, englobando mais dialetos. Há algumas localidades que se mostram resistentes a essa mudança linguística, o que se deve, de acordo com os autores, ao fato de alguns dialetos não terem estabelecido a alofonia entre *l* claro e *l* escuro. Portanto, para esses autores, existe uma relação de dependência entre velarização e vocalização de /l/. Uma interpretação um pouco diferente dessa relação é apresentada em Bermúdez-Otero (2007a, b; 2012a, b, c; 2013), como veremos adiante.

A suposição que vamos perseguir neste trabalho, baseada em Bermúdez-Otero (2007a), é de que as regras têm idades diferentes. Para Bermúdez-Otero, no inglês, velarização e vocalização de /l/ são dois processos diferentes. Partindo de uma perspectiva que atribui papel à diacronia na estruturação da gramática de uma língua, Bermúdez-Otero afirma que a vocalização é uma regra mais nova, no sentido de ter-se incorporado mais recentemente na língua, do que a velarização. Por ser mais “jovem”, a vocalização é aplicada em domínios gramaticais mais amplos que a velarização, como foi mencionado anteriormente.

A vocalização da lateral, no inglês, é caracterizada como um processo que ocorre no nível do sintagma. Segundo o autor, em final de palavra, a lateral em contexto pré-vocálico, /Vl#V/ (ex., *feel it* ‘sentir isso’), está em posição de *onset*, resultado de sua ressilabação em superfície para essa posição. Portanto, não ocupa a mesma posição na estrutura silábica que a lateral final que precede consoante (ex., *feel cold* ‘sentir frio’), a qual está em coda. A argumentação para essa análise vem de pesquisas como a de Scobbie e Wrench (2003). A velarização, por outro lado, é caracterizada como um processo que ocorre no nível da palavra, ou seja, não considera o contexto da palavra seguinte (porque esse contexto não está disponível no momento em que a regra se aplica).

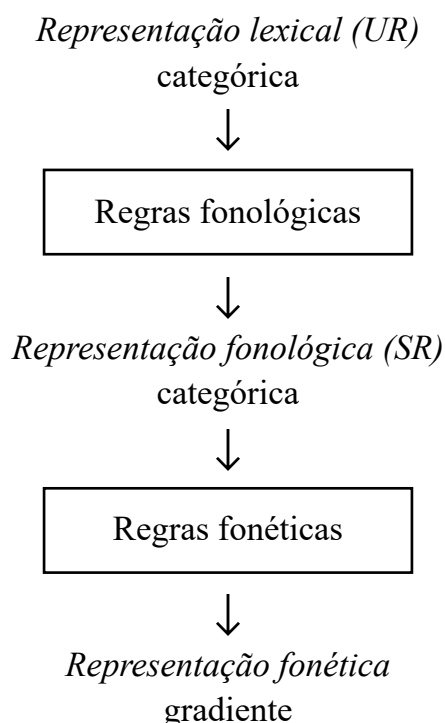
De forma resumida, Bermúdez-Otero caracteriza a velarização como uma regra mais antiga e *word-bounded* (limitada à palavra), enquanto a vocalização é caracterizada como uma regra mais recente e não *word-bounded* (i.e., se aplica na frase). O que ocorre no inglês moderno, conforme o autor, é a ressilabação de consoantes. No entanto, no caso da velarização, a consoante que seria ressilabada já sofreu o processo; no caso da vocalização, por outro lado, o processo ainda não aconteceu. Assim, a ressilabação sangra a vocalização, mas não a velarização.

Considerando a proposta de Bermúdez-Otero, então, a diferença entre o

inglês e o português não estaria no fato de /l/ ser vocalizado numa língua e não em outra, tampouco no fato de que numa a lateral é ressilabada e na outra não. Nessa perspectiva, a diferença entre os dois sistemas deve estar na “idade” que a regra de vocalização tem e, conseqüentemente, em como funciona.

A teoria de Bermúdez-Otero é a de que a arquitetura da gramática permite prever as propriedades gerais das mudanças linguísticas (incluindo aí as mudanças em curso). Segundo o autor, a arquitetura abaixo prevê uma série de aspectos em relação às mudanças.

Figura 1 – A arquitetura modular *feedforward* da fonologia



Fonte: adaptado de Bermúdez-Otero (2007a, p. 5)

Essa arquitetura prevê que há vários tipos de modos de implementação da mudança, dependendo do módulo em que ela ocorre. Um processo que ocorre no módulo fonético pode ser foneticamente gradual, mas não pode ser implementado de maneira lexicalmente gradual, isto é, não pode ser sensível a informações de caráter lexical ou gramatical. Um processo que ocorre no módulo lexical pode ser lexicalmente gradual, mas não pode ser foneticamente gradual, ou seja, o processo somente pode envolver fonemas.

Além disso, a organização dos módulos determina os vários estágios por

que passa um processo de mudança. Os processos começam no componente fonético e vão escalando os módulos, até deixarem de ser ativos. Em cada estágio, há comportamentos previsíveis para os processos.

A evolução dos padrões de mudança ocorre segundo um ciclo previsível, conforme as fases descritas na sequência.

Fase I – O ciclo inicia com mudança originada na articulação, que leva ao acréscimo de uma regra fonética nova à gramática. Nessa fase, o processo é muitas vezes foneticamente gradual, ou seja, envolve uma mudança contínua ao longo de uma ou mais dimensões no espaço fonético. No japonês moderno, por exemplo, a oposição fonêmica entre /t/ e /tɛ/ é neutralizada antes de /i/, em que apenas /tɛ/ ocorre. Essa regra provavelmente surgiu historicamente através da fonologização de um efeito de coarticulação em sequências [ti]: antecipando o gesto de elevação da frente da língua para a realização do [i], se estreita o canal para a liberação de [t], resultando que a explosão da oclusiva se torne relativamente ruidosa. Não há nenhum tipo de sensibilidade à estrutura morfológica.

Fase II – O padrão passa a ser foneticamente categórico, com o desenvolvimento concomitante de uma nova regra fonológica como contrapartida à regra fonética original. Ainda não há referência à estrutura lexical ou morfológica.

Fase III – Com o tempo, regras tornam-se sensíveis à estrutura morfosintática, muitas vezes com uma redução no seu domínio de aplicação, e podem também desenvolver exceções lexicais.

Fase IV – Ao final do ciclo, as alternâncias deixam de ser fonologicamente controladas. A regra fonológica pode ser substituída por uma operação morfológica (“morfologização”) ou pode desaparecer completamente, deixando um resíduo idiossincrático em representações lexicais (“lexicalização”).

O autor defende que um processo pode ocorrer em diferentes módulos, ou seja, pode apresentar diferentes padrões de comportamento, às vezes contraditórios. Assim, um processo de nasalização vocálica pode estar lexicalizado numa língua e, ao mesmo tempo, esta língua pode apresentar nasalização vocálica fonética ou fonológica. Em português, podemos pensar que a nasalização dos ditongos nasais (tônicos) já esteja representada na forma lexical de palavras e morfemas (WETZELS, 2000), enquanto a nasalização de vogais seguidas na mesma sílaba por nasais é ainda um processo regular fonológico. Finalmente, há também diversos graus de nasalizações fonéticas.

3. QUEDNAU (1993)

Como veremos na seção 5 abaixo, Quednau (1993) constatou, em seu estudo, a existência da variação [ɥ] ~ [w] e sua estreita relação com a variável grupo étnico. No entanto, a fim de verificar a interrelação da vocalização com a morfologia e a sintaxe, a autora analisou, através da Fonologia Lexical, como a variação da lateral pós-vocálica se comporta em relação à derivação e combinação de palavras, ou seja, onde as regras de vocalização e de velarização se aplicam considerando a gramática como um todo (léxico e combinações sintáticas).

Conforme Kiparsky (1982, p. 131) define, a Fonologia Lexical propõe que o léxico possui uma série de níveis nos quais podem ser organizados os processos derivacionais e flexionais de uma língua. Cada nível é associado a um conjunto de regras fonológicas e determina o domínio de aplicação dessas regras. Nesse estudo, Quednau assume que a língua portuguesa se organiza em dois componentes: o lexical, que pode ser formado por diversos níveis, nos quais regras fonológicas interagem com regras morfológicas ou de formação de palavras e podem ser cíclicas ou pós-cíclicas (quando a palavra está pronta); e o pós-lexical, que lida com o resultado da sintaxe, i.e., com as palavras combinadas (BOOIJ; RUBACH, 1987).

A autora analisou pequenos conjuntos de exemplos de palavras para verificar em que componente (lexical ou pós-lexical) as regras de **(a) vocalização** ($l \rightarrow w / V _$) e de **(b) velarização** ($l \rightarrow ɥ / V _$) são aplicadas. Ela destaca que, embora diacronicamente a vocalização seja a etapa final de mudanças anteriores, como numa regra telescópica ($ɥ > l^w > w$)², sua hipótese é a de que, sincronicamente, [ɥ] e [w] não sejam etapas sucessivas de modificação de [ɥ], mas variantes em algumas comunidades de fala. Ou seja, alguns falantes praticam **(a)**, outros, **(b)**.

A análise de Quednau (1993) inicia verificando as regras em relação à derivação de palavras, no componente lexical, portanto. São examinados vocábulos derivados através de sufixos que a autora chama de primários (como -aço, -ada, -aria, -eiro, -dade etc.) e vocábulos derivados através de sufixos especiais (como -íssimo, -mente e -zinho)³. Vejamos alguns exemplos analisados por Quednau (1993, p. 89, 91-92).

² A autora conclui, a partir de seus resultados estatísticos, que, devido à preferência dos metropolitanos pela vocalização da lateral pós-vocálica, a mudança de $ɥ > w$ faz com que estágios intermediários (como [l^w] velar labializado) desapareçam em favor de formas extremas, como é o caso de [w]. Ou seja, para os metropolitanos, a vocalização já estaria em seu estágio final ([w]), enquanto em outras regiões estaria ainda em seu estágio inicial ([ɥ]) (QUEDNAU, 1993, p. 105).

³ Os sufixos -inho e -zinho, -íssimo e -mente são considerados especiais porque os nomes e advérbios a que se ligam para formar diminutivos, superlativos e advérbios apresentam vogais aparentemente não acentuadas às quais não se aplicou o processo de neutralização (COLLISCHONN, 2005), como, por exemplo, p[ɛ]zinho e não *p[ɛ]zinho. Nesse sentido, formações com esses sufixos comparam-se a formações de compostos, em que as características das palavras fonológicas de base se mantêm.

(1)

so/l/ + -aço

(a)	Silabação	so-la-ço
	Vocalização	-- (sem contexto)
	Resultado	so[l]aço, mas não *so[w]aço
(b)	Silabação	so-la-ço
	Velarização	-- (sem contexto)
	Resultado	so[l]aço, mas não *so[ʎ]aço

(2)

ma/l/ + -dade

(a)	Silabação	mal-da-de
	Vocalização	ma[w]dade (regra (a))
	Resultado	ma[w]dade
(b)	Silabação	mal-da-de
	Velarização	ma[ʎ]dade (regra (b))
	Resultado	ma[ʎ]dade

(3)

ma/l/ + -íssimo

(a)	Silabação	ma-lí-ssi-mo
	Vocalização	-- (sem contexto)
	Resultado	ma[l]íssimo, mas não *ma[w]íssimo
(b)	Silabação	ma-lí-ssi-mo
	Velarização	-- (sem contexto)
	Resultado	ma[l]íssimo, mas não *ma[ʎ]íssimo

(4) gera/l/ + -mente

(a)	Silabação	ge-ral-men-te
	Vocalização	gera[w]mente (regra (a))
	Resultado	gera[w]mente
(b)	Silabação	ge-ral-men-te
	Velarização	gera[ɣ]mente (regra (b))
	Resultado	gera[ɣ]mente

Em (1) e (2), temos exemplos de derivação com sufixos primários; em (3) e (4), com sufixos especiais; em (1) e (3), os sufixos iniciam com vogal; e, em (2) e (4), iniciam com consoante. Nos exemplos estudados pela autora, como os que aqui repetimos em (1) e (3) (QUEDNAU, 1993, p. 90, 93), pode-se perceber que não se cria contexto para a aplicação das regras de vocalização e velarização, uma vez que a silabação do vocábulo as sangra, deixando a lateral numa posição pré-vocálica, onde se realiza como alveolar. Diferentemente dos exemplos como os aqui reproduzidos em (2) e (4) (QUEDNAU, 1993, p. 92-93), em que há contexto para a aplicação das regras. Nestes casos, a silabação mostra que a lateral permanece em posição pós-vocálica.

As análises a seguir consideram o componente pós-lexical, verificando o comportamento das regras (a) e (b) em combinações sintáticas, incluindo palavras compostas⁴.

(5) ma/l/ + educado

(a)	Silabação	ma-le-du-ca-do
	Vocalização	-- (sem contexto)
	Resultado	ma[l]educado
(b)	Silabação	ma-le-du-ca-do
	Velarização	-- (sem contexto)
	Resultado	ma[l]educado

⁴ Quednau (1993) parte do pressuposto de que a composição é um processo sintático, portanto, pós-lexical.

O exemplo acima, retirado de Quednau (1993, p. 94), nos permite observar que a ressilabação sangra as duas regras e a lateral realiza-se como alveolar. No entanto, a autora destaca que temos a ocorrência variável de vocalização em ‘mal educado’: “vimos que a ressilabação que ocorre no componente pós-lexical impede que a regra de vocalização se aplique. Então, esta regra tem de se aplicar necessariamente antes da ressilabação, ou seja, no componente lexical” (QUEDNAU, 1993, p. 94).

Quando ocorre a combinação de uma palavra que passou pelo processo de vocalização com outra no componente pós-lexical, não há ressilabação (mesmo que esta inicie com vogal) nem a aplicação da regra de velarização. Vejamos a representação dessa derivação.

(6)	ma[w] + educado	(componente pós-lexical)
	Ressilabação	-- (sem contexto)
	Velarização	-- (sem contexto)
	Resultado	ma[w]-educado

Para os exemplos vistos em (5) e (6), portanto, há duas alternativas de análise: i. /l/ aguarda a ressilabação no nível pós-lexical, do que resulta ma[l]educado; ii. /l/ é vocalizada no nível lexical, do que resulta, ao haver combinação de palavras no pós-léxico, ma[w]educado.

O próximo item a ser verificado por Quednau (1993, p. 95) é a aplicação das regras de vocalização e velarização na composição de palavras cujo segundo elemento inicie com uma consoante. Um dos exemplos analisados é ‘mal me quer’.

(7)	ma/l/ + me + quer	
(a)	Silabação	mal-me-quer
	Vocalização	ma[w]-me-quer (regra (a))
	Resultado	ma[w]-me-quer
(b)	Silabação	mal-me-quer
	Velarização	ma[ʃ]-me-quer (regra (b))
	Resultado	ma[ʃ]-me-quer

A análise feita pela autora nos permite perceber que o contexto gerado é favorável à aplicação da regra de velarização, uma vez que não ocorre ressilabação e a lateral permanece em posição pós-vocálica (pré-consonantal). A variante vocalizada [w] também é possível, de acordo com a análise feita, no entanto, decorre da aplicação da regra de vocalização no componente lexical, como visto nos exemplos acima.

Essas considerações apontam, portanto, para uma separação quanto ao componente de aplicação das duas regras em estudo, pois a vocalização se aplica no componente lexical e a velarização se aplica depois de se combinarem as palavras no componente pós-lexical e se houver contexto para tal aplicação, ou seja, fica à espera da ressilabação (QUEDNAU, 1993, p. 96-97).

Quednau ainda relaciona exemplos que consideram o nível da frase, também no componente pós-lexical. Primeiramente, ela examina frases em que o vocábulo que segue a lateral final é uma vogal (VI#V) – ‘O animal **era** muito grande’ – e, em seguida, frases em que o vocábulo que segue a lateral final é uma consoante (VI#C) – ‘O papel **dele** é melhor’. Em ambos os casos, a autora constata que as regras são aplicadas de modo equivalente aos exemplos de composição de palavras analisados.

No primeiro caso (‘O animal **era** muito grande’), espera-se pela ressilabação, que desfaz o contexto das regras de vocalização e de velarização, e /l/ realiza-se como alveolar (a-ni-ma-[l]e-ra). No entanto, no nível da frase, também é possível ocorrer a forma vocalizada da lateral, que provém, como no exemplo visto em (6), de derivações no componente lexical, onde se dá a aplicação da regra **(a)** (a-ni-ma[w]-e-ra). No segundo caso (‘O papel **dele** é melhor’), como no exemplo em (7) de composição de palavras, a autora também observa as duas variantes, [w] (‘pape[w] dele’) e [ɫ] (‘pape[ɫ] dele’), e comprova que as regras **(a)** e **(b)** não se aplicam no mesmo componente, sendo a vocalização aplicada no componente lexical e a velarização aplicada depois do processo de combinação entre as palavras e no caso de /l/ manter-se VC, i.e., no componente pós-lexical.

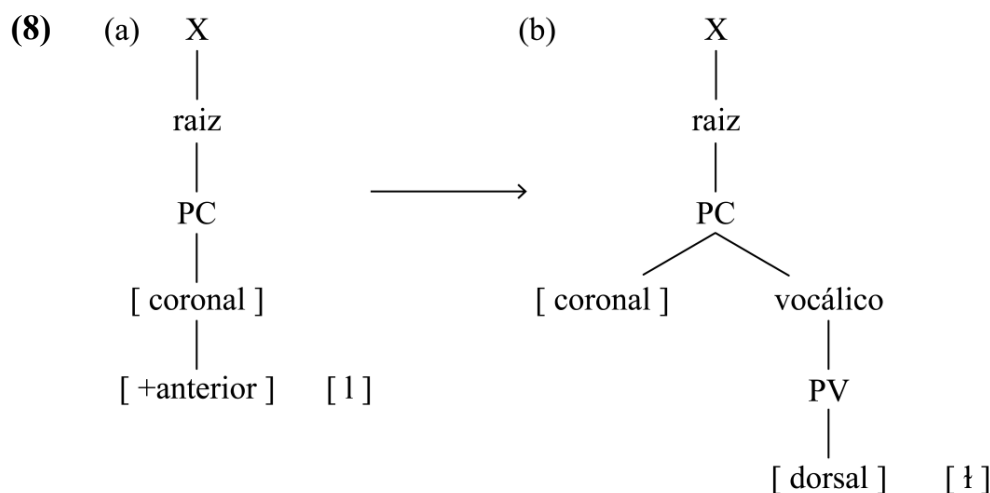
Quednau reflete sobre o fato de termos as variantes [w] e [ɫ] no componente pós-lexical e sabermos que regras variáveis operam nesse mesmo componente, o que levaria à conclusão de que a vocalização e a velarização são pós-lexicais e, portanto, esperam pela ressilabação que ocorre no momento da combinação de palavras. A isso a própria autora apresenta o contraponto:

a ocorrência de formas como *ma[w]-educado* [...] e *anima[w] era* [...], que não esperam pela ressilabação, traz um problema, pois esse fato traz duas alternativas de análise para as referidas formas: a) a lateral espera pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical – é o caso de *ma[l]-educado* e *anima[l] era*; b) a lateral é vocalizada antes de chegar ao componente pós-lexical – é o caso de *ma[w]-educado* e *anima[w] era*. Toda a nossa análise e também a nossa convivência com

indivíduos provenientes de diferentes grupos étnicos levam-nos a acreditar que indivíduos que detêm a variante mostrada em a) não possuem a variante mostrada em b) e vice-versa (QUEDNAU, 1993, p. 101-2).

Em seu estudo variacionista (como revisaremos em 5), a autora investigou a comunidade de fala como um todo, não avaliou subgrupos de falantes. Ainda assim, acredita que indivíduos que têm a variante [ɫ] na posição VC aplicam a velarização no componente pós-lexical (após a ressilabação). Ao mesmo tempo, os indivíduos que realizam a variante vocalizada promovem a vocalização a um *status* de regra categórica, portanto, lexical⁵. Quednau ressalta que a vocalização tem de ser aplicada, necessariamente, no final do componente lexical, após completados todos os ciclos, para evitar más formações como *‘so[w]aço’ e *‘pince[w]ada’. A vocalização da lateral pós-vocálica, portanto, configura-se numa regra lexical pós-cíclica (QUEDNAU, 1993, p. 102). A autora assevera, enfim, a separação das regras quanto ao seu nível de aplicação: pratica-se a regra de vocalização no componente lexical e a de velarização no componente pós-lexical.

Quednau realiza, ainda, uma análise das regras de velarização e vocalização em termos de estrutura fonológica, baseando-se na Geometria de Traços, de Clements (1985, 1989, 1991). A autora verifica que, na velarização, o processo ocorre a partir da adição de nó vocálico à lateral alveolar. A esse nó prende-se o ponto de vogal (PV), e a este liga-se o traço [dorsal], como mostra a representação em (8).



Fonte: Adaptado de Quednau (1993)

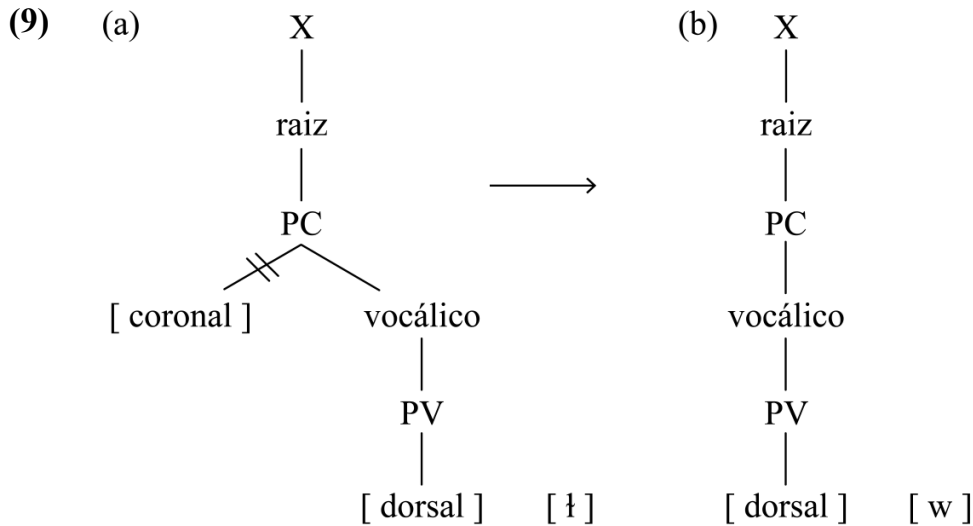
⁵ Em outras palavras, a variação entre velarização e vocalização não é intra-individual, ocorre entre indivíduos que usam exclusivamente ou a variante alveolar velarizada ou a variante vocalizada. Essa interpretação é compatível com o pressuposto de mudança geracional (LABOV, 1994) e com a ideia de gramáticas múltiplas (KIPARSKY, 1993). A implicação da ideia de Quednau é a de que as variantes não co-existem na fala do indivíduo enquanto produção, mas devem, ainda assim, fazer parte da língua como um todo, já que falantes de português de diferentes idades convivem e compreendem-se mutuamente (em termos de percepção), mesmo que suas produções sejam distintas. Percebemos que, com essa interpretação, baseada na produção individual exclusiva, o problema da relação velarização-vocalização persiste.

Na representação em (8a), temos uma consoante plena, i.e., constituída de traços primários⁶, que ocorre em posição pré-vocálica ([l]). Na passagem para a posição pós-vocálica, essa lateral é velarizada ([ɫ]) e temos uma consoante complexa (8b), i.e., possui traços de ponto de consoante (PC) e de vogal (PV). Sobre a representação de [ɫ], Quednau observa:

Para representar esse fenômeno de articulação secundária, que envolve consoantes e vogais, é necessário que haja, na camada ponto de articulação, lugar para os traços de consoante e para os traços de vogal. Isso só é obtido a partir da Teoria Unificada de Traços de Pontos de Articulação de Clements (1991), que busca uma simplificação dos traços fonológicos, organizando-os de tal forma que as subclasses tendam a se comportar como unidades únicas para processos que envolvam consoantes e vogais (QUEDNAU, 1993, p. 84).

Em (8b), vimos que há um nó intermediário vocálico ligando o nó PV ao nó PC. Segundo Clements (1991), portanto, a adição de um nó vocálico a uma consoante caracteriza a articulação secundária. O traço [dorsal] ligado ao PV, na representação de /l/ velarizado, caracteriza consoantes produzidas com o corpo da língua e vogais produzidas com uma constrição do centro ou parte posterior da língua, isto é, o dorso palatino.

Para representar a vocalização de /l/, (9), Quednau compara as modificações que ocorrem no segmento [w] em relação ao segmento velarizado [ɫ].



Fonte: Quednau (1993, p. 86)

Em (9a), observamos que o traço [coronal], que caracteriza [ɫ] como uma

⁶ Os traços primários de ponto de consoante são ligados diretamente à ocorrência mais alta do nó de ponto de articulação.

consoante complexa, desliga-se de PC, resultando num segmento com apenas traços vocálicos (9b). Nesse segmento, o traço [dorsal] liga-se a PV, que se liga, por sua vez, ao nó mais alto, PC.

A autora conclui, assim, a representação dos estágios pelos quais passa a lateral pós-vocálica até chegar à vocalização: à luz de Clements (1985, 1989, 1991), o processo envolvido na velarização pode ser explicado a partir da adição de um nó vocálico à lateral alveolar (ao qual se prende o PV e, a esse, o traço [dorsal]); enquanto o processo envolvido na passagem de [ɬ] para [w] é explicado pelo desligamento do traço [coronal].

4. COSTA (2003)

Na seção anterior, vimos o estudo de Quednau sobre a vocalização da lateral pós-vocálica em português na perspectiva da Fonologia Lexical. Nesta, veremos um trabalho feito sobre a mesma regra à luz da mesma teoria, no entanto, baseado em Labov (1981, 1994), Kiparsky (1988) e Harris (1989). As autoras diferem também em suas referências na análise em termos de estrutura fonológica. O estudo de Costa (2003), que apresentamos aqui, discute o *status* lexical e pós-lexical da regra de vocalização de /l/ no PB de falantes de Porto Alegre/RS, fundamentando-se nos resultados estatísticos obtidos em sua análise variacionista desse fenômeno, nessa comunidade de fala.

Costa dedicou um capítulo de seu trabalho para tratar da análise perceptiva que realizou com alunos da disciplina de Fonologia do curso de Letras da UFRGS. O objetivo desse teste de percepção era constatar a capacidade de o falante nativo perceber o tipo de mudança que se implementa: se discreta ou gradual, isto é, se difusionista ou neogramática. Como a autora considera a vocalização de /l/ uma mudança neogramática, sua constatação é de que os resultados obtidos assinalam a dificuldade dos falantes em distinguir sons graduais.

O exercício consistia em os alunos fazerem a transcrição fonética de 35 dados retirados do *corpus*⁷ do estudo. Os alunos ouviram duas vezes cada uma das ocorrências, gravadas numa fita cassete, antes de transcrevê-las. O índice percentual de erro de transcrição para a lateral pós-vocálica foi de 50%; enquanto o índice de desvio para o ditongo /ow/⁸ – outro fenômeno analisado pela autora nesse mesmo trabalho – foi de 17%. Esses resultados indicam que é mais fácil para o falante

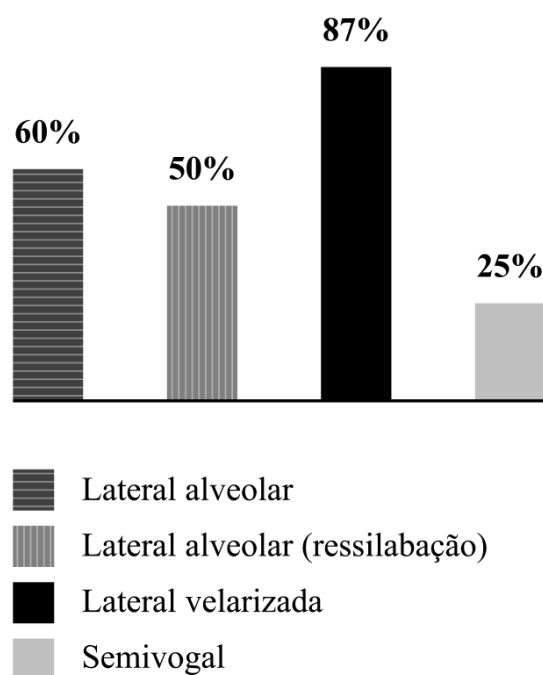
⁷ Costa realizou a audição de entrevistas pertencentes ao Banco de Dados VARSUL. Foram ouvidos doze informantes da cidade de Porto Alegre/RS, todos com nível superior completo.

⁸ O fenômeno da monotongação é considerado difusionista, o que significa que é mais fácil para os falantes distinguirem sons discretos.

perceber a presença ou a ausência da semivogal, no caso da monotongação de /ow/ (ex., ‘r[ow]bo’ x ‘r[o]bo’), enquanto distinguir o tipo de segmento produzido para a lateral (e.g. ‘ca[l]ça’ x ‘ca[ɫ]ça’ x ‘ca[w]ça’) é mais difícil.

Costa apresenta um gráfico indicando os percentuais de erro de transcrição para cada tipo de segmento realizado⁹. A lateral velarizada foi a que apresentou maior índice de desvio.

Gráfico 1 – Desvio quanto ao tipo de segmento em coda silábica



Fonte: Costa (2003, p. 112)

Podemos perceber no Gráfico 1 que o falante consegue distinguir mais facilmente a semivogal em coda do que os demais segmentos. Isso pode indicar que é mais difícil para falantes jovens (como é o caso aqui) perceberem um alofone que não faz parte de seu inventário fonético, como o [ɫ]. A autora pôde constatar, nessa análise perceptiva, que “a regra de vocalização de /l/, se comparada com outros processos que envolvem a lateral em coda silábica, parece ter um *status* gradual” (COSTA, 2003, p. 100).

Costa conclui, a partir de seus resultados, que a vocalização é uma regra pós-lexical, o que vai de encontro à análise de Quednau (1993), que assevera ser a vocalização uma regra lexical, e apresenta evidências que a levaram a tal conclu-

⁹ Costa não utilizou neste teste ocorrências com zero [Ø] em coda silábica.

são. Fazemos uma síntese de tais evidências no Quadro 1.

Quadro 1 – Evidências do caráter pós-lexical da vocalização (COSTA, 2003)

(a)	Regras pós-lexicais não podem se referir à categoria gramatical	A variável <i>categoria gramatical</i> não foi selecionada na análise estatística realizada pela autora, assim como a variável <i>posição da lateral</i> , que examinava se a regra era sensível à fronteira de morfema.
(b)	Regras pós-lexicais não têm exceções	Conforme a análise dos dados, sempre que /l/ encontra-se em coda, a regra é aplicada ou tem condições de ser aplicada.
(c)	Regras pós-lexicais podem não obedecer ao Princípio de Preservação de Estrutura (PPE)	Em Português, a semivogal [w] não é distintiva. Temos, daí, uma forma alofônica, o que indica que a regra não está no âmbito do PPE.
(d)	Regras pós-lexicais não são facilmente acessíveis à intuição do falante	Isto foi confirmado no teste de percepção, no qual ficou evidente a dificuldade apresentada pelos alunos em distinguir as diversas realizações fonéticas de /l/ em coda.
(e)	Regras pós-lexicais são sensíveis à informação entre fronteiras de palavras	A regra de vocalização é sangrada pela ressilabação que ocorre após a combinação de palavras (ex., ‘mi[l e] uma’), o que confirma o seu caráter pós-lexical, de acordo com Costa.
(f)	Regras pós-lexicais não obedecem à Condição de Ciclo Estrito	Este princípio atua apenas no nível lexical cíclico, o que indica que a vocalização não está comprometida com essa condição, podendo ser aplicada em formas derivadas e não-derivadas (o que ocorreu nos dados desse estudo).

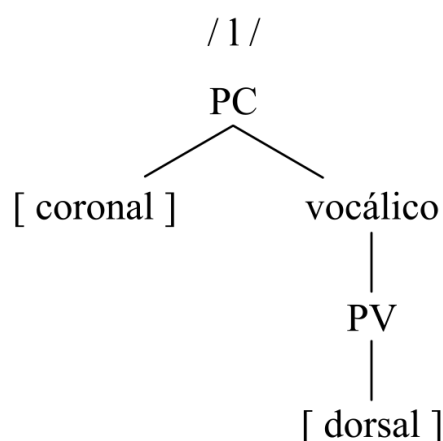
Costa apresenta, para finalizar, propriedades adicionais que sustentam o caráter neogramático da vocalização de /l/:

- a) É sensível ao contexto fonético, por isso é previsível.
- b) É um processo natural, pois envolve a mudança de um traço, conforme a representação de Walsh (1997).
- c) É socialmente afetada. Os falantes não têm nenhum grau de consciência social quanto à atuação desse tipo de mudança.

Após breve exposição de diferentes abordagens sob a ótica da Fonologia Autossegmental para a representação de /l/, a autora apresenta a estrutura adotada em seu trabalho para a lateral alveolar. Baseada na abordagem de Walsh (1997), ela acredita que a proposta de Ponto de Consoante (PC) complexo para a lateral explica de forma mais econômica os fenômenos que envolvem o segmento no PB. De acordo com Walsh (1997), todas as laterais teriam um traço coronal e um traço dorsal preso ao PC. Segundo Costa, dados extraídos da aquisição do português podem atestar as constatações de Walsh, já que Azambuja (1998) constatou que crianças, ao adquirirem o /l/ em *onset*, podem substituí-lo tanto por [j] quanto por [w], o que, na interpretação de Costa, indica que os dois pontos [coronal] e [dorsal] estão presentes na representação da lateral.

A variação sincrônica entre [l], [ɫ] e [w] observada nos dados variacionistas do trabalho (que veremos em 5) permitiu à autora constatar a simultaneidade entre essas realizações e, portanto, um processo que deve ser mais simplificado. A partir de suas constatações, a autora apresenta a seguinte representação para a lateral no PB (considerando a geometria de traços proposta por Clements e Hume, 1995):

(10)

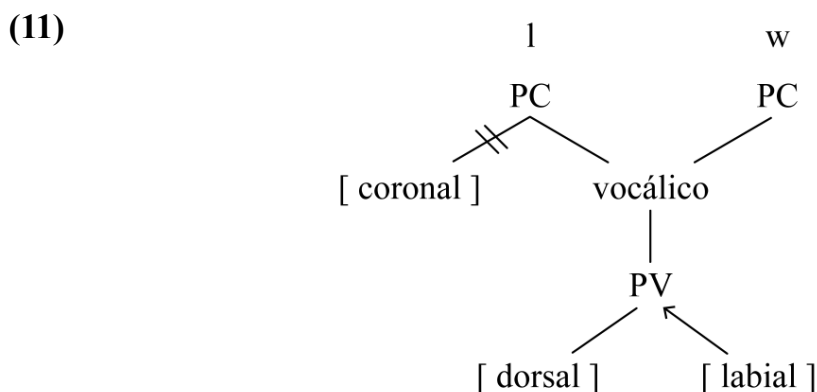


Fonte: Costa (2003, p. 71)

Costa discorda em um aspecto de Walsh. Ela considera ser mais econômico o traço [lateral] estar presente na estrutura do segmento e o ideal prendê-lo ao nó de raiz, conforme Hernandorena (1995):

Também nos parece interessante adotar a relação implicacional de traços exposta por Hernandorena. No caso da vocalização, a partir da perda de [coronal] do ponto de consoante, seria ativada a inserção de [labial] ao nó vocálico e ocorreria a perda ou desativação fonética de [lateral] (COSTA, 2003, p. 58).

A representação do processo de vocalização é reproduzida abaixo¹⁰.



Fonte: Costa (2003, p. 58)

A autora assevera que o fato de o processo ser concebido de forma simplificada no âmbito da Geometria de Traços garante a naturalidade da passagem de [l] para [w]. Como podemos observar na representação acima, a passagem proposta por Costa se dá pelo desligamento e inserção de traços articulatórios ligados ao PC de /l/. Por isso, a autora acredita que a noção de telescopia¹¹ para a vocalização da lateral, defendida por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), não deve mais ser considerada.

Como podemos observar, Quednau (1993) e Costa (2003) divergem, em suas análises, quanto ao componente lexical em que a regra de vocalização é aplicada. Enquanto esta acredita que a vocalização seja uma regra pós-lexical, aquela afirma ser uma regra lexical (pós-cíclica), ao passo que a velarização é uma regra pós-lexical.

Conforme a proposta de Quednau, as regras de vocalização e velarização são excludentes, o que quer dizer que o falante usuário da variante vocalizada não faz uso da variante velarizada e vice-versa. Isso também é contestado por Costa, que, embora não tenha focado seu estudo na velarização, utilizou os dados de um informante para exemplificar. O informante POA 39, como ela o identifica, aplica tanto a vocalização quanto a velarização, inclusive quando se trata de um mesmo item lexical: ‘mi[w] novecentos’ e ‘mi[l] novecentos’. Esse mesmo informante também deixa de aplicar esses processos ao manter a lateral alveolar e ressil-

¹⁰ Costa não formaliza a representação do processo de velarização porque esse não foi objeto de análise em seu estudo.

¹¹ A noção de telescopia para a vocalização de /l/ foi inicialmente proposta por Lopez (1979) para o português carioca. O fenômeno de telescopia, como vimos na seção 2, pode ser definido como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica.

bar¹²: ‘norma[l]era’, ‘Crefissu[l]aí’ (COSTA, 2003, p. 118). Esses dados de Costa indicam que há variação intra-individual entre os processos de velarização e vocalização. Entretanto, cabe observar que, embora essa variação possa ocorrer, ela costuma ser mínima e não significativa em termos estatísticos.

5. A VOCALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

A realização de /l/ em posição de coda silábica é tradicionalmente considerada um dos traços diferenciadores do português brasileiro (PB) em relação ao português europeu (PE). No PE, a realização padrão de /l/ em coda é a velarizada, já em relação ao PB, o processo de vocalização de /l/ final é emblemático. Essa é uma constatação de Leite, Callou e Moraes (2007), que buscam, nesse estudo, atestar que há variação na realização de /l/ em coda no PB – conforme o dialeto, a lateral pode apresentar uma articulação consonântica (alveolar ou velar) ou vocálica, e não apenas esta última – e que no PE não há apenas a variante velarizada. Para esse fim, os autores analisaram dados do PB coletados em entrevistas do Projeto NURC¹³, realizadas nos anos 1970, de informantes com nível superior completo e estratificados por faixa etária, gênero e origem geográfica. Com relação ao PE, citam resultados de outro levantamento (MACHADO; CALLOU, 2006), os quais comparam com os do PB.

Das cinco capitais brasileiras examinadas pelos autores, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife indicam estágio avançado do processo já nos anos 1970 – especialmente em posição final de vocábulo (ex., ‘carnaval’) –, com percentual em torno de 90%; enquanto Porto Alegre apresentava percentual em torno de 50%. Os resultados referentes à variável idade e à variável sexo também indicam uma diferença no uso da lateral. Nos dados estatísticos de Porto Alegre, nota-se, por exemplo, um aumento progressivo de vocalização nos mais jovens, com uma distinção relativa de gênero, “acrescida do fato de haver uma estabilidade na fala das mulheres e de mudança na dos homens” (LEITE; CALLOU; MORAES, 2007, p. 424).

Das variáveis linguísticas consideradas, Leite, Callou e Moraes (2007)

¹² Isso se dá quando /l/ pós-vocálico encontra-se em fronteira de palavra e a palavra seguinte inicia com vogal.

¹³ NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) é um acervo de dados que constitui referência nacional para estudos da variedade culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1990, com informantes com nível superior completo de cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

constatam que o fenômeno é favorecido quando a vogal precedente é baixa e desfavorecido quando a vogal precedente é posterior alta arredondada [u]. Sobre a posição /l/ em coda interna, os autores constatam que o ponto de articulação é um fator condicionante e promove um processo assimilatório: a velarização (posteriorização) é favorecida pela presença de uma consoante velar subsequente ('fo[l̥]ga').

Sobre o PE, os autores trazem os resultados encontrados em uma pequena amostra do *corpus* CRPC-Lisboa¹⁴, que indicam que essa variedade da língua também admite variação na realização de /l/ em coda. Constataram-se as variantes [l̥] – que constitui a norma –, [w]¹⁵, [l] e até mesmo [Ø] – depois da vogal /u/. Dos 155 dados da fala culta e 140 da fala popular, foram registrados apenas 18% de vocalização, com peso relativo de 0,19. Os grupos de fatores condicionantes que atuam sobre o fenômeno, na fala culta, são basicamente os mesmos do PB: tipo de vogal precedente, posição da sílaba no vocábulo (final ou medial) e tipo de consoante seguinte. Embora seja um fenômeno raro no PE, a vocalização ocorre preferencialmente quando a vogal precedente é [a] ou [u], com índices de 71 e 23%, respectivamente; quando a consoante seguinte é uma oclusiva alveolar ou fricativa labial, 32 e 26%, respectivamente; e quando /l/ encontra-se em coda interna, 87% das ocorrências (no PB, é a coda externa que favorece a regra).

Em relação à fala popular¹⁶, Leite, Callou e Moraes (2007) constatam a completude da regra na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que 96% (0,96 de peso relativo) dos 142 dados dessa capital apresentam a variante vocalizada, sem que nenhum grupo de fatores tenha sido selecionado pelo programa estatístico utilizado. No PE, ainda em relação à fala popular, foram selecionadas as variáveis vogal antecedente e contexto seguinte.

Enfim, no que se refere à realização da lateral pós-vocálica, o estudo de Leite, Callou e Moraes (2007) certifica que a diferença entre o PE e o PB é bastante significativa. Constatou-se 19% de vocalização na fala culta do PE e, na fala popular, 17%; enquanto no PB, a fala culta apresenta 89% e a fala popular, 96%. Observa-se, assim, uma mudança em progresso, de uma consoante lateral para um segmento vocálico. As altas taxas de vocalização sugerem uma mudança /l/ → [w] já consolidada em grande parte das regiões do Brasil. Os autores atribuem o aspecto inovador do fenômeno de vocalização no país especialmente ao seu avanço no extremo sul, pois, há pouco tempo, essa era uma região considerada mantenedora

¹⁴ Disponível em www.lettras.ufrj.br/varport [nota dos autores].

¹⁵ Os autores utilizaram o programa CSL (*Kay Elemetrics*) para realizar uma análise-teste experimental em algumas ocorrências do PE, devido à dificuldade de perceber auditivamente as diferenças entre realizações velarizadas e vocalizadas de /l/.

¹⁶ Os autores não informam a fonte de seus dados de fala popular, uma vez que o Projeto NURC contempla apenas a fala culta.

de [ɫ].

Os trabalhos de Quednau (1993), Dal Mago (1998), Tasca (1999), Espiga (2001) e Collischonn e Quednau (2009) corroboram a afirmação dos autores citados acima sobre o avanço do fenômeno na região sul do Brasil e comprovam o que outros estudos já haviam previsto, que a diversidade étnica e a localização geográfica das cidades têm papel importante na variação. A vocalização de /l/ é praticamente categórica em Porto Alegre, capital gaúcha (QUEDNAU, 1993; TASCAS, 1999; ESPIGA, 2001; COSTA, 2003), Florianópolis, capital catarinense (DAL MAGO, 1998), e Curitiba, capital paranaense (DAL MAGO, 1998; HAHN, 2007; COLLISCHONN; QUEDNAU, 2009); entretanto, há registros da lateral velarizada e da lateral alveolar em algumas localidades do sul do país¹⁷ (TASCAS, 1999; ESPIGA, 2001). O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS – (ALTENHOFEN *et al.*, 2002) confirma os resultados desses estudos quantitativos citados aqui. Segundo o ALERS¹⁸, a variante alveolar é preservada em posição de coda silábica no Rio Grande do Sul, no entanto vai perdendo força à medida em que se avança em direção ao norte; sendo [l] substituído pela variante [ɫ] velarizada em Santa Catarina e pelas variantes [ɫ] velarizada e [w] vocalizada no Paraná.

Dal Mago (1998) e Collischonn e Quednau (2009) realizaram estudos abrangendo cidades dos três estados da região sul com dados do VARSUL dos anos 1990 e, em ambos, observou-se que há uma tendência de vocalização mais acentuada no Paraná, que se reduz gradativamente, na medida em que se vai em direção ao sul. Dal Mago (1998) constata que a variante [w] prevalece na fala dos informantes das capitais e é praticamente categórica em Londrina/PR. Nas cidades catarinenses de Blumenau e Lages e paranaenses de Irati e Pato Branco, a vocalização e a velarização apresentam índices equivalentes. A velarização prevalece, no entanto, em Chapecó/SC, Flores da Cunha/RS e Panambi/RS; nesta última cidade, com índices de regra categórica¹⁹. Nesse estudo, as variáveis sociais são as que mais desempenham papel condicionador na aplicação da regra de vocalização, com especial destaque ao grupo *etnia*.

No estudo de Collischonn e Quednau (2009), também se constata a importância das variáveis sociais. Os grupos de fatores *sexo*, *idade* e *escolaridade* foram selecionados pelo programa estatístico como condicionadores da aplicação da regra, confirmando levantamentos anteriormente feitos. Esses resultados indicam

¹⁷ Pesquisas sobre a lateral pós-vocálica em outras variedades do PB não registram [l] alveolar e o uso da variante velarizada [ɫ] é atestado como esporádico (OLIVEIRA, 1983; TEIXEIRA, 1995; SÁ, 2007; LEITE; CALLOU; MORAES, 2007).

¹⁸ O projeto ALERS teve seu início de execução em 1987.

¹⁹ Em Battisti e Moras (2016), a ser revisado na sequência, encontramos resultados um pouco divergentes para Flores da Cunha/RS.

que as mulheres aplicam [w] com mais frequência que os homens (0,54, contra 0,46), assim como os mais jovens em relação aos mais velhos (0,57 contra 0,41), e os informantes com escolaridade secundária em relação aos com escolaridade primária (0,57 contra 0,43). Quanto às variáveis linguísticas selecionadas²⁰, temos *contexto precedente*²¹, *acento*, *posição do segmento-alvo* e *segmento seguinte*. Dos resultados obtidos para as variáveis *contexto precedente* e *acento*, destacam-se os fatores *vogal precedente u*, *monossílabo* e *vogal postônica*, que indicam o desfavorecimento da vocalização. Os demais fatores das duas variáveis apresentam pesos relativos próximos da neutralidade. *Posição do segmento-alvo* aponta *fronteira interna em compostos* (ex., ‘papel higiênico’), *final de palavra em sufixo* (ex., ‘razoável’) e *final de palavra – raiz* (ex., ‘catedral’) como os fatores que mais favorecem a vocalização, e *interior da palavra – raiz* (ex., ‘alguma’) e *interior da palavra – fronteira de morfema* (ex., ‘fatalmente’) como os que menos favorecem a aplicação da regra. E, por fim, dentre os diversos fatores analisados pelas autoras na variável *segmento seguinte*, o que mais favorece a realização de /l/ como semi-vogal é *fricativa palatal* (ex., ‘geral#já’), e o que mais desfavorece é *vogal* (ex., ‘pessoal#enjoa’).

No início desta seção, revisamos o estudo de Leite, Callou e Moraes (2007), que constatam que o ponto de articulação da consoante seguinte à lateral promove um processo assimilatório – a velarização é favorecida pela presença de uma consoante velar subsequente. Collischonn e Quednau (2009), por outro lado, observam que a vocalização não é um fenômeno de caráter assimilatório e, por isso, não deveria sofrer influência da natureza da vogal precedente em sua ocorrência. Para as autoras, trata-se de um fenômeno de estrutura silábica. As análises realizadas por Collischonn e Quednau permitem-lhes constatar que o contexto precedente realmente não interfere no processo de vocalização, com exceção da vogal alta posterior [u], caso que pode ter uma motivação articulatória: nos contextos em que a vogal precedente é [u], a vocalização criaria uma sequência altamente marcada na língua [uw]. A complexidade articulatória dessa sequência dificulta a sua produção e pode, nesse contexto, favorecer o apagamento do segmento vocalizado em coda [uØ].

Etnia é a variável que mais parece exercer influência na realização da lateral como [ɫ] ou [w] no estudo de Quednau (1993) sobre a variedade gaúcha do português. Entretanto, as variáveis linguísticas também influenciam a vocalização, quais sejam *acento*, *posição da lateral*, *contexto precedente* e *contexto seguinte*.

²⁰ As autoras realizaram, no programa estatístico, duas rodadas dos dados coletados. Aqui, no entanto, destacamos apenas os resultados da segunda rodada, que engloba mais cidades.

²¹ Entretanto, em rodada realizada pelas autoras sem o fator ‘u’, a variável contexto precedente não foi selecionada.

No estudo de Tasca (1999), a variável social *etnia* também apresentou um papel bastante significativo.

Quednau (1993) utiliza em sua análise amostras do português falado que pertencem ao Banco de Dados do Projeto VARSUL, mas foram levantadas de entrevistas realizadas nos anos 1980. As localidades analisadas pela autora foram Porto Alegre, capital do RS; Taquara, de colonização alemã; Monte Bérico, distrito da cidade de Veranópolis, cuja colonização é italiana; e Santana do Livramento, região fronteira com o Uruguai. Tasca (1999), que também coletou seus dados no Projeto VARSUL, mas em entrevistas realizadas nos anos 1990, analisa a realização da lateral pós-vocálica nas cidades de Porto Alegre; Flores da Cunha, de colonização italiana; Panambi, de colonização alemã; e São Borja, região fronteira com a Argentina. Espiga (2001), por sua vez, estuda a lateral em coda exclusivamente na região de fronteira do RS com o Uruguai – denominada Campos Neutrais –, tendo as cidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar como foco.

Como já mencionamos anteriormente, Quednau define que a passagem de [l] → [w] dá-se nos termos da regra telescópica, que consiste na perda de um estágio intermediário na derivação fonológica entre segmentos. A partir de seus resultados, então, a autora constata que a regra já alcançou seu estágio final ([w]) na região metropolitana, enquanto ainda encontra-se no estágio inicial ([l]) nas demais regiões. Os resultados de Tasca (1999) sustentam a hipótese de regra telescópica também. Nas cidades de Panambi e Flores da Cunha, Tasca constata que não houve registros da lateral vocalizada [w] – como ocorre predominantemente na capital gaúcha – e que o emprego da lateral alveolar [l] é maior do que o da lateral velarizada [ɫ]. A autora teoriza:

a direção do processo inovador é da lateral alveolar para a velar, e, na capital, a direção é da lateral velar para a vocalização. [...] A preservação da lateral no Rio Grande do Sul é um retrato vivo de uma regra histórica, por telescopia denominada (TASCA, 1999, p. 138).

Tasca, no entanto, não considera o fato de que o português falado em Panambi e Flores da Cunha resulta de contato com variedades dialetais alemãs e italianas, respectivamente, e que esse contato possa explicar o emprego da lateral alveolar verificado, não propriamente a telescopia. A hipótese de telescopia implicaria tomar o Rio Grande do Sul como uma só comunidade de fala, o que nos parece improvável, como os estudos aqui revisados demonstram.

Na região de Campos Neutrais, estudada por Espiga (2001), é possível encontrar todos os estágios da regra telescópica que atinge a lateral – como afirma o próprio autor. Nas cidades de Chuí e de Santa Vitória do Palmar também foi registrada a predominância da variante alveolar no uso da lateral pós-vocálica. Entretanto, ao analisar as variantes [ɫ] e [l^w] juntas, Espiga constata que [l] deixa

de ser a variante predominante, o que indica, de acordo com o autor, um caso de mudança em curso.

Evidentemente, essa mudança em curso de que fala Espiga já avançou em muitas cidades e se completou em outras. Estudos sociolinguísticos em tempo real exemplificam esse atual estágio da realização de /l/ pós-vocálico em comunidades geograficamente distantes dos Campos Neutrais, estudados por Espiga.

Battisti e Moras (2016) e Moras (2017) investigaram a vocalização de /l/ em coda silábica em Flores da Cunha, a nordeste do Rio Grande do Sul, que representa a fala de comunidades onde houve ou ainda há contato entre o português e dialetos de italiano, e Porto Alegre, capital gaúcha (MORAS, 2017), considerada monolíngue-português. O *corpus* de Flores da Cunha utilizado por Battisti e Moras (2016) foi coletado dos bancos de dados VARSUL, que data de 1990, e BDSer²², de 2008-2009. A porcentagem de vocalização encontrada pelas autoras passou de 12% em 1990 a 77% em 2008-2009. Ou seja, no mesmo material em que Tasca (1999) não encontrou vocalização, Battisti e Moras (2016) encontraram 12% dessa realização. E, nos dados de 2008-2009, a vocalização da consoante é significativa. Ou seja, a vocalização progrediu na comunidade em cerca de vinte anos, condicionada por idade e as variáveis linguísticas *contexto fonológico seguinte* e *posição silábica*: os informantes mais jovens aplicam mais a vocalização, assim como as consoantes labiais e altas e as posições átonas da sílaba favorecem a aplicação da regra (BATTISTI; MORAS, 2016).

O *corpus* de Porto Alegre foi coletado dos bancos de dados VARSUL e LínguaPoA²³, que data de 2016-2017. Nessa comunidade, o processo de vocalização da lateral já se encaminhava para a sua completude em 1990, quando o índice de realização de [w] era de 92%. O levantamento atual dos dados comprova essa finalização, uma vez que resultou em 100% de aplicação, atingindo o *status* de regra categórica (MORAS, 2017).

Os estudos de variação do PB revisados nesta seção abrangem dados de fala de 1970 a 2017 (dados do NURC, do VARSUL, do BDSer e do LínguaPOA). Podemos observar que a vocalização de /l/ em coda em Porto Alegre, por exemplo, apresenta um incremento de 50 a 100% de aplicação, ou o fim da variação, nesse período. Esse desenvolvimento da variável nos indica que o processo de mudança sonora de [l] → [w] encontra-se na Fase II do ciclo de evolução, quando o padrão

²² BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas coletadas em quatro municípios da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS). Essas entrevistas foram realizadas de 2001 a 2009 (em Flores da Cunha, foram realizadas em 2008-2009), e seu acervo é mantido pela UCS.

²³ LínguaPoA é um acervo em constituição de entrevistas sociolinguísticas coletadas em Porto Alegre/RS. As entrevistas começaram a ser coletadas em 2015, sob coordenação da Profa. Dra. Elisa Battisti, da UFRGS.

gradiente da regra passa a ser foneticamente categórico (em especial, BATTISTI; MORAS, 2016; MORAS, 2017). No entanto, se considerarmos a noção de telescopia defendida por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), poderíamos dizer que a vocalização da lateral se encontra na Fase I do ciclo. Podemos notar também certas discordâncias nos resultados de alguns desses trabalhos, o que é natural acontecer devido aos vários elementos envolvidos em estudos de caráter sociolinguístico. Isso nos motiva a investir em uma metodologia experimental a ser desenvolvida em trabalho futuro. O que parece ser unanimidade entre os resultados levantados é o papel condicionador do grupo de fatores *etnia* sobre a aplicação da regra de vocalização. Talvez esse aspecto aponte a relação existente entre a idade das regras de velarização e de vocalização no idioma de contato com o português e a realização da lateral em contexto pós-vocálico.

Na próxima seção, apresentaremos a revisão de pesquisas que devem nos auxiliar a verificar se o controle que age sobre o processo de vocalização pode ser caracterizado como de natureza puramente prosódica e averiguar que tipo de distinção há entre /l/ pré-vocálico e pós-vocálico, se podemos pensar em distinção categórica ou temos de dizer que a diferença entre esses dois contextos é gradiente.

6. CONSTITUÊNCIA PROSÓDICA E MORFOLOGIA NA VOCALIZAÇÃO DE /L/ EM CODA

Collischonn e Costa (2003) tratam do papel dos constituintes prosódicos e da ressilabação na aplicação da vocalização de /l/. As autoras levantaram dados de Porto Alegre/RS em entrevistas disponíveis no VARSUL e observaram que as variantes [l], [ɫ] e [w] ocorrem em posição pós-vocálica – sendo a semivogal a que apresenta os maiores valores de aplicação – e que essa é uma mudança em progresso. Aqui também fica evidente o condicionamento sociolinguístico da vocalização, uma vez que a idade dos informantes influencia na realização da lateral: falantes mais velhos preferem as variantes consonantais com mais frequência do que os mais jovens.

Os resultados das autoras mostram que, embora a vocalização seja praticamente categórica na fala dos informantes mais jovens da amostra (apresentam pesos relativos entre 0,69 e 0,90), quando há possibilidade de ressilabação, esses mesmos informantes aplicam menos a regra. O segmento /l/ em fronteira de palavra seguido por vogal desfavorece, portanto, a vocalização.

Em seu estudo, Collischonn e Costa (2003) afirmam que a ressilabação é sensível a fronteiras prosódicas maiores. Diferentemente de outros trabalhos (TE-

NANI, 2002; BISOL, 1999 a, b), as autoras identificaram uma tendência ao bloqueio, embora não categórico. Não há registro, em seus dados, de ressilabação entre fronteira de Enunciados (U), e seus resultados indicam restrição à ressilabação da lateral em fronteira de Frase Entoacional (I). Isso quer dizer que o falante recorre a informações prosódicas ao selecionar a variante que produzirá. De acordo com as autoras, “os resultados apontam que a ressilabação parece ser a opção *default* para compostos ou frases fonológicas” (COLLISCHONN; COSTA, 2003, p. 52).

Para concluir, Collischonn e Costa (2003) fazem a relação das variáveis *idade* e *constituente prosódico*, considerando que, embora os índices de ressilabação sejam diferentes para jovens e pessoas mais velhas, as restrições prosódicas são as mesmas para todos os indivíduos. A progressão da vocalização de /l/ pode conduzir a uma restrição maior das possibilidades de ressilabação, como uma consequência do fato de a semivogal [w] resultante da vocalização não poder ser facilmente ressilabada como onset (por exemplo, ‘papel amarelo’ pode ser produzido como [pa – pɛ – la – ma – rɛ – lʊ], mas não como [pa – pɛ – wa – ma – rɛ – lʊ] como exemplificam Collischonn e Costa, 2003, p. 35). Assim, a ressilabação de /l/ pode vir a limitar-se ao domínio da palavra prosódica, conjecturam as autoras.

Collischonn (2008) traz mais dados sobre a ressilabação de /l/ e seus limites prosódicos. Em realidade, trata-se de uma expansão do estudo abordado acima. Neste, foram utilizados o *corpus* de Collischonn e Costa (2003) (12 entrevistas) mais os dados levantados em outras 10 entrevistas, também de Porto Alegre/RS, também do banco VARSUL. A autora pôde, nesta análise, corroborar os resultados da anterior: (a) a ressilabação de /l/ parece ser a opção padrão em fronteira de palavra fonológica (0,76 de peso relativo), sem distinção significativa entre interior de compostos (ex., ‘mil e oitocentos’) e fronteira de palavra fonológica (ex., ‘material elétrico’); (b) não há ressilabação em limites de enunciados (U); (c) há uma forte tendência a não ressilabar em fronteira de frase entoacional (I); e (d) há, enfim, claramente, efeitos restritivos em constituintes prosódicos maiores. Esses resultados conduzem à ideia de que o falante recorre à informação prosódica ao escolher a variante que usará.

Nesse mesmo estudo, Collischonn também faz uma análise em termos de estrutura fonológica que apresenta uma série de questionamentos a análises que consideram a vocalização um processo de simplificação da estrutura silábica. Como a autora menciona, o fenômeno de vocalização é atestado desde o Latim Vulgar (HAHN, 2008). No entanto, não há processo de mudança comparável a esse que tenha sido observado em outras variedades do português, especialmente no português europeu. Para Leite, Callou e Moraes (2002), a razão dessa mudança seriam restrições referentes à estrutura silábica do PB, que apresenta uma tendência a reduzir a coda silábica visando ao padrão CV. Assim, a vocalização seria um

estágio do processo que acabaria com a perda total do segmento. Considerando o português do sul do Brasil, Collischonn (2008) não acredita que essa ideia seja plausível, uma vez que não se encontram muitos dados de fala com apagamento de [l] pós-vocálico. Assim, se o apagamento de /l/ em coda fosse o fim do processo de mudança, nessa variedade do PB, estaríamos longe de alcançá-lo. Mesmo em outras variedades do português em que há registros de apagamentos, esses são esporádicos e parecem estar relacionados a falantes de baixa escolaridade.

Collischonn (2008) ainda cita a proposta de que /l/ é vocalizado porque está ligado ao núcleo da sílaba em PB (GIRELLI, 1988; MORALES-FRONT; HOLT, 1997). A “nuclearização consonantal” levaria à realização da lateral como uma vogal. Para a autora, esta proposta seria uma variante da anterior, pois prevê a eliminação da coda, com a diferença de que, neste caso, não está implicado o apagamento do segmento. Nesta proposta, a estrutura silábica de ‘mel’, por exemplo, seria diferente em PB e em PE. Collischonn (2008) argumenta que outras evidências de comportamento distinto desses segmentos na fonologia de cada um dos dialetos não encontram suporte para essas diferenças em estrutura silábica.

Collischonn (2008), enfim, observa que a vocalização da lateral em coda é uma tendência atestada em diferentes línguas, as quais não apresentam a propensão a eliminar codas. Isso indica, segundo a autora, que a explicação para o fenômeno não está exclusivamente relacionada às condições silábicas de boa formação; tem a ver com as propriedades características de segmentos líquidos, como sugerem diversas pesquisas sobre o tema (SPROAT; FUJIMURA, 1993; WALSH, 1997). Assim, a representação fonológica de segmentos laterais parece ter um papel fundamental no processo de vocalização (COLLISCHONN, 2008, p. 180).

No trabalho de Schwindt (2012), analisa-se a influência da morfologia sobre fenômenos fonológicos variáveis, como o da vocalização da lateral pós-vocálica. Na verdade, trata-se de uma reanálise dos dados de Collischonn e Quednau (2009) para verificar se fatores morfológicos podem atuar como motivadores de variação.

No estudo de Collischonn e Quednau (2009), foi constatado que a vocalização é mais frequente quando /l/ encontra-se em posição final de palavra (sem diferença significativa para as variantes *raiz* e *suífixo*), e o índice de aplicação é ainda maior em fronteira interna de um composto (ex., ‘papel higiênico’). Schwindt (2012), então, busca uma explicação para a preferência pela sílaba final sobre a medial nesse processo de mudança e constata, após analisar separadamente os suífixos -vel, -il, -al dos dados e realizar algumas amalgamações, que a vocalização é um fenômeno do domínio da sílaba, mas que deve estar circunscrito ao contexto de fronteira de palavra fonológica.

É isso que confirma, inclusive, o único resultado de *meio de palavra* com valor [de peso relativo] acima de 0,50: o suífixo -vel, que, na

totalidade dos dados vem seguido por *-mente*, um sufixo com *status* de palavra independente em português (SCHWINDT, 2012, p. 123).

Schwindt (2012) realizou um cruzamento dos grupos de fatores *contexto morfológico e acento*, pois Collischonn e Quednau (2009) encontraram maiores índices de aplicação da regra em sílabas pretônicas e tônicas e menores índices em sílabas postônicas e monossílabos, e pôde observar, no *corpus*, a grande incidência de sufixos que atraem acento – ou autoacentuados – em posição final de palavra fonológica. Esses resultados das autoras chamam a atenção se considerarmos seus resultados anteriormente mencionados, de que a vocalização é favorecida em fronteira de palavra fonológica – que coincide, de modo geral, com a posição postônica. Entretanto, o autor pondera que esses resultados também não indicam influência da morfologia no processo, uma vez que afixos autoacentuados preservam esse traço fonológico independentemente de suas propriedades morfológicas.

Schwindt (2012) conclui, em sua reanálise, que o fator motivador da vocalização é a configuração prosódica, uma vez que o processo é favorecido em fronteira de palavra fonológica. Conforme o autor, esse contexto se confunde com posições fonológicas de maior proeminência devido a uma herança acentual e não apresenta relação alguma com morfologia transparente. É possível, no entanto, que o fato de Collischonn e Quednau (2009) terem encontrado baixos índices de aplicação da regra em monossílabos indique que o processo acessa alguma informação morfológica, o que precisaria de mais investigação para afirmações mais precisas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso levantamento bibliográfico de estudos realizados sobre a lateral /l/ pós-vocálica nos conduz a inferir que, pelo menos nas capitais estudadas, o processo de mudança sonora de [l] → [w] encontra-se na Fase II do ciclo de evolução (em especial, BATTISTI; MORAS, 2016; MORAS, 2017). Retomando, na Fase II, o padrão gradiente passa a ser foneticamente categórico, com o desenvolvimento concomitante de uma nova regra fonológica como contrapartida à regra fonética original. Ainda não há referência à estrutura lexical ou morfológica. Uma regra fonológica que atingiu a Fase II, ou seja, que deixou de ser gradiente, e que permanece livre de idiosincrasias lexicais é, então, fonética e lexicalmente abrupta. Entretanto, como Bermúdez-Otero (2007a) reconhece, esse tipo de situação é difícil de detectar, pois as fronteiras entre aplicação gradiente e categórica não são fáceis de estabelecer.

O que podemos afirmar, com um pouco mais de convicção, é que a vocalização de /l/ não atingiu a Fase III, uma vez que, nessa etapa, regras tornam-se sensíveis à estrutura morfossintática, muitas vezes com uma redução no seu domínio

de aplicação, e podem também desenvolver exceções lexicais. Esse não é o caso, como podemos ver em Costa (2003), Collischonn e Costa (2003), Collischonn (2008) e Schwindt (2012).

Se considerássemos viável a noção de telescopia defendida por Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), poderíamos dizer que a vocalização da lateral encontra-se na Fase I, não só pelo processo estar em estágio inicial, mas também por as mudanças fonológicas se originarem de problemas de coordenação entre falante e ouvinte. Segundo Bermúdez-Otero (2007a), os dois mecanismos resultantes desse problema são o de hipocorreção e o de hipercorreção, nos quais o ouvinte não percebe o estímulo da forma que o falante intencionou produzi-lo. Daí a ideia de $l > l^w > w$ e as variáveis sociais, especialmente etnia, serem consideradas favorecedoras da aplicação da regra.

E a regra de velarização? Poderíamos dizer que essa regra encontra-se na Fase I? Se considerarmos também a noção de telescopia (estágio inicial do processo de mudança) e a análise de percepção realizada por Costa (2003) – na qual constatou-se que os falantes apresentavam dificuldades para distinguir a lateral velarizada devido a, possivelmente, esse alofone não fazer parte de seu inventário fonético – acreditamos que sim. Neste caso, poderíamos deduzir que, no português brasileiro, a regra de velarização é mais nova que a de vocalização, diferentemente do inglês.

Faz-se necessário esclarecer que este trabalho terá prosseguimento e será feita uma coleta de dados para ampliar e intensificar a análise da proposta de Bermúdez-Otero (2007a, b; 2012a, b, c; 2013).

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V. *et al.* **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Vol. 2 – Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Editora da UFPR, Editora da UFSC, 2002.
- AZAMBUJA, E. **A aquisição das líquidas laterais do português: um estudo transversal**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. **Gragoatá**, n. 40, p. 90-112, 2016.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. Diachronic phonology. In: DE LACY, P. (Ed.) **The Cambridge handbook of phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a. p. 497-517.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. **Word-final prevocalic consonants in English: representation vs derivation**. Paper presented at the Old World Conference in Phonology 4, Rhodes. 2007b.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. **Phonological change and phonology's interfaces** (Day 1). IV Seminário Internacional de Fonologia, Porto Alegre, 23 Abril 2012a.

- BERMÚDEZ-OTERO, R. **Phonological change and phonology's interfaces** (Day 2). IV Seminário Internacional de Fonologia, Porto Alegre, 24 Abril 2012b.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. **Traces of change in synchronic phonology**: English syllabification and the life cycle of lenition. IV Seminário Internacional de Fonologia, Porto Alegre, 26 Abril 2012c.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. Amphichronic explanation and the life cycle of phonological processes. In: HONEYBONE, P.; SALMONS, J. (Eds). **The Oxford handbook of historical phonology**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1-35.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Ed.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999a. p. 229-241.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Ed.). **Gramática do Português Falado**. Vol. VII: Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999b. p. 701-742.
- BOOIJ, G.; RUBACH, J. Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. **Linguistic Inquiry**, v.18, n. 1, p. 1-44, 1987.
- CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**, n. 2, p. 225-252, 1985.
- CLEMENTS, G. N. **On the representation of vowel height**. Não publicado, 1989.
- CLEMENTS, G. N. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. **Workings papers of Cornell phonetics laboratory**, n. 5, p. 77-123, 1991.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.) **The handbook of the phonological theory**. London: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 135-170.
- COLLISCHONN, G. Variable aspects of Brazilian Portuguese phonology: the laterals in coda. In: BISOL, L.; BRESCANSINI, C. R. (Ed.) **Contemporary Phonology in Brazil**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 177-192.
- COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, n. 2, p. 31-54, 2003.
- COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul. In: ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-12.
- COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. As laterais variáveis da Região Sul. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.) **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 154-176.
- COSTA, C. F. Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país. **Working Papers in Linguistics**, v. 2, p. 31-44, 1998.
- ESPIGA, J. O. **Português dos Campos Neutrais**: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

- GIRELLI, C. A. **Brazilian Portuguese syllable structure**. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 1988.
- HAHN, L. H. **O /L/ pós-vocálico do latim ao português**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- HAHN, L. H. A lateral sob uma perspectiva diacrônica. In: ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-8.
- HARRIS, J. Towards a lexical analysis of sound change in progress. **Journal of Linguistics**, v. 25, n. 1, p. 35-56, 1989.
- HERNANDORENA, C. Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. **Letras de Hoje**, v. 30, n. 4, p. 91-110, 1995.
- JOHNSON, W.; BRITAIN, D. L. Vocalization as a Natural Phenomenon. **Language Sciences**, n. 29, p. 294-315, 2007.
- KIPARSKY, P. From cyclic phonology to lexical phonology. In: VAN DER HULST, H.; SMITH, N. (Orgs.). **The structure of phonological representations** (Parte 1). Dordrecht: Foris, 1982. p. 131-176.
- KIPARSKY, P. Phonological change. In: NEWMeyer, F. (Ed.) **Linguistics: the Cambridge survey**. Vol. 1 Linguistics Theory: Foundations. Cambridge: CUP, 1988. p. 363-416.
- KIPARSKY, P. **Variable rules**. Handout, Rutgers Optimality Workshop 1. 1993.
- LABOV, W. Resolving the Neogrammarian Controversy. **Language**, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. V. 1. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LEITE, Y. F., CALLOU, D. M. I., MORAES, J. A. Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Orgs.) **Gramática do Português Falado**. V. III: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 537-555.
- LEITE, Y. F., CALLOU, D. M. I., MORAES, J. A. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (Orgs.) **XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: textos selecionados**. Lisboa: APL, 2007. p. 423-430.
- LOPEZ, B. S. **The sound pattern of Brazilian Portuguese: Cariocan dialect**. Tese (Doutorado) – University of California, Los Angeles, 1979.
- MACHADO, L.; CALLOU, D. **A vocalização do /l/ em posição de coda silábica: português europeu / português brasileiro**. Apresentação em painel no 54º Congresso do GEL. Araraquara, São Paulo, 2006.
- MORALES-FRONT, A.; HOLT, D. E. On the interplay of morphology, prosody, and faithfulness in Portuguese pluralization. In: MARTÍNEZ-GIL, F.; MORALES-FRONT, A. (Eds.) **Issues in the phonology and morphology of the Major Iberian Languages**. Washington, D.C.: Georgetown Univ. Press, 1997. p. 393-437.
- MORAS, V. T. **A vocalização do L em cada silábica: análise em tempo real em duas comunidades do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- OLIVEIRA, M. A. **Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids**. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1983.

QUEDNAU, L. R. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho**: análise variacionista e representação não-linear. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SÁ, E. J. **Varição do /l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SCHWINDT, L. C. Condicionamento morfológico em fenômenos fonológicos variáveis do PB. **Letras & Letras**, v. 28, p. 115-127, 2012.

SCOBIE, J. M.; WRENCH, A. A. An articulatory investigation of word final /l/ and /l/-sandhi in three dialects of English. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 2003, Barcelona. **Proceedings...** Barcelona, 2003. p. 1871-1874.

SPROAT, R.; FUJIMURA, O. Allophonic variation of American English /l/ and its implications for phonetic implementation. **Journal of Phonetics**, n. 21, p. 291-311, 1993.

TASCA, M. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TASCA, M. A preservação da lateral alveolar na coda: uma explicação possível. **Letras de Hoje**, v. 35, n. 1, p. 331-354, 2000.

TEIXEIRA, E. P. Variação fonológica na região de Monte Santo. A consoante /l/. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 1, n. 17, p. 59-65, 1995.

TENANI, L. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

WALSH, L. **The phonology of liquids**. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts Amherst, 1997.

WETZELS, L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais no português do Brasil. **Revista de Letras**, n. 22, v. 1/2, p. 25-30, 2000.

***O status* das regras de sândi externo no português brasileiro**

Juliana Escalier Ludwig Gayer

Universidade Federal da Bahia

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir sobre o *status* das regras de sândi vocálico que ocorrem entre palavras no português brasileiro. Para tanto, apresentaremos, em um primeiro momento, uma reconsideração em relação à divisão dos fenômenos de sândi na língua em questão. A seguir, mostraremos as evidências que alguns autores encontram para considerar o sândi um processo fonológico, enquanto outros dizem que, na realidade, estamos diante de um fenômeno fonético ou coarticulatório. Para o português brasileiro, consideraremos a existência de dois tipos de sândi, o fonológico e o fonético (ou coarticulatório). A distinção entre processos fonéticos e fonológicos será considerada de acordo com as ideias de Bermúdez-Otero (2007; 2012), que faz uma gradação mais fina entre implementação fonética e componente fonológico.

2. RECONSIDERANDO OS CASOS DE SÂNDI EXTERNO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os processos de sândi vocálico que ocorrem entre palavras no português brasileiro têm seus contextos de aplicação bem delimitados. A elisão, por exemplo, se aplica no contexto de vogal /a/ mais outra vogal, diferente de /a/. Com a aplicação da regra, há o apagamento da vogal baixa /a/, geralmente quando a vogal que segue /a/ é posterior (restrição segmental)¹. Vejamos alguns exemplos.

¹ Embora elisões de outras vogais também ocorram, mas sem ter um caráter geral (v. BRESCANCINI; BARBOSA, 2005, p. 41-42).

- (1) **camisa usada** > cami[zu]sada (/u/ é posterior)
merenda escolar > merend[e]scolar (/e/ é frontal)²

Já a degeminação ocorre quando as duas vogais da sequência são semelhantes (restrição segmental), como vemos a seguir.

- (2) **camisa amarela** > cami[za]marela
leque escuro > lequ[i]scuro

O terceiro e último processo de sândi externo que ocorre em português brasileiro é a ditongação. Nesse caso, o contexto de aplicação compreende uma sequência de duas vogais, desde que uma das vogais seja alta (restrição segmental), ou tenha potencial para se tornar alta, e átona (restrição rítmica), a qual se torna glide para a formação do ditongo. Os exemplos de ditongação são:

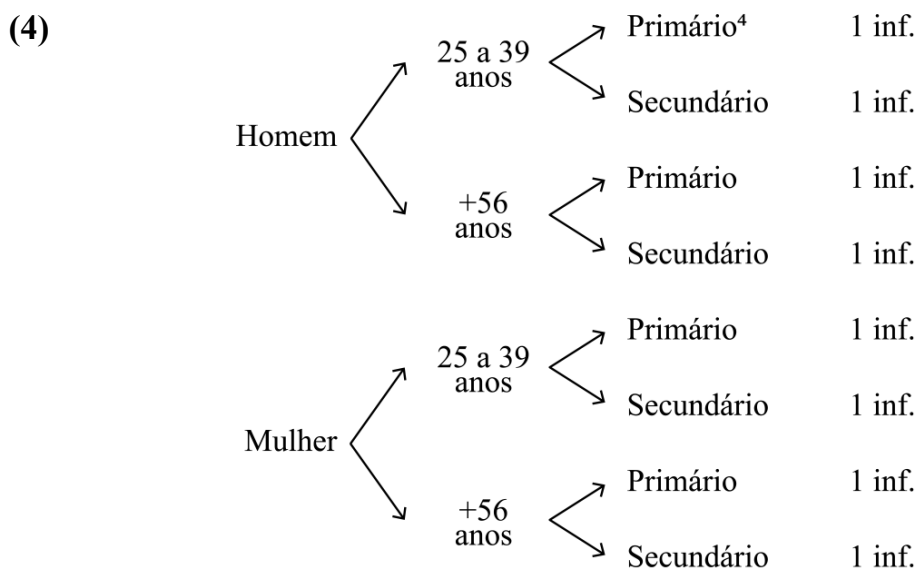
- (3) **camisa usada** > cami[zaw]sada ([u] é alta e ambas as vogais são átonas)
verde amarelo > verd[dja]marelo ([i] é alta e ambas as vogais são átonas)
está estranho > es[tajs]tranho ([i] é alta e apenas V₁ é tônica)
come ostra > co[mjos]tra ([i] é alta e apenas V₂ é tônica)
revi isso > *revjisu ([i] é alta, mas ambas as vogais são tônicas)
bambu alto > *bamb[wa]lto ([u] é alta, mas ambas as vogais são tônicas)³

Apesar desses contextos de aplicação específicos para cada regra, resultados de pesquisas anteriores parecem indicar algumas evidências para se considerarem dois grupos distintos de processos, um contendo os casos de elisão e degeminação e outro contendo os casos de ditongação. Vejamos quais os motivos para tal separação.

Os dados que serão considerados neste trabalho foram coletados em nossa pesquisa de mestrado, detalhada em Ludwig-Gayer (2008). Retiramos esses dados de oito entrevistas da cidade de São Borja (RS) que compõem o banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). A distribuição dos informantes foi regulada pelas variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade*, conforme segue.

² Os exemplos foram retirados de Collischonn (2005).

³ Estes exemplos foram adaptados de Collischonn (2005) e Bisol (2002b).



Os resultados de nossa pesquisa anterior indicaram, em primeiro lugar, taxas mais altas de ocorrência da elisão e da degeminação do que de ocorrência da ditongação na fala de informantes da cidade de São Borja/RS. Por exemplo, nos 772 contextos propícios à ditongação, ou seja, em que uma das vogais da sequência é átona e alta (ou com potencial para se tornar alta), encontramos os seguintes resultados.

(5)	DITONGAÇÃO (‘desde os’)	{	ditongação (‘desd[jo]s’)	12% ⁵
			não-aplicação (‘desde os’)	87%

Nos 784 contextos propícios à elisão, consideramos também a possibilidade da ditongação para os casos de vogais átonas e altas. Nossos resultados foram:

(6)	ELISÃO (‘nessa estação’)	{	elisão (‘ness[e]stação’)	55%
			ditongação (‘ness[aj]stação’)	8%
			não-aplicação (‘nessa estação’)	35%

E, na análise da degeminação, dos 606 contextos propícios à regra, chegamos aos seguintes números.

(7)	DEGEMINAÇÃO (‘que ele’)	{	degeminação (‘qu[e]le’)	76%
			ditongação (‘qu[je]le’)	3%
			não-aplicação (‘que ele’)	20%

⁴ Em relação à escolaridade, nos dados referentes a São Borja (RS) do Projeto VARSUL, primário corresponde ao período de 1 a 4 anos de escolaridade, enquanto secundário corresponde ao período de 9 a 11 anos de escolaridade.

⁵ Estas porcentagens não somam 100%, porque foram feitas aproximações das casas decimais.

O que podemos observar com essas diferenças nas taxas de aplicação das regras de elisão e degeminação de um lado e de ditongação de outro é que a ditongação não é preferida quando um dos outros dois processos é possível, e ainda que, mesmo nos contextos em que a ditongação seria a única opção, ela é bem menos frequente do que os demais processos.

Além disso, a pesquisa anterior demonstrou padrões de ocorrência para os casos de elisão e degeminação distintos dos padrões para os casos de ditongação, ou seja, nos contextos em que a elisão e a degeminação ocorrem com mais frequência, a ditongação parece não ocorrer normalmente, e vice-versa. Enquanto a elisão e a degeminação, por exemplo, ocorrem com maior frequência em fronteiras de palavras maiores que V, como em ‘trinta ovelhas’ ou ‘coisa assim’, o contexto preferencial de aplicação da ditongação, em nossos dados, é a combinação de duas vogais, como em ‘e o’, ou ainda quando a primeira palavra é constituída apenas por V, como em ‘o apelido’.

Ainda encontramos em nossos resultados anteriores que, enquanto os processos de elisão e degeminação são aplicados mais em ambientes de atonicidade máxima, como em ‘guerra econômica’ ou ‘compro oitenta’, a ditongação se aplica mais frequentemente quando uma das vogais for acentuada, principalmente quando o acento nuclear recair em V2, como em ‘dezenove anos’. Outra questão interessante é que os processos de elisão e degeminação são preferidos quando temos uma distância de duas ou mais sílabas entre os acentos das palavras, como em ‘minha opinião’ ou ‘agora atualmente’, ao passo que a ditongação é mais aplicada quando essa distância é de apenas uma sílaba, como em ‘existe uma’.

Esses padrões de aplicação encontrados em nossos dados sugerem uma reconsideração da classificação dada a esses processos⁶. Sabemos que os processos de sândi vocálico são agrupados por terem em comum o fato de reduzirem uma sequência fonológica composta de duas sílabas a apenas uma sílaba, seja através do apagamento da vogal (elisão), seja pela fusão com a vogal adjacente (degeminação), ou ainda pela transformação de vogal em semivogal (ditongação). Porém, nossos resultados parecem sugerir que, na realidade, estamos diante de dois processos com comportamento semelhante (elisão e degeminação) e um com comportamento distinto (ditongação).

Outros argumentos a favor dessa nova divisão são encontrados nos trabalhos de Bisol (2002a) e de Collischonn (2007). Bisol (2002a), por exemplo, ao conceituar cada um dos processos de sândi externo, afirma que a ditongação, diferentemente dos outros dois processos, preserva todos os segmentos; isto é, en-

⁶ É importante deixar claro que as conclusões, embora se refiram apenas a esta amostra, estão sendo generalizadas para o PB como um todo, com base na hipótese de que a fala de São Borja não seja, no que se refere ao sândi, muito diferente das outras variedades.

quanto na ditongação não há apagamento, na elisão e na degeminação, há o apagamento de um dos segmentos. Além disso, a autora separa os processos de elisão e de degeminação ao delimitar que essas regras “são controladas por uma restrição rítmica: não se aplicam se incidirem sobre a sílaba que porta o acento principal” (p. 231). Da mesma forma, Collischonn (2007) separa a ditongação dos outros dois processos ao verificar que ela não sofre os mesmos bloqueios. Assim como sugere Bisol (2002a), Collischonn (2007, p. 220) afirma que “o acento bloqueia o sândi (exceto a ditongação)”. Vemos aqui que as regras de elisão e de degeminação já pareciam apresentar algumas restrições que não eram relevantes, por exemplo, na análise da ditongação.

Para dar conta dos padrões encontrados em outros trabalhos, sugerimos que os dois grupos se dividam da seguinte forma: em um deles estariam os casos de elisão e de degeminação, os quais ocorreriam para reparar qualquer sequência de duas vogais, seja de hiato (VV) seja de ditongo (VG ou GV); no segundo grupo, estariam os casos de ditongação, que se aplicaria apenas para reparar hiato.

(8)	Grupo 1	VV	VG	GV
	elisão	estava olhando > estav[o]lhando	minha Iemanjá > minh[je]manjá ⁷	-
	degeminação	vizinha ali > vizinh[a]li	vende iate > vend[ja]te	sugou um > sugo[ũ]m
	Grupo 2	VV	VG	GV
	ditongação	precisando aquele > precisand[wa]quele		

Visto que somente as vogais altas podem se tornar glides, não temos contextos em que a vogal baixa /a/ seja glide. Por esse motivo, não há casos de elisão em contexto GV. Para os demais contextos, encontramos as regras de elisão e degeminação se aplicando tanto em sequências de hiato quanto de ditongo. Em relação à ditongação, ela se aplica em contexto VV, já que seria impossível ela se aplicar quando já temos um ditongo na sequência.

Dessa forma, temos mais contextos propícios às regras de elisão e de degeminação do que à regra de ditongação. Talvez essa diferença de contextos já seja um indício para as altas taxas de aplicação das regras de elisão e de degeminação e as baixas taxas de ditongação encontradas na pesquisa anterior. Ou seja, a elisão e a degeminação são mais frequentes, pois elas ocorrem em um maior número de

⁷ Neste caso, indicamos uma das possíveis produções da sequência, já que também há variação entre ditongo e hiato em palavras como ‘Iemanjá’ e ‘iate’.

contextos.

Após esta reconsideração da divisão feita até agora dos processos de sândi vocálico em português, apresentaremos, na próxima seção, os argumentos levantados por alguns autores em relação ao *status* fonético ou fonológico dos fenômenos de sândi.

3. FENÔMENO FONOLÓGICO OU COARTICULATÓRIO?

Uma das discussões levantadas em relação aos processos de sândi externo é se eles são fenômenos fonológicos ou coarticulatórios, ou seja, eles estariam na gramática, ou não passariam de processos de performance ou uso efetivo da língua, de acordo com a dicotomia que o modelo gerativista propõe? Nessa perspectiva, ou os fenômenos de sândi se aplicariam no componente fonológico ou no nível fonético.

Em meados dos anos 90, muitos trabalhos questionaram a categoricidade do sândi. Selkirk (1986), por exemplo, considera que algumas regras de sândi podem ocorrer no nível da implementação fonética, pois essas regras são variáveis e sensíveis à velocidade da fala. Mas ela também considera um outro tipo de regra: o de sândi fonológico. Este último tipo se aplica em um módulo exclusivamente fonológico, já que parece não ser sensível à velocidade da fala, não variar o seu domínio e não ter aplicação gradiente. Para entendermos melhor essa divisão, é necessário explicar os conceitos associados aos termos *categorico* e *gradiente* segundo Bermúdez-Otero (2007).

Bermúdez-Otero (2007) propõe a palavra “categorico” como sinônima de “abrupto”, o que significa dizer que um processo é foneticamente abrupto ou categorico se envolver a substituição de uma categoria fonológica discreta por outra. Sua contraparte, nesse caso, seria a palavra “gradiente” ou “gradual”, no sentido de que o processo é foneticamente gradual ou gradiente quando envolve uma mudança contínua no espaço fonético. Explicitamos essas questões pelo fato de o termo “categorico” também poder se contrapor ao termo “variável”. Nesse caso, “categorico” seria um processo aplicado sempre que houver contexto, e “variável” seria um processo aplicado de forma aleatória, às vezes aplica e outras não. Neste trabalho, o termo “categorico” será utilizado se referindo a abrupto, tendo o termo “gradiente” como contraparte. Retomaremos esses conceitos nas próximas seções, quando apresentarmos a proposta de representação dos níveis de Bermúdez-Otero (2012).

Para exemplificar os casos de sândi fonológico, considerados categoricos ou abruptos, Selkirk (1986) lista o fenômeno de *liaison*. O fenômeno de *liaison* é

um exemplo de sândi consonantal que ocorre entre palavras no francês. Nessa língua, quando temos a primeira palavra de uma sequência terminada por consoante, esse segmento pode ser produzido ou não. Ele será produzido quando a segunda palavra começar por vogal (9a); e não será pronunciado quando a segunda palavra começar por consoante (9b). Nesse caso, é a consoante final da palavra que é afetada.

- | | | | |
|-----|----|-----------------|----------------|
| (9) | a) | dans une salle | “em um quarto” |
| | b) | dan(s) la salle | “no quarto” |

Fonte: Adaptado de Kager e Zonneveld (1999, p. 5)

Kager e Zonneveld (1999) afirmam que o processo de *liaison* do francês ocorre mais frequentemente em um estilo de fala do que em outros, ou seja, parece que estamos diante de um processo condicionado estilisticamente. No estilo informal, por exemplo, há poucos contextos de *liaison*, enquanto, no estilo formal, encontramos o maior número de contextos. Há ainda um estilo intermediário, denominado estilo sério e cuidadoso. Apesar de o primeiro estilo ter menos contextos, a consoante é apagada mais frequentemente. Dessa forma, conforme os autores, pode-se dizer que essa regra de sândi está presente na gramática de um estilo, mas não nas gramáticas dos outros. Nesse caso, então, estilo é considerado parte da gramática e não da performance, e cada estilo diferente constitui uma gramática diferente.

No entanto, vimos que algumas regras de sândi vocálico são consideradas por Selkirk (1986, p. 375) exemplos de regras fonéticas, por terem uma aplicação gradiente. Uma análise do sândi vocálico como processo gradiente é apresentada em Albano (1999). Essa autora analisa a elisão em português entre /a/ átono e outra vogal também átona, como em ‘cara idoso’. Segundo Albano (1999, p. 38), a pronúncia dessa sequência “tem, pelo menos, três versões: uma com encontro vocálico nítido, uma muito próxima de ‘caridoso’ e outra intermediária, onde os valores de F1 e F2 logo após a liberação do [R] evidenciam um breve resquício de [a]”. A conclusão a que a autora chega é que, em uma fala lenta, o hiato permanece; em uma fala rápida, há o apagamento de [a]; e em uma fala moderada, o [a] não é completamente apagado e resquícios dessa vogal ainda podem ser identificados na análise acústica. Nota-se, então, que há uma certa gradiência na aplicação da elisão. Para Albano (1999), essa gradiência é argumento contrário à abordagem do sândi pela Fonologia Autossegmental, baseada em traços distintivos, e favorável a uma abordagem pela Fonologia Articulatória, baseada em gestos articulatorios.

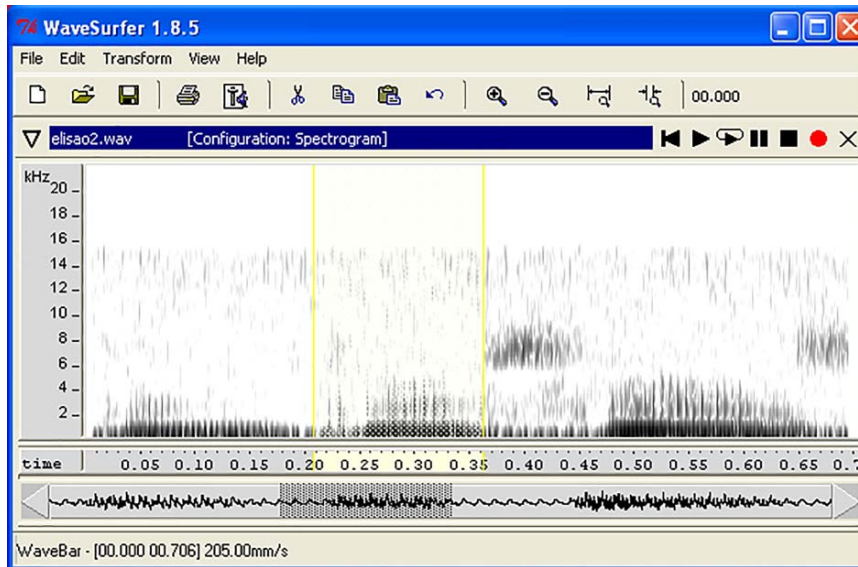
Albano (1999) ainda traz o processo de palatalização como um argumento favorável à aplicação gradiente da elisão. Conforme a autora, diferentemente do

que ocorre no domínio da palavra, quando a elisão se aplica e cria contexto para a palatalização, esta última não ocorre no falar carioca, como em ‘mui[ti]dade’. E seria problemático tentar explicar, em uma perspectiva fonológica, a não ocorrência da palatalização no exemplo dado. Primeiro, teríamos de supor que a não aplicação se dá devido a um caso de contra-alimentação, e, para tanto, teríamos que considerar que a palatalização seria um processo lexical, enquanto a elisão seria pós-lexical. Porém, a palatalização também é um processo opcional e, consequentemente, teria de fazer parte do pós-léxico. Sendo os dois processos pós-lexicais, eles não poderiam ser ordenados um em relação ao outro. Então como explicar que, em um mesmo dialeto, temos a palatalização em ‘tinha’ e não temos em ‘muitidade’? Segundo Albano (1999), a Fonologia Articulatoria consegue explicar de maneira adequada essa não aplicação da palatalização. Nessa perspectiva, é o resquício (ou gesto, segundo a teoria) de [a] que faz com que o contato entre /t/ e /i/ não seja efetivado, não criando então contexto para a ocorrência da palatalização.

No entanto, embora reconhecendo que o sândi possa, no nível fonético, apresentar grande variabilidade de realização, desde apagamento total da vogal até uma breve realização de transição, consideraremos que o sândi que percebemos na fala normal tenha características de processo fonológico, podendo também ser analisado pela Fonologia Autossegmental, pela Teoria da Otimidade, entre outras teorias fonológicas.

Essa consideração do sândi como fenômeno fonológico está pautada em verificação acústica realizada durante a pesquisa de mestrado (LUDWIG-GAYER, 2008). Nesse período, todos os contextos de sândi identificados nos dados de São Borja foram verificados auditivamente e acusticamente. No caso específico da elisão, por exemplo, verificamos se a vogal /a/ estava presente na fala do informante ou se havia sido elidida. O exemplo a seguir traz um esboço de como foi feita essa análise. A sequência dita pelo falante é ‘trinta e seis’, a qual foi pronunciada ‘trint[e] seis’.

(10) Elisão

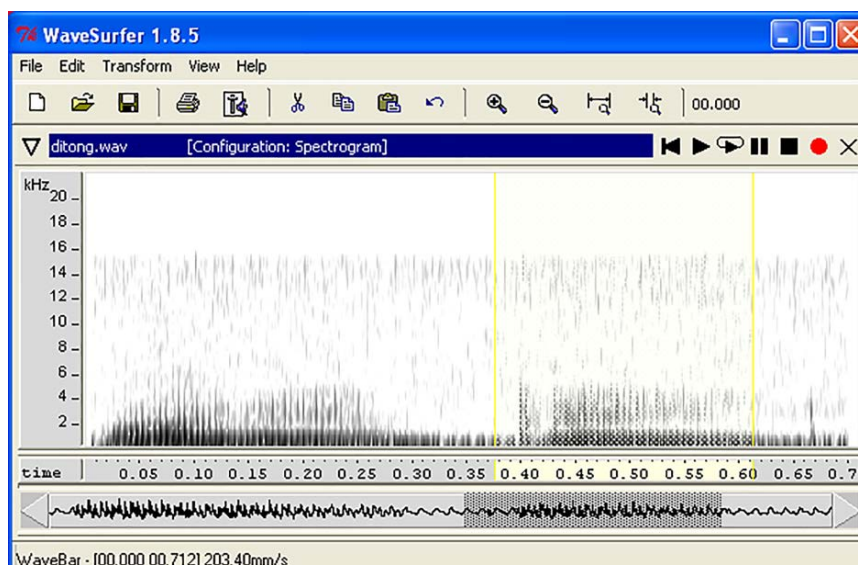


Fonte: Ludwig-Gayer (2008, p. 53)

A parte entre as linhas amarelas representa justamente a consoante oclusiva /t/ e a vogal /e/. Vemos que, logo depois da segunda linha amarela, há sinais da consoante /s/. Então, entre as consoantes /t/ e /s/, parece haver apenas uma vogal: a vogal /e/, pois não há movimento formântico visível. Nesse caso, percebemos que a vogal /a/ foi elidida, ou seja, que a elisão foi aplicada, não sendo possível visualizar resquícios dessa vogal.

Já na análise dos contextos de ditongação, consideramos casos de aplicação do fenômeno quando percebemos uma curva entre a vogal plena e a semivogal. Podemos visualizar essa curva no exemplo a seguir, o qual traz a representação da pronúncia ‘quarent[aj]’ para a sequência ‘quarenta e’.

(11) Ditongação



Fonte: Ludwig-Gayer (2008, p. 54)

A partir da observação do exemplo acima, pode-se dizer que, entre as linhas amarelas, estão representados os seguintes segmentos: consoante oclusiva /t/, vogal /a/ e semivogal /j/. Conclui-se que estamos diante de um ditongo pelo fato de verificarmos uma ligeira curva durante a passagem da produção da vogal à semivogal.

Em nossos dados, não encontramos resquícios da vogal [a] em nenhum caso de aplicação da elisão, visto que só consideramos aplicação da elisão quando a vogal foi completamente apagada (em 55% dos casos). Como, nesse contexto, a ditongação também é uma opção, ela normalmente ocorre quando a elisão não se aplica. Nos dados verificados, quando a vogal [a] não é elidida, e conseguimos perceber seus formantes no espectrograma, normalmente o que parece ocorrer é a ditongação (em 8% dos contextos propícios à elisão). Dessa forma, quando resquícios da vogal [a] foram verificados nos espectrogramas, consideramos casos de ditongação e não de elisão.

Nessa perspectiva, para verificar a hipótese de que o sândi que percebemos na fala normal tem características de processo fonológico, buscamos testar a questão em uma pequena amostra dos nossos dados da cidade de São Borja. Verificamos a taxa de elocução em dez ocorrências de aplicação da elisão produzidas por dois informantes, um homem e uma mulher. A taxa de elocução (ou *speaking rate*, conforme LAVER, 1994) foi medida contando quantas sílabas eram produzidas em 1 segundo. Para tanto, segmentamos o trecho de um segundo em torno de uma ocorrência de sândi e contamos quantas sílabas completas há nesse trecho. Nos casos em que encontramos indícios de outros segmentos sendo produzidos no trecho, mas que não formavam uma sílaba (sílabas incompletas), esses segmentos foram desconsiderados. Por exemplo, no trecho ‘de roupa usada, roupa inteirinha’, encontramos dois contextos de aplicação da elisão: ‘roupa usada’ e ‘roupa inteirinha’. Segmentamos as sílabas que foram produzidas nas ocorrências, considerando o que mais estaria sendo produzido dentro de um segundo. No primeiro caso, encontramos seis sílabas sendo produzidas em um segundo: [dʒi.xo.pu.za.da.xo]. No segundo caso, encontramos sete sílabas sendo produzidas em um segundo: [za.da.xo.pĩ.te.ri.ɲa].

É importante ressaltar que, nas entrevistas que foram analisadas nesta etapa, não encontramos contextos de aplicação da elisão em produções de fala com menos de cinco sílabas por segundo, por isso esses contextos não foram testados. O informante homem, por exemplo, teve momentos de fala lenta (quatro sílabas por segundo), fala média (seis sílabas por segundo) e fala rápida (nove sílabas por segundo)⁸, e a elisão ocorreu em taxas de elocução de seis a nove sílabas por se-

⁸ Estabelecemos esta classificação a partir da nossa percepção da fala de cada informante e contando as sílabas produzidas em diferentes trechos.

gundo, como vemos no seguinte quadro.

(12) Aplicação da elisão e taxa de elocução - informante homem

Ocorrências	Fala lenta		Fala média			Fala rápida
	4 sil/s	5 sil/s	6 sil/s	7 sil/s	8 sil/s	9 sil/s
1			x			
2				x		
3						x
4						x
5				x		
6				x		
7			x			
8				x		
9			x			
10			x			

Percebemos que o falante masculino aplicou a elisão (apagamento completo da vogal [a]) quatro vezes com uma taxa de elocução de seis sílabas por segundo (fala média); quatro vezes com uma taxa de elocução de sete sílabas por segundo (fala de transição: média para rápida); e duas vezes com uma taxa de elocução de nove sílabas por segundo (fala rápida).

No caso da informante mulher, verificando sua entrevista, ela teve momentos de fala lenta (três sílabas por segundo), fala média (cinco sílabas por segundo) e fala rápida (sete sílabas por segundo), e a elisão se aplicou em taxas de elocução de cinco a sete sílabas por segundo, como vemos no quadro.

(13) Aplicação da elisão e taxa de elocução - informante mulher

Ocorrências	Fala lenta		Fala média		Fala rápida
	3 sil/s	4 sil/s	5 sil/s	6 sil/s	7 sil/s
1					x
2			x		
3				x	
4			x		
5			x		
6				x	
7				x	
8			x		
9			x		
10			x		

Percebemos que a informante aplicou a elisão seis vezes com uma taxa de elocução de cinco sílabas por segundo (fala média); três vezes com uma taxa de elocução de seis sílabas por segundo (fala de transição: média para rápida); e uma vez com uma taxa de elocução de sete sílabas por segundo (fala rápida).

Esse breve teste nos dá indicativos de que a elisão não se aplica unicamente em casos de fala rápida. Em nossos dados, a elisão se aplicou mais em contextos de fala média. Dessa forma, embora reconheçamos que a verificação realizada tem um caráter exploratório, podemos considerar que a aplicação da elisão, nesses casos, parece não depender da fala rápida.

Outro exemplo de que o sândi parece ter um padrão categórico em muitos casos é apresentado por Kickhöfel (2011). Essa autora analisa estatisticamente e acusticamente dados de sândi externo na aquisição da linguagem de crianças com desenvolvimento fonológico normal (quatro falantes do português brasileiro e um falante do português europeu). Ela observa que as crianças começam cedo a aplicar as regras, a partir dos 2 anos de idade, no caso das crianças brasileiras, e a partir de 1 ano e 10 meses, no caso da criança portuguesa. Além disso, as crianças seguem de perto o condicionamento apresentado pelos adultos, o que parece indicar que estamos diante de um processo fonológico. Se o sândi fosse fonético, as crianças não teriam de apresentar o mesmo condicionante, a menos

que imitassem a forma do adulto. Mas, conforme Kickhöfel, elas não imitam a forma do adulto. A autora argumenta que “os processos de sândi vocálico externo, quando emergem, já podem ser considerados ‘adquiridos’, sem mostrar estágios intermediários” (KICKHÖFEL, 2011, p. 98).

Kickhöfel (2011) ainda traz outros argumentos para considerarmos os processos de sândi regras categóricas ou fonológicas. Analisando os valores dos formantes 1 e 2 das vogais envolvidas no processo da degeminação, por exemplo, a autora encontra resultados que indicam que a regra ocorre pelo apagamento de uma das vogais, e não pela fusão das vogais, ou seja, pela combinação dos dois segmentos da qual resulta um terceiro. Pelo fato de a autora não encontrar evidências da justaposição dos valores das duas vogais envolvidas (o que caracterizaria um processo gradiente), pode-se dizer que os resultados da análise acústica também indicam a categoricidade dos processos⁹. A autora salienta ainda que, às vezes, parece que duas palavras são tratadas como uma só pelas crianças. Uma de suas questões, então, é se as crianças têm essas formas armazenadas dessa maneira no seu léxico mental. Seus resultados indicam que não. O que temos, na verdade, é um fenômeno que parece ser aplicado categoricamente pelas crianças.

Kager e Zonneveld (1999) ainda trazem três argumentos, apresentados por Nespor e Vogel (1983), para se considerarem processos como o sândi fenômenos fonológicos. Os argumentos são:

First, phenomena such as these are clearly rule governed and native speakers have strong intuitions about them; second, the rules involved are capable of introducing ambiguities, which is not a property of performance rules; and third, the readjustment processes cannot for formal reasons be relegated to the area of performance (KAGER; ZONNEVELD, 1999, p. 7).

Focando no argumento de que o falante tem alguma intuição sobre o processo, podemos exemplificar essa intuição com as regras poéticas. Na versificação, a contagem de sílabas métricas faz referência explícita ao sândi vocálico, dando conta dos processos de “contração de sílabas” nas fronteiras de palavras, como atestam manuais de versificação (ALI, 1999; CAMPOS, 1960; entre outros). Dessa forma, assim como afirmam Nespor e Vogel (1983), não podemos negar que o falante tem alguma consciência sobre o processo; caso contrário, isso não poderia ser empregado na explicitação de regras poéticas. Essas regras ocorreriam então ainda no nível fonológico, entre os níveis da estrutura prosódica.

Outro aspecto para se considerar é o seguinte: um processo fonológico não

⁹ É importante esclarecer que reconhecemos que os dados dessa pesquisa somente se referem à fala de crianças. Dessa forma, a generalização que fazemos aqui está baseada na hipótese de que a fala das crianças, no que se refere ao sândi, não é tão diferente da fala do adulto.

tem variação no seu domínio, ou seja, tende a ser limitado por um determinado domínio prosódico. Como observam alguns autores (BISOL, 2002a; 2002b; LUDWIG-GAYER, 2008), o sândi vocálico em português não é limitado, isto é, não está restrito em termos de ocorrência a nenhum domínio prosódico menor. Quando um processo é fonológico, ele é, de alguma forma, *bounded*, isto é, limitado por uma determinada estrutura e tende a não ocorrer fora dessa estrutura. Processos gradientes se aplicam sempre que se encontra o seu contexto, sem consideração se este se encontra no interior de uma palavra ou em fronteira de palavras. Isso levaria a pensar que o sândi é gradiente.

No entanto, alguns autores, Tenani (2002), por exemplo, apontam que o principal domínio para a aplicação de sândi, no português brasileiro, é a frase fonológica; nesse domínio, segundo a autora, a aplicação é obrigatória, enquanto ela é opcional nos outros contextos prosódicos. Essa não opcionalidade dentro de um determinado domínio pode, então, ser considerada um argumento para o *status* fonológico do processo. Embora não tenhamos encontrado na nossa análise dos dados de São Borja aplicação categórica¹⁰ do sândi na frase fonológica, encontramos claramente mais aplicação nesse domínio em relação ao domínio do enunciado. Como se trata de processo variável, pensamos que não deva ser dado peso maior à categoricidade de aplicação mas à diferença significativa de taxa de aplicação que se observa entre ocorrências dentro da frase fonológica e ocorrências através de fronteiras de frase. Tanto a observação de Tenani quanto a nossa não se explicam sem que haja uma espécie de *bounding*, mesmo que esse fato não exclua aplicações em domínios maiores.

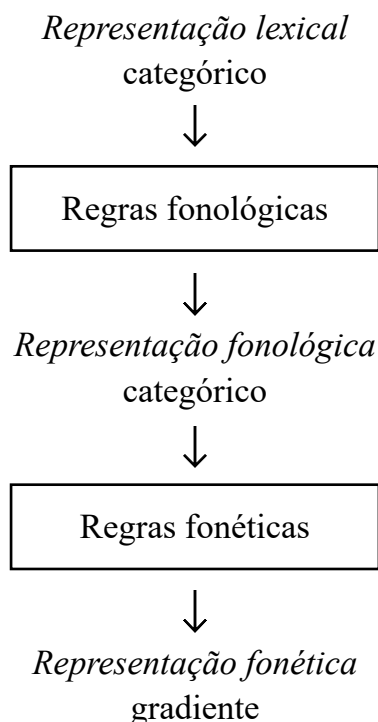
4. A REPRESENTAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS: A PROPOSTA DE BERMÚDEZ-OTERO (2007; 2012)

Para a posterior discussão sobre o *status* do sândi externo no português brasileiro, partimos de uma representação entre os níveis, como a abaixo, retirada de Bermúdez-Otero (2007), detalhando a relação entre os níveis fonológico e fonético. A esta representação o autor dá o nome de “arquitetura modular *feedforward* clássica da fonologia” (BERMÚDEZ-OTERO, 2007, p. 502)¹¹.

¹⁰ Aqui o termo “categórico” é utilizado no sentido de aplicar sempre que houver contexto (contraparte de “variável”).

¹¹ É importante deixar claro que, neste momento, não estamos discutindo variação linguística, apesar de o sândi ser um processo variável. Neste trabalho, pretendemos discutir questões para se chegar ao “ciclo de vida dos processos fonológicos” (BERMÚDEZ-OTERO, 2012), ou seja, às etapas que um processo passa na língua até se tornar estável. Nesse sentido, o modelo de gramática proposto pelo autor será apresentado primordialmente para esclarecer as etapas de um processo que entra na língua via performance/fonética e vai ganhando *status* fonológico e, conseqüentemente, categórico.

(14)



Fonte: Bermúdez-Otero (2007, p. 502)

Para entendermos o esquema acima, é necessário retomar os conceitos *categórico* e *gradiente* de Bermúdez-Otero (2007). Como vimos, a implementação é foneticamente gradiente quando envolve uma mudança contínua ao longo de uma ou mais dimensões no espaço fonético. Em contraste, uma mudança é foneticamente abrupta ou categórica se envolver a substituição de uma categoria fonológica discreta por outra, como, por exemplo, substituir o traço [-alto] por [+alto].

Como vemos na arquitetura modular *feedforward* proposta pelo autor, as regras exclusivamente fonológicas têm um caráter categórico, enquanto as regras fonéticas se aplicam de forma gradiente. Estes então são os principais argumentos para se defender se uma regra é fonológica (de aplicação categórica) ou fonética/coarticulatória (de aplicação gradiente).

A análise de Bermúdez-Otero se volta à mudança sonora, isto é, a como um processo fonético ganha *status* de regra fonológica, depois se morfologiza, para finalmente deixar de ser ativo na língua. Nesse caso, as regras entram na língua via performance e vão subindo em direção à fonologia. Nesse processo, então, essas regras vão adquirindo *status* categórico. Embora nosso foco não seja a mudança linguística, para entendermos o *status* do sândi, nos baseamos na teoria desse autor, e, nesse sentido, é preciso nos aprofundarmos um pouco na questão de como funciona o alçamento de um processo, dentro da arquitetura modular de uma língua.

Baseado em Ohala (1989), Bermúdez-Otero (2007) considera que as mu-

danças se originam do “problema da coordenação” entre falante e ouvinte: o falante deve produzir um estímulo fonético que permite que o ouvinte recupere a representação fonológica pretendida; o ouvinte deve discriminar as propriedades relevantes do estímulo de entrada daquelas que são ruído acidental, mas nenhum dos participantes pode ler a mente do outro. Nessa situação, cria-se a oportunidade para dois tipos de “descoordenação”, *hipercorreção* e *hipocorreção*. Na *hipercorreção*, o ouvinte aplica uma regra corretiva que não deveria ser aplicada, por exemplo, quando supõe que uma vogal pretônica alta deveria ser média, produzindo ‘[o]ruguaiana’, para ‘Uruguaiana’. Na *hipocorreção*, o ouvinte deixa de aplicar uma regra corretiva que seria necessária, isto é, ele toma como relevante um ruído do estímulo fonético. Por exemplo, o falante interpreta uma vogal com ressonância nasal como um fonema nasal, quando de fato é uma vogal nasalizada.

A evolução dos padrões de mudança ocorre segundo um ciclo previsível:

Fase I: mudança neogramática originada por uma falha de coordenação, com o acréscimo de uma regra fonética nova à gramática.

Fase II: o padrão gradiente passa a ser categórico, com o desenvolvimento concomitante de uma nova regra fonológica como contraparte para a regra fonética original. Essa etapa do ciclo de vida, que corresponde ao processo de ‘estabilização’, origina os ‘quase fonemas’ que precedem a cisão secundária.

Fase III: com o tempo, regras tornam-se sensíveis à estrutura morfossintática, muitas vezes com uma redução no seu domínio de aplicação, e podem também desenvolver exceções lexicais.

Fase IV: alternâncias deixam de ser fonologicamente controladas; a regra fonológica pode ser substituída por uma operação morfológica, ou pode desaparecer completamente, deixando um resíduo idiossincrático em representações lexicais (lexicalização).

O efeito de estabilização não se refere apenas ao fato de que o segmento alterado é uma unidade discreta, mas também ao contexto condicionador. Regras fonéticas também são gradientes em relação aos fatores que as condicionam. A arquitetura modular *feedforward* prevê que as regras fonológicas não sejam sensíveis a propriedades quantitativas do contexto fonético, já que essas propriedades estão ausentes no nível fonológico.

Para ilustrar um pouco mais essa proposta, apresentamos abaixo o processo de mudança que está em curso no japonês, no que se refere à palatalização de /t/ ([t] ~ [tɕ]) (BERMÚDEZ-OTERO, 2007).

Fase I: um efeito de coarticulação em sequências [ti]: antecipando o gesto de elevação da frente da língua para a realização do [i], se estreita o canal para a

liberação de [t], resultando que a explosão da oclusiva se torne relativamente ruidosa.

Fase II: mesmo na fala lenta, [t] antes de [i] realiza-se como [t̃e]; isto é, a realização deixou de ser um efeito coarticulatório. No japonês /t/ se opõe a /t̃e/ como mostra o par mínimo ta - t̃ea. Por isso, este é um processo de neutralização.

Fase III: algumas palavras emprestadas não apresentam o [t̃e] onde se espera: [pa:ti:].

As regras fonológicas criadas pela estabilização não substituem as regras fonéticas das quais emergem, ou seja, ficam coexistindo com elas (às vezes, essa coexistência cria padrões confusos). Na discussão a seguir sobre o sândi, teremos em mente se o sândi é processo de fase I ou de fase II.

5. PROPOSTA PARA O CICLO DE VIDA DAS REGRAS DE SÂNDI NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com relação ao sândi, cremos que esse processo pode se originar de uma falha de coordenação do tipo hipocorreção, devido a efeitos de coarticulação. A implementação é foneticamente gradual ou gradiente, pois envolve uma mudança contínua ao longo de uma ou mais dimensões no espaço fonético. Os resultados de Albano (1999, p. 38) seriam um exemplo claro do que Bermúdez-Otero chama de processo ou mudança gradiente, visto que demonstraram uma gradiência na aplicação da elisão. Como vimos, Albano verificou pelo menos três versões: em uma fala lenta, o hiato permanece; em uma fala rápida, há o apagamento de [a]; e, em uma fala moderada, o [a] não é completamente apagado e resquícios dessa vogal ainda podem ser identificados na análise acústica.

Após a implementação foneticamente gradiente, aos poucos o sândi vai se estabilizando, ficando menos dependente da velocidade de fala. Nesse sentido, verificamos acima, assim como em Gayer (2014), que a elisão parece não se aplicar unicamente em casos de fala rápida. Em nossos dados, a elisão se aplicou mais em contextos de fala média. Dessa forma, acreditamos que o sândi de que tratamos apresenta as características de processo em fase II, de acordo com a distinção acima. Cremos que a aplicação do sândi, em muitos casos, não depende da velocidade da fala.

Além da questão da velocidade da fala, outro argumento para considerarmos o sândi um processo em fase II é que podemos identificar claramente contextos que categoricamente bloqueiam o sândi ou que o favorecem, embora nem todos

os contextos tenham papel categórico¹². Como vimos, um processo fonológico tende a ser limitado por um determinado domínio prosódico. Alguns trabalhos sobre o sândi no português brasileiro, como Bisol (2002a; 2002b) e Ludwig-Gayer (2008), indicaram que o sândi vocálico em português não está restrito a nenhum domínio prosódico menor. Porém, quando estamos diante de um processo fonológico, enquanto categórico ou abrupto, ele deve de alguma forma estar limitado por uma determinada estrutura e tende a não ocorrer fora dessa estrutura. Já os processos gradientes se aplicam sempre que encontram contexto, sem consideração sobre o domínio prosódico, ou seja, se este se encontra no interior de uma palavra ou em fronteira de palavras. Somente no ciclo em que o processo passa a ser fonológico é que ele será limitado por constituintes prosódicos do nível da frase fonológica ou mesmo da palavra (BERMÚDEZ-OTERO, 2007).

Como vimos, essa limitação é encontrada nos resultados de Tenani (2002), os quais apontam que o principal domínio para a aplicação de sândi, no português brasileiro, é a frase fonológica; nesse domínio, segundo a autora, a aplicação é obrigatória, enquanto ela é opcional nos outros contextos prosódicos. Como já argumentamos, acreditamos que essa não opcionalidade dentro de um determinado domínio pode ser considerada um argumento para o status fonológico do processo, isto é, para a consideração do fenômeno como um processo em fase II. Nesse percurso, então, o sândi adquire o *status* de regra fonológica e torna-se categórico. Mais adiante, pode ter seu domínio de aplicação reduzido e pode adquirir exceções lexicais. Finalmente, a regra deixa de ser ativa, mas algumas formas permanecem apresentando seus efeitos, porque se lexicalizaram. Podemos encontrar esses diferentes estágios de sândi em diferentes línguas. Mais importante, podemos encontrar processos de sândi em diferentes estágios na mesma língua.

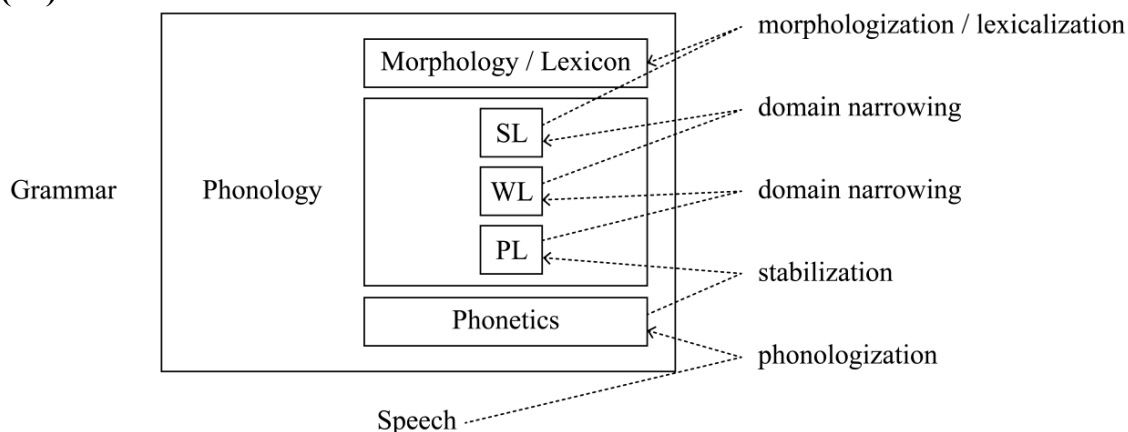
A partir de todos os argumentos levantados, não acreditamos que as regras de sândi vocálico ocorram no nível de implementação fonética, assim como Selkirk (1986) propõe, pois não encontramos regras apenas de produção (ou de fala). Na realidade, em alguns trabalhos, encontramos argumentos para dizer que a aplicação dessas regras parece não ser sensível ao tempo de produção do enunciado, não variar o seu domínio e não ser gradiente, características de regras fonológicas. No entanto, ao lado do sândi fonológico, é possível que haja processos fonéticos acontecendo também. Por exemplo, no português considera-se que usualmente apenas a vogal /a/ sofra elisão. Apesar disso, diversas pesquisas reportaram apagamentos de outras vogais (BRESCANCINI; BARBOSA, 2005; KOMATSU; SANTOS, 2007). Esses processos parecem ser de caráter mais coarticulatório.

A solução, nesse caso, seria considerar que as regras de sândi têm origem

¹² Aqui o termo “categórico” é utilizado no sentido de aplicar sempre que houver contexto (contraparte de “variável”).

fonética, mas foram sendo incorporadas na gramática por um processo de *estabilização* (BERMÚDEZ-OTERO, 2012). Vejamos o que Bermúdez-Otero (2012, p. 9) chama de estabilização ao propor o “ciclo de vida dos processos fonológicos”¹³.

(15)



Fonte: Bermúdez-Otero (2012, p. 9)

O percurso de estabilização, como vemos, é constituído de um processo fonético se tornando um processo do componente fonológico, mas ainda do nível da frase (ou sintagma). Em relação ao processo da elisão, por exemplo, podemos pensar em um ciclo inicial, no qual ainda encontramos resquícios da primeira vogal e não o seu completo apagamento, como constatado por Albano (1999). Esse primeiro ciclo seria fonético.

Como as evidências que temos atualmente remetem a um sândi com características mais fonológicas, podemos pensar em um novo ciclo, no qual o sândi se aplica em um componente exclusivamente fonológico, no nível da frase (PL) no esquema. Conforme Bermúdez-Otero (2012), a mudança de nível que ocorre nessa etapa do “ciclo de vida” é denominada *estabilização* e consiste no fato de que tanto a realização quanto o contexto que a determina passam a ser categóricos.

6. CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentamos algumas discussões acerca do *status* das regras de sândi externo no português brasileiro. Em um primeiro momento, defendemos uma reconsideração da classificação dada aos processos de sândi externo. Essa reconsideração parece necessária, visto que encontramos padrões de aplica-

¹³ No esquema temos: SL = *stem level*; WL = *word level*; PL = *phrase level*.

ção distintos para a elisão e a degeminação, de um lado, e para a ditongação, de outro; ou seja, nos contextos em que a elisão e a degeminação ocorrem com mais frequência, a ditongação parece não ocorrer normalmente, e vice-versa. Esses padrões diferentes parecem sugerir que, na realidade, estamos diante de dois processos com comportamento semelhante (elisão e degeminação) e um com comportamento distinto (ditongação). A proposta, nesse caso, é que temos dois grupos: no primeiro, estão os casos de elisão e de degeminação, os quais ocorrem para reparar qualquer sequência de duas vogais, seja de hiato (VV) seja de ditongo (VG ou GV); no segundo grupo, estão os casos de ditongação, que se aplica apenas para reparar hiato (VV).

Após essa reconsideração da divisão dos fenômenos, discutimos a questão se o sândi é um processo fonológico (de aplicação categórica) ou coarticulatório (de aplicação gradiente). A conclusão a que se chega é que temos, em português, os dois tipos de sândi: fonológico e fonético. A elisão da vogal /a/, por exemplo, tem, na nossa concepção, um caráter mais fonológico, que já passou para o ciclo de estabilização, de acordo com as ideias de Bermúdez-Otero (2012); enquanto a elisão de outras vogais parece ser de caráter mais coarticulatório. Porém, Bermúdez-Otero (2012) admite que possa haver a coexistência de um mesmo processo, por exemplo, elisão em forma gradiente e categórica, que seria o nascimento de uma nova regra, mesmo com a regra mais velha já no sistema. Então, poderíamos considerar a existência, ao lado de um processo de elisão de /a/ categórico, também de um processo incipiente, gradiente, de elisão na língua que inclusive atinge a vogal /a/.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. C. O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, p. 23-50, 1999.
- ALI, M. S. **Versificação portuguesa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. Diachronic phonology. In: DE LACY, P. (Ed.). **The Cambridge handbook of phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 497-517.
- BERMÚDEZ-OTERO, R. **Phonological change and phonology's interfaces**. Handout do curso "Interface e mudança fonológica", ministrado no IV Seminário Internacional de Fonologia, Porto Alegre, PUCRS, 2012.
- BISOL, L. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002a. p. 231-250.
- BISOL, L. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (Org.). **Gramática do português falado**. Volume V: Convergências. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002b. p. 53-97.
- BRESCANCINI, C.; BARBOSA, C. S. A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil. **Letras de Hoje**, v. 40, n. 3, p. 39-56, 2005.

CAMPOS, G. **Pequeno dicionário de arte poética**. Rio de Janeiro: Conquistam, 1960.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. de. (Org.) **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 195-223.

GAYER, J. E. L. **Uma análise da elisão e da degeminação com base em restrições**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

KAGER, R.; ZONNEVELD, W. Phrasal phonology: an introduction. In: KAGER, R.; ZONNEVELD, W. (Eds.) **Phrasal Phonology**. Nijmegen: Nijmegen University Press, 1999. p. 1-34.

KICKHÖFEL, J. R. **Processos de sândi vocálico externo na aquisição fonológica**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2011.

KOMATSU, M.; SANTOS, R. S. A variação na aquisição de regras de sândi externo em português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, v. 23, n. 2, p. 223-244, 2007.

LAVER, J. **Principles of phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LUDWIG-GAYER, J. **Os processos de sândi externo**: análise variacionista da fala de São Borja. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic structure above the word. In: CUTLER, A.; LADD, D.R. (Eds.). **Prosody: Models and Measurements**. Berlin, Heidelberg, New York, Tokyo: Springer, 1983. p. 123-140.

OHALA, J. J. Sound change is drawn from a pool of synchronic variation. In: BREIVEK, L. E.; JAHR, E. H. (Eds.). **Language change**: contributions to the study of its causes. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989. p. 173-198.

SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook**, v. 3, p. 371-405, 1986.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de regras fonológicas. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Uma análise da ditongação decrescente (V#V)

Tarcisio Oliveira Brambila

Rede Municipal de Ensino de Xangri-lá

Dedico este capítulo a um dos últimos projetos de Gisela: “Fonologia do nível da frase: a proeminência acentual/tonal e processos de resolução de hiato”, do qual este trabalho faz parte.

1. INTRODUÇÃO

Estratégias para evitar hiatos são presentes na língua portuguesa, e isso ocorre interna e externamente (V#V) no nível da palavra. Este capítulo propõe um estudo da formação de ditongos decrescentes em fronteira de palavras, como, por exemplo, no contexto com variação:

‘camisa usada’ ~ ‘camis[aw]sada’

Nosso trabalho envolve o fenômeno de sândi vocálico externo, que pode ser realizado de três formas: elisão, degeminação ou ditongação (BISOL, 1996; 2002). Em Brambila (2015), delimitamos a análise àqueles contextos V#V em que se espera a ocorrência da ditongação. Seguem exemplos: muito igual ~ muit[wi]gual (ditongação crescente); na estrada ~ n[aj]strada (ditongação decrescente). Apresentaremos aqui nossos resultados a respeito do último caso.

A tendência a evitar hiato foi bastante estudada com base na Teoria da Variação, como nos trabalhos de Ludwig-Gayer (2008), Vianna (2009) e Bisol (1996; 2002). Alguns trabalhos trazem as três realizações mais comuns do sândi; outros, como o de Ludwig-Gayer (2014), apenas duas (elisão e degeminação). Nesses trabalhos anteriores, percebeu-se que os estudos que tratavam da ditongação careciam de detalhamento nas análises. Por isso, em Brambila (2015), buscamos trazer informações referentes a esse processo em específico, bem como aprofundamos a discussão sobre as diferenças entre a ditongação crescente e a ditongação decrescente. Nesta oportunidade, apresentamos, como foi mencionado anteriormente, os

resultados referentes à ditongação decrescente como processo de sândi externo.

Os dados foram obtidos de uma amostra do município de Lages/SC, compreendida pelo projeto VARSUL (Variação Linguística da Região Sul do Brasil). Dentre os objetivos da pesquisa, destacamos:

- a) identificar, em nossa amostra, fatores linguísticos¹ que possam favorecer ou bloquear a aplicação da ditongação decrescente como processo de sândi externo;
- b) corroborar ou não, a partir dos resultados obtidos, resultados de pesquisas já realizadas a respeito deste processo;
- c) ampliar a compreensão do fenômeno e oferecer subsídios para uma descrição geral do processo do sândi externo e do português falado no sul do Brasil.

Como percebemos comportamentos distintos entre ditongação crescente e decrescente, decidimos expor nossos resultados separadamente. Os resultados referentes ao primeiro processo podem ser encontrados em Brambila (2016).

2. BASES TEÓRICAS

Abordaremos, mais adiante, o fenômeno da ditongação, em especial da ditongação decrescente (V#V). Entretanto, inicialmente, é necessário realizar uma revisão de fundamentos de fonologia que envolvem o processo. O primeiro fundamento é a concepção de sílaba que adotamos na pesquisa. Seguindo, há considerações da Hierarquia Prosódica e da Fonologia Lexical.

A sílaba é entendida como um constituinte prosódico com estrutura interna. Assim, a sílaba compreende um ataque (A) e uma rima (R), sendo que esta, por sua vez, compreende um núcleo (Nu), único elemento obrigatório, em português, e uma coda (Co). As sílabas são formadas pelo processo de silabação, que, segundo análise de Bisol (1999), é responsável por organizar a sequência dos segmentos em sílabas. Seguem as regras que compreendem essa organização: primeiro, há a regra de formação do núcleo; depois, a regra de criação do ataque; por fim, a regra de criação da coda. Assim, há um ordenamento dessas regras que resulta na estrutura final da sílaba.

¹ Na dissertação (BRAMBILA, 2015), a análise considerou as variáveis linguísticas desse trabalho e também as seguintes variáveis extralinguísticas: *sexo, idade e escolaridade*.

Em relação aos glides e seu lugar na estrutura silábica, assumimos que os ditongos crescentes fazem parte de um ataque complexo: quando eu > quand[we]u ([dw] constitui um ataque complexo, e [e], o núcleo). Já o glide dos ditongos decrescentes constitui coda simples – na igreja > n[aj]greja ([a] constitui o núcleo e [j] a coda simples) – ou coda complexa – na estrada > n[aj]strada ([a] constitui o núcleo e [j] a coda complexa com [s]). Esta abordagem assumida em nosso trabalho não é a única possibilidade, já que alguns teóricos assumem que os glides podem estar ligados diretamente à vogal, constituindo, junto a ela, o núcleo. Para Câmara Jr. (2007 [1970]), por exemplo, a semivogal ocupa, com a vogal, o núcleo da sílaba.

Outras noções importantes a considerar são as de Hierarquia Prosódica e de Constituintes Prosódicos. Conforme Bisol (2005), os constituintes são unidades definidas prosodicamente que delimitam espaços ou domínios dentro dos quais os processos fonológicos podem operar. Há constituintes maiores e constituintes menores. Os constituintes menores se encaixam dentro dos maiores. Os constituintes prosódicos se hierarquizam como segue, do maior para o menor:

- Enunciado (U)
- Frase entonacional (I)
- Frase fonológica (Φ)
- Grupo clítico (C)
- Palavra fonológica (ω)
- Pé (Σ)
- Sílaba (σ)

A noção de Hierarquia Prosódica se completa com a de Licenciamento Prosódico, que postula que uma unidade prosódica sempre deve fazer parte de outras estruturas prosódicas que sejam superiores hierarquicamente a ela. Para exemplificar, consideramos uma relação **segmento – sílaba – pé**: os segmentos devem estar associados a uma sílaba, assim como ela deve estar associada a um pé, ou seja, não ficam unidades soltas na representação fonológica.

Precisamos remeter também ao modelo da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982), no que se refere à organização do componente fonológico. Para o modelo, esse componente é dividido em dois subcomponentes principais. O Léxico abriga todas as regras do nível da palavra e as organiza em estratos (níveis) hierarquizados. A parte pós-lexical não está ligada à formação de palavras, mas ela é acionada depois de as palavras estarem completamente formadas e postas em sentenças. A parte lexical apresenta regras morfológicas que constroem a estrutura da palavra no léxico e ativam regras fonológicas relacionadas, como as regras de silabação e de acento.

O processo de silabação, para Bisol (1999), ocorre no nível lexical, no qual as palavras são formadas, e segue os fundamentos explicitados acima. No processo derivacional, cada acréscimo de um morfema desencadeia um novo processo de silabação. Quando temos um processo de ressilabação, por desestruturação de sílaba, ele ocorre pós-lexicalmente, e as condições que regem as regras lexicais não o afetam. Analisando as palavras ‘menino’ e ‘amado’, no nível lexical, temos a silabação: ‘me.ni.no’ e ‘a.ma.do’. A adjacência das palavras em uma frase pode resultar na formação de hiato, no nível pós-lexical. Para evitar esse hiato, ocorre a mudança de uma estrutura silábica para uma nova estrutura no nível da frase, com a constituição de uma nova sílaba a partir de duas, resultando no processo (variável) de ditongação: ‘me.ni.n[wa].ma.do’.

Consideramos relevante a revisão dos fundamentos teóricos acima, porque, como veremos na próxima seção, a ditongação em fronteira de palavras é resultado de choque nuclear, portanto entre sílabas; e isso envolve reestruturação silábica no nível pós-lexical. Além disso, os constituintes prosódicos – em nossa análise, acima do nível da palavra fonológica – são fatores de verificação de favorecimento ou não dessa reestruturação. A seguir, discutimos a ditongação decrescente.

3. A DITONGAÇÃO DECRESCENTE

A ditongação decrescente em fronteira de palavras é um dos processos de sândi vocálico externo estudados por Bisol (2002). A autora define o fenômeno como “um processo de ressilabificação motivado pelo choque de núcleos silábicos de palavras diferentes” (BISOL, 2002, p. 231). Portanto, o sândi externo conta com choque nuclear que desestrutura a sílaba, e isso gera elementos flutuantes. Estes podem se ressilabificar por três processos: a elisão, por meio do apagamento de /a/ como V1; a degeminação, quando há fusão de vogais idênticas; e a ditongação, por meio da formação de glide.

O processo de ditongação forma ditongos a partir da vogal final de um vocábulo e da vogal inicial do outro. Nesse caso, nenhum segmento é apagado, diferentemente do que acontece com a elisão e com a degeminação. A ditongação resultante pode ser crescente, como no contexto ‘menino estudioso’ > ‘menin[wi]studioso’, ou decrescente, como no contexto ‘menina esperta’ > ‘menin[aj]sperta’. Bisol (2002) observa, na ditongação, o papel da sonoridade. Quando na sequência $V_1\#V_2$, uma das vogais é mais sonora que a outra, em geral, é essa vogal que persiste e a outra é transformada em glide.

Em alguns casos, pode haver contexto em que se aplica tanto a elisão quanto a ditongação decrescente. Bisol (1996) traz o seguinte exemplo:

menina humilde > meni[nu]milde ~ meni[naw]milde (elisão ou ditongação)

A ditongação pode ocorrer também no interior de palavras, diferentemente da elisão, como segue (COLLISCHONN, 2005):

ciumento > c[ju]mento ~ c[iw]mento
peruano > per[wa]no

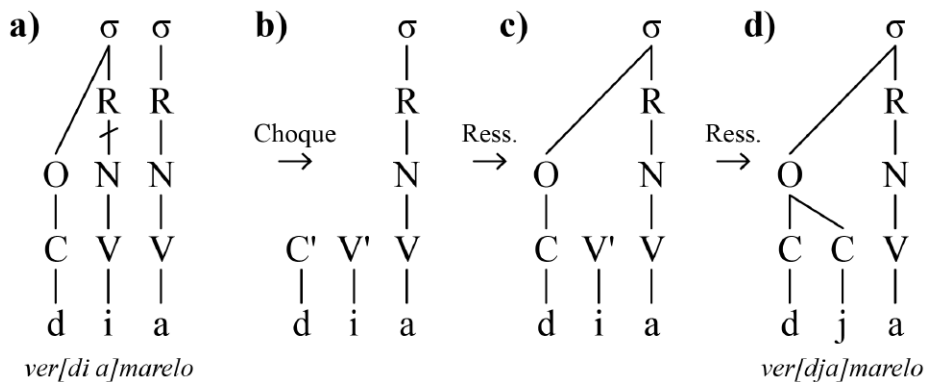
A ditongação ocorre desde que atenda aos seguintes fatores: pelo menos uma vogal do choque nuclear deve ser alta (restrição segmental), ou uma vogal média não-acentuada, que pode tornar-se alta; e pelo menos uma das vogais deve ser átona, independentemente da posição da sílaba (restrição rítmica). Seguem exemplos (BISOL, 1996) (o símbolo ‘’ indica vogal em sílaba acentuada):

(1) vérde amarélo	ver[dja]marelo	(átona+átona)
(2) está estránho	es[tajs]tranho	(tônica+átona)
(3) cóme óstra	co[mjos]tra	(átona+tônica)
(4) reví isso	*revjisu *revijsu	(tônica+tônica)

No caso em (1), ambas as vogais são átonas. Nos dois casos seguintes, em (2) e (3), pelo menos uma das vogais é átona e pelo menos uma é acentuada. Como o caso em (4) não apresenta vogal alta átona, a ditongação é bloqueada.

A seguir, temos uma representação da ditongação crescente em *verde amarelo*, explicitada por Bisol. Como não foi verificado registro expositivo do processo de choque nuclear e rersilabificação em ditongos decrescentes em Bisol (2002), representamos uma estrutura de sílabas encontradas em nossos dados na seção de resultados deste capítulo.

Figura 1 – Ditongação



Fonte: Bisol (2002, p. 234)

No processo de ditongação, temos o encontro entre as vogais (a). O choque entre dois núcleos provoca a desestruturação da sílaba da esquerda e resulta em elementos flutuantes (b). O processo de ressilabificação une a consoante ao ataque (ou *onset* (O)) da sílaba formada (c), além de unir a esse *onset* a vogal – que antes era núcleo do segmento silábico desestruturado – a qual não é apagada (d), mas se torna glide.

Sendo assim, a ditongação como um processo de sândi vocálico externo resulta, então, do choque nuclear de palavras diferentes, o que constitui ditongos como encontros VG (vogal + glide) ou GV (glide + vogal) na mesma sílaba.

4. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, apresentamos algumas das pesquisas que já foram realizadas a respeito do sândi vocálico externo, em especial acerca da ditongação. Os trabalhos que serão citados são Bisol (1996), Ludwig-Gayer (2008) e Viana (2009).

Bisol (1996) utiliza o banco de dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta) para analisar estatisticamente o fenômeno de sândi vocálico externo (considerando as três realizações: elisão, degeminação e ditongação). Os 15 informantes selecionados foram organizados da seguinte forma: três de Porto Alegre (POA), três de São Paulo (SP), três do Rio de Janeiro (RJ), três de Salvador (SSA) e três de Recife (RE). As entrevistas se apresentavam nas modalidades D2 (diálogo entre informantes), DID (diálogo entre documentador e informante), EF (elocução formal) e aulas expositivas ou palestras.

Na análise, a ditongação apresentou 3032 dados com 1776 aplicações (59%). Os fatores selecionados para a ditongação foram *contexto fonológico*, *região geográfica*, *domínio prosódico*, *extensão das palavras*, *estilo* e *acento*. Apresentamos os dados obtidos na seguinte ordem: *contexto fonológico*, considerando a categoria das vogais envolvidas no processo, *domínio prosódico*, *extensão do vocábulo*, *acento*, *região geográfica* e *estilo de fala*.

Quanto ao *contexto fonológico*, a categoria das vogais envolvidas mostrou favorecimento da formação de ditongo quando a primeira vogal é alta, e mostrou que, quando a segunda vogal é não-alta, como em ‘pared[i] alta’ (0,68), e quando as altas são diferentes, como em ‘cas[u] [i]stranho’ (0,61), há favorecimento na formação do ditongo. Os contextos menos favorecedores foram a sequência *vogal baixa + vogal alta*, como em ‘casa usada’ (0,18) – propícia para elisão – e a sequência de vogais altas idênticas, como em ‘verd[i] [i]scuro’ (0,11) – propícia para degeminação. As vogais médias não foram relevantes, e suas ocorrências foram baixas em função da elevação da átona final. Bisol infere, sobre a ditongação, o seguinte: “é uma regra que tende a ser bastante usada, perdendo em valor de uso

somente nos contextos competitivos, onde a elisão ou a degeminação também se apresentam como candidatas” (BISOL, 1996, p. 84).

Nessa análise, foram considerados dois fatores no *domínio prosódico*: a frase (com o grupo clítico) e o enunciado (com a frase entonacional). A ditongação é mais favorecida na frase (0,52) do que em domínios maiores (0,29). Bisol argumenta que o enunciado “oferece menos contextos apropriados, provavelmente devido à pausa ou duração interceptoras, que aí se fazem mais frequentes” (1996, p. 86).

No fator *extensão do vocábulo* na ditongação, percebemos que grupos clíticos com somente uma vogal tendem a ser preservados, como em ‘a esquina’ (0,31). A posição do clítico não se mostrou expressiva. Vocábulos de qualquer extensão estão mais disponíveis ao processo (0,52). Os fatores analisados nessa variável foram (a) *qualquer extensão* e (b) *V + ...*, ou seja, considera-se (b) o grupo clítico, e (a) os demais contextos.

No fator *acento* na ditongação, vemos que, quando uma vogal da sequência for tônica, o processo é desfavorecido (0,43), independentemente de sua posição. Quando as duas vogais são átonas, temos relativamente maior favorecimento (0,55).

A *região geográfica* na ditongação permitiu estabelecer Rio de Janeiro (0,70) e Porto Alegre (0,59) como maiores aplicadores do sândi vocálico externo. As outras capitais apresentam valores de aplicação mais baixos: Salvador (0,48), São Paulo (0,43) e Recife (0,37).

Por fim, a ditongação em fronteira de palavras é aplicada em qualquer *estilo de fala*, mas, relativamente, a *fala livre* (diálogo entre informantes e diálogo entre documentador e informante) é favorecedora (0,54) em relação à *elocução formal* (0,40).

Bisol conclui o seguinte sobre a ditongação:

a ditongação, como os demais processos de sândi, oferece elementos para distinguir dialetos. Em termos muito gerais, o português do sul distingue-se pelo uso maior do sândi, excluído de São Paulo que, neste particular, aproxima-se dos dialetos do norte. Por outro lado, essa análise mostrou que a atonicidade absoluta é o contexto ideal, até mesmo para a ditongação, cuja condição é ser alta e átona uma das vogais da sequência. E a unidade morfológica que faz parte de um vocábulo fonológico, constituída apenas de uma vogal, é menos atingida, do que as demais combinações, embora não chegue esse contexto a fazer obstáculo. Mas o fato mais importante apontado por esta análise é que os contextos em que a ditongação se faz menos presentes são aqueles em que a elisão ou a degeminação entram em conflito (BISOL, 1996, p. 89).

Ludwig-Gayer (2008) realizou uma análise variacionista da elisão, da degeminação e da ditongação, separadamente, na cidade de São Borja/RS, contando com oito informantes do banco de dados VARSUL. Nas análises de elisão e de

degeminação, além das variáveis aplicação e não-aplicação do processo, a autora considerou uma terceira variável: a aplicação da ditongação.

Na análise da ditongação, houve 772 contextos, com 676 casos de não-aplicação (87%) e 96 casos de aplicação (12%). O programa utilizado para a análise estatística selecionou as seguintes variáveis: *extensão do vocábulo*, *acento*, *categoria das vogais – posterioridade*, *domínio prosódico*, *sexo* e *escolaridade*.

O fator *extensão do vocábulo* mostrou favorecimento para ditongação no contexto $V + V$ (0,84) e $V + \text{qualquer extensão}$ (0,76). Os outros contextos não favorecem a ditongação. O fator *acento* revelou favorecimento nos contextos $V \text{ tônica} + V \text{ átona}$ (0,89), $V \text{ átona} + V \text{ tônica nuclear}$ (0,71) e *vogais tônicas*² (0,70). Os contextos $V \text{ átona} + V \text{ átona}$ e $V \text{ átona} + V \text{ tônica não-nuclear}$ não favorecem a ditongação (0,46 e 0,37, respectivamente). A *posterioridade* das vogais mostrou que a sequência *frontal + central* é favorecedora da ditongação (0,75), em relação aos demais contextos: *frontal + posterior* (0,45), *posterior + frontal* (0,45) e *posterior + central* (0,39). No *domínio prosódico*, o grupo clítico é favorecedor da aplicação (0,69), seguido da frase fonológica (0,55), e o enunciado é desfavorecedor (0,37). A variável *sexo* revelou que o feminino é favorecedor da regra (0,58) em relação ao masculino (0,43). Por fim, a *escolaridade* mostrou que o fator primário³ foi favorecedor (0,56) em relação ao secundário (0,44).

Em uma segunda rodada, o programa selecionou ainda *distância entre os acentos*, *combinação de palavras* e *informante*. A distância de uma sílaba se mostra favorecedora (0,61) em relação a outros contextos: duas sílabas (0,47), acentos adjacentes (0,36) e mais de duas sílabas (0,35). Quanto à *combinação de palavras*, a combinação *funcional + não funcional* favorece mais (0,65) do que a ordem inversa (0,33). A última variável, *informante*, mostrou que há diferenças do uso da ditongação entre os informantes analisados.

Vianna (2009) pesquisou a aplicação/não-aplicação dos três processos de sândi externo na cidade de Florianópolis/SC, por meio do banco de dados VAR-SUL. Sua amostra contou com dezesseis informantes representativos estratificados em sexo, escolaridade (ensino fundamental e médio) e idade (entre 25 e 49 anos e com mais de 50 anos).

A ditongação apresentou 2165 contextos, com 725 aplicações (33%). O programa selecionou as seguintes variáveis: *categoria das vogais – altura*, *categoria das vogais – posterioridade*, *extensão dos vocábulos* e *acento*. As variáveis

³ O resultado encontrado na pesquisa indica que o acento principal não bloqueia a aplicação da ditongação, e a autora compara esse comportamento com o trabalho de Mateus e d'Andrade (2000) sobre o Português Europeu.

⁴ Primário se refere aos primeiros anos do atual ensino fundamental, e secundário se refere ao atual ensino médio.

extralinguísticas selecionadas foram *idade* e *informante*. Apresentaremos os resultados da autora na seguinte ordem: *categoria das vogais – altura, extensão dos vocábulos, acento, categoria das vogais – posterioridade, idade e informante*.

Na *categoria das vogais – altura*, quando a primeira vogal é alta, há favorecimento na aplicação da ditongação (0,54) em relação a contextos com a primeira vogal não-alta (0,37). A *extensão dos vocábulos* mostrou que a combinação de monomorfema com palavra de qualquer extensão é favorecedora da aplicação da ditongação (0,69), enquanto a combinação de palavras de qualquer extensão é neutra (0,46), e a combinação de palavra de qualquer extensão com monomorfema é desfavorecedora (0,32). Em relação ao *acento*, contextos não acentuados favorecem a aplicação (0,53); contextos com acento primário são neutros (0,45); e contextos com acento principal a desfavorecem (0,19). A *categoria de vogais – posterioridade* teve a seguinte ordem de favorecimento: *V frontal + V posterior* (0,72), *V frontal + V central* (0,58), *V posterior + V frontal* (0,52), *V posterior + V central* (0,42), *V frontal + V frontal* (0,31) e *V posterior + V posterior* (0,31). O fator *idade* mostrou que os informantes abaixo de cinquenta anos favorecem a aplicação (0,55) em relação aos acima dessa idade (0,44). A variável *informante* não permitiu uma homogeneidade entre eles quanto à aplicação.

Em função de nossa pesquisa tratar de uma análise variacionista da ditongação como processo de sândi vocálico externo, retomamos esse processo, apresentando um quadro expositivo com as análises já realizadas e os principais fatores que favorecem a sua aplicação, de acordo com cada trabalho. Para isso, delimitamos as seguintes pesquisas: Bisol (1996), Ludwig-Gayer (2008) e Vianna (2009).

Quadro 1 – Fatores linguísticos mais favorecedores da ditongação

Dados e fatores	Bisol (1996)	Ludwig-Gayer (2008)	Vianna (2009)
Ocorrência	3032 dados com 1776 aplicações (59%)	772 dados com 96 aplicações (12%)	2165 dados com 725 aplicações (33%)
Amostra	Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador / NURC	São Borja / VARSUL	Florianópolis / VARSUL
Quantidade de informantes	15	8	16
Extensão dos vocábulos	Qualquer extensão + qualquer extensão	V + V	Monomorfema + qualquer extensão
Acento	Atonicidade máxima	V tônica + V átona	Atonicidade máxima

Categoria das vogais – posterioridade	-	V frontal + V central	V frontal + V posterior
Domínio prosódico	Frase Fonológica	Grupo clítico	-
Distância entre acentos	-	1 sílaba	-
Combinação de palavras	-	Funcional + não-funcional	-
Categoria das vogais – altura	V1 alta	-	V1 alta

Sobre o quadro, vale ressaltar que os espaços vazios podem resultar da não seleção da variável pelo programa ou da não consideração da variável pela pesquisadora. Os mesmos grupos considerados nos trabalhos acima tornam-se hipóteses para nossa análise da ditongação decrescente.

5. METODOLOGIA

Por tratarmos de um fenômeno variável, ou seja, sua aplicação não é obrigatória, os contextos podem se apresentar com ditongos ('camis[aw]sada') ou com hiatos ('camisa usada'). Por ser um fenômeno variável, aplica-se, neste caso, uma análise estatística das taxas de aplicação desse fenômeno nos mais diferentes contextos. Seguindo o exemplo de outros trabalhos que pesquisaram o fenômeno no português brasileiro, utilizamos o modelo quantitativo de regra variável de Labov (2008 [1972]). Para tanto, os dados foram obtidos de entrevistas sociolinguísticas, em que o informante é estimulado a falar bastante livremente, de forma a que se possa observar o emprego do vernáculo. Para a análise dos fenômenos, são identificados os contextos em que eles potencialmente se realizam, chamados de "ocorrências" (*tokens*):

família humilde – famíli[aw]milde
ela ia – ela ia

Cada ocorrência foi analisada em termos de aplicação ou não aplicação. Além disso, analisamos os casos que possam favorecer ou até bloquear o processo. Os dois casos acima, por exemplo, tiveram comportamentos diferentes. A análise detalhada buscou verificar que fatores podem favorecer a aplicação da ditongação no primeiro caso.

Realizamos uma análise binária de aplicação e não-aplicação da ditongação decrescente em contexto V#V (considerando a seguinte restrição segmental: pelo menos uma vogal da sequência deve ser alta ou com potencial para ser alta). Com isso, pudemos analisar frequência de dados e fatores condicionantes (favorecedores ou não) para sua aplicação. Depois de registradas as frequências, passamos para uma análise binomial, na qual contrastamos um fator com os demais. Segue um esquema dessa análise:

aplicação da ditongação decrescente como processo de sândi vocálico externo ('na estrada' > 'n[aj]strada');

não-aplicação do processo / manutenção do hiato.

Nossa primeira hipótese envolve tonicidade, então a primeira variável independente linguística que apresentamos é o *acento*. Esse fator está explicitado em Bisol (1996; 2002), Tenani (2002; 2004), Collischonn (2012), Ludwig-Gayer (2008), Vianna (2009). Por isso, nos mesmos moldes desses trabalhos, analisamos os seguintes fatores:

V tônica + V átona ('até o')

V átona + V tônica ('leva uma')

V átona + V átona ('vida inteira')

V tônica + V tônica ('é uma')

Além desta variável, apresentamos também a variável *domínio prosódico*. Justificamos a escolha em função da seguinte afirmação: "o sândi ocorre com mais frequência no domínio frasal do que no domínio do Enunciado" (BISOL, 1996, p. 94). Para verificar se a ditongação, em nossa amostra, comporta-se da mesma maneira, analisamos os seguintes fatores:

Grupo clítico ('na infância')

Frase fonológica ('ia encontrar')

Entre frases fonológicas/enunciado ('ilumina impulsiona')

Outra variável que destacamos é *extensão do vocábulo*. Já que Bisol (1996; 2002) apresenta a questão do tamanho do vocábulo como condicionante de alguns processos, verificamos se a ditongação também pode ser afetada por essa questão. Para isso, analisamos os seguintes fatores:

(C)V + V(C) ('é um')

(C)V + qualquer extensão ('na escola')
Qualquer extensão + V(C) ('cinquenta e')
Qualquer extensão + qualquer extensão ('nunca esqueci')

A *distância entre acentos* foi controlada por Ludwig-Gayer (2008), então analisamos os seguintes fatores para verificar sua relevância em nosso fenômeno de estudo:

Acentos adjacentes ('e uma')
1 sílaba ('era uma')
2 sílabas ('era irmã')
+ de 2 sílabas ('ela inventou')

Além das variáveis citadas, Ludwig-Gayer (2008), Vianna (2009) e Bisol (1996) controlaram a categoria das vogais envolvidas no processo. Nos mesmos moldes, analisamos também a *altura* e a *posterioridade*, conforme segue:

Altura

Alta + alta ('tu indo')
Alta + não-alta ('tu escrives')
Não-alta + alta ('na igreja')
Não-alta + /e/ ou /o/ ('da empresa')

Posterioridade

Anterior + posterior ('e uma')
Anteriores ('até iluminar')
Posteriores ('só uma')
Posterior + anterior ('só estudou')
Central + posterior ('era uma')
Central + anterior ('uma igreja')

A fim de verificar outros fatores que pudessem influenciar em nosso fenômeno, analisamos as variáveis *contexto precedente* e *contexto seguinte*, já que outras pesquisas, mesmo com fenômenos distintos do nosso, englobam-nas.

Contexto Precedente

Vogal ('queria uma')
Glide ('distância uma')
Consoante ('estava explicando')
Vazio ('a escola')

Contexto Seguinte

Vogal ('ela ia')

Consoante ('queria utilizar')

Vazio ('queria o')

Ludwig-Gayer (2008), baseada em trabalhos envolvendo o catalão, controlou a variável *combinação de palavras*, que se refere ao tipo de palavra, se funcional ou lexical⁴. Para poder verificar sua influência em nossa amostra e comparar com seus resultados, analisamos os seguintes contextos:

Funcional + funcional ('pra um')

Funcional + não-funcional ('a entrada')

Não-funcional + funcional ('comemora o')

Não-funcional + não-funcional ('família humilde')

Por fim, a última variável cuja influência pretendemos verificar se baseia em Collischonn (2012), que estudou a *estrutura silábica de V2 na elisão*. Para testar essa variável na ditongação, analisamos os seguintes fatores:

Sílaba leve ('na igreja')

Sílaba pesada ('na estrada')

⁴ A noção de palavra funcional considerou a classe à qual ela pertence. Consideramos como palavras funcionais aquelas que pertencem à classe das preposições e das conjunções, por exemplo, e como palavras não-funcionais os nomes e os verbos.

Figura 2 – Variáveis linguísticas

Acento V tônica + V átona; V átona + V tônica; V átona + V átona; V tônica + V tônica.	Distância entre acentos Acentos adjacentes; 1 sílaba; 2 sílabas; + de 2 sílabas.	Contexto Precedente Vogal; Semivogal; Consoante; Vazio.
Domínio Prosódico Grupo Clítico; Frase fonológica; Entre frases fonológicas/ enunciado.	Altura Alta + alta; Alta + não-alta; Não-alta + alta; Não-alta + /e/ ou /o/;	Contexto Seguinte Vogal; Consoante; Vazio.
Extensão do vocábulo (C)V + V(C); (C)V + qualquer extensão; Qualquer extensão + V(C); Qualquer extensão + Qualquer extensão.	Posterioridade Anterior + posterior; Anteriores; Posteriores; Posterior + anterior; Central + posterior; Central + anterior.	Combinação de palavras Funcional + funcional; Funcional + não- funcional; Não-funcional + funcional; Não-funcional + não- funcional.
		Estrutura silábica de V2 Sílaba leve; Sílaba pesada.

Nossa amostra compreende 16 informantes da cidade de Lages/SC extraídos do conjunto de 24 entrevistas dessa localidade do banco de dados do projeto VARSUL. O projeto objetiva a descrição do português falado no sul do país e conta com dados coletados nos anos noventa. Muitas pesquisas – em nível de graduação e pós-graduação – têm sido feitas desde então para contribuir com a descrição e a análise linguística. Quatro universidades integram o projeto que fornece um banco de dados de língua falada (fala livre) nos três estados do sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

A escolha pela cidade de Lages não foi aleatória. Havia carência de pesquisas envolvendo ditongação como processo de sândi vocálico externo nessa amostra. Com informações retiradas do próprio *site* do projeto VARSUL, temos o seguinte sobre Lages, nossa comunidade de pesquisa:

Localizada no planalto serrano de Santa Catarina, a região fica situada a 405km de Florianópolis e a 884m de altitude. Seus limites são: ao norte, os municípios de Correia Pinto, Otacílio Costa e São José do Cerrito; ao sul, o Rio Grande do Sul (Vacaria e Bom Jesus) e São Joaquim; a leste, Bom Retiro e Urubici; e a oeste Campo Belo do Sul.

Em 1767 foi criada a freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lajes, sendo elevada à categoria de vila, pertencente à capitania de São Paulo, em 1770, e elevada à categoria de cidade, em 1860. A população inicial

da freguesia foi formada principalmente pelos vicentinos, em consequência do comércio de tropas que vinham do campo de Vacaria (RS) até São Paulo e Minas, passando pelos campos de Lages; local que servia de pouso para o gado.

As atividades econômicas da região são a agropecuária, como ponto forte da economia, e a indústria madeireira⁵.

De acordo com o *site* da Prefeitura de Lages, este é o maior município em extensão territorial do estado de Santa Catarina, e é conhecido nacionalmente como a Capital do Turismo Rural e a Terra da Festa do Pinhão.

Das entrevistas que tivemos a oportunidade de ouvir, percebemos, pelas falas dos informantes, que seus hábitos têm influência do Rio Grande do Sul, já que eles participam de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), participam de rodas de chimarrão e de bailes com estilo gaúcho. Muitos citam a Festa do Pinhão como um grande evento da cidade. Além disso, a maioria participa ativamente de grupos religiosos. Essas informações ganham importância quando analisamos os contatos sociais nestes lugares de encontro (CTG, igreja, roda de chimarrão, baile).

Ao pesquisarmos no endereço eletrônico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), temos a população estimada de 157.743 habitantes (2018). Encontramos também informações históricas do município. O planalto só foi explorado após dois séculos da descoberta do país: Lages (1766). Os homens se dedicaram primeiro ao pastoreio, e só muito mais tarde à extração do pinho e da erva mate. O povoamento da região foi motivado também pelo comércio de gado. Outras informações relevantes disponíveis no site do IBGE dizem respeito aos pontos turísticos, que ganham importância em função de Lages atrair muitos turistas por suas riquezas e belezas rurais. Dentre os pontos turísticos, destacamos Catedral Diocesana, Hotéis Fazenda e de Turismo Rural, monumentos históricos, Morro da Cruz, Parque Ecológico, Museus, entre outros⁶.

Em relação aos contextos de possível ocorrência da ditongação (V#V), analisamos por oitiva aqueles em que há pelo menos uma vogal alta (que pode ser alta subjacente ou derivada por elevação). Para isso, consideramos as seguintes possibilidades de contextos:

- a#i : minha irmã ~ minh[aj]rmã / casa escura ~ cas[aj]scura⁷
- a#u : muita união ~ muit[aw]nião
- e#i : você estuda ~ voc[ej]studa
- e#u : porque utilizar ~ porqu[ew]tilizar / porque os ~ porqu[ew]s
- o#i : to indo ~ t[oj]ndo

⁶ Fonte: Disponível em: <<http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=1>>. Acesso em 15 nov. 2014.

⁷ Fonte: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 20 nov. 2014.

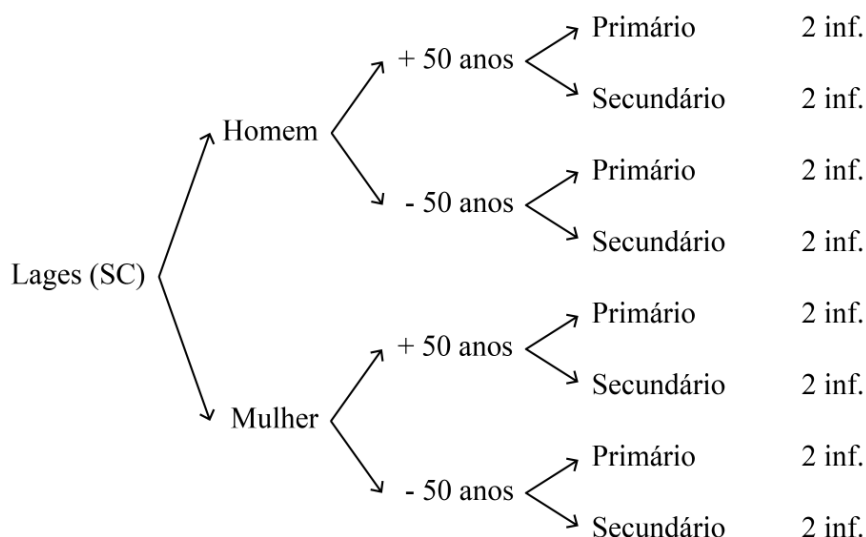
⁸ Consideramos [i, u] derivados e subjacentes nos contextos listados aqui.

- o#u : to usando ~ t[ow]sando
- ɔ#i : só estuda ~ s[ɔj]studa
- ɔ#u : só utiliza ~ s[ɔw]utiliza
- ε#u : é usual ~ [εw]sual
- ε#i : café estragado ~ caf[εj]stragado

Lembramos que nem todos os exemplos dados nos contextos acima foram retirados de nossa amostra. As etapas da análise compreendem identificação e transcrição das ocorrências, codificação e análise estatística de regra variável por meio de rodadas uni e multidimensionais no programa GoldVarb (3.0b3) e interpretação linguística dos resultados.

Segue a estratificação de nossa amostra.

Figura 3 – Estratificação da amostra

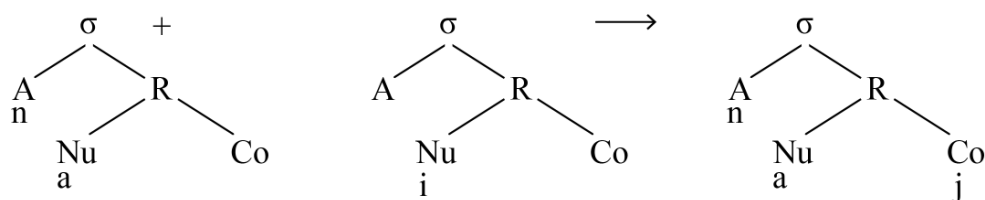


6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um contexto em especial chamou a atenção durante a análise em função da frequência com que apareceu: a combinação ‘na igreja’. Por esse motivo, resolvemos iniciar a análise de resultados trazendo uma possível representação estrutural do processo de sândi envolvendo esse contexto.

Figura 4 – Ditongação decrescente

Na igreja – decrescente



Fonte: Brambila (2015, p. 67)

Conforme ilustração, o choque nuclear resulta em um elemento flutuante (i), que se reorganiza pela ressilabificação para formar uma sílaba com coda, ou seja, esse elemento não é apagado, mas torna-se glide.

Encontramos no total 731 contextos, sendo que destes tivemos 443 aplicações da ditongação decrescente (o que configura 60,6% de aplicação) e 288 não-aplicações do processo (39,4%). O programa selecionou as seguintes variáveis linguísticas: *extensão do vocábulo*, *distância entre acentos*, *categoria das vogais* e *peso silábico de V2*. Apresentamos os resultados na seguinte ordem: *extensão do vocábulo*, *distância entre acentos*, *categoria das vogais – altura*, *peso silábico de V2*, *acento*⁹, *categoria das vogais – posterioridade*.

Iniciamos apresentando nossos resultados para a variável *extensão do vocábulo*.

Tabela de resultados 1 – *Extensão do vocábulo* e ditongação decrescente

Extensão do vocábulo	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
(C)V + qualquer extensão ('na escola')	170/201	84,6	0,743
(C)V + V(C) ('é um')	14/21	66,7	0,461
Qualquer extensão + qualquer extensão ('nunca esqueci')	202/398	50,8	0,401
Qualquer extensão + V(C) ('cinquenta e')	57/111	51,4	0,387
Total	443/731	60,6	

Input: 0,614

Significância: 0,012

⁹ A variável *acento* não foi selecionada na primeira rodada. Por isso, realizamos outra rodada sem a variável *distância entre acentos* e a variável *combinação de palavras*.

A ditongação decrescente tem seu contexto ideal para aplicação em $(C)V$ + *qualquer extensão*. Além de se mostrar como contexto ideal, também se mostra como o único favorecedor do processo, já que outros fatores o desfavorecem. A ordem inversa é a que menos favorece a regra.

Bisol (2002) verificou que a elisão (fenômeno que compete com a ditongação decrescente em alguns contextos) tem comportamento oposto, já que *monomorfema + palavra*, ou seja, a formação de grupo clítico, desfavorece o processo, enquanto a ordem inversa se mostra ideal para sua aplicação. Esses resultados sugerem que a ditongação decrescente tende a ocorrer quando a elisão é desfavorecida. Não podemos nos aprofundar nessa questão, pois a análise da elisão considera diversos contextos, não apenas *a#V alta*, como a ditongação decrescente, mas indica-se a questão para análises futuras.

Apresentamos, agora, a variável *distância entre acentos*.

Tabela de resultados 2 – *Distância entre acentos* e ditongação decrescente

Distância entre acentos	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
2 sílabas ('era irmã')	172/241	71,4	0,616
+ de 2 sílabas ('ela inventou')	145/198	73,2	0,523
Acentos adjacentes ('é uma')	62/136	45,6	0,432
1 sílaba ('era uma')	64/156	41,0	0,353
Total	443/731	60,6	

Input: 0,614

Significância: 0,012

A partir dos resultados dessa tabela, conclui-se que o fator distância grande entre acentos (com duas ou mais sílabas) é o contexto ideal para a aplicação da ditongação decrescente. Vale lembrar também que a Fonologia Métrica considera que, nas línguas, a alternância entre sílabas tônicas e átonas é uma tendência (KARGER, 2007). Então, quando há contextos sem acento, ou seja, com adjacência de duas ou mais sílabas átonas, essas estruturas malformadas tendem a ser resolvidas a fim de estabelecer a alternância. Isso corrobora os trabalhos supramencionados, que apresentaram esse mesmo comportamento.

A seguir, abordamos a variável *categoria das vogais – altura*.

Tabela de resultados 3 – *Categoria das vogais – altura* e ditongação decrescente

Categoria das vogais – altura	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
V não-alta + /e/ ou /o/ ('da empresa')	218/290	75,2	0,682
V não-alta + V alta ('na igreja')	223/380	58,7	0,505
V alta + V não-alta ('tu entendes')	2/61	3,3	0,023
Total	443/731	60,6	

Input: 0,614

Significância: 0,012

Nos contextos iniciados por V não-alta, temos relativo favorecimento para a aplicação da ditongação decrescente. Além disso, ela é mais favorecida quando outra regra entra em jogo: a elevação das vogais átonas /e/ ou /o/. O contexto ideal para o processo é o de segunda vogal átona (/e/ ou /o/), como encontrado em muitos dados de nossa amostra: 'a escola', 'a enxada', entre outros. Os contextos iniciados por V alta inibem muito o processo, com apenas duas aplicações em 61 contextos. Não foram encontrados dados para o contexto de duas vogais altas.

Abordamos, agora, a variável *peso silábico de V2*.

Tabela de resultados 4 – *Peso silábico de V2* e ditongação decrescente

Peso silábico de V2	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
Sílaba leve ('na igreja')	211/378	55,8	0,564
Sílaba pesada ('na estrada')	232/353	65,7	0,431
Total	443/731	60,6	

Input: 0,614

Significância: 0,012

Há inversão entre peso relativo e porcentagem. Para resolver o problema estatístico, tentamos realizar novas rodadas, com exclusão de diferentes variáveis. Entretanto, não obtivemos resultado melhor ou diferente deste. Neste caso, a ob-

servação dos dados parece se relacionar com a teoria sobre a estrutura silábica. No nível lexical, é comum encontrarmos a formação de ditongos quando há sílabas leves (‘cabe’ – ‘c[aj]bo’), e é menos comum quando há sílabas pesadas (‘mais’ > ‘m[aj]s’). No nível pós-lexical, algumas estruturas silábicas são formadas para que hiatos sejam evitados. Percebe-se que sílabas leves tendem a aceitar mais a ditongação (V#V) do que sílabas pesadas, o que pode ser explicado pelo fato de que sílabas pesadas, tendo a coda já preenchida, poderiam bloquear a entrada de um novo elemento vocálico.

Na tentativa de selecionar a variável *acento*, realizamos outra rodada sem a variável *distância entre acentos* e a variável *combinação de palavras*. A seleção dessa variável é importante para verificar se o comportamento da ditongação decrescente é semelhante ou diferente do comportamento da ditongação crescente e do comportamento da ditongação (considerando os dois processos: crescente e decrescente). Segue nosso resultado.

Tabela de resultados 5 – *Acento* e ditongação decrescente

Acento	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
V tônica + V átona (‘só estudou’)	59/83	71,1	0,693
V átona + V átona (‘na estrada’)	280/386	72,5	0,592
Acentos adjacentes (‘é uma’)	62/136	45,6	0,380
V átona + V tônica (‘diferença uma’)	42/126	33,3	0,242
Total	443/731	60,6	

Input: 0,610

Significância: 0,043

Essa variável revela algo importante que diferencia relativamente a ditongação crescente da ditongação decrescente. Para o primeiro processo, o contexto de tônica e átona se mostra desfavorecedor (conforme BRAMBILA, 2016). Para a ditongação decrescente, esse contexto se mostra ideal para sua aplicação. O contexto *V átona + V átona* também se mostra totalmente favorecedora, enquanto os outros contextos se mostram desfavorecedores.

Por fim, apresentamos nossa última variável: *categoria das vogais – posterioridade*.

Tabela de resultados 6 – *Categoria das vogais – posterioridade* e ditongação decrescente

Categoria das vogais – posterioridade	Aplicação/ total	% de aplicação	Peso relativo
V anterior + V posterior ('é uma')	62/76	81,6	0,647
V central + V posterior ('era uma')	69/152	45,4	0,541
V central + V anterior ('uma igreja')	269/419	70,6	0,522
V anteriores ('até iluminar')	12/72	16,7	0,226
V posteriores ('só uma')	2/4	50	0,180
V posterior + V anterior ('só estudou')	2/8	25	0,179
Total	443/731	60,6	

Input: 0,610

Significância: 0,043

A quantidade de dados envolvendo contextos de duas vogais posteriores e de *V posteriores + V anteriores* não foi tão representativa para a análise, somando apenas 12 contextos. Observamos aqui outra diferença entre os processos de ditongação. A combinação de *V anterior + V posterior* é o contexto que mais favorece a aplicação da ditongação decrescente (conforme repetitivos exemplos: 'é uma', 'até uma'). Para a ditongação crescente, a sequência inversa era a mais favorecedora (conforme BRAMBILA, 2016). Também se mostraram favorecedores, para a ditongação decrescente, os contextos com V1 central. Os outros contextos desfavorecem o processo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na variável *extensão dos vocábulos*, o que favorece a ditongação é *(C)V + qualquer extensão* ('na escola'). Dos 731 dados totais considerados, 201 casos representaram esse contexto, e, desses 201, houve 170 aplicações. Tanto o número de casos quanto o número de aplicações foram relativamente grandes.

Na *distância entre acentos, 2 sílabas* ('era irmã') e *mais de 2 sílabas* ('ela inventou') de distância favorecem o processo. Isso corrobora nosso próprio resultado sobre o fator acento, já que atonicidade máxima é o segundo contexto que mais favorece a regra.

A análise da *categoria das vogais – altura* revelou que os contextos *V não-*

-alta + /e/ ou /o/ ('da empresa') e *V não-alta* + *V alta* ('na igreja') são favorecedores da aplicação. Os contextos com *V1 alta* inibem o processo e correspondem a 61 dados com duas ocorrências.

O *peso silábico* mostrou favorecimento com sílaba leve ('na igreja'). Estruturas compostas apenas de núcleo tendem a formar mais ditongos do que estruturas com núcleo e coda. No nível lexical, a formação de ditongos é bem formada quando há sílabas leves, como 'cabe' – 'c[aj]bo'. No nível pós-lexical, algumas estruturas silábicas são formadas para que a manutenção do hiato seja evitada, possibilitando a existência de estruturas que podem parecer estranhas no nível lexical. Por exemplo, a formação de ditongo em 'mi.nha.ir.mã' ~ 'minhajrmã' foi encontrada em nossa amostra, mesmo que, no nível lexical, essa formação não seja comum: 'sa.ir' > *'s[aj]r'.

Na variável *categoria das vogais – posterioridade*, os contextos que mais se mostraram favorecedores foram *V anterior* + *V posterior* ('é uma'), *V central* + *V posterior* ('era uma') e *V central* + *V anterior* ('uma igreja'). Esses exemplos citados foram bastante expressivos em nossa amostra. Casos como 'era uma' apresentarem aplicação não era, de certa forma, esperado, já que 'uma' tem vogal tônica. Por ser uma palavra funcional, sua tonicidade é enfraquecida. Relacionando essa variável ao fator acento, fica a questão de desconsiderar acento nas palavras funcionais para próximas pesquisas.

A variável *acento* revelou que os contextos *V tônica* + *V átona* ('só estudou') e *V átona* + *V átona* ('na estrada') favorecem a aplicação da ditongação decrescente. O segundo resultado era esperado, já que os trabalhos mencionados neste capítulo apresentaram resultado semelhante. Como nossa pesquisa evidencia a ditongação decrescente, a sequência *V tônica* + *V átona* é característica desse processo, pois na ditongação crescente *V1* precisa perder a tonicidade para tornar-se glide. Isso revela uma diferença entre os processos.

Por fim, concluímos que sempre que uma sequência de duas vogais puder ser evitada, ela será evitada. O que evidencia essa afirmação são os mais de 60% de aplicação da ditongação. Porém, uma sequência de duas vogais não é evitada quando as duas forem tônicas, porque vogais tônicas portam uma informação lexical, o acento; se elas se transformarem em glides, não podem mais portar acento. Então, a tendência é que as vogais tônicas não cedam à pressão para tornarem-se glides.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (Org.). **Gramática do português falado**. Volume V: Convergências. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. p. 55-98.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 7: Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 701-742.
- BISOL, L. A elisão e a degeminação no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 231-250.
- BISOL, L. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-255.
- BRAMBILA, T. O. **Análise variacionista da ditongação como processo de sândi externo na fala de Lages/Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BRAMBILA, T. O. Uma análise da ditongação crescente (V#V). **ReVEL**, edição especial, n. 13, p. 320-344, 2016.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.
- COLLISCHONN, G. Um' interpretação d'elisão em hiato em dados de Lages (SC). In: ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 2012, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2012. p. 1-10.
- KAGER, R. Feet and metrical stress. In: LACY, P. de (Ed.) **The Cambridge Handbook of Phonology**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007. p. 195-227.
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, S. (Org.) **Linguistic in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 3-91.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUDWIG-GAYER, J. **Os processos de sândi externo: análise variacionista da fala de São Borja**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- LUDWIG-GAYER, J. **Uma análise da elisão e da degeminação com base em restrições**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- MATEUS, M. H. M; d'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- TENANI, L. **Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- TENANI, L. O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. **Revista Organon**, v. 18, n. 36, p. 17-29, 2004.
- VIANNA, P. **Sândi vocálico externo: o processo e a variação na cidade de Florianópolis – SC**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Haplologia em Lages/SC: variação e efeitos lexicais

Débora Heineck

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luiz Carlos Schwindt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da haplologia é, segundo Crystal (2000 [1985], p. 137), “a omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência de articulações semelhantes”. O termo foi inicialmente utilizado nos estudos diacrônicos e, posteriormente, passou também a caracterizar fenômenos sincrônicos. A haplologia pode ser morfológica, quando uma das sílabas repetidas é suprimida no processo de composição ou derivação (CÂMARA JR., 1984, p. 134), como em ‘tragicômico’ (‘trágico’ + ‘cômico’) e ‘semínima’ (‘semi-’ + ‘mínima’), ou pode ser sintática, quando há a omissão de uma sílaba que se encontra repetida em palavras adjacentes na frase, como se vê em (1). Este trabalho focaliza particularmente a análise sincrônica da haplologia sintática, ou seja, o processo de redução de uma sequência de duas sílabas semelhantes em uma sílaba só, no contexto de fronteira de palavra.

- (1) ‘bastante tempo’ > ‘bastan tempo’
‘dentro do mato’ > ‘den do mato’
‘vontade de estudar’ > ‘vonta de estudar’

A haplologia é um fenômeno variável e, de acordo com levantamentos já feitos sobre o processo (BATTISTI, 2004; LEAL, 2012), apresenta uma média geral de aplicação em torno de 20% no português brasileiro (PB). Estudos anteriores também mostram que o fenômeno não é meramente resultado de realização fonética coarticulatória, mas um fenômeno de fala conectada, regido por informações estruturais da língua, o que inclui propriedades de natureza fonológica. Nesse

sentido, por ser um fenômeno da fala, dados linguísticos coletados em situação de entrevista sociolinguística, como os analisados nesse trabalho, se prestam especialmente para sua observação.

Nesse sentido, seguindo os pressupostos da Teoria de Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]), este trabalho objetiva descrever e analisar os padrões que regem a haplologia e compreender quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ou não influenciar a aplicação do fenômeno. A análise foi feita a partir de dados de fala de entrevistas sociolinguísticas. Os dados nos quais se baseia a análise foram retirados de entrevistas da amostra de Lages/Santa Catarina do banco de dados do Projeto VARSUL¹. Para a descrição do fenômeno, realizou-se uma análise estatística, na qual se verificaram probabilidades de aplicação da haplologia na fala de Lages a partir do exame de fatores sociais (como sexo, idade e escolaridade), prosódicos (como acento, tipo de sílaba e número de sílabas) e segmentais (como propriedades articulatórias dos segmentos envolvidos e a maior ou menor similaridade entre eles). Além disso, na etapa mais recente, realizamos uma análise de frequência lexical, a fim de verificar se itens lexicais em específico são favorecidos em relação ao processo por serem mais ou menos frequentes.

Esse trabalho tem o objetivo de contribuir para um entendimento mais amplo do fenômeno da haplologia em língua portuguesa, acrescentando informações aos levantamentos já realizados ou confirmando observações desses levantamentos (TENANI, 2003; BATTISTI, 2004, 2005; PAVEZI, 2006; LEAL, 2012). Além disso, pretende-se dar continuidade à análise desenvolvida a respeito de fenômenos de sândi na comunidade de Lages/SC, como, por exemplo, a ditongação (BRAMBILA, 2015) e a elisão (COLLISCHONN, 2012), de forma a fornecer um quadro mais completo desse aspecto da fonologia nessa comunidade. Como terceiro objetivo, buscamos contribuir sobre a interpretação fonológica da haplologia e sobre sua proximidade ou distanciamento em relação aos demais processos de sândi².

Nas seções seguintes apresentamos brevemente alguns resultados de trabalhos já feitos a respeito do fenômeno da haplologia (seção 2), a metodologia empregada nesse trabalho (seção 3), a análise e discussão dos resultados obtidos na análise estatística (seção 4) e, por fim, nossas conclusões e perspectivas de continuidade (seção 5).

¹ Variação Linguística na Região Sul (<http://www.varsul.org.br/>).

² Esse trabalho dá sequência a uma pesquisa inaugurada em período de iniciação científica, em parceria com Gisela Collischonn e Luiz Carlos Schwindt, que resultou em um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras (HEINECK, 2016), e pretende aprofundar questões levantadas nesses trabalhos anteriores.

2. ESTUDOS SOBRE HAPLOGIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tenani (2003) realizou um estudo sobre a haplogia a partir de um experimento com sentenças lidas e teve como objetivo analisar o papel dos domínios prosódicos na aplicação do processo. A autora constatou que, em relação ao contexto acental, o fenômeno é bloqueado quando a primeira sílaba da sequência for acentuada (ex.: ‘**Di**di ditou’), o que parece ser uma evidência de que é a primeira sílaba do contexto que é apagada. Quanto aos domínios prosódicos, a pesquisa constata que a aplicação da haplogia é sensível à estrutura prosódica. Segundo a autora, o processo não é bloqueado por nenhuma das fronteiras superiores à palavra prosódica. Entretanto, seus resultados mostram que quanto mais alto o domínio, menor a ocorrência do fenômeno. O domínio preferencial para a haplogia seria, segundo essa constatação, a frase fonológica.

Battisti (2004, 2005) trata do fenômeno da haplogia a partir de entrevistas de Porto Alegre do Projeto VARSUL. A análise realizada em Battisti (2004) parece confirmar que a semelhança entre sílabas é um fator relevante para a aplicação da haplogia. Na perspectiva da Teoria da Otimidade (TO), a autora defende que o fator que determina o apagamento é uma restrição contrária à existência de segmentos idênticos – ou muito semelhantes – em sequência (*Obligatory Contour Principle* – OCP). A dominância dessa restrição em relação a restrições de fidelidade ao *input* explica o apagamento.

Battisti (2005) promove uma análise de regra variável do fenômeno com os dados de entrevistas sociolinguísticas. Nesse estudo, duas variáveis são selecionadas como relevantes para a aplicação da haplogia: *qualidade das vogais e posição em relação à frase fonológica*. Em relação à *qualidade das vogais*, a constatação é de que contextos com sílabas com a mesma vogal favorecem a aplicação do fenômeno enquanto contextos com sílabas com vogais diferentes a desfavorecem. A partir desses resultados, a autora afirma que “mais do que a qualidade da vogal, o aspecto fundamental envolvendo vogais no que tange à haplogia é a similaridade das sílabas em sequência” (BATTISTI, 2005, p. 83). No que diz respeito à variável *posição em relação à frase fonológica*, os resultados apontam que o contexto favorecedor à aplicação da regra é o interior da frase fonológica e que há desfavorecimento entre frases fonológicas.

Pavezi (2006) realiza uma pesquisa com dados de fala dos bancos de dados NURC-SP³ e IBORUNA-SJRP⁴, com informantes da capital, São Paulo, e do

³ Estudo da norma urbana culta da cidade de São Paulo (<http://dlcv.fflch.usp.br/node/81>).

⁴ Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista (<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>).

interior, São José do Rio Preto, respectivamente, e faz uma análise dos contextos prosódicos relevantes para a aplicação da haplologia. A autora verificou que a haplologia é bloqueada em dois contextos. O primeiro contexto de bloqueio acontece quando há uma sequência de sílabas com um monomorfema ‘de’ + item lexical (ex.: ‘com a intenção **de** depois prestar concurso’). O segundo contexto de bloqueio é quando se identifica pausa entre as sílabas candidatas, pois pausas seriam responsáveis por desfazer a adjacência entre os segmentos e impedir a aplicação da regra. No que diz respeito aos domínios prosódicos, Pavezi encontrou resultados semelhantes aos de Tenani (2002), isto é, quanto mais alta for a fronteira, menor é a aplicação da haplologia, sendo o domínio mais produtivo para a aplicação do fenômeno o da frase fonológica.

Leal (2012) analisa o fenômeno da queda de sílabas em duas cidades do interior de São Paulo, Capivari e Campinas, também na perspectiva de regra variável. Dentre suas conclusões, destaca-se que, diferentemente de Battisti (2005), a igualdade entre vogais não se mostrou relevante para a aplicação do processo e, ainda, que parecem ser as características da primeira vogal que mais influenciam a queda. Quanto à estrutura silábica, verificou que as sílabas pesadas inibem a aplicação do fenômeno, em oposição às leves, que o favorecem. Os resultados relacionados à estrutura métrica mostraram que, quando a queda resulta em uma sequência na qual os acentos se alternam entre fortes e fracos, o apagamento é favorecido. Já quando o apagamento resulta em um choque de acentos, a queda é inibida. Isso mostra que a aplicação (ou não) da queda decorre de uma otimização rítmica.

Os estudos apresentados nesta seção serviram como base para a elaboração das nossas questões norteadoras e para a elaboração da nossa metodologia e são contrastados, na medida do possível, aos nossos resultados.

Algumas das questões que norteiam o nosso trabalho, buscando verificar em Lages o que já se constatou para haplologia em outras comunidades (TENANI, 2003; BATTISTI, 2004; BATTISTI, 2005; PAVEZI, 2006; LEAL, 2012), são:

- (i) Qual o papel de fatores segmentais para o processo? Há alguma consoante e/ou vogal que favorece/inibe o processo?
- (ii) A semelhança ou distinção entre as sílabas pode ter alguma influência na aplicação da haplologia?
- (iii) Qual o papel de fatores prosódicos, como o acento, o tipo de sílaba e o número de sílabas?
- (iv) Que tipo de estrutura prosódica favorece/inibe o processo?
- (v) A frequência lexical tem algum papel na aplicação da haplologia?
- (vi) Os fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade, influenciam o processo?

3. METODOLOGIA

Os dados que discutimos neste texto foram levantados em entrevistas sociolinguísticas de informantes da amostra de Lages do banco de dados do Projeto VARSUL. Trata-se de banco constituído nos anos 1990, integrado por entrevistas de 12 cidades dos três estados da região sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As 16 entrevistas utilizadas neste trabalho foram extraídas de um total de 24 que compõem o *corpus* da localidade de Lages/SC. Cada entrevista tem cerca de 60 minutos, e os informantes estão estratificados por sexo, idade e escolaridade:

- (i) sexo – masculino/feminino;
- (ii) idade – menos de 50 anos/mais de 50 anos⁵;
- (iii) escolaridade – primário/secundário⁶.

Os 16 informantes, 8 homens e 8 mulheres, foram distribuídos da forma que segue.

Quadro 1 – Distribuição dos informantes segundo estratificação social

	Menos de 50 anos		Mais de 50 anos	
	Primário	Secundário	Primário	Secundário
Masculino	2	2	2	2
Feminino	2	2	2	2

Nas entrevistas, foram coletadas somente ocorrências (contextos) em que as consoantes fossem oclusivas alveolares, ou seja, sequências de palavras com /t/ e /d/ adjacentes, como podemos ver nos exemplos a seguir.

- (2) ‘mui[t]o [d]iferente’
 ‘comi[d]a [t]ípica’
 ‘mui[t]o [t]empo’
 ‘vonta[d]e [d]e estudar’

⁵ A idade mínima do *corpus* do VARSUL é 25 anos de idade.

⁶ Primário equivale a até 4 anos de escolaridade e secundário a 9 ou mais anos.

Tendo como base os resultados de Tenani (2003), que constatou o bloqueio da haplologia quando a primeira sílaba do contexto era acentuada, decidiu-se restringir a coleta a contextos nos quais a primeira sílaba é desacentuada, não importando o acento das sílabas adjacentes.

Também restringimos nossa coleta a palavras com, no mínimo, duas sílabas para a primeira posição do contexto. Essa restrição foi baseada na constatação de Pavezi (2006) de que há bloqueio na haplologia quando há um morfema ‘de’ isolado na primeira posição do contexto. Portanto, além do monomorfema ‘de’, excluimos também palavras que não possuem um mínimo de duas sílabas, o que inclui vocábulos como ‘do’ e ‘da’, que não são monomorfêmicos.

A variável dependente é binária: aplicação (apagamento da sílaba) e não aplicação (permanência da sílaba), e se restringe, portanto, a contextos com consoantes oclusivas alveolares, nos quais a primeira sílaba do contexto deve ser desacentuada, e a contextos nos quais a primeira palavra tenha, no mínimo, duas sílabas.

Na sequência, descrevemos as variáveis independentes controladas no trabalho.

3.1. Variáveis independentes

3.1.1. Variáveis independentes linguísticas

Para a definição das variáveis linguísticas, foram levados em conta procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas anteriores sobre o fenômeno da haplologia, particularmente Battisti (2004, 2005) e Leal (2012), possibilitando, dessa forma, comparações com os nossos resultados e os das diferentes pesquisas sobre o fenômeno em outras amostras. As variáveis linguísticas são *contexto segmental consonantal*, *contexto segmental vocálico*, *igualdade de segmentos*, *número de sílabas da primeira palavra*, *estrutura silábica*, *estrutura métrica*, *estrutura prosódica*, *posição da palavra (primeira e segunda)*.

Visto que nossa pesquisa se propõe a analisar somente consoantes oclusivas alveolares (/t/ e /d/), na variável *contexto segmental consonantal*, classificamos as consoantes do contexto analisado quanto ao seu vozeamento.

T + T	‘mui[t]o [t]empo’
D + D	‘vonta[d]e [d]e estudar’
T + D	‘ros[t]o [d]a moça’
D + T	‘meu mari[d]o [t]rabalhava’

Na variável *contexto segmental vocálico*, a primeira e a segunda vogais do contexto foram codificadas quanto à posição de seus articuladores, verificando se eram vogais coronais (/i/, /e/, /ɛ/), dorso-labiais (/u/, /o/, /ɔ/) ou dorsais (/a/).

duas vogais coronais	‘vontad[e] d[e] estudar’
duas vogais dorso-labiais	‘vêm tud[o] d[o] meio de comunicação’
duas vogais dorsais	‘mais cert[a] d[a]quilo que eu queria’
coronal + dorso-labial	‘ant[e]s d[o] casamento’
coronal + dorsal	‘saudad[e] d[a] mãe’
dorso-labial + coronal	‘assistind[o] t[e]levisão’
dorso-labial + dorsal	‘fund[o] d[a] lavoura’
dorsal + coronal	‘um bait[a] d[e] um pé’
dorsal + dorso-labial	‘entrad[a] d[o] ano novo’

Com o grupo *igualdade de segmentos*, objetiva-se verificar se sílabas iguais podem ter uma maior propensão ao apagamento. Controla-se, aqui, tanto a igualdade entre as consoantes que abrem essas sílabas quanto entre suas vogais⁷, bem como a combinação desses fatores, o que resulta no arranjo de fatores a seguir.

consoantes iguais, vogais iguais	‘vi[da] [da] gente’
consoantes iguais, vogais diferentes	‘fun[do] [da] lavoura’
consoantes diferentes em [vozeamento], vogais iguais	‘mor[te] [de]le’
consoantes diferentes em [vozeamento], vogais diferentes	‘mui[to] [di]fícil’

Além de grupos relacionados a fatores segmentais, analisamos variáveis relacionadas a fatores prosódicos. Iniciamos pelo *número de sílabas da primeira palavra*. Aqui, procuramos verificar se o tamanho da palavra sujeita ao apagamento interfere na aplicação do processo. Sendo esse um processo silábico, o tamanho da palavra foi contabilizado a partir do número de sílabas. O grupo foi dividido nos

⁷ As vogais eram consideradas iguais quando faziam parte da mesma classificação exposta na variável *contexto segmental vocálico*: vogais coronais (/i/, /e/, /ɛ/), dorso-labiais (/u/, /o/, /ɔ/) ou dorsais (/a/). Para realizar essa classificação, levamos em conta a transcrição da entrevista do Banco VARSUL. Não fez-se uma análise da realização fonética dessas vogais.

fatores que seguem.

2 sílabas	‘per.to da companhia’
3 sílabas	‘ci.da.de de Lages’
4 ou mais sílabas	‘muito in.te.li.gen.te também’

Controlamos também o papel da *estrutura silábica*. Para tanto, dividimos os dados em dois grupos: *estrutura silábica da primeira palavra* e *estrutura silábica da segunda palavra*. Pretendemos verificar se algum tipo de estrutura pode favorecer, inibir ou até bloquear a aplicação do fenômeno.

sílaba CV	‘per[to] _{CV} da Companhia’	‘vontade _{CV} [de] estudar’
sílaba CVC	‘par[tes] _{CVC} do mundo’	‘muito _{CVC} [tem]po’
sílaba CCV	‘den[tro] _{CCV} da religião’	‘meu marido _{CCV} [tra]balhava’

No grupo *estrutura métrica*, levou-se em conta, para a primeira palavra do contexto, desde o acento primário até o final da palavra e, como dito anteriormente, desconsideraram-se contextos em que a primeira palavra fosse oxítone. Temos, portanto, as seguintes possibilidades para a primeira palavra: uma sílaba forte seguida de duas fracas [x • •] e uma sílaba forte seguida de uma fraca [x •]. Para a segunda palavra, levamos em conta somente o acento da primeira sílaba, verificando se esta sílaba portava acento primário [x] ou secundário⁸ [y], era clítico [c] ou era fraca [•]. Combinando todas essas possibilidades de acentos da primeira e da segunda palavras, temos os fatores que seguem para essa variável.

[x • • # •]	lapso de 3 sílabas	‘qui.LÔ.me.tros. da .QUI’
[x • • # c]	lapso de 3 sílabas (última é clítico)	‘GRÁ.vi.da. da .Ângela’
[x • • # y]	2 sílabas fracas entre um acento primário e um secundário	‘MÉ.ri.to. di .fe.REN.te’
[x • • # x]	2 sílabas fracas entre 2 fortes	‘GRÁ.vi.da. DE .le’

⁸ Para determinar a presença ou ausência do acento secundário, foi feito, em um primeiro momento, um levantamento dos dados em que poderia haver um acento secundário. Depois disso, devido à pouca quantidade de dados, a presença ou ausência do acento foi determinada de oitiva.

[x • # •]	lapso de 2 sílabas	‘di.fe.REN.te. da .QUI’
[x • # c]	lapso de 2 sílabas (última é clítico)	‘von.TA.de. de .estudar’
[x • # y]	1 sílaba fraca entre um acento primário e um secundário	‘MUI.to. di .fe.REN.te’
[x • # x]	1 sílaba fraca entre 2 fortes	‘a.mi.ZA.de. DE .les’

No grupo *estrutura prosódica*, consideramos trabalhos anteriores, como os de Battisti (2004), Pavezi (2006) e Leal (2012), que nos moveram a examinar se um determinado nível da hierarquia prosódica é capaz de bloquear o processo e, ainda, se o nível da frase fonológica é de fato o mais propenso ao apagamento. Para isso, seguimos os moldes adotados por Leal (2012).

Entre frases entoacionais	‘já tinha conhecimento,] _I [daí, né’
Entre frases fonológicas	‘a gente] _φ [descia o morro’
Entre grupos clíticos (dentro da frase fonológica reestruturada)	‘a vontade] _C [de descansar’

Por fim, analisamos a relação entre a aplicação da haplologia e a frequência de *tokens*. A frequência de *tokens* (frequência de ocorrência) refere-se, segundo Cristóforo Silva e Oliveira (2004, p. 657), “à frequência de uma determinada unidade, usualmente a palavra, em um determinado *corpus*”. Este tipo de análise permite, assim, verificar se é a palavra, mais do que a sequência sonora, que está sujeita à aplicação da haplologia. Neste estudo, por se tratar de uma análise bastante preliminar sobre frequência lexical, consideramos a frequência de *tokens* intra-amostra, isto é, controlamos as ocorrências da primeira e da segunda posição dos contextos e submetemos essa quantificação a uma rodada estatística de variáveis aleatórias.

3.1.2. Variáveis independentes extralinguísticas

Seguindo a estratificação do *corpus* do Banco VARSUL, analisamos as variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Para esta análise, selecionamos os seguintes fatores para essas variáveis:

Quadro 2 – Variáveis sociais e seus fatores

Sexo	Idade	Escolaridade
Masculino	Mais de 50 anos	Primário
Feminino	Menos de 50 anos	Secundário

A partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas apresentadas, os dados foram codificados e, então, foram realizadas análises de regra variável pelo programa Rbrul⁹.

Segue, abaixo, um quadro resumido dos grupos de fatores analisados.

Quadro 3 – Sumário do envelope de variação

	Variáveis	Fatores
Linguísticas	Contexto segmental consonantal	TT
		DD
		TD
		DT
	Contexto segmental vocálico	2 Coronais
		2 Dorso-labiais
		2 Dorsais
		Coronal + dorso-labial
		Coronal + dorsal
		Dorso-labial + coronal
		Dorso-labial + dorsal
		Dorsal + coronal
	Dorsal + dorso-labial	
	Igualdade de segmentos	Consoantes iguais, vogais iguais
		Consoantes iguais, vogais diferentes
		Consoantes diferentes em [vozeamento], vogais iguais
		Consoantes diferentes em [vozeamento], vogais diferentes

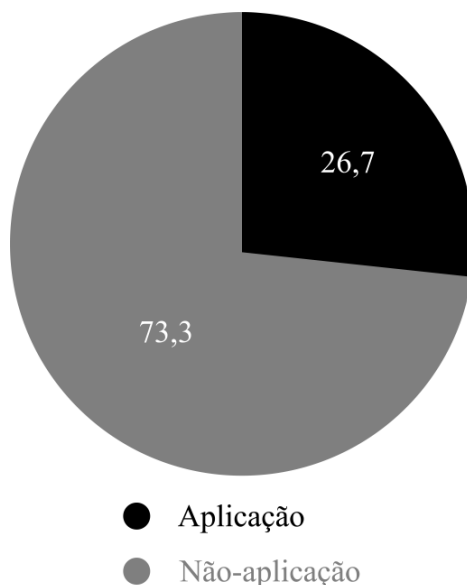
⁹ Software livre (JOHNSON, 2017).

	Número de sílabas da primeira palavra	2 sílabas
		3 sílabas
		4 sílabas – ou mais
	Estrutura silábica da primeira palavra	CV
		CVC
		CCV
	Estrutura silábica da segunda palavra	CV
		CVC
		CCV
	Estrutura métrica	[x • • # •]
		[x • • # c]
		[x • • # y]
		[x • • # x]
		[x • # •]
		[x • # c]
		[x • # y]
	[x • # x]	
	Estrutura prosódica	Entre frases entoacionais
		Entre frases fonológicas
Entre grupos clíticos (dentro da frase fonológica reestruturada)		
Palavras	Primeira posição do contexto	
	Segunda posição do contexto	
Extralinguísticas	Sexo	Masculino
		Feminino
	Idade	Mais de 50 anos
		Menos de 50 anos
	Escolaridade	Primário
		Secundário

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos dados observados das 16 entrevistas de Lages/SC do banco VARSUL, foram levantados 1367 contextos e observamos a aplicação da haplologia em 364 contextos, resultando em um percentual de aplicação de 26,7%, como apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Resultados gerais de aplicação da haplologia



O percentual de aplicação observado na nossa amostra superou resultados de pesquisas anteriores, como de Battisti (2004), em que o percentual foi de 21%, e de Leal (2012), que, para a queda da sílaba, encontrou um percentual de 21,1%.

Na análise de regra variável com o programa Rbrul, o grupo *igualdade entre segmentos* foi retirado da análise, pois foi identificado um problema de ortogonalidade entre esse grupo e os grupos dos *contextos segmentais vocálico e consonantal*. Foi feita, então, a análise de regra variável a partir de uma rodada de efeitos mistos, com o programa Rbrul. Os grupos *palavra na primeira posição* e *palavra na segunda posição* foram rodados como variáveis aleatórias. O programa selecionou nove variáveis como sendo as de maior relevância para a aplicação da haplologia: sete variáveis linguísticas e duas sociais. As variáveis linguísticas selecionadas foram, na sua ordem de seleção pelo programa, *palavra na primeira posição*, *palavra na segunda posição*, *contexto segmental vocálico*, *contexto segmental consonantal*, *estrutura métrica*, *estrutura silábica da primeira palavra* e *estrutura silábica da segunda palavra*. As variáveis sociais *sexo* e *escolaridade* foram as últimas a serem selecionadas.

A seguir, apresentamos os resultados para cada uma das variáveis selecionadas pelo programa.

4.1. Variáveis linguísticas

4.1.1. Palavra na primeira posição

A primeira variável selecionada pelo programa foi palavra na primeira posição. O programa apresenta as frequências e p-valores para todos os itens lexicais, mas, por uma questão de espaço e relevância, apresentamos, abaixo, as frequências e os p-valores obtidos apenas para as primeiras vinte palavras selecionadas.

Tabela 1 – Resultados para *palavra na primeira posição* (20 primeiras)

	Ocorrência	%	Peso Relativo
dentro	27/66	40,9	0,713
festa	14/49	28,6	0,709
baita	3/5	60	0,671
perto	15/32	46,9	0,664
estrada	3/4	75	0,658
lado	9/13	69,2	0,653
gosta	3/9	33,3	0,649
gosto	11/29	37,9	0,643
vontade	12/20	60	0,628
pode	6/9	66,7	0,616
decerto	2/2	100	0,612
nada	3/13	23,1	0,596
praticamente	2/3	66,7	0,587
realidade	3/4	75	0,587
fundo	3/4	75	0,583
metro	2/4	50	0,581
gente	42/149	28,2	0,58
servido	2/2	100	0,58
costas	2/2	100	0,577
juventude	1/1	100	0,577
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 4.03e-06

Verifica-se, aqui, que, entre os vinte itens lexicais selecionados como mais relevantes para a aplicação do processo de haplologia, ou seja, que apresentaram os maiores valores para o peso relativo, dez desses itens também estavam entre os mais frequentes¹⁰ de modo geral na amostra, independentemente da aplicação. As palavras negritadas na tabela 1 são as palavras que estão entre as mais frequentes de nosso *corpus*. A palavra com maior peso relativo, ‘dentro’ ($p = 0,713$), é a terceira palavra mais frequente do *corpus*. ‘Festa’, a palavra com o segundo maior peso relativo ($p = 0,709$), está na quarta posição na escala de frequência do *corpus*. Já a palavra mais frequente do nosso *corpus* – ‘gente’ – também está entre os 20 itens mais relevantes, com um peso relativo um pouco acima do neutro ($p = 0,58$). Esses resultados sugerem haver, portanto, alguma relação entre a frequência da primeira palavra do contexto e a aplicação do fenômeno da haplologia.

4.1.2. Palavra na segunda posição

O segundo grupo selecionado foi *palavra na segunda posição*. Na tabela abaixo, novamente por uma questão de espaço e relevância, apresentamos os resultados dos primeiros dez fatores deste grupo.

Tabela 2 – Resultados para *palavra na segunda posição* (10 primeiras)

	Ocorrência	%	Peso Relativo
dá	1/7	14,3	0,5
dádiva	0/1	0	0,5
dúvida	0/1	0	0,5
da	47/140	33,6	0,5
daí	1/11	9,1	0,5
dada	0/1	0	0,5
dali	1/1	100	0,5
dança	0/2	0	0,5
dançando	0/1	0	0,5

¹⁰ Por se tratar de uma análise de frequência intra-amostra, a frequência das palavras foi calculada manualmente.

dançar	0/1	0	0,5
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 4.03e-06

Nesta variável, verificamos que a porcentagem de aplicação é, em sua maioria, alta para as palavras mais frequentes do nosso *corpus*, como vemos na tabela abaixo, na qual apresentamos as dez palavras mais frequentes do *corpus* e o percentual de aplicação para cada uma.

Tabela 3 – Percentual de aplicação das palavras mais frequentes do *corpus*

	Ocorrência	%
de	444	30
do	167	30
da	140	33
tem	80	25
também	65	29
tinha	35	33
dele	20	5,3
tempo	20	5
tudo	19	21
dia	17	5,9
difícil	15	6,7

Apesar de os percentuais de aplicação serem altos, o peso relativo se mantém neutro ($p = 0,5$) para todos os itens lexicais neste contexto da segunda palavra. Se compararmos os resultados da variável *palavra na primeira posição*, parece que a frequência da primeira palavra do contexto é mais relevante para a aplicação do fenômeno do que a frequência da segunda palavra do contexto. Isto poderia ser um ponto a favor da hipótese de que são as características da primeira sílaba do contexto que mais importam para o processo, pois seria essa sílaba a ser apagada na haplogogia.

Consideramos, contudo, como afirmamos anteriormente, preliminar o exercício de exame de frequência lexical praticado neste trabalho, com pontos sujeitos a falseamento. Um primeiro ponto a ser falseado diz respeito à definição de frequência intra-amostra de que nos valem. O uso de um *corpus* de referência, com grande volume de dados, pode dizer se as características das entrevistas sociolinguísticas podem induzir ou não o emprego de determinados itens lexicais. Outro ponto a explorar é o cruzamento de frequência lexical com outros grupos de fatores, como classe gramatical. Philips (2001) propõe, nesse sentido, que classe gramatical tem precedência sobre frequência em se tratando de fenômenos de redução. Segundo a autora, palavras funcionais são mais frequentes e também mais suscetíveis à redução. Sua incidência maior ou menor na primeira ou segunda posições pode estar, por isso, relacionada a seu maior ou menor índice de apagamento.

4.1.3. Contexto segmental vocálico

O terceiro grupo selecionado pelo programa foi o contexto segmental vocálico. Seguem, abaixo, os resultados para este grupo.

Tabela 4 – Resultados para *contexto segmental vocálico*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
2 coronais 'vontade de estudar'	90/282	31,9	0,648
dorso-labial + dorsal 'fundo da lavoura'	49/137	35,8	0,629
2 dorso-labiais 'vêm tudo do meio de comunicação'	38/116	32,8	0,623
coronal + dorsal 'saudade da mãe'	29/104	27,9	0,565
dorso-labial + coronal 'assistindo televisão'	101/389	26	0,564
coronal + dorso-labial 'antes do casamento'	17/70	24,3	0,515
2 dorsais 'mais certa daquilo que eu queria'	11/52	21,2	0,411
dorsal + dorso-labial 'entrada do ano novo'	13/74	17,6	0,331

dorsal + coronal 'um baita de um pé'	16/143	11,2	0,239
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 4.03e-06

O contexto mais favorecedor ao apagamento é o com duas vogais coronais ($p = 0,648$), seguido pelos contextos com dorso-labial + dorsal e com duas dorso-labiais (respectivamente, $p = 0,629$ e $0,623$). O apagamento ainda é favorecido nos contextos com coronal + dorsal ($p = 0,565$) e dorso-labial + coronal ($p = 0,564$). Se houver uma vogal coronal seguida de uma dorso-labial, o resultado aproxima-se da neutralidade ($p = 0,515$). Todos os contextos com vogais dorsais na primeira posição se mostraram desfavorecedores.

Em contextos com vogais coronais e dorso-labiais na primeira sílaba, a haplologia é favorecida. Considerando que no português a redução das vogais átonas /e/ e /o/ tende a ser regra geral em final de palavras (BISOL; MAGALHÃES, 2004, p. 199), isto pode ser um argumento em favor da hipótese do apagamento da primeira sílaba do contexto da haplologia. A redução da vogal final da primeira palavra resultaria em uma sequência de duas consoantes coronais, que, dessa forma, poderiam estar sujeitas a um processo de degeminação.

Analisando os contextos com vogais iguais nas duas sílabas do contexto, vemos que a igualdade entre as vogais não parece ser significativa para a aplicação da haplologia. Contextos com duas vogais coronais e com duas vogais dorso-labiais favorecem o apagamento. No entanto, se houver duas vogais dorsais, o processo é desfavorecido.

Leal (2012) encontrou resultados semelhantes para a queda da sílaba e a autora afirma que seus resultados podem indicar que “o importante é o ponto de C da vogal sujeita à queda (isto é, da primeira sílaba) e não a igualdade das duas vogais” (LEAL, 2012, p. 122). Isso parece se confirmar nos nossos resultados, visto que o contexto com duas vogais dorsais é desfavorecedor.

4.1.4. Contexto segmental consonantal

Apresentamos agora os resultados para a variável *contexto segmental consonantal*, que foi o quarto grupo selecionado na rodada dos dados.

Tabela 5 – Resultados para *contexto segmental consonantal*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
DT 'meu marido trabalhava'	28/92	30,4	0,622
TT 'muito tempo'	59/237	24,9	0,511
DD 'vontade de estudar'	131/419	31,3	0,509
TD 'rosto da moça'	146/619	23,6	0,359
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.000758

O contexto com uma consoante oclusiva alveolar vozeada (D) na primeira sílaba seguida de uma consoante desvozeada (T) na segunda sílaba é o que se mostrou o mais favorecedor para a aplicação da regra ($p = 0,622$), seguido dos contextos com consoantes iguais nas duas sílabas (TT e DD), que ficam próximos ao ponto neutro (respectivamente, $p = 0,511$ e $0,509$). O contexto que parece inibir a aplicação do fenômeno é o contexto com oclusiva alveolar desvozeada seguida de vozeada (TD) ($p = 0,359$).

Os resultados apontam que a igualdade de vozeamento entre as consoantes, ou seja, a máxima identidade segmental não é um fator obrigatório para que o apagamento aconteça, apesar de ser favorecedor, visto que um contexto com consoantes diferentes também pode favorecer a aplicação da haplologia.

4.1.5. Estrutura métrica

Foram feitas algumas modificações na variável *estrutura métrica* em virtude de alguns problemas que ocorreram na rodada dos dados. Primeiramente, houve *knockout* nos quatro primeiros fatores do grupo, que apresentaram 0% de aplicação. Esses fatores foram retirados da análise.

O fator 7, que englobava contextos com palavras paroxítonas seguidas de uma sílaba com acento secundário ($[x \cdot \# y]$), também foi retirado da análise, pois apresentava poucos dados em relação aos outros grupos.

Por fim, os grupos 5 e 6, que englobam contextos com palavras paroxítonas seguidas de sílaba fraca e um clítico, respectivamente ($[x \cdot \# \cdot]$ e $[x \cdot \# c]$), foram amalgamados. Dessa forma, o grupo *estrutura métrica* ficou dividido em dois

fatores: *acentos separados por mais de uma sílaba* e *acentos separados por uma sílaba*, como vemos na tabela abaixo.

Tabela 6 – Resultados para *estrutura métrica*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
Acentos separados por mais de uma sílaba 'von.TA.de.de.estuDAR' 'di.fe.REN.te.da.QUI'	297/1005	29,6	0,613
Acentos separados por uma sílaba 'a.mi.ZA.de.DE.les'	67/362	18,5	0,387
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.00131

Contextos nos quais os acentos estão separados por mais de uma sílaba são os que favorecem a aplicação do fenômeno ($p = 0,613$), como vemos nos exemplos a seguir.

- (3) 'von.TA.de.de.estuDAR' > 'von.TA.de.estuDAR'
'di.fe.REN.te.da.QUI' > 'di.fe.REN.da.QUI'

Parece que, nesses contextos, a haplologia ocorre como uma forma de diminuir a distância entre os acentos, de forma a tentar reestabelecer uma propriedade rítmica.

O contexto que desfavorece a aplicação do fenômeno é o contexto com acentos separados por uma só sílaba ($p=0,387$), como no exemplo abaixo.

- (4) 'a.mi.ZA.de.DE.les' > 'a.mi.ZA.DE.les'

Neste caso, a hipótese para o desfavorecimento da aplicação é a de que o apagamento da primeira sílaba do contexto resulta em um choque de acentos e, por esse motivo, o processo é inibido.

Os quatro fatores que apresentaram *knockout* e foram retirados da análise englobavam contextos com palavras proparoxítonas na primeira posição. Esses contextos apresentaram 0% de aplicação, não importando o número de sílabas desacentuadas que seguissem essas palavras. Abaixo, alguns exemplos desses con-

textos.

- (5) ‘MÉ.ri.to.de.VI.do’
 ‘GRÁ.vi.da.da.Ângela’
 ‘DÉ.ca.da.dos velhos’
 ‘TRÂN.si.to.de carro’

Diferentemente de outros processos de sândi, como, por exemplo, a elisão (‘menina humilde’ – ‘meni[nu]milde’) e a degeminação (‘casa azul’ – ‘ca[za]zul’), a haplogogia não parece reparar estrutura silábica malformada, mas repara estrutura métrica malformada. Entretanto, no caso das palavras proparoxítonas, que seriam casos extremos de malformação métrica, não ocorre a aplicação. Porém, como temos somente nove dados de palavras proparoxítonas, uma análise mais aprofundada não foi possível¹¹. Observamos, na análise deste grupo, uma espera para discussão do fenômeno da ótica de conspiração de restrições, já que parece estar em jogo uma competição entre diferentes forças responsáveis pela otimização da melhor estrutura.

4.1.6. Estrutura silábica da primeira palavra

São apresentados, na tabela a seguir, as frequências e os pesos relativos referentes ao grupo estrutura silábica da primeira palavra.

Tabela 7 – Resultados para *estrutura silábica da primeira palavra*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
CV ‘perto da Companhia’	325/1191	27,3	0,626
CCV ‘dentro da religião’	33/118	28	0,535
CVC ‘partes do mundo’	6/58	10,3	0,342
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.0157

¹¹ Palavras proparoxítonas em PB estão sujeitas ao fenômeno de redução (‘abóbora’ > ‘abobra’). Essa redução pode ser um dos impedimentos para a aplicação da haplogogia nesses contextos, uma vez que o ambiente pós-redução, neste caso, não parece ser o ideal para o fenômeno de haplogogia.

Nesta variável, vemos que uma sílaba com ataque complexo (CCV) na primeira posição não impede a aplicação do fenômeno; pelo contrário, neste contexto há um leve favorecimento ao apagamento ($p = 0,535$). Nos contextos com sílabas CV, a aplicação é favorecida ($p = 0,626$). O contexto de sílaba com coda (CVC) desfavorece a haplologia ($p = 0,342$)

Os casos de sílaba com coda apresentaram um grande desfavorecimento e, apesar de não termos um número tão grande de dados (58), podemos pensar em possíveis razões para esse resultado. Vejamos os exemplos abaixo:

- (6) ‘partes do mundo’
‘gostam da Jovem Guarda’

Considerando que, na haplologia, a primeira sílaba do contexto é apagada, na primeira frase do exemplo (6), a haplologia resultaria no apagamento de uma marca de plural. Já na segunda frase, uma marca da conjugação de número do verbo seria apagada. Todos os dados com sílaba CVC na primeira palavra têm estruturas semelhantes às dos exemplos acima. Poderíamos supor que há alguma influência morfológica para o desfavorecimento da queda nesses contextos, mas, para tanto, deveríamos fazer uma análise mais detalhada das palavras com essa estrutura, verificando, talvez, a qual classe de palavras elas pertencem. Se isso se confirmar, temos aqui mais um argumento a favor da hipótese de que é a primeira sílaba do contexto que se apaga na haplologia.

4.1.7. Estrutura silábica da segunda palavra

A última variável linguística a ser selecionada foi *estrutura silábica da segunda palavra*. Abaixo, os resultados dessa variável.

Tabela 8 – Resultados para *estrutura silábica da segunda palavra*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
CCV ‘meu marido tr abalhava’	13/26	50	0,630
CV ‘vontade de estudar’	304/1118	27,2	0,497
CVC ‘muito tempo ’	47/223	21,1	0,373
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.0262

Nesta variável, o contexto com sílaba CCV é o que favorece a haplologia. Se a sílaba apresentar a estrutura CV, há um leve desfavorecimento na aplicação do fenômeno. Já com sílabas com coda (CVC), há um grande desfavorecimento do apagamento.

Aqui, diferentemente da variável anterior, a aplicação da haplologia não resultaria no apagamento de nenhuma marca morfológica. Mesmo assim, a sílaba com coda na segunda palavra desfavorece a aplicação.

Leal (2012) apresenta uma análise em que combina a estrutura silábica da primeira sílaba com a da segunda. Seus resultados são semelhantes aos encontrados no nosso trabalho. Eles apontam que contextos com sílabas CV+CV são neutros, assim como “contextos com CCV na primeira posição, seguidas de quaisquer outros tipos de estrutura. Se a primeira posição for ocupada por sílabas com coda, o processo é desfavorecido” (p. 126).

É importante ressaltar que, em relação aos contextos segmentais e à estrutura silábica, pode haver dúvida sobre qual sílaba foi apagada nos contextos de sílabas idênticas. No entanto, levando em consideração os resultados encontrados nestas variáveis, parece haver algumas evidências de que as características da primeira palavra do contexto são mais relevantes para a aplicação da haplologia.

4.2. Variáveis sociais

4.2.1. Sexo

A primeira variável social selecionada foi *sexo*. Abaixo, as frequências e os p-valores para essa variável.

Tabela 9 – Resultados para *sexo*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
Maculino	192/654	29,4	0,538
Feminino	172/713	24,1	0,462
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.046

A Tabela 9 mostra algum favorecimento para a aplicação do processo de haplologia entre os homens, confirmando uma hipótese mais geral de maior conservadorismo na fala das mulheres. Os números, contudo, com certa proximidade

do ponto neutro, não nos permitem conclusões mais contundentes nesse sentido, apontando para necessidade de sofisticação da análise.

4.2.2. Escolaridade

Na tabela a seguir, estão os resultados para o último grupo selecionado: *escolaridade*.

Tabela 10 – Resultados para *escolaridade*

	Ocorrência	%	Peso Relativo
Secundário	199/717	27,8	0,534
Primário	165/650	25,4	0,466
TOTAL	364/1367	26,7	

Input: 0,14

Significância: 0.046

Contrariando o que se observa para a maior parte dos estudos envolvendo variáveis fonológicas em PB, maior escolaridade não parece figurar como força preservadora no caso da haplologia. Pelo contrário: informantes mais escolarizados em nossa amostra fazem mais uso do processo. Contudo, assim como vimos para a variável *sexo*, os pesos relativos ficaram muito próximos do ponto neutro e, portanto, não podem ser considerados condicionadores para a aplicação da haplologia.

Promovemos um cruzamento entre as duas variáveis sociais selecionadas a fim de explorar alguma possível interação entre elas.

Tabela 11 – Cruzamento entre *sexo* e *escolaridade*

	Percentual de aplicação		
	Feminino	Masculino	Total
Secundário	21	29,1	25,4
Primário	26,4	29,6	27,8
TOTAL	24,1	29,4	26,6

Os resultados do cruzamento mostram que o percentual de aplicação é muito semelhante para todos e ainda se aproximam do percentual de aplicação geral do fenômeno. Não foi encontrado, portanto, nenhum resultado discrepante nesse cruzamento e, dessa forma, não parece haver nenhuma interação entre essas variáveis sociais.

Diante desses resultados, não podemos afirmar de modo seguro que o fenômeno de haplologia sofra algum controle de variáveis sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame da comunidade de Lages/SC confirmou a demanda para investigação do fenômeno de haplologia, com aplicação geral ainda superior à encontrada em estudos anteriores. A análise estatística de regra variável empreendida neste trabalho confirma a tese de que se trata de fenômeno sistematizável, influenciado de modo importante por determinadas estruturas linguísticas.

O exame de frequência lexical indicou que *palavra na primeira posição* e *palavra na segunda posição* pode ter alguma relevância na aplicação da haplologia. A partir dos resultados da análise de regra variável, parece que a primeira palavra do contexto é mais relevante para o fenômeno do que a segunda. Comparando as palavras mais relevantes para a aplicação (com maiores pesos relativos) e as palavras mais frequentes do *corpus*, constatamos que há uma coincidência considerável entre elas, o que pode reforçar o papel da frequência para a aplicação do fenômeno. Como apontamos, a ratificação desses resultados pode se beneficiar de uma análise que tome como base um *corpus* de referência, considerando-se maior volume de dados em contextos menos circunscritos de elocução. Além disso, cruzamentos dessa variável com as demais variáveis – linguísticas e sociais –, acrescidos de um estudo do comportamento dos indivíduos, podem ser muito informativos.

Os resultados obtidos nos contextos segmentais consonantal e vocálico apontam para o fato de que a igualdade entre as sílabas não é o fator mais relevante para a aplicação da haplologia. As características da sílaba que ocupa a primeira posição no contexto da haplologia é que parecem ser mais relevantes para a aplicação do fenômeno. Isso dá força à hipótese de que o processo é implementado através do apagamento da primeira sílaba do contexto envolvido. Abre-se aqui um espaço para discussão mais aprofundada sobre motivações articulatórias envolvidas no fenômeno.

A partir da análise da estrutura métrica, é possível supor que a haplologia ocorre como uma forma de diminuir a distância entre os acentos, de modo a tentar restabelecer uma propriedade rítmica. Por esse motivo, o apagamento é desfavo-

recido quando a segunda sílaba do contexto for tônica, corroborando a hipótese de que o choque de acentos gerado pelo apagamento inibe a aplicação do fenômeno. Estes resultados confirmam os resultados de outras pesquisas, como as de Tenani (2002) e Mendes (2009). O fato de contextos com palavras proparoxítonas não apresentarem aplicação do fenômeno, não importando o número de sílabas desacentuadas que seguem, ainda precisa ser analisado mais a fundo, de modo a compreendermos por que a haplologia não repara esses casos de estrutura métrica malformada. Essa aparente incongruência sinaliza no mínimo para o fato de que não um, mas um conjunto de forças, algumas antagônicas, parece competir entre si na direção de uma forma estruturalmente otimizada na língua.

Sílabas com ataque complexo não inibem ou bloqueiam o fenômeno, como se poderia supor. A estrutura silábica que desfavorece o apagamento é a da sílaba com coda, principalmente se essa se encontrar na primeira posição do contexto, o que corrobora a ideia de que é a primeira sílaba que é apagada. Se há algum fator morfológico influenciando esse desfavorecimento a sílabas com coda na primeira posição, ainda não é possível afirmar com certeza, e seria necessária uma análise com uma maior quantidade de dados.

Aliada a essa análise morfológica, pretendemos, como uma perspectiva de continuidade da análise, classificar as palavras dos contextos analisados quanto a sua classe gramatical. Dessa forma, poderemos verificar se alguma classe gramatical interage, favorecendo ou inibindo a haplologia, em algum grupo de fatores.

Por fim, é preciso sofisticar a análise das variáveis sociais. Apesar da seleção das variáveis *sexo* e *escolaridade* no último arranjo submetido à rodada estatística em nossa pesquisa, os números próximos ao ponto neutro não nos permitem conclusões contundentes. A proximidade de nossos resultados para essas variáveis com os obtidos em análises anteriores permite-nos sustentar que o fenômeno de haplologia tem comportamento similar no português falado em diferentes regiões do país.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E. Haplologia sintática e efeitos da economia. **Organon**, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.
- BATTISTI, E. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. **Letras de Hoje**, v. 40, n. 3, p. 73-88, 2005.
- BISOL, L.; MAGALHÃES, J. S. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. **Revista da ABRALIN**, v. III, p. 195-216, 2004.
- BRAMBILA, T. O. **Análise variacionista da ditongação como processo de sândi externo na fala de Lages/Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

- CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- COLLISCHONN, Gisela. Um' interpretação d'elisão em hiato em dados de Lages (SC). In: **Anais do X Encontro do CELSUL: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Cascavel: Unioeste, 2012. p. 1-10.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; OLIVEIRA, D. M. L. Efeitos da frequência na produção de fricativas alveopalatais emergentes. **Estudos Linguísticos**, n. XXXIII, p. 656-662, 2004.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- HEINECK, D. **Análise do fenômeno fonológico da haplogia no português falado em Lages/SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- JOHNSON, D. E. **Rbrul version 3.4.2**. 2017. Disponível em: <https://cran.r-project.org>. Acesso em: 04/10/2017.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LEAL, E. G. **Teoria fonológica e variação: a queda de sílaba em Capivari e em Campinas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MENDES, R. M. G. **A haplogia no português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais, Belo Horizonte, 2009.
- PAVEZI, V. C. Haplogia entre fronteiras acima da palavra fonológica. **Estudos Linguísticos**, n. XXXV, p. 1945-51, 2006.
- PHILIPS, B. Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Filadélfia: John Benjamins, 2001. p. 123-136.
- TENANI, L. **Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- TENANI, L. Haplogia e domínios prosódicos. **Letras de Hoje**, v. 38 n. 4, p. 283-306, 2003.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

Acento secundário no espanhol mexicano

Alessandra Santos Solé

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

O acento secundário é entendido tradicionalmente como uma proeminência intermediária entre a sílaba tônica (ou sílaba que porta acento primário/lexical), mais forte, e as sílabas átonas, mais fracas. Nos estudos experimentais, por outra parte, é possível investigar o acento de três pontos de vista diferentes, que se complementam: perceptual, acústico e fisiológico.

Pelo viés acústico, foco desta pesquisa, o acento pode ser analisado a partir de três propriedades ou parâmetros principais: frequência fundamental (F0), intensidade e duração. A frequência de uma onda é o número de vibrações ou ciclos realizados em um determinado período de tempo e, assim, o F0 caracteriza-se como a frequência mais baixa entre todas as ondas que compõem um dado som complexo – sendo medido geralmente em *Hertz* (Hz). A intensidade é também uma característica física das ondas sonoras, estreitamente vinculada com a amplitude, e é definida como potência acústica. Além disso, a intensidade é normalmente medida em decibéis (dB). Por último, a duração de um som é a quantidade de tempo empregada para a sua emissão, medida geralmente em milissegundos (ms). Desse modo, os pesquisadores podem analisar o acento por meio das variações na frequência fundamental do sinal e por meio da intensidade e duração do som (GIL-FERNÁNDEZ, 2007).

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o acento secundário do espanhol em palavras paroxítonas com três sílabas pretônicas produzidas por falantes nativos do México. E, mais especificamente, investigamos esse acento a partir da relação entre as vogais (pretônicas e tônica) dessas palavras em diferentes estilos de fala no que concerne às propriedades acústicas: valor máximo de F0, média de intensidade e duração vocálica.

Entendemos, neste estudo, o acento secundário do espanhol como um acento retórico, isto é, um fenômeno ou “dispositivo” característico da fala pública,

quando o falante se dirige a uma audiência. O acento retórico do espanhol está presente na fala de apresentadores de rádio e televisão, bem como na fala de políticos e palestrantes. Na fala coloquial, porém, é menos comum o uso desse dispositivo, sendo considerado às vezes como “estilo” de alguns falantes (HUALDE; NADEU, 2014). Por isso, usaremos acento secundário e acento retórico como sinônimos, apesar de o primeiro termo, acento secundário, abarcar uma gama bem maior de fenômenos no espanhol.

Assim sendo, comparamos o comportamento dessas propriedades na palavra e em dois estilos de fala possíveis no espanhol, sendo que há uma subdivisão no segundo: 1) padrão lista – palavras acentuadas apenas lexicalmente (acentos lexical ou primário), em ‘naturaléza’, por exemplo; 2) padrão retórico – palavras que apresentam, além do acento lexical, proeminências secundárias (acentos pós-lexical ou secundário). Este último padrão pode-se manifestar em palavras mais longas do espanhol, com mais de duas pretônicas (HUALDE; NADEU, 2014), e subdivide-se em dois padrões diferentes, dependendo da localização do acento secundário: 2.1) acento retórico enfático – proeminência na primeira sílaba da palavra, por exemplo, em ‘nàaturaléza’ (onde o acento grave representa o acento secundário e o acento agudo representa o acento primário); e 2.2) acento retórico rítmico – proeminência em sílabas alternantes da palavra em função do acento lexical, por exemplo, em ‘natùaturaléza’.

Como veremos na próxima seção, há vários aspectos do acento secundário do espanhol que estão longe de fazê-lo um tema consensual. Assim sendo, esta pesquisa tem como finalidade apresentar um panorama do acento secundário no espanhol, bem como responder algumas questões como a sua localização – atestando a existência dos padrões descritos na literatura – e descrever, ainda que de uma forma limitada, como as propriedades acústicas se comportam na palavra.

Este texto organiza-se desta forma: na seção seguinte, apresentamos a discussão sobre o acento secundário em trabalhos anteriores e descrevemos com mais detalhes o estudo de Hualde e Nadeu (2014), no qual nos baseamos metodologicamente. Na terceira seção, relatamos a nossa metodologia, que abrange a hipótese de pesquisa, o experimento e as análises realizadas. Na quarta seção, apresentamos os resultados, referentes à opinião de juízes sobre a proeminência das pretônicas no estilo retórico, os dados descartados na pesquisa e as análises para cada propriedade acústica, separadas em subseções. E, na quinta seção, finalizamos com a discussão dos resultados e a conclusão do trabalho.

2. ESTUDOS PRÉVIOS

Os estudos sobre o acento secundário do espanhol podem ser separados

basicamente em duas categorias: estudos fonológicos e estudos fonéticos (ou experimentais). Os primeiros caracterizam-se pela descrição e/ou análise do acento, tendo como base uma teoria fonológica. Não obstante, a localização do acento secundário, em alguns textos, parece ser uma questão que parte mais da intuição do pesquisador do que de resultados de trabalhos propriamente acústicos. Nesses estudos, podemos verificar pelo menos dois tipos principais de acento secundário no espanhol: acento na sílaba inicial ou acento em sílabas alternantes de palavra. Ainda assim, há divergências entre autores.

Os estudos experimentais, em contrapartida, buscam encontrar evidências acústicas da existência do acento secundário por meio da identificação de um correlato acústico (ou mais correlatos), bem como determinar a localização desse acento nas palavras. Além disso, os foneticistas testam geralmente parâmetros como F0, intensidade e duração em segmentos acentuados/não acentuados, buscando observar diferenças entre esses valores. No entanto, os estudos experimentais ainda representam um desafio devido aos diferentes métodos e técnicas utilizados, dificultando assim uma comparação mais consistente dos resultados obtidos nesses trabalhos.

Com isso, acreditamos que nenhuma das duas abordagens conseguiu ainda dar conta da complexidade do tema, em parte pela escassez de trabalhos. Além disso, há vários aspectos que precisam ser elucidados. Como veremos a seguir, os estudos do acento secundário no espanhol apresentam, no que se refere a sua localização, uma diversidade de opiniões que, por vezes, se opõem.

Uma das primeiras descrições do acento secundário em espanhol deve-se a Navarro Tomás (2004 [1918]), que mencionou a existência de um “acento de intensidade” e entendeu que o acento secundário é atribuído às sílabas alternantes da palavra, como em ‘rèpetír’, ‘àbadésa’ e ‘còntrepròducénte’. No entanto, em palavras com quatro e cinco sílabas e com acento lexical na quarta sílaba, o acento de intensidade recairia sobre a primeira sílaba, como, por exemplo, em ‘èmpera-dór’ e ‘òscurecído’. Esse padrão de acentuação do espanhol, em que há uma sílaba proeminente seguida por um lapso, é conhecido como “dátilo inicial” – uma sílaba forte em início de palavra, seguida de duas fracas. Além disso, o autor previa proeminência após o acento primário, isto é, na sílaba postônica final de palavras proparoxítonas.

Entretanto, Quilis (1993) apresentou alguns contraexemplos, talvez em resposta ao trabalho de Navarro Tomás, e entendeu o acento secundário como um acento enfático ou de insistência, pois não o considerava usual na fala. Em uma palavra com cinco sílabas e acento primário na quarta, como ‘intèrpretáda’, por exemplo, observamos que o acento secundário é atribuído à segunda sílaba da palavra, diferentemente da descrição de Navarro Tomás, que posicionaria a proeminência na primeira sílaba (‘interpretáda’). Além disso, o autor oferece

outro exemplo, em contexto frasal, que se opõe ao padrão de acento apontado por Navarro Tomás: ‘bajo mi rèsponsabilidad’.

Há ainda outros estudos, como os de Harris (1983), Hualde (2007, 2010, 2012) e Hualde e Nadeu (2014), em que se considera a existência de mais de um padrão de acento secundário no espanhol. Harris entendeu que há diferenças com respeito ao estilo de fala e, desse modo, haveria dois padrões para o espanhol: um mais coloquial, como em ‘gràmaticàlidad’ (com proeminência na primeira sílaba, formando um dátilo inicial), e outro mais formal, como em ‘gramàticàlidad’ (com proeminência nas sílabas alternantes do lado esquerdo do acento primário).

Hualde (2007, 2010, 2012) e Hualde e Nadeu (2014), por outro lado, acreditam que os dois padrões apresentados por Harris não se diferenciariam em termos de grau de formalidade, já que os dois padrões seriam próprios da fala pública. Além disso, o acento secundário, diferentemente do primário, não é contrastivo, isto é, não diferencia palavras, e, por essa razão, os nativos do espanhol teriam dificuldade em percebê-lo.

Além das diferentes perspectivas quanto à localização do acento, é necessário destacar que os primeiros trabalhos experimentais, que buscaram encontrar evidências acústicas para o acento secundário do espanhol, não foram conclusivos, devido provavelmente ao *corpus* utilizado (HUALDE, 2007, 2010, 2012). Hualde e Nadeu (2014), constatando esse problema, propuseram um experimento para a coleta de palavras do espanhol com a presença do acento retórico. Na próxima subseção, descrevemos esse método de coleta de dados.

2.1. Estudo de Hualde e Nadeu (2014)

Nesse trabalho, Hualde e Nadeu entenderam que no espanhol existem dois padrões de fala, no que se refere às proeminências da palavra, um mais coloquial, que denominaram “lista”, e outro mais formal, próprio da fala pública, que denominaram “retórico”. O primeiro refere-se à acentuação lexical apenas, sem outras proeminências na palavra. O padrão retórico, por sua vez, subdivide-se em dois padrões, dependendo da localização do acento secundário: “padrão enfático”, com proeminência na sílaba inicial da palavra, e “padrão rítmico”, com uma alternância entre proeminências, isto é, alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas. A partir dessas definições, os autores elaboraram um experimento para coletar e analisar acusticamente palavras nesses três padrões de fala. Para isso, formaram um grupo com cinco falantes do espanhol peninsular (um homem e quatro mulheres), que tiveram por tarefa completar uma sentença incompleta com as palavras de uma lista.

Desse modo, os pesquisadores prepararam previamente a gravação em áu-

dio de uma mesma sentença incompleta – ‘tenemos alemanes, portugueses...’ – em três padrões diferentes de fala: 1) lista: ‘tenémos alemánes, portuguêses...’; 2) rítmico: ‘tenémos àlemánes, pòrtuguéses...’; 3) enfático: ‘tenémos àlemánes, pòrtuguéses...’. Como podemos observar, tanto o padrão rítmico quanto o enfático apresentam acento secundário na primeira pretônica de ‘alemanes’ e ‘portugueses’. De acordo com os pesquisadores, o padrão enfático foi diferenciado do rítmico pela produção de uma ênfase maior na sílaba inicial dessas duas palavras.

Além disso, os dois últimos padrões diferenciam-se, no que se refere à localização silábica, apenas em palavras com três ou mais pretônicas. Por isso, os autores decidiram propositalmente escolher palavras com apenas duas sílabas pretônicas para o estímulo, a fim de que os participantes pudessem generalizar os padrões ouvidos às palavras com três sílabas pretônicas.

Na coleta de dados, os participantes receberam um dado contexto (‘quais nacionalidades estão representadas na sua empresa?’) e, a partir dos três estímulos gravados em áudio, leram uma lista com diversas palavras referentes à nacionalidade. Desse modo, os participantes ouviam a sentença e imitavam o padrão pretendido na leitura das outras palavras. Esse procedimento foi repetido seis vezes, duas vezes para cada padrão. Cabe dizer que essas repetições também serviram para a análise de dados. Para a análise, foram selecionados os vocábulos acentuados lexicalmente na penúltima que apresentavam de uma a três sílabas pretônicas.

Com relação às palavras da lista com três pretônicas, os autores acreditavam que os participantes diferenciariam os dois padrões retóricos – apesar de as sentenças terem sido produzidas de forma muito similar e de o acento secundário não ser contrastivo. Desse modo, Hualde e Nadeu esperavam que as palavras do padrão rítmico fossem produzidas com proeminência na segunda sílaba da palavra e as do enfático, na primeira sílaba.

Para a análise acústica, a vogal acentuada lexicalmente e todas as pretônicas precedentes das palavras foram segmentadas manualmente no Praat. Além disso, foi executado um *script* no Praat, que resultou no valor máximo de F0, na média de intensidade e na duração total dessas vogais. Esses dados foram normalizados pela transformação em valores-z e, após, divididos em três grupos, dependendo do número de pretônicas (uma, duas ou três). Por fim, os pesquisadores analisaram estatisticamente os dados por meio de modelos de regressão linear com efeitos mistos, testando a interação entre *estilo de fala* e *posição silábica*, como efeitos fixos, e *participantes*, como efeito aleatório.

Após as análises estatísticas, Hualde e Nadeu concluíram que o acento retórico parece estar relacionado com a proeminência de F0 e o acento lexical, com a proeminência de duração. Os participantes demonstraram, nas duas condições retóricas (padrão enfático e rítmico), preferência pela proeminência duas sílabas antes do acento lexical em palavras com três pretônicas, característica do padrão rítmico.

Com isso, os resultados parecem indicar-nos que os participantes não diferenciam os dois padrões de acento retórico e/ou não produzem o padrão enfático. Além disso, eles não evitaram o choque de acentos em vocábulos com uma pretônica.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a hipótese de pesquisa e descrevemos o experimento e as análises. Como explicaremos a seguir, os dados foram coletados em um estudo anterior. Por isso, o presente trabalho constitui-se como uma extensão do que foi realizado em Solé (2014).

3.1. Hipótese de pesquisa

Com base em estudos anteriores, acreditamos que existem dois padrões principais de acento retórico no espanhol falado por nativos do México: um padrão enfático e outro rítmico, que se manifestam e se distinguem em palavras com três ou mais sílabas pretônicas. Isso significa que os participantes da amostra poderão produzir na fala retórica tanto formas como ‘dòminicános’ (padrão enfático) quanto ‘dominícános’ (padrão rítmico), por exemplo. Por outra parte, os falantes também podem produzir formas como ‘dominicános’, sem acento secundário, em uma fala mais coloquial.

Com relação aos parâmetros acústicos, e também levando em consideração trabalhos anteriores neste tema, acreditamos que F0, intensidade e duração têm um papel importante na produção de segmentos acentuados e se manifestam indistintamente por meio do aumento de seus valores em relação a unidades não acentuadas, isto é, no padrão enfático haverá valores mais altos na vogal inicial da palavra e no padrão rítmico haverá um aumento desses valores na segunda vogal, em relação às outras vogais da palavra e às mesmas vogais em outros padrões.

3.2. Experimento

Nesta subseção, apresentamos informações sobre os participantes e os procedimentos usados para a coleta de dados.

3.2.1. Participantes

O experimento de Solé (2014) contou com um jovem de 21 anos, nativo do espanhol e nascido na capital do México (DF – *Ciudad de México*), cujas produções gravadas em áudio, mais tarde, serviram como estímulo para a tarefa – nas duas condições, lista e retórica – com outros dez participantes, cujas produções também foram gravadas. Para este trabalho, selecionamos sete participantes do sexo masculino.

Os participantes, no momento da coleta de dados, tinham idades entre 21 e 25 anos ($M = 23$) e eram estudantes universitários, sendo a maioria proveniente da capital mexicana, exceto por dois deles, um da cidade de Veracruz e outro de Guadalajara. Para participarem do experimento, os participantes tiveram de responder a uma ficha social e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido.

Além disso, após a coleta de dados, foram selecionados três juízes, com conhecimentos em fonética e língua espanhola, para marcar, a partir dos áudios resultantes da coleta com os participantes mexicanos, as sílabas pretônicas proeminentes das palavras na condição retórica.

3.2.2. Procedimentos

Na primeira etapa do experimento, foi solicitada, ao falante nativo do México, a produção da frase incompleta ‘tenemos alemanes, portugueses...’ com dois padrões de entonação: ‘tenémos alemánes, portuguéses...’, no padrão lista, e ‘tenémos àlemánes, pòrtuguéses...’, no padrão retórico. Na produção deste sujeito, optou-se por não diferenciar os dois padrões retóricos (enfático e rítmico), diferentemente do que fizeram Hualde e Nadeu (2014), e observar, na sequência, como os participantes generalizariam o padrão de acento retórico às palavras com três sílabas pretônicas.

As produções das duas sentenças no estilo lista e retórico serviram mais tarde como estímulo para a produção de palavras por falantes do México, em duas condições: lista (acentuação lexical apenas) e retórica (que poderia apresentar acentuação enfática ou rítmica). Os participantes, nessa segunda etapa, deveriam escutar a sentença incompleta e procurar imitar ou generalizar o padrão ouvido às palavras da seguinte lista: ‘chilenos’, ‘franceses’, ‘argentinos’, ‘dominicanos’, ‘ingleses’, ‘hondureños’, ‘japoneses’, ‘polacos’, ‘salvadoreños’, ‘mexicanos’, ‘rumanos’, ‘panameños’, ‘senegaleses’, ‘venezolanos’, ‘americanos’.

Para este trabalho, analisamos apenas as palavras com três sílabas pretônicas, produzidas na segunda etapa do experimento (‘dominicanos’, ‘salvadoreños’, ‘senegaleses’, ‘venezolanos’ e ‘americanos’), já que nosso interesse principal é,

além de analisar as propriedades acústicas do acento, verificar a localização do acento secundário e, conseqüentemente, os padrões possíveis no espanhol mexicano.

Na terceira etapa, três juízes escutaram os áudios das produções dos participantes mexicanos e marcaram as proeminências (acento secundário) das palavras produzidas no padrão retórico. Em suma, a tarefa dos juízes foi marcar a sílaba pretônica proeminente dessas palavras ou, se não houvesse, marcar ausência de acento secundário (\emptyset). A partir disso, separamos os dados do padrão retórico em enfático e rítmico.

3.3. Análise acústica e estatística

Para a análise acústica, as palavras produzidas no experimento anterior, e suas respectivas vogais, foram manualmente segmentadas no programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2013). A partir disso, foram extraídos, das vogais pretônicas e tônicas das palavras, o valor de máximo de F0 (Hz), a média de intensidade (dB) e a duração vocálica total (ms). A vogal postônica não foi incluída na análise, apenas as três pretônicas (1, 2 e 3)¹ e a tônica (4)².

Vale ressaltar que, em Solé (2014), foram analisadas as médias de F0 e intensidade das vogais; porém, neste estudo, preferimos refazer as medições de F0 e analisar o seu valor máximo, como Hualde e Nadeu (2014), em lugar do valor médio. Além disso, como esses autores, preferimos normalizar as vogais coletadas pela transformação em valores-z dos dados, em que calculamos a média e o desvio padrão, separadamente para os três parâmetros acústicos, de cada participante. Com a média e o desvio padrão dos dados de cada parâmetro, subtraímos a média pelo valor correspondente de cada dado e dividimos a diferença pelo desvio padrão. O resultado obtido para cada dado indica-nos quantos desvios padrão cada escore está (acima ou abaixo) da média da distribuição.

Após esse procedimento, baseados na avaliação dos juízes, separamos os dados em três conjuntos segundo o estilo de fala: lista, enfático e rítmico. Para isso, consideramos que pelo menos dois juízes deveriam concordar na localização do acento. Caso eles julgassem que não havia produção de acento secundário, nas palavras que deveriam ter sido produzidas no padrão retórico, optamos por excluir esse dado da amostra.

Após transformar os valores brutos de F0, da intensidade e da duração em valores-z, fizemos, em um primeiro momento, uma análise exploratória dos dados.

¹ Os números referem-se à primeira, segunda e terceira vogal da palavra.

² O número 4 refere-se à quarta vogal, isto é, a vogal acentuada lexicalmente (acento primário).

Para ilustrar os resultados, elaboramos diagramas de distribuição dos dados por estilo (lista, enfático e rítmico) e posição silábica (primeira, segunda, terceira ou quarta sílaba da palavra, da esquerda para direita) e, para complementar, diagramas comparativos dos três padrões de fala.

Além disso, analisamos os dados por meio de modelos lineares generalizados mistos para cada uma das três propriedades acústicas, sendo *posição silábica* (1, 2, 3 e 4 sílabas) e *estilo de fala* (lista, enfático e rítmico), como efeitos fixos, e *falante* (sete participantes), como efeito aleatório. Analisamos os efeitos principais de *posição* e *estilo* e as interações entre essas duas variáveis. Além disso, fizemos comparações por pares dependendo da posição ou do estilo para cada variável dependente. O nível de significância, utilizado para as nossas análises, foi de 0,05.

Para a análise acústica, utilizamos o programa Praat na segmentação das vogais e na obtenção dos valores acústicos correspondentes (valor máximo de F0, média de intensidade e duração). Para a análise estatística, utilizamos o programa SPSS (IBM, 2012) nas transformações dos dados para valores-z, na elaboração de diagramas e no teste estatístico. Na próxima seção, apresentamos os resultados dessas análises.

4. RESULTADOS

Nesta seção, relatamos primeiramente os resultados referentes à opinião dos juízes sobre as proeminências nas sílabas pretônicas das palavras no padrão retórico, mostrando essa distribuição na amostra. Em seguida, mencionamos os dados descartados e o total de dados analisados. E, por fim, apresentamos as nossas análises de F0, intensidade e duração, por meio de diagramas e dos resultados de testes estatísticos.

4.1. Opinião dos juízes

Como foi exposto anteriormente, consultamos a opinião de três juízes quanto à localização das proeminências (nas sílabas pretônicas) das palavras produzidas no padrão retórico. A partir disso, separamos os dados em três categorias: lista, enfático e rítmico.

A seguir apresentamos uma tabela com o padrão de entonação usado pelos participantes em cada palavra produzida, segundo a opinião desses juízes (rótulos: Ø = Nulo; E = Enfático; R = Rítmico).

Tabela 1 – Distribuição dos padrões retóricos nas palavras

Participantes	'dominicanos'	'salvadoreños'	'senegaleses'	'venezolanos'	'americanos'
1	E	R	E	E	E
2	Ø	E	E	Ø	Ø
3	Ø	R	R	R	E
4	R	R	R	R	R
5	E	E	R	R	E
6	Ø	E	E	E	E
7	R	R	R	R	R

Como podemos observar, há uma distribuição equilibrada entre os padrões rítmico (N = 16) e enfático (N = 14), demonstrando que os participantes podem utilizar indistintamente os dois padrões de acento retórico ou optar por um deles, como reflexo de preferências pessoais.

4.2. Dados descartados

Como já foi dito, não consideramos os dados de palavras que deveriam ter sido produzidas com acento retórico e que foram produzidas no padrão lista, isto é, sem acento secundário. Além disso, tivemos de descartar dados devido a problemas no áudio ou a valores extremos (*outliers*), encontrados por meio de uma análise exploratória dos dados no SPSS. Na próxima tabela, mostramos os dados totais coletados, bem como aqueles que foram excluídos da análise.

Tabela 2 – Total de dados coletados e de dados descartados

Número de dados coletados	Número de dados descartados
280 = 5 palavras x 4 posições silábicas x 7 participantes x 2 padrões de fala	20 (sem acento secundário/Ø) 3 (problemas no áudio) 2 (valores extremos/ <i>outliers</i>)

A partir desses dados (N = 255), elaboramos diagramas e executamos os

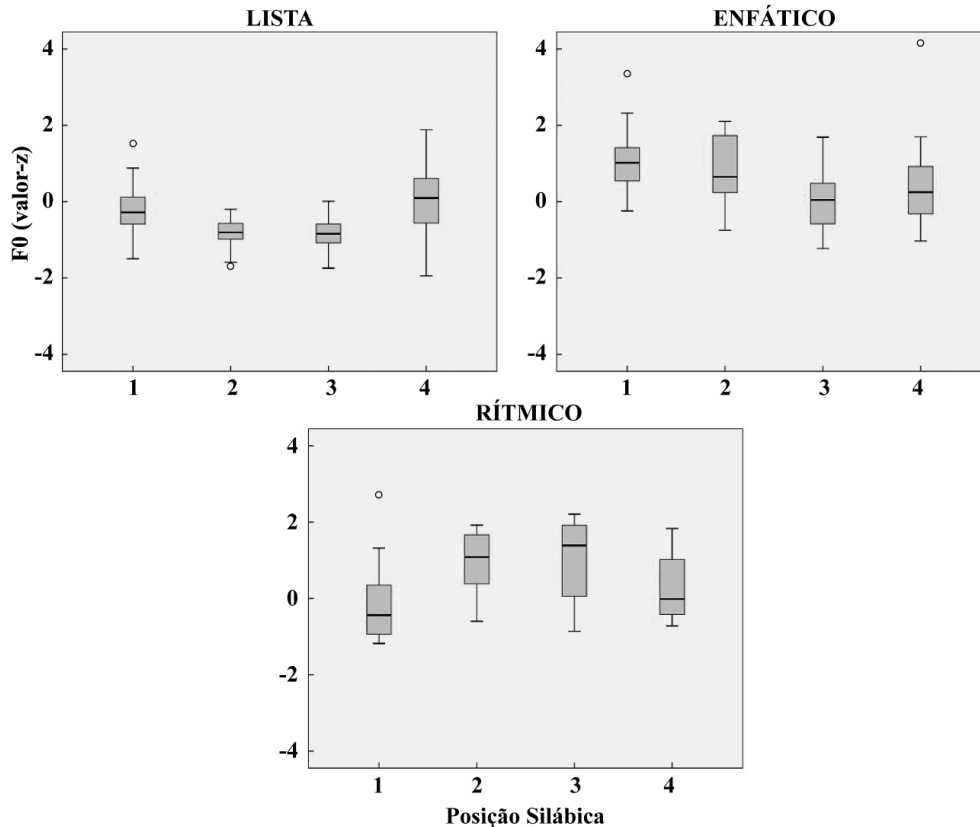
testes estatísticos. A seguir, apresentamos os resultados para F0, intensidade e duração vocálica.

4.3. Valor máximo de F0

Para a análise estatística, como já mencionamos, executamos um teste para os nossos dados referentes ao valor máximo de F0 por meio de modelos lineares generalizados mistos, que resultou em um efeito principal não significativo para *posição silábica* ($F [3, 237] = 1,086, p = 0,356$), mas significativo para *estilo de fala* ($F [2, 231] = 54,82, p > 0,001$). Além disso, há um efeito de interação significativo entre essas duas variáveis, *estilo e posição* ($F [6, 237] = 10,68, p > 0,001$).

Na Figura 1, apresentamos um diagrama para cada estilo de fala (lista, enfático e rítmico), em que as posições silábicas das vogais, representadas pelos rótulos de 1 a 4, estão no eixo horizontal e os valores normalizados de F0, para essas vogais, correspondem ao eixo vertical. Os rótulos 1, 2 e 3, da esquerda para a direita da palavra, referem-se às vogais pretônicas e 4, à tônica.

Figura 1 – Valores máximos de F0 (transformados em valor-z) nas quatro posições silábicas da palavra



Na comparação estatística de posição silábica por pares (Tabela 3), o padrão lista apresenta, como observamos na Figura 1, uma diminuição de F0 da primeira para a segunda vogal, seguindo estável até a terceira – a segunda vogal e a terceira não são estatisticamente diferentes – e há um aumento de F0 da terceira para a quarta sílaba. A primeira vogal e a quarta também não se diferenciam.

No padrão enfático, o valor de F0 é mais alto na primeira vogal, em relação à terceira e à quarta, e similar à da segunda posição silábica, já que a diferença não é estatisticamente significativa. Além disso, a vogal acentuada lexicalmente diferencia-se apenas da primeira vogal da palavra.

No padrão rítmico, diferentemente do anterior, há um aumento do F0 após a primeira vogal, mais baixa estatisticamente, em comparação com as outras duas vogais subsequentes, que não se diferenciam estatisticamente entre si. Uma diminuição desses valores ocorre novamente na quarta vogal. A primeira vogal e a quarta, com valores próximos estatisticamente, são mais baixas em F0 do que as outras duas.

Tabela 3 – Contrastes por posição silábica (valor máximo de F0)

Estilo	Posição	Estimativa	DP ³	Valor-t	Valor-p	IC de 95% ⁴	
Lista	4 – 3	0,87	0,18	4,84	0,000*	0,518	1,228
	4 – 2	0,86	0,18	4,76	0,000*	0,503	1,213
	4 – 1	0,27	0,18	1,48	0,140	-0,088	0,622
	3 – 2	0,01	0,18	0,08	0,934	-0,367	0,338
	3 – 1	0,61	0,18	3,38	0,001*	-0,958	-0,253
	2 – 1	0,59	0,18	3,30	0,001*	-0,944	-0,238
Rítmico	4 – 3	0,74	0,27	2,69	0,008*	-1,279	-0,198
	4 – 2	0,72	0,27	2,63	0,009*	-1,262	-0,181
	4 – 1	0,34	0,27	1,25	0,211	-0,196	0,885
	3 – 2	0,02	0,26	0,07	0,947	-0,504	0,539
	3 – 1	1,08	0,26	4,09	0,000*	0,561	1,604
	2 – 1	1,06	0,26	4,02	0,000*	0,544	1,587
Enfático	4 – 3	0,44	0,28	1,54	0,125	-0,122	0,994
	4 – 2	0,28	0,28	0,98	0,328	-0,835	0,280
	4 – 1	0,61	0,29	2,07	0,040*	-1,191	-0,029
	3 – 2	0,71	0,28	2,52	0,012*	-1,271	-0,156
	3 – 1	1,05	0,29	3,55	0,000*	-1,627	-0,465
	2 – 1	0,33	0,29	1,13	0,260	-0,914	0,248

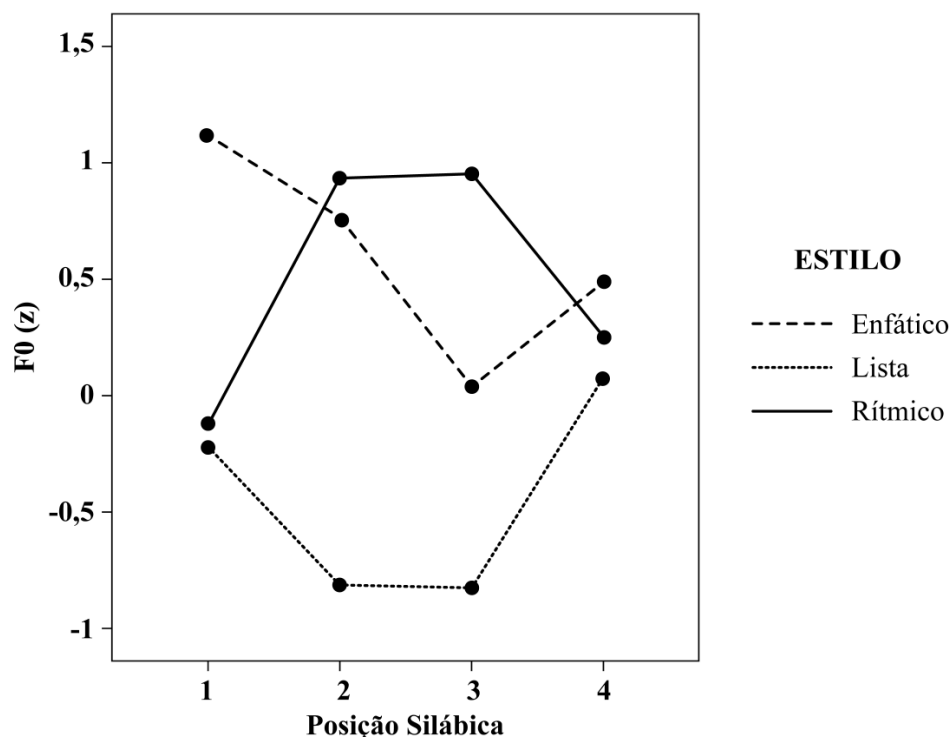
* Estatisticamente significativo.

³ Desvio Padrão.

⁴ Intervalo de confiança de 95%.

Na Figura 2, apresentamos os três padrões no mesmo gráfico a fim de compará-los no que se refere aos valores máximos de F0.

Figura 2 – Valores máximos de F0 (transformados em valor-z) nos três padrões de fala



A partir dos resultados do teste (Tabela 4), verificamos que o padrão rítmico e o padrão lista não se diferenciam na primeira posição silábica, enquanto o padrão enfático apresenta valor de F0 bem mais alto do que os outros dois. Na segunda posição silábica, os dois padrões retóricos, muito próximos entre si, têm valores mais altos de F0 do que o padrão lista. Na terceira posição silábica, verificamos que a condição rítmica é a que tem maior valor de F0 e a condição lista, o menor. Finalmente, na quarta posição, podemos notar que os três padrões estão muito próximos e não há uma diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4 – Contrastes por estilo (valor máximo de F0)

Posição	Estilo	Esti-mativa	DP	Valor-t	Valor-p	IC de 95%	
1	Enfático-Lista	1,24	0,25	4,88	0,000*	0,738	1,735
	Enfático-Rítmico	1,08	0,29	3,65	0,000*	0,496	1,659
	Lista-Rítmico	1,16	0,23	0,69	0,490	-0,611	0,294

2	Enfático-Lista	1,49	0,24	6,23	0,000*	1,022	1,967
	Enfático-Rítmico	0,32	0,28	1,13	0,260	-0,881	0,239
	Lista-Rítmico	1,81	0,23	7,90	0,000*	-2,268	-1,363
3	Enfático-Lista	0,80	0,24	3,32	0,001*	0,324	1,268
	Enfático-Rítmico	1,05	0,28	3,70	0,000*	-1,612	-0,491
	Lista-Rítmico	1,85	0,23	8,04	0,000*	-2,300	-1,395
4	Enfático-Lista	0,36	0,24	1,50	0,137	-0,114	0,833
	Enfático-Rítmico	0,12	0,29	0,42	0,674	-0,453	0,699
	Lista-Rítmico	0,24	0,24	0,98	0,329	-0,711	0,239

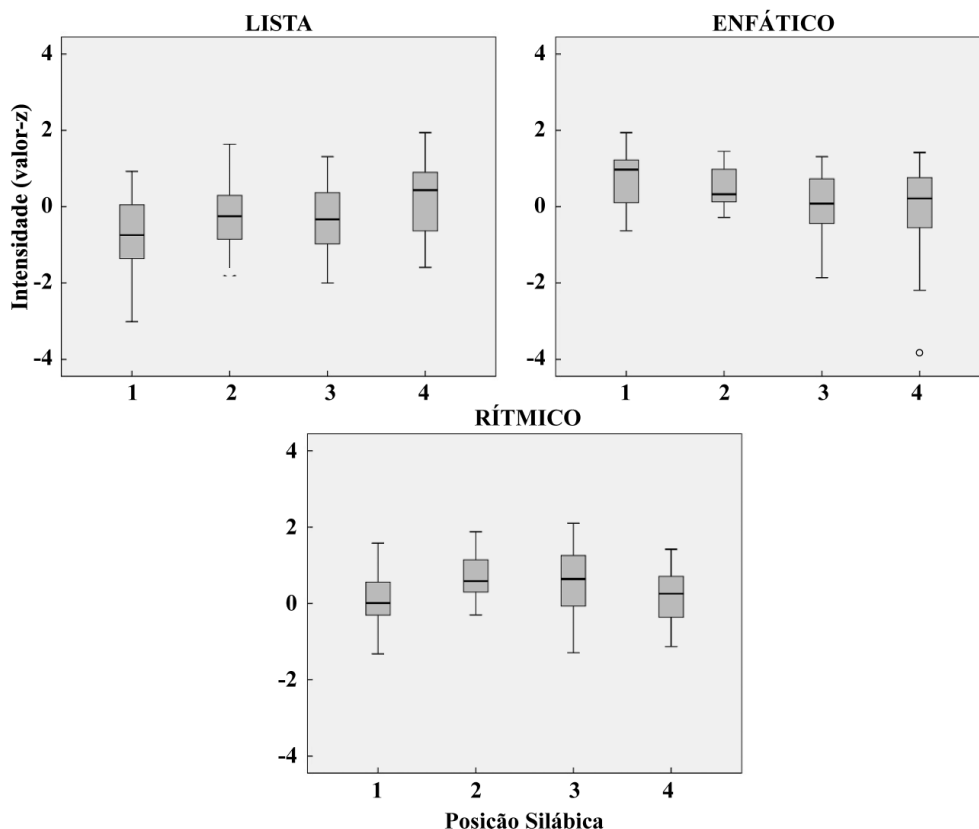
* Estatisticamente significativo.

4.4. Média de intensidade

A análise estatística para os dados de média de intensidade revelou que não há um efeito principal significativo para *posição silábica* ($F [3, 237] = 1,285, p = 0,280$), mas há um efeito principal para *estilo de fala* ($F [2, 239] = 16,906, p > 0,001$). Além disso, há um efeito de interação significativo entre as variáveis *posição silábica* e *estilo de fala* ($F [6, 237] = 4,618, p > 0,001$).

Na Figura 3, apresentamos os diagramas da média de intensidade, separados por padrão de fala.

Figura 3 – Média de intensidade (transformada em valor-z) nas quatro posições silábicas da palavra



Na comparação estatística por pares das posições silábicas da média de intensidade (Tabela 5), constatou-se que, na condição lista, há um aumento significativo da média de intensidade da primeira sílaba para a segunda, permanecendo estável desta para a terceira (não há uma diferença significativa) e, por último, aumentando novamente na quarta.

Com relação ao padrão rítmico, apenas a primeira e a segunda sílaba se diferenciam estatisticamente, havendo um aumento da média de intensidade de uma para a outra. No padrão enfático, não há uma diminuição progressiva significativa da média de intensidade nas sílabas, apenas a quarta sílaba se diferencia da primeira e da segunda, e a terceira sílaba da primeira. Isso nos leva a concluir que a intensidade é um pouco mais alta nas primeiras sílabas do que nas duas últimas.

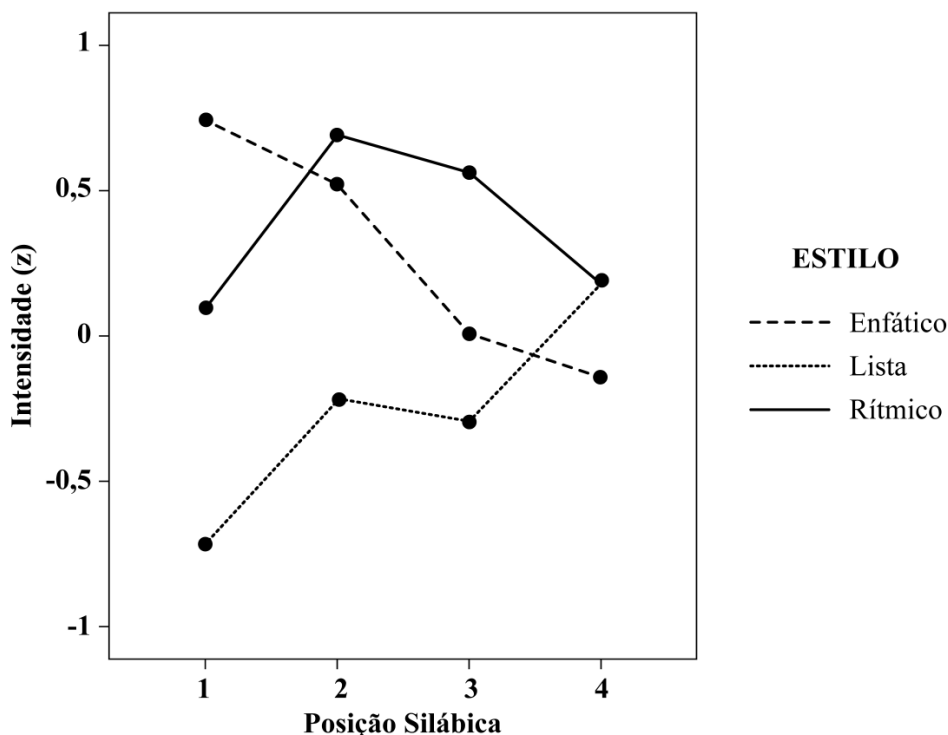
Tabela 5 – Contrastes por posição silábica (média de intensidade)

Estilo	Posição	Estimativa	DP	Valor-t	Valor-p	IC de 95%	
Lista	4 – 3	0,48	0,20	2,34	0,020*	0,075	0,877
	4 – 2	0,40	0,20	1,98	0,049*	0,001	0,803
	4 – 1	0,90	0,20	4,42	0,000*	0,499	1,300
	3 – 2	0,07	0,20	0,37	0,713	-0,472	0,323
	3 – 1	0,42	0,20	2,10	0,037*	0,026	0,821
	2 – 1	0,50	0,20	2,47	0,014*	0,100	0,896
Rítmico	4 – 3	0,34	0,31	1,10	0,276	-0,948	0,271
	4 – 2	0,48	0,31	1,55	0,123	-1,088	0,131
	4 – 1	0,12	0,31	0,38	0,706	-0,493	0,726
	3 – 2	0,14	0,30	0,47	0,639	-0,728	0,448
	3 – 1	0,45	0,30	1,52	0,129	-0,133	1,043
	2 – 1	0,59	0,30	2,00	0,047*	0,007	1,183
Enfático	4 – 3	0,14	0,32	0,45	0,655	-0,771	0,486
	4 – 2	0,67	0,32	2,11	0,036*	-1,301	-0,043
	4 – 1	0,94	0,33	2,82	0,005*	-1,594	-0,283
	3 – 2	0,53	0,32	1,66	0,098	-1,158	0,099
	3 – 1	0,80	0,33	2,39	0,018*	-1,451	-0,140
	2 – 1	0,27	0,33	0,80	0,425	-0,921	0,390

* Estatisticamente significativo.

Na Figura 4, apresentamos os três padrões de fala em um mesmo gráfico a fim de compará-los quanto aos valores de intensidade.

Figura 4 – Média de intensidade (transformada em valor-z) nos três padrões de fala



A partir do gráfico e dos resultados do teste (Tabela 6), verificamos que a primeira vogal da palavra é diferente nos três estilos de fala, no que se refere à intensidade. Nessa posição silábica, o estilo enfático tem a média de intensidade mais alta, e o estilo lista, a mais baixa. Na segunda posição, o padrão lista continua tendo o valor de intensidade mais baixo e os padrões retóricos têm valores mais altos, mas estes não se diferenciam entre si. Na terceira, somente o padrão lista e o rítmico, com maior valor de intensidade, se diferenciam. E, por último, na quarta posição, os três padrões de acento não se diferenciam entre si, como verificamos na análise dos valores máximos de F0.

Apesar de os valores estarem próximos, a intensidade segue na mesma linha dos resultados de F0 se os comparamos; isso pode indicar que a intensidade também tem um papel importante na produção de segmentos acentuados.

Tabela 6 – Contrastes por estilo (média de intensidade)

Posição	Estilo	Esti-mativa	DP	Valor-t	Valor-p	IC de 95%	
1	Enfático-Lista	1,57	0,29	5,48	0,000*	1,004	2,130
	Enfático-Rítmico	0,77	0,33	2,30	0,022*	0,110	1,428
	Lista-Rítmico	0,80	0,26	3,07	0,002*	-1,309	-0,286

2	Enfático-Lista	0,80	0,27	2,96	0,003*	0,269	1,336
	Enfático-Rítmico	0,09	0,32	0,29	0,775	-0,727	0,543
	Lista-Rítmico	0,89	0,26	3,44	0,001*	-1,406	-0,383
3	Enfático-Lista	0,35	0,27	1,28	0,201	-0,186	0,881
	Enfático-Rítmico	0,48	0,32	1,49	0,137	-1,116	0,153
	Lista-Rítmico	0,83	0,26	3,19	0,002*	-1,340	-0,317
4	Enfático-Lista	0,27	0,27	1,00	0,319	-0,806	0,263
	Enfático-Rítmico	0,29	0,33	0,86	0,389	-0,938	0,366
	Lista-Rítmico	0,01	0,27	0,05	0,958	-0,552	0,523

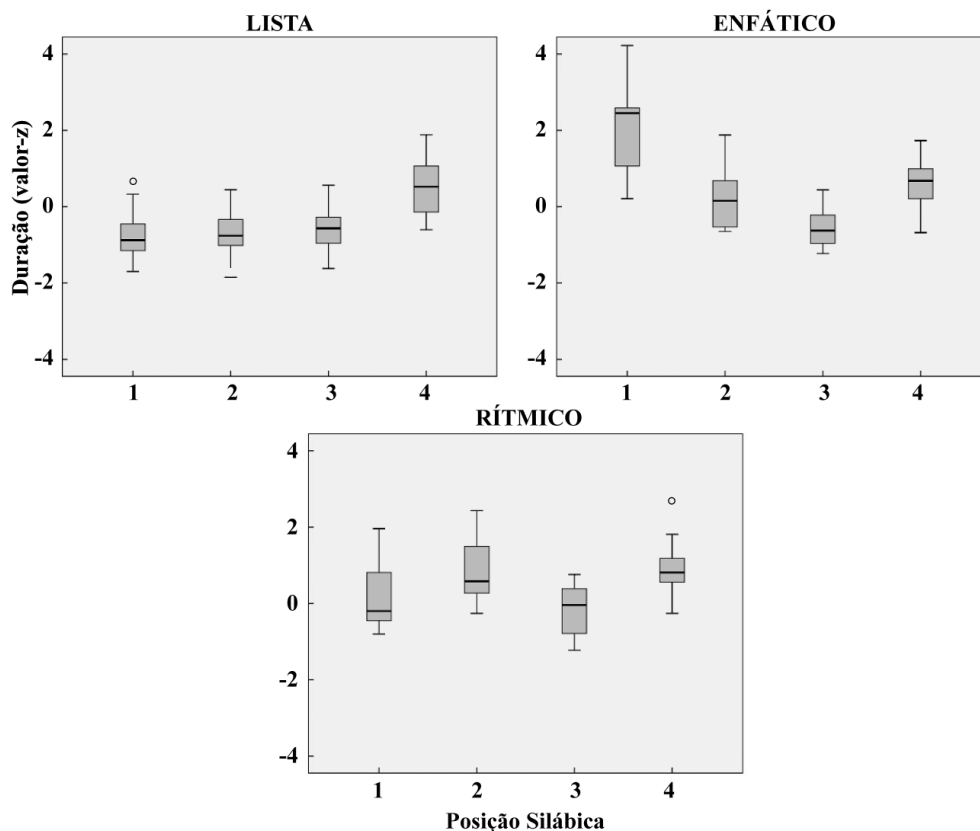
* Estatisticamente significativo.

4.5. Duração

Para a análise estatística da duração vocálica, executamos um teste por meio dos modelos lineares generalizados mistos, que resultou em efeitos principais significativos tanto para *posição silábica* ($F [3, 237] = 28,501, p > 0,001$) quanto para *estilo de fala* ($F [2, 169] = 57,627, p > 0,001$). Além disso, há uma interação significativa entre as duas variáveis ($F [6, 237] = 22,019, p > 0,001$).

Apresentamos, na Figura 5, os diagramas dos estilos de fala para a duração vocálica normalizada nas quatro posições silábicas da palavra.

Figura 5 – Duração vocálica (transformada em valor-z) nas quatro posições silábicas da palavra



Com a comparação por pares das posições silábicas referente à duração vocálica (Tabela 7), verificamos que, no padrão lista, as três primeiras vogais não se diferenciam estatisticamente em duração umas das outras, mas somente em relação à quarta vogal, acentuada lexicalmente, que apresenta um valor maior.

Na condição rítmica, constatamos que há uma alternância na duração das vogais em relação às quatro posições silábicas. Há um aumento na duração da segunda vogal em relação à primeira e, após, uma diminuição na terceira e, finalmente, um aumento novamente na quarta vogal. O valor de duração da primeira vogal e da terceira não é diferente estatisticamente, nem da segunda em comparação com a quarta vogal. Como já havíamos mencionado, a duração representaria de alguma forma a sensação de alternância entre sílabas fortes e fracas.

No padrão enfático, há um decréscimo progressivo desses valores da primeira para a terceira vogal, aumentando novamente na quarta vogal. A primeira vogal apresenta maior duração em relação às outras três, e a terceira, a menor duração. Como nos padrões anteriores, a duração mostrou-se importante na caracterização do padrão enfático, já que a primeira apresentou maior duração, ficando em evidência frente às outras vogais.

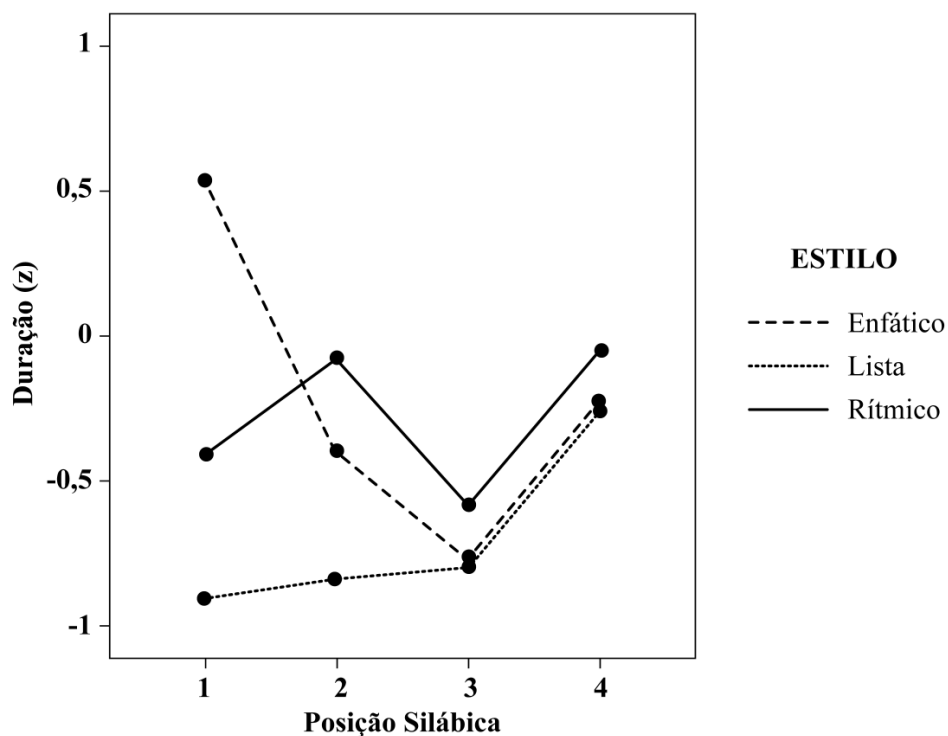
Tabela 7 – Contrastes por posição silábica (duração vocálica)

Estilo	Posição	Estimativa	DP	Valor-t	Valor-p	IC de 95%	
Lista	4 – 3	1,09	0,16	6,79	0,000*	0,771	1,401
	4 – 2	1,18	0,16	7,38	0,000*	0,865	1,495
	4 – 1	1,30	0,16	8,10	0,000*	0,981	1,611
	3 – 2	0,09	0,16	0,59	0,552	-0,218	0,407
	3 – 1	0,21	0,16	1,32	0,187	-0,103	0,523
	2 – 1	0,12	0,16	0,73	0,467	-0,197	0,428
Rítmico	4 – 3	1,08	0,24	4,44	0,000*	0,601	1,559
	4 – 2	0,07	0,24	0,29	0,771	-0,408	0,550
	4 – 1	0,73	0,24	3,01	0,003*	0,253	1,211
	3 – 2	1,01	0,23	4,30	0,000*	-1,472	-0,547
	3 – 1	0,35	0,23	1,48	0,140	-0,810	0,115
	2 – 1	0,66	0,23	2,82	0,005*	0,199	1,124
Enfático	4 – 3	1,09	0,25	4,35	0,000*	0,598	1,587
	4 – 2	0,32	0,25	1,28	0,200	-0,172	0,817
	4 – 1	1,56	0,26	5,96	0,000*	-2,073	-1,043
	3 – 2	0,77	0,25	3,07	0,002*	-1,264	-0,275
	3 – 1	2,65	0,26	10,14	0,000*	-3,165	-2,135
	2 – 1	1,88	0,26	7,19	0,000*	-2,395	-1,365

* Estatisticamente significativo.

Na Figura 6, apresentamos um gráfico comparativo dos três estilos de fala para a duração vocálica.

Figura 6 – Duração vocálica (transformada em valor-z) nos três padrões de fala



Como podemos observar na Figura 6 e nos resultados do teste (Tabela 8), na primeira posição silábica, o padrão enfático apresenta a maior duração vocálica e o padrão lista, a menor, tendo o padrão rítmico uma duração vocálica intermediária. Na segunda posição silábica, o padrão rítmico passa a ter maior duração vocálica, seguido pelo padrão enfático e, por último, o padrão lista, com a duração menor. Todos os padrões também se diferenciam estatisticamente entre si nesta posição silábica. Na terceira posição, os padrões aproximam-se mais nos valores de duração, apenas o rítmico e o lista se diferenciam estatisticamente. E, para finalizar, a quarta vogal tem uma duração similar nas três condições, tal como ocorreu com as propriedades acústicas anteriores. A duração, em suma, também parece ser um parâmetro acústico importante para ressaltar uma determinada vogal.

Tabela 8 – Contrastes por estilo (duração vocálica)

Posição	Estilo	Esti- mativa	DP	Valor-t	Valor-p	IC de 95%	
1	Enfático-Lista	2,90	0,22	12,99	0,000*	2,463	3,343
	Enfático-Rítmico	1,94	0,26	7,50	0,000*	1,427	2,444
	Lista-Rítmico	0,97	0,20	4,79	0,000*	-1,366	-0,569
2	Enfático-Lista	0,91	0,21	4,29	0,000*	0,491	1,324
	Enfático-Rítmico	0,61	0,25	2,44	0,015*	-1,094	-0,117
	Lista-Rítmico	1,51	0,20	7,49	0,000*	-1,912	-1,115
3	Enfático-Lista	0,04	0,21	0,20	0,838	-0,373	0,460
	Enfático-Rítmico	0,37	0,25	1,48	0,141	-0,855	0,122
	Lista-Rítmico	0,41	0,20	2,03	0,044*	-0,808	-0,012
4	Enfático-Lista	0,05	0,21	0,23	0,815	-0,368	0,468
	Enfático-Rítmico	0,35	0,25	1,39	0,167	-0,858	0,149
	Lista-Rítmico	0,40	0,21	1,90	0,058**	-0,823	0,014

* Estatisticamente significativo.

** Diferença marginalmente significativa.

Na próxima seção, finalizamos o trabalho com a discussão dos resultados e as conclusões.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO

Este trabalho investigou o acento retórico por meio da observação do comportamento de três propriedades acústicas (valor máximo de F0, média de intensidade e duração vocálica) em palavras paroxítonas com três pretônicas do espanhol falado por mexicanos, em três estilos de fala diferentes. Com isso, verificamos que a posição silábica em que se encontram as vogais e o estilo de fala influenciam significativamente os valores dessas propriedades.

Nos contrastes de posições silábicas para F0, no padrão lista, a primeira e a quarta vogal apresentaram valores mais altos do que a segunda e a terceira pretônica. No padrão enfático, a primeira vogal da palavra teve valores mais altos de F0 do que a terceira pretônica e a tônica. No padrão rítmico, a segunda vogal e a terceira tiveram valores mais altos do que a primeira e a quarta.

Nos contrastes de posições silábicas para média de intensidade, o padrão lista apresentou maior intensidade na sílaba acentuada lexicalmente (quarta po-

sição silábica) do que nas pretônicas. No padrão enfático, a primeira sílaba teve maior intensidade do que a terceira pretônica e a tônica. No padrão rítmico, por outro lado, apenas as duas primeiras sílabas foram diferentes estatisticamente, a primeira tendo valores mais baixos de intensidade do que a segunda.

Nos contrastes de posições silábicas para duração vocálica, no padrão lista, a vogal acentuada lexicalmente teve maior duração do que as pretônicas. No padrão enfático, a primeira vogal teve maior duração do que as outras pretônicas e a tônica. E, no rítmico, a primeira vogal e a terceira tiveram menor duração do que a segunda e a quarta.

Já nos contrastes dos padrões de fala por posição silábica para F₀, na primeira posição silábica, o padrão enfático apresentou valores mais altos do que o rítmico e o lista. Na segunda posição, os valores do padrão rítmico e do enfático foram mais altos do que os do padrão lista. Na terceira posição, todos os padrões se diferenciaram estatisticamente: o rítmico teve valores mais altos, seguido pelo enfático e, por último, pelo padrão lista, com valores mais baixos. Na quarta posição, todos os padrões tiveram valores muito próximos.

No que se refere aos contrastes de padrões de fala por posição silábica para média de intensidade, na primeira posição silábica, todos os padrões se diferenciaram: o enfático com maior intensidade, o rítmico com uma intensidade intermediária e o lista com a menor intensidade dos três. Na segunda posição, enfático e rítmico tiveram valores de intensidade bem mais altos do que os do padrão lista. Na terceira, os valores foram bem próximos, exceto pelo padrão rítmico e lista, sendo este mais baixo em intensidade. E na quarta, os valores não se diferenciaram novamente nesta posição silábica.

Nos contrastes dos padrões de fala por posição silábica para duração, na primeira posição silábica, o padrão enfático apresentou maior duração vocálica, seguido pelo padrão rítmico e, por último, pelo padrão lista, que teve menor duração vocálica. Na segunda posição, o rítmico passa a ter duração vocálica maior do que o enfático. Na terceira, somente o padrão lista e o rítmico se diferenciam, sendo este último maior em duração vocálica. E, por fim, os três padrões de fala apresentaram valores muito próximos na quarta posição silábica.

Com isso, podemos inferir que o padrão lista teve valores mais altos de F₀, intensidade e duração na quarta posição silábica, isto é, na vogal acentuada lexicalmente e, além disso, se diferenciou dos outros estilos por apresentar valores mais baixos nas pretônicas. O padrão enfático, por outra parte, apresentou valores, no que concerne aos parâmetros acústicos, mais altos na primeira vogal do que os outros dois estilos. E, por último, o padrão rítmico teve valores altos de F₀ e intensidade na segunda e na terceira posição silábica e maior duração na segunda e na quarta sílaba.

Assim sendo, concluímos que os parâmetros acústicos analisados não se

comportam exatamente da mesma maneira dentro da palavra em um determinado estilo de fala, mas os três convergem para um resultado final que é a impressão acústica, isto é, têm a finalidade de ressaltar uma determinada unidade.

Com relação aos juízes, podemos dizer que distinguiram com acurácia os acentos retóricos, se levarmos em consideração os resultados deste estudo. Não podemos precisar as pistas acústicas pelas quais se guiaram para fazer os julgamentos, pois não era o nosso objetivo. No entanto, é bem provável que os três parâmetros apresentem um papel fundamental tanto na produção quanto na percepção do acento.

Por outro lado, no estudo de Hualde e Nadeu (2014), os dois padrões retóricos quase não se diferenciaram em palavras com três pretônicas, ao contrário de suas predições e dos resultados de nosso estudo. Acreditamos que, devido aos procedimentos metodológicos, os padrões retóricos não foram diferenciados pelos sujeitos, que podem ter produzido mais o padrão rítmico nas duas condições retóricas.

Além disso, diferentemente do que foi feito neste estudo, os autores não levaram em consideração a opinião de juízes sobre a localização de proeminência nas pretônicas dessas palavras. Nesse experimento, os participantes tinham de escutar dois padrões retóricos diferentes em palavras com apenas duas pretônicas e generalizá-los em palavras com três pretônicas. Por isso, nos questionamos se os participantes teriam percebido essa diferença de estilo a partir dos estímulos fornecidos pelos pesquisadores. Conforme Hualde e Nadeu, o acento secundário não é contrastivo no espanhol e, por isso, é mais difícil de ser percebido pelos nativos. Assim sendo, como os participantes da pesquisa poderiam diferenciar os dois padrões de acento retórico, tão similares entre si em palavras com duas pretônicas, e generalizá-los às palavras com três sílabas pretônicas?

No estudo de Solé (2014), do qual obtivemos nossos dados, os procedimentos metodológicos, por outra parte, permitiram que os participantes da pesquisa produzissem livremente o acento retórico na produção das palavras fornecidas. Por esse motivo, foram fornecidas apenas duas condições, uma no padrão lista e outra no retórico, sem diferenciá-lo entre rítmico ou enfático. Assim sendo, constatamos que os participantes produziram tanto o padrão enfático quanto o rítmico na condição retórica.

Além disso, pensando nos resultados de Hualde e Nadeu, não podemos concluir que os falantes do espanhol peninsular, diferentemente dos falantes do espanhol mexicano, produzem apenas o padrão rítmico, devido ao número pequeno de participantes ($N = 5$). O nosso *corpus* também apresentou o mesmo problema ($N = 7$), fazendo com que tenhamos menos poder estatístico para interpretar os resultados.

Para finalizar, acreditamos que os nossos resultados devem ser encarados

como preliminares, visto que ainda não dão conta de toda a complexidade do tema. Por isso, outros estudos precisam ser realizados para que tenhamos uma ideia mais clara do acento retórico no espanhol.

REFERÊNCIAS

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer [computer program]. Version 5.3.56, 2013. Disponível em: <<http://www.praat.org>>.

GIL FERNÁNDEZ, J. **Fonética para profesores de español**: de la teoría a la práctica. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.

HARRIS, J. **Syllable structure and stress in Spanish**. Cambridge: MIT Press, 1983.

HUALDE, J. I. Stress removal and stress addition in Spanish. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 6, n. 1, p. 59-89, 2007.

HUALDE, J. I. Secondary stress and stress clash in Spanish. In: ORTEGA LLEBARÍA, M. (Ed.). **Selected proceedings of the Fourth Conference on Laboratory Approaches to Spanish Phonology**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010. p. 11-19.

HUALDE, J. I. Stress and rhythm. In: HUALDE, J. I.; OLARREA, A.; O'ROURKE, E. (Eds.). **The handbook of Hispanic linguistics**. Malden: Blackwell, 2012. p. 153-171.

HUALDE, J. I.; NADEU, M. Rhetorical stress in Spanish. In: VAN DER HULST, H. (Ed.) **Word stress: theoretical and typological issues**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 228-252.

IBM Corp. **IBM SPSS Statistics for Windows**, Version 21.0. NY: IBM Corp, 2012.

NAVARRO-TOMÁS, T. **Manual de pronunciación española**. Madrid: R. B. Servicios Editoriales, S. A., 2004.

QUILIS, A. **Tratado de fonología y fonética españolas**. Madrid: Gredos, 1993.

SOLÉ, A. S. **O acento secundário do espanhol em falantes nativos do México**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Revisitando o acento secundário em português brasileiro

Tatiana Keller

Universidade Federal de Santa Maria

1. INTRODUÇÃO

Segundo Ewen e Hulst (2001), nem todas as sílabas que não recebem acento primário são percebidas como tendo a mesma saliência. Uma evidência para isso é o fato de que em muitos dicionários, além de um diacrítico que indica a localização do acento primário, há também um que aponta a localização de acento secundário. Tal acento caracteriza-se como um acento que ocorre à esquerda do primário e apresenta menor proeminência em relação a ele¹. Sua ocorrência pode ser exemplificada em palavras como *còlibrí*, *pròbabilidáde* e *irrespònsabilidáde*² (a sílaba que o recebe está em itálico e com um acento grave e a sílaba com acento primário está com acento agudo). Assim como Collischonn (1993), consideramos que não há acento secundário à direita do acento primário, ou seja, as sílabas que seguem um acento primário, mesmo em proparoxítonas, não são acentuadas³. A nossa discussão será, portanto, apenas a respeito da pauta pretônica das palavras.

Neste capítulo, apresentamos um recorte dos resultados de uma pesquisa experimental sobre o acento secundário em português brasileiro, especialmente na variedade falada na cidade de Porto Alegre, que faz parte da minha dissertação de mestrado, orientada pela Dra. Gisela Collischonn e defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2004. Com base na percepção de seis juízes,

¹ Consideramos, conforme Liberman e Prince (1977), que o acento reflete uma estrutura rítmica hierárquica que organiza as sílabas, as palavras e as frases de uma sentença em sequências acentuadas e não-acentuadas, diferentemente de outras abordagens que consideram o acento como uma propriedade de segmentos individuais, especialmente das vogais.

² Sempre que uma transcrição fonética não for necessária, esta será substituída pela ortografia comum das palavras.

³ Cf. Major (1985).

buscamos responder às seguintes questões: (i) a localização da(s) sílaba(s) portadora(s) da proeminência é constante ou admite variação? e (ii) pode manifestar-se mais de um acento secundário por vocábulo?

2. O ACENTO SECUNDÁRIO EM PORTUGUÊS

Ao contrário do acento primário⁴, o acento secundário não é distintivo em português, ou seja, não há palavras que se oponham em virtude de sua localização. Contudo, existem evidências fonológicas e fonéticas para sua existência. Câmara Jr. (2001 [1970]), por exemplo, não menciona explicitamente o termo *acento secundário*, mas admite que há, em português, graus diferentes de acento. O autor diz que as sílabas pretônicas são menos débeis do que as postônicas, o que sugere que aquelas sejam, de alguma forma, mais proeminentes do que estas. Major (1985) afirma que no nível da palavra há dois graus de acento em português: a sílaba tônica porta acento primário e sílabas pretônicas carregam acento secundário; sílabas postônicas não recebem acento. Ainda segundo o autor, em muitas línguas, sílabas átonas estão associadas à simplificação de estruturas silábicas – por exemplo, diminuição no número de segmentos possíveis, redução de grupos de consoantes ou mudança de uma sílaba pesada para leve. O autor afirma ainda que certos processos fonológicos, tais como redução ou encurtamento, neutralização, alçamento, monotongação e alternâncias silábicas, aplicam-se mais em sílabas postônicas do que em pretônicas. A observação de Bisol (2003) de que o número de vogais que figuram em uma sílaba reduz-se com a diminuição da tonicidade silábica corrobora a afirmação de Major (1985). Segundo Bisol (2003), o português do Brasil apresenta um sistema de sete vogais que se manifesta plenamente em posição tônica e dois subsistemas átonos: um sistema de cinco vogais, que tem sua plenitude na pretônica, e um sistema de três vogais na átona final. Em outras palavras, algumas oposições entre vogais podem ser neutralizadas em função da presença ou não de acento.

Outras evidências fonológicas para o acento secundário a partir de estudos sobre outras línguas também podem ser citadas. Kager (1989), em uma análise acerca do inglês e do holandês, verifica que esse acento pode ser identificado por dois critérios: irredutibilidade e acentuabilidade. O primeiro critério refere-se à

⁴ É importante mencionar que não há consenso na literatura acerca do caráter distintivo do acento primário. Massini-Cagliari (1992), ao tratar dessa questão, menciona, por exemplo, no escopo da teoria estruturalista, que Câmara Jr. (2001 [1970]) o considera distintivo, pois há pares de palavras, tais como ‘fabrica’ x ‘fábrica’, que se opõem em função de sua localização. Por outro lado, no âmbito da fonologia gerativa, a autora cita a possibilidade de que o acento primário esteja marcado no componente lexical ou de que seja atribuído no componente pós-lexical por meio de regras.

possibilidade de ocorrência ou não de redução vocálica. Geralmente, vogais em sílabas que portam acento secundário não sofrem redução, ao passo que vogais em sílabas desacentuadas são facilmente reduzidas. O segundo critério diz respeito à capacidade de uma sílaba portar ou não *pitch accent*⁵. Sílabas com acento primário são candidatas naturais a receber *pitch accent*; contudo, ele pode ocorrer ainda em um subconjunto de sílabas com acento secundário, mas não em sílabas desacentuadas.

Vogel e Scalise (1982) usam um critério semelhante ao da acentuabilidade para identificar o acento secundário em italiano. Nessa língua, algumas sílabas, em pronúncia enfática, são capazes de receber acento, enquanto outras não. Sílabas não-tônicas, mas que têm a possibilidade de ser acentuadas são consideradas como portadoras de acento secundário. Vejamos um exemplo: a palavra ‘mercoledì’ (‘quarta-feira’) pode ter acento secundário na primeira sílaba, além do primário na quarta sílaba (‘mèrcoledì’), mas não pode ter acento secundário na segunda sílaba (*‘mercòledí’). Nesse caso, dizemos que a sílaba ‘mer’ é acentuável e a sílaba ‘co’ não é.

No que diz respeito à identificação de correlatos fonéticos do acento secundário no português brasileiro, Gama-Rossi (1998) observa que a *duração* não é consistente para identificar a presença de uma alternância binária na implementação de acentos secundários, ao passo que a *qualidade vocálica* apresenta resultados significativos para essa alternância; por fim, a autora identifica que *frequência fundamental (F0)* apresenta índices estatisticamente relevantes apenas para alguns casos. Arantes e Barbosa (2002) ao analisar *duração* verificam que não há alternância no que diz respeito a esse parâmetro entre unidades portadoras e não portadoras de acento secundário. Embora os resultados de Moraes (2003a, b) não sejam conclusivos, os parâmetros acústicos associados a esse acento podem, segundo o autor, ser *F0* ou a conjunção de *duração* e *intensidade*. Fernandes-Svartman, Abaurre e González-López (2008) abordam a relação entre a percepção do acento secundário por falantes nativos de português brasileiro e a identificação do correlato acústico *intensidade* possivelmente associado a esta percepção.

De modo geral, esses trabalhos têm mostrado que não há resultados robustos relativos a correlatos acústicos específicos para a identificação do acento secundário. Frota e Vigário (2001) parecem corroborar esta afirmação. Em trabalho comparativo com informantes brasileiros e portugueses, as autoras observaram que os brasileiros contaram o dobro de acentos contados pelos portugueses durante o experimento realizado, o que pode demonstrar que os padrões métricos persistem independentemente da realidade do sinal acústico.

⁵ *Pitch accent* é um termo usado na teoria métrica autosssegmental para traços entonacionais que são associados com sílabas em particular (BECKMAN, 1986). Pode fornecer informação semântica tal como foco ou outro conteúdo pragmático que o falante deseja expressar (GORDON, 2014).

alternância fraco-forte não. Em (4b), por outro lado, a alternância é mantida, mas a primeira sílaba passa a ser fraca, ou seja, a tendência de alternância fraco-forte é satisfeita, ao passo que a tendência à primeira sílaba forte não é.

Moraes (2003a, b) analisou a percepção de cinco juízes acerca da realização de acento secundário a partir da fala de informantes a fim de: verificar a relevância desse acento para o português brasileiro, definir sua localização e descrever sua realização fonética. O autor elaborou um *corpus* composto por cinco grupos de quatro vocábulos cada um, de mesma base segmental, em que a localização prevista do acento secundário fosse variando, em consequência do deslocamento do acento lexical primário. Os grupos de vocábulos foram inseridos em duas frases-moldura que foram lidas e gravadas por quatro informantes. Posteriormente, as frases foram ouvidas por cinco juízes que deveriam marcar todas as sílabas que, além das portadoras de acento tônico primário, sentissem, de alguma forma, como proeminentes na fala dos informantes. Os resultados do teste de percepção indicam que dois padrões distintos se manifestam: o de *alternância binária* (formação de pés troqueus), caracteristicamente encontrado em um informante, e o de *proeminência inicial* (acentos secundários recaem na pretônica inicial), caracteristicamente encontrado em três informantes. Além disso, o autor verifica a ocorrência de apenas uma proeminência secundária em cada vocábulo.

Conforme Collischonn (1994), a implementação do acento secundário em português obedece a critérios rítmicos e não tem natureza morfológica. Ainda assim, é interessante referir que existem casos como em (5a-b) em que parece haver uma preservação, na palavra derivada, de algum tipo de proeminência herdada do acento primário da palavra base. Essa interpretação pode ser feita a partir da observação de Bisol (1989) de que vogais que não são acentuadas estão sujeitas à modificação e uma vogal que se torna desacentuada no curso de uma derivação morfológica tem a tendência de não se modificar. Nas palavras em (5a-b), a vogal média, portadora do acento primário na palavra primitiva, mantém-se como média na palavra derivada, ao contrário do que ocorre nas palavras em (5c-f), cujas vogais médias, não portadoras de acento primário, realizam-se como altas na palavra derivada.

- (5) a. ‘**médico**’ > ‘*medicina*’⁸ *[midzi' sin Δ]
 b. ‘**América**’ > ‘*americano*’ *[amiri' kãno]
 c. ‘*medida*’ [mi' dzid Δ]
 d. ‘*menino*’ [mi' ninu]
 e. ‘*mentira*’ [mĩⁿ' tʃĩr Δ]
 f. ‘*mestiço*’ [mis' tʃĩsu]

⁸ A sílaba com acento primário está grafada em negrito.

Essa não neutralização da vogal média na palavra derivada pode indicar a presença de um acento secundário. Entretanto, Santana (2014), com base em um estudo piloto, não verifica que há papel da morfologia na variação da posição do acento secundário em palavras com um número ímpar de sílabas pretônicas no português brasileiro, o que corrobora a posição de Collischonn (1994)⁹.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tal como no trabalho de Moraes (2003a, b), nossa pesquisa também investiga a manifestação do acento secundário na fala de quatro locutores. Contudo, diferentemente daquele trabalho, queremos analisar ainda a incidência desse acento de acordo com o número de sílabas pretônicas das palavras. Em palavras com número de sílabas pretônicas *ímpar*, a incidência do acento secundário pode variar entre a primeira e a segunda sílaba, como em ‘civilizár’ ~ ‘civilizár’. Keller (2011) discute os resultados da percepção dos juízes considerando cada um dos quatro locutores. O presente texto analisa os resultados do teste de percepção levando em conta os 10 grupos de vocábulos listados em (6).

- (6) amortecer/ amortecido/ amortecimento;
canibal/ canibalizar/ canibalismo/ canibalização;
categoria/ categorizar/ categorização;
civilizar/ civilizado/ civilização;
contabilizar/ contabilização/ contabilidade;
democrata/ democracia/ democratizar/ democratização;
parabéns/ parabenizo/ parabenizar/ parabenização;
regular/ regularizo/ regularizar/ regularização;
responsável/ responsabilizar/ responsabilidade/ responsabilização;
secular/ secularizo/ secularizar/ secularização¹⁰.

Inserimos as palavras desses grupos em duas frases-moldura¹¹:

- a) Ele disse _____ de novo.
b) Ele disse _____ hoje, de novo.

⁹ A esse respeito ver também Lee (2002).

¹⁰ Em alguns grupos, não foi possível a apresentação de palavras com variação no número ímpar e par de pretônicas de modo equilibrado, como podemos observar, por exemplo, em ‘amortecer’ e ‘amortecido’, ‘civilizar’ e ‘civilizado’ e ‘responsabilizar’ e ‘responsabilidade’, as quais têm o mesmo número de pretônicas. Contudo, acreditamos que tal fato não interfere nos resultados.

¹¹ De acordo com a metodologia de Moraes (2003a, b).

Gravamos a leitura de frases feita por quatro locutores em formato digital. Cada locutor gravou as frases em sequência, com uma pequena pausa entre elas. No total, foram gravadas 288 frases com cerca de seis segundos cada. Contudo, ao ouvir as gravações, percebemos que alguns locutores tiveram problemas de *performance*: não pronunciaram a palavra que estava escrita, mas sim, outra palavra qualquer, tossiram durante a leitura, fizeram pausa durante a pronúncia de uma palavra, ou pronunciaram a palavra de forma incorreta, por exemplo, [kanabalizar] ao invés de [kanibalizar]. Constatamos esses problemas em 19 frases as quais foram retiradas do instrumento. Restaram, portanto, 269 frases que foram divididas aleatoriamente em 4 CDS e apresentadas aos juízes.

3.1. Teste de percepção para a localização dos acentos

O teste de percepção foi realizado com seis juízes: três com bom conhecimento de fonologia do português e três sem esse conhecimento. Todavia, não houve diferença nos resultados em virtude disso (cf. KELLER, 2004).

No instrumento de avaliação apresentado aos juízes, os vocábulos foram listados e numerados de acordo com a ordem em que apareciam em cada CD, num total de 4 listas, uma para cada CD, e foram transcritos ortograficamente de modo isolado, pois os juízes deveriam prestar atenção apenas neles e não na frase inteira.

Antes da avaliação, os juízes foram informados de que o *corpus* era constituído por um certo número de palavras inseridas em dois tipos de frase, ‘ele disse _____ de novo’ e ‘ele disse _____ hoje, de novo’, lidas por quatro locutores; além disso, a lista correspondente ao CD que ia ser ouvido foi distribuída e foi solicitado que após a audição, quantas vezes fossem necessárias, de cada palavra do *corpus*, os juízes marcassem todas as sílabas que sentissem, de alguma forma, como proeminentes, inclusive a tônica.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS GRUPOS DE VOCÁBULOS

Analisamos, nesta seção, os resultados obtidos a partir do julgamento dos seis juízes para os 10 grupos de vocábulos e procuramos responder às seguintes questões: (i) a localização da(s) sílaba(s) portadora(s) da proeminência é constante ou admite variação e (ii) pode manifestar-se mais de um acento secundário por vocábulo?

Os quadros com os resultados organizam-se da seguinte forma: na primeira

coluna, temos os vocábulos colocados em ordem crescente de sílabas pretônicas. A seguir, há uma coluna para cada sílaba pretônica dos vocábulos; as células sombreadas significam que as sílabas são tônicas ou não existem na palavra considerada. Os números que estão na última coluna (denominada *total de votos possíveis para cada sílaba*) correspondem ao número máximo de votos que aquela sílaba poderia receber. O número de ocorrências de cada palavra é obtido pela multiplicação do número de informantes (4) pelo número de vezes (2) que cada palavra foi lida ('ele disse ____ de novo' e 'ele disse ____ hoje de novo'), vezes o número de juízes (6), num total de 48 ocorrências.

Os números que estão nas células das sílabas pretônicas referem-se aos votos dados pelos juízes para estas sílabas. Colocamos ao lado desses números, separados por uma barra vertical, a razão entre o número de votos recebidos e o número total de votos possíveis em termos de porcentagem.

Tomemos como exemplo o Quadro 1 com os resultados do grupo de vocábulos 'canibal'/ 'canibalismo'/ 'canibalizar'/ 'canibalização'.

Quadro 1 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras 'canibal'/ 'canibalismo'/ 'canibalizar'/ 'canibalização' recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulos	ca	ni	ba	li	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
canibal ¹²	18/ 42%	0				42
canibalismo	35/ 72%	6/ 12%	4/ 8%			48
canibalizar	25/ 69%	1/ 2%	18/ 50%	0		36
canibalização	33/ 91%	2/ 5%	14/ 38%	5/ 13%	0	36

O Quadro 1 deve ser lido assim: na palavra 'canibal', a 1.^a sílaba ('ca') recebeu 18 de 42 votos possíveis (42%) e a 2.^a sílaba ('ni') não recebeu votos. Na palavra 'canibalismo', a 1.^a sílaba ('ca') recebeu 35 dos 48 votos possíveis (75%); a 2.^a sílaba ('ni') recebeu 6 dos 48 votos possíveis (12%) e a 3.^a sílaba ('ba') recebeu 4 de 48 votos possíveis (8%). Em 'canibalizar', a 1.^a sílaba ('ca') recebeu 25

¹² Os informantes tiveram problemas de *performance* na leitura das palavras 'canibal' (em 6 ocorrências), 'canibalizar' (em 12 ocorrências) e 'canibalização' (em 12 ocorrências), por isso tivemos de retirar essas ocorrências da pesquisa.

dos 36 votos possíveis (69%); a 2.^a sílaba (‘ni’) recebeu 1 dos 36 votos possíveis (2%); a 3.^a sílaba (‘ba’) recebeu 18 dos 36 votos possíveis (50%) e a 4.^a sílaba (‘li’) não recebeu votos. Em ‘canibalização’, a 1.^a sílaba (‘ca’) recebeu 33 dos 36 votos possíveis (91%); a 2.^a sílaba (‘ni’) recebeu 2 de 36 votos possíveis (5%); a 3.^a sílaba (‘ba’) recebeu 14 dos 36 votos possíveis (38%); a 4.^a sílaba (‘li’) recebeu 5 dos 36 votos possíveis (13%) e a 5.^a sílaba (‘za’) não recebeu nenhum voto. O número total de votos possíveis, por vezes, não é o mesmo, pois alguns locutores tiveram problemas de *performance* durante a leitura de algumas palavras do *corpus*, as quais tiveram de ser retiradas do instrumento de pesquisa apresentado aos juízes, como foi mencionado anteriormente.

A seguir, apresentamos os resultados para cada um dos grupos de palavras considerados na pesquisa.

4.1. Grupo de vocábulos: ‘amortecer’/ ‘amortecido’/ ‘amortecimento’

No Quadro 2, observamos que a palavra ‘amortecer’ apresenta acento secundário na 2.^a sílaba pretônica (‘mor’), em 38 das 48 ocorrências, ou seja, em 79% das ocorrências. A palavra ‘amortecido’ também apresenta acento secundário na 2.^a sílaba (‘mor’), em 33 das 48 ocorrências, isto é, 68% das ocorrências. É importante ressaltar que estas foram as únicas palavras de todo o *corpus* que apresentaram, consistentemente, acento secundário na 2.^a sílaba. Podemos dizer que isso ocorre por três razões:

- a) a sílaba inicial (‘a’) não tem ataque e por isso seria menos proeminente¹³;
- b) a 2.^a sílaba (‘mor’) é pesada e este tipo de sílaba, naturalmente, atrai proeminência; e
- c) os juízes podem ter segmentado as palavras ‘amortecer’ e ‘amortecido’ e as comparado com a palavra ‘amor’, que tem acento primário na 2.^a sílaba.

Acreditamos que (b) explique melhor a incidência de acento secundário na 2.^a sílaba, no entanto não temos outras palavras no *corpus* com esta mesma estrutura segmental, qual seja, uma sílaba inicial sem ataque seguida de uma sílaba pesada, para compararmos os resultados.

Já a palavra ‘amortecimento’ apresenta acento secundário na 1.^a sílaba (‘a’) em 76% das ocorrências e de 50% na segunda sílaba (‘mor’), o que indica uma possível alternância entre as duas sílabas.

Em nossa análise, consideramos valores acima de 50% como significativos

¹³ Essa justificativa baseia-se na assunção de que o ataque silábico pode contribuir para o peso silábico que, por sua vez, pode contribuir para a atração de acento. Esse posicionamento teórico é defendido por autores como Topintzi (2011) e Ryan (2014), dentre outros, embora não haja consenso na literatura a esse respeito.

para a presença de acento secundário¹⁴. Dessa forma, com base nos resultados do Quadro 2, é possível dizer que as palavras ‘amortecer’ e ‘amortecido’ apresentam acento secundário de forma consistente na 2.^a sílaba pretônica (79% e 68%, respectivamente), ao passo que a palavra ‘amortecimento’ tem acento secundário na 1.^a sílaba (76%). No entanto, é importante observar que a porcentagem de votos para a 2.^a sílaba (‘mor’) em ‘amortecimento’ é de 50%, o que indica que possa haver variação entre as duas primeiras sílabas.

Quadro 2 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘amortecer’/ ‘amortecido’/ ‘amortecimento’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	a	mor	te	cer / ci	Total de votos possíveis para cada sílaba
amortecer	4/ 8%	38/ 79%	1/ 2%		48
amortecido	3/ 6%	33/ 68%	0		48
amortecimento	32/ 76%	21/ 50%	12/ 28%	0	42

Além disso, é possível notar que a percepção de acento na sílaba (‘te’), imediatamente anterior ao acento primário, é bastante baixa em relação às demais sílabas: nas palavras ‘amortecer’ e ‘amortecido’, o percentual é próximo de zero; na palavra ‘amortecimento’, esse percentual é 28%. Tal fato justifica-se pela tendência à evitação de choques acentuais, ou seja, duas proeminências acentuais adjacentes¹⁵.

4.2. Grupo de vocábulos: ‘canibal’/ ‘canibalizar’/ ‘canibalismo’/ ‘canibalização’

No Quadro 3, observamos que os juízes perceberam acento secundário na 1.^a sílaba (‘ca’) pretônica nas palavras ‘canibalismo’, ‘canibalizar’ e ‘canibalização’ em 72%, 69% e 91% das ocorrências, respectivamente. Como dissemos anteriormente, consideramos porcentagens de votos acima de 50% bons indicativos

¹⁴ Esse percentual foi estabelecido levando-se em conta trabalhos como os de Moraes (2003a) e de Fernandes-Svartman (2009) que analisam a percepção de acento secundário por falantes brasileiros.

¹⁵ Ver a esse respeito Liberman e Prince (1977) e Kager (1994), por exemplo. Liberman e Prince tratam do choque de acentos em uma perspectiva métrica e Kager em uma perspectiva otimalista.

da presença de acento secundário. Portanto, essas porcentagens parecem indicar de forma robusta a manifestação de uma proeminência secundária na 1.^a sílaba pretônica destas palavras. A porcentagem de votos da 1.^a pretônica da palavra ‘canibal’ é 42%, portanto menor do que 50%, no entanto este resultado não pode ser desconsiderado, posto que a 2.^a sílaba desta palavra não recebeu nenhum voto.

Quadro 3 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘canibal’/ ‘canibalismo’/ ‘canibalizar’/ ‘canibalização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	ca	ni	ba	li	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
canibal	18/ 42%	0				42
canibalismo	35/ 72%	6/ 12%	4/ 8%			48
canibalizar	25/ 69%	1/ 2%	18/ 50%	0		36
canibalização	33/ 91%	2/ 5%	14/ 38%	5/ 13%	0	36

Ainda conforme o Quadro 3, vemos que, nas palavras ‘canibalizar’ e ‘canibalização’, os juízes notaram outro acento secundário na 3.^a sílaba (‘ba’) em respectivamente 50% e 38% das ocorrências. Estas porcentagens iguais ou inferiores a 50% são bastante significativas se comparadas às porcentagens da 2.^a sílaba ‘ni’ (2% e 5%) e da 4.^a sílaba ‘li’ (0 e 13%). Parece haver nestas duas palavras uma alternância binária entre sílabas fortes e fracas, o que não ocorre na palavra ‘canibalismo’, em que a 2.^a e a 3.^a sílabas praticamente não apresentam nenhuma proeminência. A falta de percepção de acento secundário na 3.^a sílaba pode ser atribuída ao fato de que a 4.^a sílaba desta palavra porta acento primário, o que resultaria em choque de acentos.

4.3. Grupo de vocábulos: ‘categoria’/ ‘categorizar’/ ‘categorização’

Como já dissemos anteriormente, resultados acima de 50% podem ser bons índices para a presença de acento secundário. Nesse sentido, as porcentagens de votos dos juízes para a 1.^a sílaba pretônica nas palavras ‘categoria’, ‘categorizar’ e

‘categorização’, em, respectivamente, 56%, 83% e 85% das ocorrências, indicam que uma proeminência secundária se manifesta sobre esta sílaba.

Quadro 4 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘categoria’/ ‘categorizar’/ ‘categorização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	ca	te	go	ri	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
categoria	27/ 56%	7/ 14%	0			48
categorizar	40/ 83%	1/ 2%	16/ 33%	0		48
categorização	36/ 85%	3/ 7%	11/ 26%	3/ 7%	0	42

Vemos, ainda, no Quadro 4, que, nas palavras ‘categorizar’ e ‘categorização’, a 3.^a sílaba (‘go’) é percebida como proeminente em, respectivamente, 33% e 26% das ocorrências. Estas porcentagens estão abaixo de 50%, no entanto, quando as comparamos com os resultados da 2.^a sílaba (‘te’), 2% e 7%, e da 4.^a (‘ri’), 0 e 7%, elas mostram-se significativas. Estes resultados indicam que, nas palavras ‘categorizar’ e ‘categorização’, as sílabas distribuem-se em batidas fortes e fracas.

Ressaltamos também que as sílabas imediatamente anteriores à portadora de acento primário não receberam votos a fim de evitar a ocorrência de acentos em sílabas adjacentes.

4.4. Grupo de vocábulos: ‘civilizar’/ ‘civilizado’/ ‘civilização’

No Quadro 5, vemos que as porcentagens de votos para a incidência de acento secundário na 1.^a sílaba são bastante altas em todas as palavras do grupo de vocábulos. Aliás, este foi o grupo com as maiores porcentagens para a 1.^a sílaba dentre os 10 grupos da amostra.

Quadro 5 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘civilizar’/ ‘civilizado’/ ‘civilização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	ci	vi	li	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
civilizar	38/ 90%	0	0		42
civilizado	35/ 72%	4/ 8%	0		48
civilização	45/ 93%	0	11/ 22%	0	48

As palavras ‘civilizar’ e ‘civilizado’ apresentam apenas uma proeminência secundária por vocábulo, uma vez que as outras sílabas receberam percentuais muito baixos de votos (0 e 8%). Na palavra ‘civilização’, por sua vez, podemos considerar que há outra proeminência secundária na 3.^a sílaba (‘li’). Embora o percentual de votos, 22%, desta sílaba tenha ficado bem abaixo de 50%, na comparação com a 2.^a sílaba (‘vi’) e a 4.^a sílaba (‘za’), que não receberam votos, esse resultado é significativo. Mais uma vez, a não-percepção de acento secundário nas sílabas que precedem o acento primário ilustra a tendência a não-ocorrência de proeminências acentuais adjacentes.

4.5. Grupo de vocábulos: ‘contabilizar’/ ‘contabilização’/ ‘contabilidade’

Os resultados do Quadro 6 mostram que os juízes sentiram a presença de acento secundário na 1.^a sílaba em um grande número de ocorrências das palavras ‘contabilizar’, ‘contabilização’ e ‘contabilidade’. As porcentagens de todas as palavras são superiores a 50%, o que parece indicar de maneira sólida a presença de um acento secundário na sílaba inicial.

Quadro 6 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘contabilizar’/ ‘contabilização’/ ‘contabilidade’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	con	ta	bi	li	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
contabilizar	38/ 90%	5/ 11%	13/ 30%	0		42
contabilidade	34/ 70%	0	8/ 16%	0		48
contabilização	46/ 96%	5/ 9%	3/ 5%	8/ 16%	6/ 14%	48

Vemos, ainda, no Quadro 6, que as palavras ‘contabilização’ e ‘contabilidade’ apresentam apenas uma proeminência secundária inicial, uma vez que as porcentagens de votos das demais sílabas são muito pequenas: a 2.^a sílaba (‘ta’) recebeu 9% e 0; a 3.^a sílaba (‘bi’) obteve 5% e 16%; e a 4.^a sílaba (‘li’) teve 16% e 0. Na palavra ‘contabilizar’, por outro lado, parece que um segundo acento secundário incide na 3.^a sílaba (‘bi’), indicando uma alternância entre sílabas fortes e fracas, uma vez que esta sílaba recebeu 30% de votos, percentual bastante superior ao da 2.^a sílaba (‘ta’), 11%, e também superior aos percentuais de votos das outras sílabas das outras palavras do grupo, com exceção da primeira de cada palavra¹⁶.

4.6. Grupo de vocábulos: ‘democrata’/ ‘democracia’/ ‘democratizar’/ ‘democratização’

No Quadro 7, observamos que os juízes marcaram acento secundário na 1.^a sílaba pretônica nas palavras ‘democracia’, ‘democratizar’ e ‘democratização’ em respectivamente 59%, 71% e 83% das ocorrências. As porcentagens dessas palavras parecem indicar de forma consistente a manifestação de uma proeminência secundária na sílaba inicial. A porcentagem de votos da 1.^a sílaba da palavra ‘democrata’ é de apenas 41%, no entanto não pode ser desconsiderada, posto que a 2.^a sílaba (‘mo’) não recebeu nenhum voto.

¹⁶ O mesmo poderia acontecer com a palavra ‘contabilidade’, cujo número de sílabas pretônicas é igual ao da palavra ‘contabilizar’. Não temos, contudo, nenhuma hipótese para explicar esse comportamento díspar.

Quadro 7 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘democrata’/ ‘democracia’/ ‘democratizar’/ ‘democratização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	de	mo	cra	ti	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
democrata	20/ 41%	0				48
democracia	25/ 59%	3/ 7%	2/ 4%			42
democratizar	30/ 71%	0	11/ 26%	0		42
democratização	40/ 83%	4/ 8%	17/ 35%	2/ 4%	0	48

Ainda conforme este quadro, vemos que, nas palavras ‘democratizar’ e ‘democratização’, os juízes perceberam outra proeminência secundária na 3.^a sílaba (‘cra’) em respectivamente 26% e 35% das ocorrências. Estas porcentagens são nitidamente menores do que 50%, mas são bastante significativas se comparadas às porcentagens da 2.^a (‘mo’) e da 4.^a (‘ti’) sílabas. Parece haver nestas duas palavras uma alternância binária entre sílabas fortes e fracas, o que não ocorre na palavra ‘democracia’, em que a 2.^a e a 3.^a sílabas praticamente não apresentam nenhuma proeminência. A quase ausência de votos para a 3.^a sílaba desta palavra pode ser explicada pela proximidade com uma sílaba com proeminência primária, o que provocaria choque de acentos.

4.7. Grupo de vocábulos: ‘parabéns’/ ‘parabenizo’/ ‘parabenizar’/ ‘parabenização’

Conforme o Quadro 8, vemos que todas as palavras deste grupo tiveram porcentagens de votos para a 1.^a sílaba acima de 50%, ou seja, parece que há indícios significativos da presença de proeminência secundária inicial nestas palavras.

Quadro 8 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘parabéns’/ ‘parabenizo’/ ‘parabenizar’/ ‘parabenização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	Síl pretônicas					Total de votos possíveis para cada sílaba
	pa	ra	be	ni	za	
parabéns	32/ 66%	0				48
parabenizo	27/ 56%	8/ 16%	0			48
parabenizar	41/ 85%	5/ 10%	18/ 37%	1/ 2%		48
parabenização	41/ 97%	5/ 11%	11/ 26%	8/ 19%	0	42

Além disso, conforme o Quadro 8, vemos que, na palavra ‘parabenizar’, os juízes perceberam outro acento secundário na 3.^a sílaba (‘be’) em 37% das ocorrências. Esta porcentagem é significativa se comparada às porcentagens da 2.^a (‘ra’) e da 4.^a (‘ni’) sílabas, 10% e 2%, respectivamente. Parece haver nesta palavra uma tendência à alternância binária entre sílabas fortes e fracas, o que não ocorre na palavra ‘parabenizo’, em que a 2.^a sílaba (‘ra’) recebeu um número pequeno de votos (16%) e a 3.^a sílaba (‘be’) não apresentou nenhuma proeminência.

O fato de a 3.^a sílaba da palavra ‘parabenizo’ não ter recebido votos pode ser justificado pela adjacência com uma sílaba com proeminência primária, o que resultaria em choque acentual. A mesma justificativa pode ser dada para a falta de percepção do acento secundário na 4.^a sílaba (‘ni’) da palavra ‘parabenizar’ e na 5.^a sílaba (‘za’) da palavra ‘parabenização’.

4.8. Grupo de vocábulos: ‘regular’/ ‘regularizo’/ ‘regularizar’/ ‘regularização’

No Quadro 9, observamos que os juízes marcaram acento secundário na 1.^a sílaba pretônica nas palavras ‘regular’, ‘regularizo’, ‘regularizar’ e ‘regularização’ em respectivamente 69%, 78%, 80% e 87% das ocorrências, portanto, resultados acima de 50%.

Quadro 9 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘regular’/ ‘regularizo’/ ‘regularizar’/ ‘regularização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	re	gu	la	ri	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
regular	29/ 69%	1/ 2%				42
regularizo	33/ 78%	2/ 4%	0			42
regularizar	34/ 80%	1/ 2%	17/ 40%	0		42
regularização	42/ 87%	0	7/ 14%	7/ 14%	0	48

Além disso, conforme o Quadro 9, vemos que, na palavra ‘regularizar’, os juízes marcaram a incidência de outro acento secundário na 3.^a sílaba (‘la’) em 40% das ocorrências, uma vez que as porcentagens de votos das demais sílabas são muito pequenas: a 2.^a sílaba (‘gu’) recebeu 2%; a 4.^a sílaba (‘ri’) não obteve votos. Esta palavra parece ter uma tendência à alternância binária entre sílabas fortes e fracas, o que não ocorre nas palavras ‘regularizo’ e ‘regularização’, as quais têm percentuais muito baixos (entre 0 e 14%) para as outras sílabas pretônicas.

Vemos ainda que nenhuma sílaba imediatamente anterior ao acento primário recebeu votos (com exceção de um voto para a 2.^a sílaba (‘gu’) em ‘regular’), o que se deve à evitação de choques de acentos.

4.9. Grupo de vocábulos: ‘responsável’/ ‘responsabilizar’/ ‘responsabilização’/ ‘responsabilidade’

Os resultados do Quadro 10 mostram que os juízes perceberam a incidência de acento secundário na 1.^a sílaba nas palavras ‘responsável’, ‘responsabilizar’, ‘responsabilidade’ e ‘responsabilização’ em respectivamente 54%, 76%, 81% e 70% das ocorrências. Tais resultados parecem indicar consistentemente a presença de uma proeminência secundária inicial.

Quadro 10 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘responsável’/ ‘responsabilizar’/ ‘responsabilização’/ ‘responsabilidade’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	res	pon	sa	bi	li	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
responsável	26/ 54%	0					48
responsabilizar	32/ 76%	8/ 19%	11/ 22%	2/ 4%	0		42
responsabilidade	39/ 81%	11/ 22%	14/ 29%	0	0		48
responsabilização	34/ 70%	13/ 27%	13/ 27%	3/ 6%	5/ 10%	0	48

Diferentemente dos resultados dos outros grupos de vocábulos, a 2.^a sílaba (‘pon’) e a 3.^a sílaba (‘sa’) das palavras ‘responsabilizar’, ‘responsabilidade’ e ‘responsabilização’ tiveram porcentagens de votos muito semelhantes, enquanto a 4.^a sílaba (‘bi’) e a 5.^a sílaba (‘li’) quase não receberam votos. De acordo com estes resultados, não é possível afirmar que haja manifestação de outra proeminência secundária além da inicial. Nesse grupo de palavras, também não houve votos para sílabas imediatamente anteriores à sílaba com acento primário.

4.10. Grupo de vocábulos: ‘secular’/ ‘secularizo’/ ‘secularizar’/ ‘secularização’

Os resultados do Quadro 11 mostram que os juízes perceberam a incidência de acento secundário na 1.^a sílaba em um grande número de ocorrências das palavras ‘secular’, ‘secularizo’, ‘secularizar’ e ‘secularização’. As porcentagens de todas as palavras são superiores a 50%, o que parece indicar de maneira robusta a presença desse acento na sílaba inicial.

Quadro 11 – Número e porcentagem de votos que cada sílaba pretônica das palavras ‘secular’/ ‘secularizo’/ ‘secularizar’/ ‘secularização’ recebeu como proeminente

Síl pretônicas Vocábulo	se	cu	la	ri	za	Total de votos possíveis para cada sílaba
secular	34/ 70%	0				48
secularizo	24/ 66%	3/ 8%	2/ 5%			36
secularizar	37/ 88%	4/ 9%	16/ 38%	0		42
secularização	46/ 95%	5/ 10%	9/ 18%	9/ 18%	0	48

De acordo com este quadro, vemos também que apenas na palavra ‘secularizar’, os juízes perceberam outro acento secundário, o qual recaiu na 3.^a sílaba (‘la’) em 38% das ocorrências. Essa afirmação pode ser feita a partir da comparação com os resultados das outras sílabas pretônicas: a 2.^a sílaba (‘cu’) teve 9% de votos e a 4.^a sílaba (‘ri’) não recebeu votos. Esta palavra parece ter uma tendência a alternar as sílabas em batidas fortes e fracas, o que não ocorre nas palavras ‘secularizo’ e ‘secularização’, uma vez que as demais sílabas obtiveram percentuais baixos de votos (entre 5% e 18%).

Além da posição do acento secundário nos 10 grupos de vocábulos, analisamos também a localização desse acento levando-se em conta o número de sílabas pretônicas das palavras. É o que passamos a discutir a seguir.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS PARA OS VOCÁBULOS COM NÚMERO *PAR* DE SÍLABAS PRETÔNICAS

Nesta seção, apresentamos os resultados da percepção do acento secundário em palavras com número *par*, ou seja, palavras com 2 e 4 sílabas pretônicas.

O Quadro 12 expõe as porcentagens de votos em palavras com 2 sílabas pretônicas. Os resultados deste quadro mostram que a 1.^a sílaba foi mais percebida como proeminente nas palavras ‘regular’ e ‘secular’ e menos percebida nas palavras ‘canibal’ e ‘democrata’, ou seja, não temos, neste caso, uma percepção

uniforme da incidência de acento secundário em palavras com 2 sílabas pretônicas. É importante ressaltar que apenas na palavra ‘regular’ a sílaba imediatamente anterior ao acento primário foi marcada como proeminente pelos juízes, no entanto esse resultado pode ser desconsiderado, pois o percentual foi muito baixo: apenas 2%. A não-percepção de acento nessa sílaba se deve ao fato de que haveria choque entre acentos, o que é evitado nas línguas do mundo.

Quadro 12 – Porcentagem de votos que as sílabas receberam em palavras com 2 pretônicas

Vocábulo	Porcentagem de votos para a 1. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 2. ^a sílaba
canibal	42%	0
democrata	41%	0
parabéns	66%	0
regular	69%	2%
responsável	54%	0
secular	70%	0

O Quadro 13 apresenta as porcentagens de votos em palavras com 4 sílabas pretônicas. A porcentagem de concordância dos juízes em relação à percepção do acento secundário na 1.^a sílaba parece ser maior em palavras com 4 sílabas pretônicas do que em palavras com 2 sílabas, ou seja, o acento secundário seria mais percebido em palavras mais longas. Podemos observar no Quadro 12 que a porcentagem de concordância dos juízes em relação às palavras com 2 sílabas pretônicas oscila entre 41% e 70%, enquanto nas palavras com 4 sílabas pretônicas, conforme o Quadro 13, essa porcentagem oscila entre 69% e 93%.

Quadro 13 – Porcentagem de votos que as sílabas receberam em palavras com 4 sílabas pretônicas

Vocábulo	Porcentagem de votos para a 1. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 2. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 3. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 4. ^a sílaba
amortecimento	76%	50%	28%	0
canibalizar	69%	2%	50%	0
categorizar	83%	2%	33%	0
civilização	93%	0	22%	0
contabilidade	70%	0	16%	0
contabilizar	90%	11%	30%	0
democratizar	71%	0	26%	0
parabenizar	85%	10%	37%	2%
regularizar	80%	2%	40%	0
secularizar	88%	9%	38%	0

Podemos ver, ainda, no Quadro 13, que há indicativos da presença de outra proeminência secundária, além da inicial, na 3.^a sílaba em quase todas as palavras, dentre as quais se destaca a palavra ‘canibalizar’, que teve 50% de votos para esta sílaba. Além disso, observamos que a percepção de acento secundário na 4.^a sílaba é quase nula: os percentuais variam de zero a 2%. Tal fato parece indicar a evitação de sílabas adjacentes acentuadas.

Por fim, é preciso comentar os resultados para a palavra ‘responsabilização’: único caso em que há seis sílabas pretônicas antes do acento secundário. Assim como as palavras dos Quadros 12 e 13, nessa palavra, foi percebida de forma consistente proeminência na sílaba inicial (‘res’), cujo percentual foi de 70%. No entanto, essa palavra difere em relação à incidência de acento secundário na 3.^a sílaba (‘sa’), uma vez que a porcentagem para esta sílaba e para a 2.^a sílaba (‘pon’) é o mesmo: 27%. As demais sílabas da palavra obtiveram porcentagens bastante baixas, variando de 0 a 10%.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS PARA OS VOCÁBULOS COM NÚMERO ÍMPAR DE SÍLABAS PRETÔNICAS

Nesta seção, mostramos os resultados da percepção do acento secundário em palavras com número *ímpar*, ou seja, palavras com 3 e 5 sílabas pretônicas.

O Quadro 14 apresenta as porcentagens de votos em palavras com 3 sílabas pretônicas. Os resultados deste quadro mostram que a 1.^a sílaba foi mais percebida como proeminente nas palavras ‘civilizar’ e ‘regularizo’ e menos percebida nas palavras ‘amortecer’ e ‘amortecido’. Aliás, estas palavras foram as únicas que tiveram acento secundário percebido de forma consistente na 2.^a sílaba pretônica. Acreditamos que o acento secundário incida na 2.^a sílaba, nessas palavras, porque ela é pesada, e, como se sabe, sílabas pesadas podem atrair proeminência. No entanto, não temos outras palavras no *corpus* com a mesma estrutura segmental de ‘amortecer’ e ‘amortecido’, qual seja, uma sílaba inicial sem ataque seguida de uma sílaba pesada, para compararmos os resultados, como mencionamos anteriormente. Além disso, observamos que praticamente não há percepção de acento secundário na 3.^a sílaba: os percentuais variam de zero a 8%. Como já comentamos, esse fato parece indicar uma tendência dos falantes a evitarem choques acentuais.

Quadro 14 – Porcentagem de votos que as sílabas receberam em palavras com 3 sílabas pretônicas

Vocábulo	Porcentagem de votos para a 1. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 2. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 3. ^a sílaba
amortecer	8%	79%	2%
amortecido	6%	68%	0
canibalismo	72%	12%	8%
categoria	56%	14%	0
civilizar	90%	0	0
civilizado	72%	8%	0
democracia	59%	7%	4%
parabenizo	56%	16%	0
regularizo	78%	4%	0
secularizo	66%	8%	5%

O Quadro 15 apresenta as porcentagens de votos em palavras com 5 *silabas* pretônicas. A porcentagem de concordância dos juízes em relação à percepção do acento secundário na 1.^a sílaba parece ser maior em palavras com 5 *silabas* pretônicas do que em palavras com 3 *silabas*, ou seja, parece que, novamente, o acento secundário é mais percebido em palavras mais longas. A porcentagem de concordância dos juízes oscila entre 56% e 90% nas palavras com 3 *silabas* (desconsiderando-se as palavras ‘amortecer’ e ‘amortecido’ pelos motivos expostos acima), enquanto nas palavras com 5 *silabas* pretônicas, conforme o Quadro 15, essa porcentagem oscila entre 76% e 97%.

Quadro 15 – Porcentagem de votos que as sílabas receberam em palavras com 5 sílabas pretônicas

Vocábulos	Porcentagem de votos para a 1. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 2. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 3. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 4. ^a sílaba	Porcentagem de votos para a 5. ^a sílaba
canibalização	91%	5%	38%	13%	0
categorização	85%	7%	26%	7%	0
contabilização	85%	9%	5%	14%	14%
democratização	83%	8%	35%	4%	0
parabenização	97%	11%	26%	19%	0
regularização	87%	0	14%	14%	0
responsabilidade	81%	22%	29%	0	0
responsabilizar	76%	19%	22%	4%	0
secularização	95%	10%	18%	18%	0

Podemos observar a incidência de outra proeminência secundária, que recai na 3.^a sílaba, em apenas duas palavras, quais sejam ‘canibalização’ e ‘democratização’, cujas porcentagens são 38% e 35%, respectivamente. Estes resultados diferem de um dos padrões apresentados por Collischonn (1994), que prevê que, em palavras com número *ímpar* de sílabas pretônicas, a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a quarta sílaba pretônica. As porcentagens de votos para a 3.^a e a 4.^a sílabas em todas as palavras estão muito próximas, quando não são iguais, não sendo possível determinar se uma sílaba é mais percebida como proeminente do que a outra.

Além disso, observamos que a percepção de acento secundário na 5.^a sílaba, a sílaba imediatamente anterior àquela com acento primário, é muito baixa: os percentuais variam de zero a 14%. Esse fato corrobora a observação de que há uma tendência dos falantes a evitarem choques acentuais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui as questões norteadoras desta pesquisa, quais sejam, (i) a localização da(s) sílaba(s) portadora(s) da proeminência é constante ou admite variação? e (ii) pode manifestar-se mais de um acento secundário por vocábulo?, e as respondemos comparando nossos resultados (KELLER, 2004) com os de Collischonn (1994) e os de Moraes (2003 a,b). Para tanto, observemos o Quadro 16.

Quadro 16 – Resultados de Collischonn (1994), Moraes (2003 a, b) e Keller (2004)

	Collischonn (1994)	Moraes (2003a, b)	Keller (2004)
Acento secundário na 1. ^a sílaba pretônica	sim	sim (3 informantes)	sim
Variação entre a 1. ^a e a 2. ^a sílaba pretônica (em palavras com número <i>ímpar</i> de pretônicas)	sim	não	não
Incidência de mais de um acento secundário	sim	não	sim
Acento secundário na 2. ^a sílaba pretônica	sim	sim (1 informante)	sim (‘amortecer’, ‘amortecido’)
Variação entre a 3. ^a e a 4. ^a sílaba pretônica	não	não	<i>sim</i>

Retomemos a primeira questão:

(i) a localização da(s) sílaba(s) portadora(s) da proeminência é constante ou admite variação?

Os resultados de Moraes (2003a, b) mostraram que os juízes identificaram de forma robusta uma proeminência secundária na sílaba inicial, em três informantes, no entanto um informante manifestou acento secundário na 2.^a sílaba. Em nossos resultados, os juízes também verificaram, de modo bastante consistente, a ocorrência de acento secundário na 1.^a sílaba pretônica, especialmente em palavras com quatro ou mais sílabas pretônicas, em todos os locutores. Encontramos ainda acento secundário apenas na 2.^a pretônica em um número bastante reduzido de palavras, tais como ‘amortecer’ e ‘amortecido’. Os resultados de Moraes não apontam a possibilidade de variação entre a 1.^a e a 2.^a pretônica em uma mesma palavra, como previsto por Collischonn (1994). Nossos resultados confirmam essa observação. Essa pesquisa apontou ainda uma possibilidade não tratada por nenhum dos dois autores, em palavras com 5 sílabas pretônicas, com base no Quadro 15: a variação na posição de acento secundário entre sílabas não-iniciais (3.^a e 4.^a sílaba), já que as porcentagens de votos para essas sílabas foram bastante semelhantes.

Recuperemos a segunda questão:

b) pode manifestar-se mais de um acento secundário por vocábulo?

Nossos resultados diferem dos de Moraes quanto à não incidência de mais de um acento secundário, uma vez que os juízes perceberam esse acento em mais de uma sílaba em um mesmo vocábulo, como proposto por Collischonn (1994).

Como descrevemos anteriormente, a autora propõe que, em palavras com número *par* de sílabas, o acento secundário recai na 1.^a sílaba pretônica e a cada segunda sílaba à direita desta. Nossos resultados parecem confirmar essa previsão. No Quadro 13, que apresenta resultados das palavras com 4 sílabas pretônicas, os resultados mostram de forma robusta que há incidência de acento secundário na 1.^a sílaba; ainda que de forma não tão robusta quanto os resultados da 1.^a sílaba, há também a incidência de outra proeminência secundária na 3.^a sílaba. Em relação às palavras com 5 sílabas pretônicas, conforme o Quadro 15, é possível identificar outra proeminência secundária, mas não é possível determinar em qual sílaba ela recai, se na 3.^a sílaba ou na 4.^a sílaba.

Além disso, Collischonn (1994) afirma que em palavras com número *ímpar* de sílabas pretônicas, podem ocorrer dois padrões acentuais: a) a segunda sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta e b) a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a terceira sílaba à direita desta. No Quadro 15, que apresenta os resultados das palavras com 5 sílabas pretônicas, vemos, contudo, que nossos resultados não confirmam nenhum dos dois padrões propostos pela autora.

Em suma, nossos resultados ora confirmam as observações de cunho fo-

nético/perceptual (MORAES, 2003a, b) e ora as de cunho fonológico (COLLISCHONN, 1994), o que nos leva a crer que um entendimento mais completo sobre o acento secundário, e outros fenômenos linguísticos, deva conjugar esses dois tipos de análise.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, P.; BARBOSA, P. A. Acentuação secundária em Português Brasileiro à luz do modelo dinâmico do ritmo: um estudo piloto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA/ VII CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 2002, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: s/e, s/p, 2002.
- BECKMAN, M. **Stress and non-stress accent**. Cambridge, UK: Foris Publications, 1986.
- BISOL, L. Vowel harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, v. 1, n. 2, p. 185-198, 1989.
- BISOL, L. Neutralização das átonas. **Revista Letras**, n. 61, ed. especial, p. 273-283, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COLLISCHONN, G. **Um estudo do acento secundário em português**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. **Letras de Hoje**, v. 29, n. 4, p. 43-53, 1994.
- EWEN, C. J.; HULST, H. van der. **The phonological structure of words: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). **Estudos Linguísticos**, v. 38, n. 1, p. 47-58, 2009.
- FERNANDES-SVARTMAN, F. R.; ABAURRE, M. B. M.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, V. A. Acento secundário e intensidade em português brasileiro. In: ENCONTRO DO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-18.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. On the correlates of rhythmic distinctions: the European/ Brazilian Portuguese case. **Probus**, n. 13, p. 247-275, 2001.
- GAMA-ROSSI, A. Qual é a natureza do acento secundário no português brasileiro? **Cadernos - Centro Universitário S. Camilo**, v. 4, n. 1, p. 77-92, 1998.
- GORDON, M. Disentangling stress and pitch accent. In: HULST, H. van der (Ed.). **Word stress: theoretical and typological issues**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 83-118.
- KAGER, R. **A metrical theory of stress and destressing in English and Dutch**. Dordrecht: Foris, 1989.
- KAGER, R. **Ternary rhythm in alignment theory**. Ms., Utrecht University. ROA-35, 1994.
- KELLER, T. **Um estudo experimental do acento secundário no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- KELLER, T. Uma análise perceptual do acento secundário no português brasileiro. **Revista do GELNE**, v. 13, n. 1/2, p.11-32, 2011.

- LEE, S.-H. Acento secundário do PB. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 1, p.149-162, 2002.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, v. 8, n. 2, p. 249-336, 1977.
- MAJOR, R. C. Stress rhythm in Brazilian Portuguese. **Language**, v. 61, n. 2, p. 259-282, 1985.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o lugar do acento de palavra em uma teoria fonológica. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p.121-136, 1992.
- MORAES, J. A. de. A manifestação fonética do pé métrico. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 4, p.147-162, 2003a.
- MORAES, J. A. de. Secondary stress in Brazilian Portuguese: perceptual and acoustical evidence. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 2003, Barcelona. **Proceedings...** Glenelg North, Australia: Casual, 2003. p. 2063-2066, 2003b.
- RYAN, K. M. Onsets contribute to syllable weight: statistical evidence from stress and meter. **Language**, v. 90, n. 2, p. 309-341, 2014.
- SANTANA, B. P. O acento secundário no português brasileiro: resultados de um experimento piloto. **Versalete**, v. 2, n. 3, p. 35-51, 2014.
- TOPINTZI, N. Onsets. In: VAN OOSTENTORP, M.; EWEN, C. J.; HUME, E.; RICE, K. (Eds). **The Blackwell Companion to Phonology**. New Jersey: Wiley-Blackwell, p. 1285- 1308, 2011.
- VOGEL, I.; SCALISE, S. Secondary stress in Italian. **Lingua**, v. 58, p. 213-242, 1982.

Estrutura moraic do latim ao espanhol

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa

Universidade Federal de Santa Maria

1. DO LATIM AO ESPANHOL: UMA INTRODUÇÃO

É sabido que a perda da quantidade distintiva que se aplicou, grosso modo, na passagem do latim para as línguas românicas teve efeitos variados nas estruturas moraic de cada língua românica. Como possíveis efeitos, temos fenômenos tidos como existentes já em latim vulgar, tais como monotongação, ditongação, gemação, dentre outros, como processos de resolução diante de uma estrutura moraic que não mais contava com a quantidade.

A sílaba em latim é geralmente caracterizada, por estudos mais tradicionais, como uma sequência de sons (COUTINHO, 1958; FARIA, 1955; SILVA NETO, 1957; LAUSBERG, 1963). Além disso, a simplificação de vogais longas ou de consoantes geminadas e o apagamento de consoantes pós-vocálicas são descritos como processos separados e sem se fazer menção aos efeitos desses fenômenos nas línguas românicas.

Assumimos que a evolução da quantidade vocálica e da quantidade consonantal, comumente tratados como fenômenos separados, como em Holt (1997), pode ser explicada via Fonologia das Moras como um só fenômeno, a saber, a evolução da quantidade distintiva do latim ao espanhol. Também é objetivo desse trabalho traçar um paralelo com pesquisas anteriores (COSTA, 2011; COSTA; KELLER 2014), a respeito do português e do italiano respectivamente.

Diante desse panorama, e do pressuposto de que as referidas mudanças dizem respeito à mora, o presente capítulo trata dos efeitos da mudança de estrutura moraic do latim ao espanhol sob a ótica da Fonologia das Moras (HAYES, 1989), mais precisamente da perda da quantidade vocálica (vogais longas) e da quantidade consonantal (consoantes geminadas e pós-vocálicas), interpretadas como um único processo, qual seja, mudança de estrutura moraic. Estudos considerando o português e o italiano foram desenvolvidos em Costa (2011) e em Costa e Keller (2014), respectivamente, como foi mencionado anteriormente.

Hayes (1989) define mora como uma unidade de peso do *tier* prosódico: uma sílaba leve porta uma mora; uma pesada, duas moras. Quanto aos segmentos: vogais longas portam duas moras; vogais curtas, uma mora; as consoantes geminadas compartilham uma mora subjacentemente; consoantes simples e glides não portam mora na subjacência. Elementos recebem mora na subjacência e, se não forem alvo de alguma regra de apagamento, portarão mora na superfície. De acordo com a abordagem seguida neste trabalho¹, a silabificação consiste nos seguintes passos: (i) escolha do segmento mais sonoro para dominar o nó da sílaba; (ii) adjunção da consoante do *onset* ao nó silábico; (iii) se a sílaba for pesada, cria-se uma nova mora, se não for, a consoante é incorporada. Uma mora é atribuída a uma consoante simples ou a um glide pós-vocálicos através de *Weight by Position* no caso das línguas para as quais a sílaba CVC é pesada. Esse princípio é retomado por muitos estudos, como Rosenthal e Van der Hulst (1999). Outros princípios envolvidos são *Stray Erasure*, que apaga moras que não foram reassociadas, e *Parasitic Delinking*, que apaga a estrutura silábica que não possui elemento nuclear (cf. HAYES, 1989).

É sabido que as línguas românicas não conviveram com as vogais longas latinas e, no que se refere ao espanhol, as geminadas são também simplificadas, respeitando estágios históricos de acordo com a sonoridade². As geminadas *-nn-* e *-ll-*, entretanto, são palatalizadas e não simplificadas, de acordo com Holt (1997).

Os reflexos da mudança de estrutura moraica do latim ao espanhol são os seguintes: redução da vogal longa, redução do ditongo, perda de mora da consoante pós-pico (criação de africadas) e palatalização. Na sequência, discutiremos cada um desses processos.

2. PERDA DE MORA: REDUÇÃO DA VOGAL LONGA

O espanhol não conserva a mora das vogais longas latinas, tampouco a quantidade vocálica distintiva do latim tem efeito na estrutura moraica do espanhol. Observemos os exemplos em (1).

(1) Perda de mora

Latim	Espanhol
brūtu ³	bruto
tōtu	todo

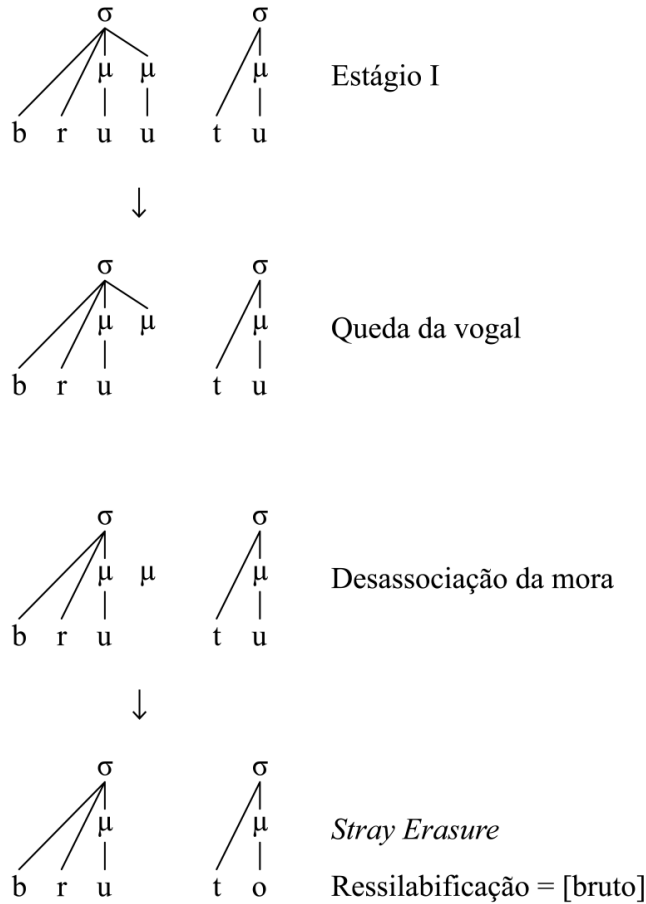
¹ A abordagem seguida nesse trabalho pressupõe uma sílaba sem estrutura interna. Para mais informações, sugerimos a leitura de Collischonn (2001).

² Holt (1997).

³ O diacrítico “~” acima da vogal indica que ela é longa.

Podemos observar em (2) que o princípio *Stray Erasure* tem um importante papel apagando as moras não reassociadas após a queda da vogal que contribuía para o peso. Esse é o mesmo comportamento encontrado em português. Em italiano, a mora da vogal longa latina é preservada através da geminação da consoante seguinte, em um processo de reassociação da mora da vogal à consoante (COSTA; KELLER, 2014).

(2) Forma clássica ('br[u:]tu')



Os exemplos em (3) são comumente tratados por estudos mais tradicionais como apagamento da consoante que antecede o participípio (-ct-) e (-pt) + to do latim na passagem para as línguas românicas. De fato, o que ocorre nesses exemplos é o apagamento da mora da vogal longa, já que a consoante pós-pico, nesse caso, não possui mora. Note que a consoante segue vogal longa, portanto aquela não porta mora por *Weight by Position*.

(3) Perda de mora

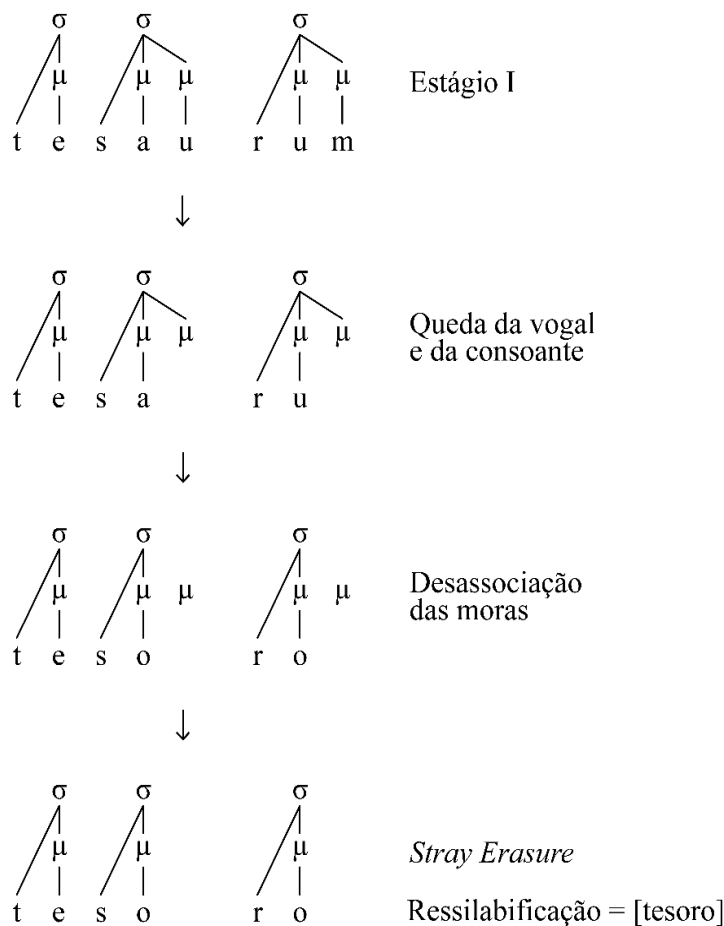
Latim	Espanhol
corrēc#to	corregido
leēc#to	lido
scrīp#to	escrito

De acordo com Hayes (1989), consoantes pós-vocálicas em sílabas duplamente travadas são adjungidas por Adjunção de Segmentos Restantes, sem atribuir peso à sílaba. Como a vogal longa porta duas moras, a simplificação do latim ao espanhol se dá pela queda de uma vogal; a mora correspondente não reassociada é apagada por *Stray Erasure*. Em português e em italiano temos o mesmo comportamento.

3. PERDA DE MORA: REDUÇÃO DE DITONGO

Os ditongos latinos são sempre monotongados em espanhol: ‘aurum’ > ‘oro’; ‘tesaurus’ > ‘tesoro’. Nesse aspecto, o espanhol se aproxima do italiano, já que o português mantém os ditongos, monotongando-os variavelmente.

(4) Forma clássica (‘tesaurum’)



Em (4), a queda da segunda vogal do ditongo deixa a mora correspondente livre, que é apagada por *Stray Erasure* por não ter sido reassociada, resultando na

forma ‘tesoro’. Esse é o tratamento que o espanhol dá aos ditongos latinos, a não-preservação da mora. O espanhol se assemelha ao italiano nesse aspecto.

Do latim ao espanhol, há o processo de formação de ditongo crescente através de vogais breves ‘ě’ e ‘ǫ’ originais ou advindas de redução de ditongo. A referida redução remonta ao latim vulgar e o resultado desse processo não contribui para o peso, como mostram os exemplos em (5).

(5) Ditongação de vogais breves latinas

Latim	Espanhol
sěte	siete
mǫrtem	muerte
pǫrtam	puerta

De acordo com Holt (1997), a língua espanhola não dispõe de vogais médias baixas em seu inventário porque as substituiu por ditongos crescentes. Entendemos, portanto, que a opção do espanhol por ditongar ‘ě’ e ‘ǫ’ encontra-se nos estágios de evolução do sistema vocálico do latim vulgar ao hispano-romance. Enquanto o sardo e o lucano do sul possuem um sistema vocálico de cinco vogais com a ausência das médias altas, o espanhol conta com um sistema de cinco vogais sem as médias baixas advindas do latim. O português, por sua vez, apresenta um sistema vocálico que mantém todas as qualidades dispostas em latim vulgar.

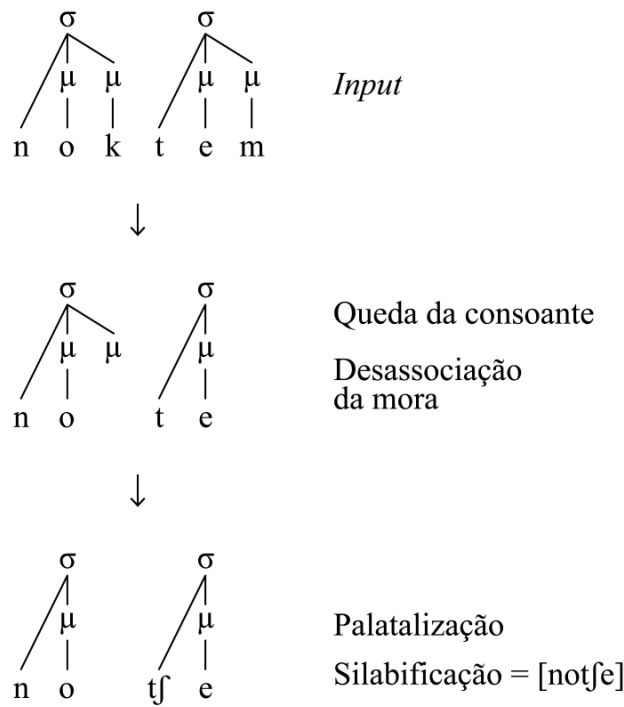
4. PERDA DE MORA: CRIAÇÃO DE AFRICADAS

No que diz respeito ao encontro -ct-, o espanhol, diferentemente do português, não conserva a mora da consoante pós-vocálica. Todavia, cria palatais como mostram os dados em (6). A diferença dos exemplos em (6) e em (3) se deve ao fato de que aqui a consoante pós-vocálica do latim ocupa uma posição de peso.

(6) Perda de mora com criação de africadas

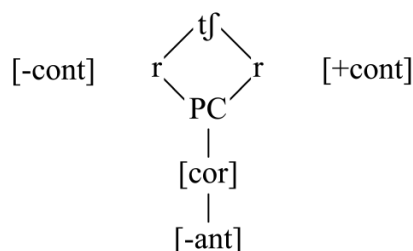
Latim	Espanhol
fāctum	hecho
pěctus	pecho
lāctem	leche
nōctem	noche

(7) Forma clássica ('noctem')



A consoante pós-pico é elidida, e sua mora é apagada por *Stray Erasure* por não ter sido reassociada. Enquanto cria uma geminada no italiano e ditonga em português, o apagamento da mora da consoante pós-vocálica tem o efeito de palatalizar a consoante seguinte em espanhol. É criado um segmento de contorno que tem a complexidade de iniciar como oclusiva e terminar como fricativa, como podemos ver na representação em (8), adaptada de Clements (1985). Formas como *ocho*, *pecho* e *noche* do espanhol também se manifestam em algumas variedades do português do nordeste do Brasil.

(8) Segmento complexo de contorno



Fonte: Adaptado de Clements (1985)

5. PERDA DE MORA: CONSERVAÇÃO DE ENERGIA VIA CRIAÇÃO DE PALATAIS

Enquanto o italiano mantém as geminadas latinas, criando geminadas novas via alongamento compensatório, e o português as elimina, simplificando-as, o espanhol apresenta reflexos das geminadas através das palatais. Holt (1997, 2003) descreve um paulatino processo de simplificação das geminadas em espanhol que respeita uma escala de sonoridade. As primeiras geminadas a serem simplificadas foram as obstruintes, depois as soantes e, por último, /ll/ e /nn/. As últimas se tornaram palatais, refletindo, em sua característica complexa, sua origem de consoantes geminadas.

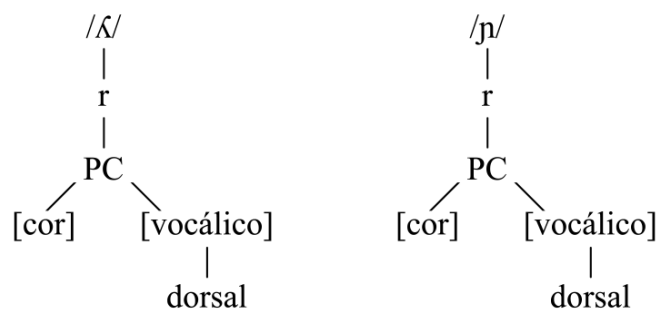
O argumento de Holt (1997, 2003) é reforçado por Payne (2006), segundo a qual a palatalização está intimamente associada à produção de geminadas. Em estudo de base articulatória, através de eletropalatografia, Payne (2006) trata das geminadas do italiano utilizando índices não-duracionais com o objetivo de identificar se outras características fazem parte da produção de uma geminada.

Com a duração isolada, a autora elenca aspectos que podem ser relacionados a consoantes geminadas em comparação com as consoantes simples e com as “consoantes inerentemente longas quando intervocálicas”, isto é, palatais. Ao fim do estudo, a autora atesta que há uma gradiência quanto à palatalização e duração do tipo: /l:/ - /ʎ:/ e /l/. A geminada é o elemento que possui maior duração, ao passo que a consoante palatal se aproxima da geminada por conta de sua articulação palatal e a consoante simples se caracteriza por apresentar o menor grau dentro dessa escala. Em suma, a autora defende que a palatalização reflete a duração da geminada, ou seja, esse segmento guardaria a “energia” das consoantes geminadas.

Partindo dos pressupostos de Holt (1997, 2003) e de Payne (2006), entendemos que o espanhol não conserva a mora das geminadas latinas -nn- e -ll-, mas reflete um índice não-duracional das geminadas. O latim não apresenta consoantes

palatais em seu inventário; as palatais /ʎ/ e /ɲ/ surgiram nas línguas românicas como reflexo das geminadas latinas simplificadas que resultaram em segmentos complexos articulatoriamente, como podemos ver na representação em (9), adaptada de Clements (1985).

(9) Segmento complexo articulatoriamente



Fonte: Adaptado de Clements (1985)

6. DO LATIM AO ESPANHOL

O comportamento do espanhol diante da mudança da estrutura moraic do latim pode ser sumariado em (10).

(10) Escolhas do espanhol diante da evolução da estrutura moraic do latim

- Simplifica as geminadas latinas obedecendo a uma escala de sonoridade: obstruintes – soantes;
- Não conserva a mora da vogal longa;
- Não conserva a mora dos ditongos latinos;
- Cria ditongos crescentes;
- Não conserva a mora da consoante pós-vocálica, mas cria africadas;
- Conserva a complexidade de -nn- e -ll- através da criação de segmentos palatais, ou seja, apresenta reflexos não-duracionais das geminadas -ll- e -nn- via palatalização.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espanhol não preserva a mora das geminadas latinas, assim como não preserva a mora das vogais longas ('brūtu' > 'bruto'), dos ditongos latinos ('aurum' > 'oro') e tampouco da consoante pós-pico ('pectus' > 'pecho'). Todavia, há efeitos dessa estrutura moraic em consideração nas soantes palatais ('annus' > 'a[n]o', em português 'ano') e na africada ('pectus' > 'pecho', em português 'peito'), admitindo-se que consoantes complexas conservem certa "energia" das geminadas e que as de contorno sejam um reflexo dessa estrutura.

Espera-se que este olhar de caráter diacrônico à luz de uma teoria moderna, destinada sobretudo a estudos sincrônicos, ofereça alguma contribuição para os estudos linguísticos que se desenvolvem nessa área.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**, n. 2, p. 225-252, 1985.
- COLLISCHONN, G. A sílaba. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2001. p. 91-123.
- COSTA, E. Mudança de estrutura moraic do latim ao português. **Alfa**, n. 55, v. 2, p. 573-599, 2011.
- COSTA, E.; KELLER, T. Estrutura moraic do latim e seus efeitos em italiano. **Organon**, n. 56, v. 29, p. 123-137, 2014.
- COUTINHO, I. **Gramática histórica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FARIA, E. **Fonética histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- HAYES, B. Compensatory lengthening in moraic phonology. **Linguistic Inquiry**, n. 20, p. 253-306, 1989.
- HOLT, D. E. **The role of listener in the historical phonology of Spanish and Portuguese: an optimality-theoretic account**. 1997. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/view.php3?id=290>
- HOLT, D. E. The emergence of palatal sonorants and alternating diphthongs in Hispano-Romance. In: HOLT, D. E. (Ed.) **Optimality Theory and Language Change**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 285-305.
- LAUSBERG, H. **Linguística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- PAYNE, E. Non-durational indices in Italian geminate consonants. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 36, n. 1, p. 83-95, 2006.
- ROSENTHALL, S.; VAN DER HULST, H. Weight-by-position by position. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 17, p. 499-540, 1999.
- SILVA NETO, S. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

A harmonia vocálica em Bagé e a variável escolaridade

Méllani da Silveira Laus

Universidade Federal do Pampa

Táise Simioni

Universidade Federal do Pampa

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Bisol (1981), o fenômeno fonológico denominado *harmonia vocálica* caracteriza-se pela elevação das vogais médias pretônicas *e* e *o* em função da presença de vogais altas *i* e *u* subsequentes na palavra, como em ‘s[e]guro’ ~ ‘s[i]guro’ e ‘m[o]tivo’ ~ ‘m[u]tivo’¹.

A partir de dados coletados em entrevistas orais realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa, este trabalho objetiva descrever e analisar os contextos de aplicação do processo de harmonia vocálica entre os falantes de Bagé/RS. Desse modo, propomos verificar a atuação de variáveis linguísticas e extralinguísticas no fenômeno sob análise. Além disso, discutimos, mais detalhadamente, a atuação da variável social escolaridade na ocorrência da harmonia vocálica.

O presente trabalho se justifica por registrar traços característicos da fala dos bageenses e, assim, descrever as variedades da região e contribuir para estudos contrastivos com outras variedades do português brasileiro. Por outro lado, a discussão sobre a variável escolaridade permite que se amplie a visão sobre as relações entre fala e escrita, no sentido de apontar evidências de que a segunda pode influenciar a primeira.

O trabalho está organizado em seis seções. Na sequência da introdução, a segunda seção traz informações sobre a harmonia vocálica. Na terceira seção, descrevemos a metodologia do trabalho. Na quarta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos. A quinta seção discute, mais detidamente, os resultados

¹ Segundo Costa e Keller (2013), há evidências da ocorrência da harmonia vocálica desde o latim vulgar.

obtidos para a variável escolaridade. Por fim, na sexta seção, trazemos as considerações finais.

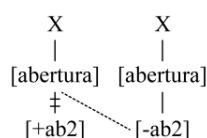
2. HARMONIA VOCÁLICA

De acordo com Bisol (2013a), a harmonia vocálica é um fenômeno fonológico comum às línguas e caracteriza-se como uma regra de assimilação regressiva, tendo como alvo uma vogal média pretônica e como gatilho a vogal alta seguinte dentro da palavra. A autora apresenta como um fator responsável pela harmonia vocálica a condição de adjacência, segundo a qual o gatilho deve estar na sílaba imediatamente seguinte ao alvo, como em ‘b[e]n[e]fício’ ~ ‘ben[i]fício’ ~ ‘b[i]n[i]fício’. Assim, não ocorreria harmonia em contextos com saltos entre a vogal que condiciona o processo e a vogal alvo, como ‘b[i]n[e]fício’.

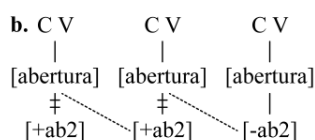
Para ilustrar o processo de harmonia vocálica, apresentamos, na Figura 1, a representação proposta por Bisol (2013a, p. 51). Primeiramente, em (3a), há o desligamento do traço [+ab2] do alvo para que, em seguida, o traço [-ab2] do gatilho seja expandido para a posição vazia do alvo, harmonizando-se, assim, as vogais em relação ao traço [ab2]². Em (3b), nota-se que o traço [-ab2] pode expandir-se para mais de uma vogal por atender a condição de adjacência. Portanto, conforme (3c), é proibido pular um segmento.

Figura 1 – Representação da harmonia vocálica

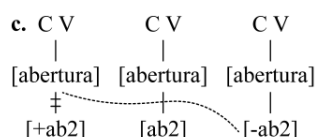
(3) a. Representação da Harmonização vocálica



Exemplos:
 pepino → pipino
 coruja → curuja



Exemplo:
 peregrino ~ pirigrino



Exemplo:
 peregrino, *piregrino

Fonte: Bisol (2013a, p. 51)

² A partir dos traços de abertura, as vogais podem ser caracterizadas da seguinte maneira: i/u [-ab1, -ab2, -ab3], e/o [-ab1, +ab2, -ab3], ε/ø [-ab1, +ab2, +ab3], a [+ab1, +ab2, +ab3] (MATZENAUER, 2005, p. 59-61). Portanto, a diferença entre as vogais altas e as médias altas, no que diz respeito aos traços de abertura, está no traço [ab2].

Bisol (2013b) ressalta que, em certos contextos, como o da palavra ‘p[e]queno’ ~ ‘p[i]queno’, a vogal média é elevada sem uma vogal alta envolvida, caracterizando o alçamento das vogais médias sem motivo aparente (ASM). Nos casos como o da palavra ‘m[e]lhor’ ~ ‘m[i]lhor’ também ocorreria efeito de ASM, uma vez que esses saltos, de acordo com a autora, só ocorrem em palavras em que a base foi alterada, como ‘m[e]lhor’ ~ ‘m[i]lhor > ‘m[i]lhor’ (BISOL, 2013b, p. 52-53).

Schwindt (2002) também analisa o fenômeno da harmonia vocálica. Para a constituição de sua amostra, alguns contextos foram excluídos. Em relação ao alvo, as palavras que começam por ‘e’ seguido de ‘n’, como ‘encilha’, ou seguido de ‘s’, como ‘estilo’, não foram analisadas por apresentarem a elevação quase categórica. Da mesma maneira, foram desconsideradas as vogais médias que estivessem em prefixos transparentes, uma vez que, em geral, uma certa independência prosódica com relação ao restante da palavra é mantida, como em ‘recandidatura’. Por outro lado, a aplicação da regra de harmonia vocálica parece não apresentar impedimento quando esses prefixos não são transparentes, como em ‘r[e]tido ~ ‘r[i]tido’. Foram excluídos, ainda, os vocábulos em que as vogais médias formavam ditongos, como em ‘feitiço’, ou hiatos, como em ‘leonina’. Com relação ao gatilho, por sua vez, excluíram-se os ditongos e hiatos, como em ‘seriedade’. Também foi descartado o sufixo -zinho, como em ‘verãozinho’, além das palavras compostas em que o alvo estivesse no primeiro vocábulo e o gatilho no segundo, como em ‘televisão’. Essas exclusões são justificadas pelo fato de que esses morfemas (como -zinho e cada um dos radicais de um composto), em geral, são julgados como prosodicamente independentes e tornam-se um empecilho para a aplicação de alguns processos fonológicos.

Destacamos, a partir de agora, os resultados da variável região geográfica (embora outras variáveis também sejam mencionadas), a fim de justificar a relevância do estudo da harmonia vocálica na cidade de Bagé. Os resultados de Schwindt (2002) indicam que o uso da regra de harmonia vocálica no Rio Grande do Sul mostra-se moderado, com uma taxa de aplicação de 36% para ‘e’ e 42% para ‘o’. Além disso, os resultados revelam que os fatores extralinguísticos manifestaram menos expressão do que os linguísticos na aplicação do fenômeno. Escolaridade e região geográfica foram selecionados tanto para ‘e’ quanto para ‘o’, enquanto sexo e faixa etária foram selecionados apenas para ‘e’. Apesar de estas variáveis terem se mostrado estatisticamente significativas para a aplicação da harmonia, os resultados revelam pesos relativos muito próximos ao ponto neutro, o que não permite ao autor fazer generalizações sobre a atuação dessas variáveis. Ainda assim, vale ressaltar, aqui, os resultados da variável escolaridade, segundo os quais o informante ter estudado por mais tempo parece desfavorecer a aplicação do fenômeno. O autor menciona que esse resultado já era esperado, por evidenciar que o falante

com mais escolaridade pode buscar aproximar a sua fala da escrita (SCHWINDT, 2002, p. 178).

Em Schwindt (1997), a variável região geográfica foi selecionada, contrapondo as cidades de Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC e Curitiba/PR. A partir da análise dos resultados, pode-se verificar que a aplicação da regra aumenta à medida que nos distanciamos do extremo sul do país (SCHWINDT, 1997, p. 64).

Nos dados de Bisol (1981, p. 81), ainda com relação aos grupos geográficos, vale considerar os resultados para as cidades de Porto Alegre/RS e Santana do Livramento/RS, onde uma avenida separa Brasil e Uruguai. Os pesos relativos mostram que a ocorrência da harmonia vocálica é mais recorrente na fala dos metropolitanos (0,61) do que na fala dos fronteiriços (0,39). Da mesma maneira que, na pesquisa de Vieira (2002), sobre a elevação da vogal média postônica final ('film[e]' ~ 'film[i]'), a cidade de Porto Alegre/RS apresentou uma porcentagem de aplicação de 81%, contrastando com a cidade de São Borja/RS, região de fronteira com a Argentina, com um índice de 40% de aplicação. Bisol e Vieira observam que esses resultados talvez se expliquem pela influência do contato com a língua espanhola, que tende a manter a vogal média³. Isso aponta para a possibilidade de uma menor aplicação da harmonia vocálica em Bagé, também uma cidade em região fronteiriça.

Com respeito às variáveis linguísticas, de acordo com Schwindt (1997; 2002), são as principais influenciadoras da harmonia vocálica, como foi mencionado anteriormente. A aplicação da regra está relacionada à ação combinada de variáveis como a homorganicidade, a tonicidade, o contexto adjacente e a localização morfológica. Por fim, a presença de uma vogal alta em sílaba contígua revelou-se como o principal condicionador do processo (SCHWINDT, 2002, p. 182).

3. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado a partir de dados coletados através de entrevistas orais realizadas pelo Projeto de Pesquisa Banco de Dados de Língua Falada de Bagé, da Universidade Federal do Pampa. Conforme Simioni *et al.* (2016), o banco conta com um conjunto de 36 entrevistas estratificadas de acordo com o projeto VARSUL, a fim de que possam ser feitos estudos comparativos com outras variedades da região Sul do país. Somam-se três informantes para cada um dos 12 perfis sociais, que estão divididos da seguinte maneira: sexo (feminino e mascu-

³ Ramirez (1996) sinaliza que, no espanhol hispano-americano, pode ocorrer a elevação das vogais médias pretônicas e postônicas finais, mas essas realizações são consideradas "rústicas", "vulgares", "populares" e "campesinas".

lino), escolaridade (1 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e idade (25 a 50 anos ou mais de 50 anos).

Para este trabalho, foi selecionado o total de 36 informantes⁴, que seguem a estratificação adotada no Banco de Dados. Assim, os 36 informantes, 18 homens e 18 mulheres, foram distribuídos entre os fatores sociais como vemos no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com seu perfil social

Escolaridade	25 a 50 anos		Mais de 50 anos	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1 a 4 anos	3	3	3	3
5 a 8 anos	3	3	3	3
9 a 11 anos	3	3	3	3

A seleção das variáveis linguísticas foi feita de acordo com o trabalho de Schwindt (2002). As variáveis seguem organizadas de acordo com o modo como se relacionam (a) com o alvo e o gatilho, (b) somente com o alvo e (c) somente com o gatilho. Abaixo, são explicitadas as variáveis linguísticas, acompanhadas dos fatores que as constituem.

(a) Alvo e gatilho

Contiguidade: essa variável refere-se à distância silábica entre a vogal alvo e a vogal alta.

Contíguo – ‘verídico’, ‘procuró’

Não contíguo – ‘apelativo’, ‘conheci’

Homorganicidade: serão considerados homorgânicos os contextos em que o alvo e o gatilho forem anteriores (‘e’ e ‘i’) ou posteriores (‘o’ e ‘u’) e serão considerados não homorgânicos os contextos em que o alvo for anterior e o gatilho posterior (‘e’ e ‘u’) ou o alvo for posterior e o gatilho anterior (‘o’ e ‘i’).

Homorgânica: ‘feliz’, ‘coruja’

Não homorgânica: ‘veludo’, ‘bonito’

(b) Alvo

Nasalidade: essa variável observa se a vogal média, alvo do processo, é oral ou nasal; a nasalidade pode mudar o timbre das vogais fazendo com que pa-

⁴ Os informantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que assegura o sigilo com relação à sua identidade ou qualquer outro tipo de informação pessoal.

reçam abaixadas ou centralizadas (SCHWINDT, 2002, p. 166), o que motiva a observação do papel dessa variável.

Oral: ‘pedido’, ‘profissão’

Nasal: ‘mendigo’, ‘consultar’

Contexto precedente: essa variável verifica o ponto de articulação da consoante que antecede a vogal alvo ou observa a ausência de tal consoante.

Labial: ‘ferido’, ‘populoso’

Alveolar: ‘dentista’, ‘novidade’

Alveolar sibilante: ‘serviçal’, ‘sofri’

Palatal: ‘gengibre’, ‘jornalista’

Velar: ‘queria’, ‘coluna’

Pausa: #‘existir’, #‘hospital’

Contexto seguinte: essa variável verifica o ponto de articulação da consoante que sucede a vogal alvo.

Labial: ‘revista’, ‘proposital’

Alveolar: ‘verificar’, ‘gordura’⁵

Alveolar sibilante: ‘tecido’, ‘cozinhar’

Palatal: ‘regimento’, ‘codificar’⁶

Velar: ‘legume’, ‘documento’

(c) Gatilho

Tonicidade: essa variável observa se a sílaba que contém o gatilho apresenta acento primário ou não.

Tônica: ‘nenhum’, ‘formiga’

Átona: ‘sentimento’, ‘organizado’

Localização morfológica⁷: essa variável verifica se o gatilho está em uma

⁵ Em Bagé, o “r” em coda se realiza como tepe.

⁶ Entre os bageenses, a palatalização de ‘t’ e ‘d’ diante de [i] é categórica.

⁷ Schwindt (2002) inclui o sufixo -inho como um dos fatores da variável localização morfológica. No presente trabalho, em uma primeira rodada dos dados feita com a vogal ‘e’, este fator apresentou um total de 72 ocorrências e 32 aplicações, sendo todas estas na palavra ‘pequeninho’. Caso esta palavra fosse excluída da análise, o fator apresentaria *knockout*, com 0% de aplicação nos 40 dados restantes. Este resultado está em conformidade com os de Bisol (1981, p. 32), em que os sufixos -zinho, categoricamente, e -inho, variavelmente, se revelaram como inibidores do processo de elevação. O fator -zinho, como mencionado anteriormente, foi excluído da análise de Schwindt (2002) por ser interpretado como uma palavra prosódica independente. Evidências desse comportamento prosódico são encontradas em Schwindt (2013), em que podemos observar que a vogal média baixa, exclusiva do contexto tônico em algumas variedades do português brasileiro, não se modifica com a adição do sufixo -zinho, como em ‘pó’ > ‘pozinho’. O mesmo acontece com -inho (‘belo’ > ‘belinho’), o que evidencia que esse sufixo também constitui uma palavra prosódica independente. Diante disso, optamos por fazer uma segunda rodada eliminando da análise o fator sufixo -inho. Este fator também não foi incluído na análise da vogal média ‘o’.

raiz, em um sufixo verbal ou em um sufixo nominal.

Na raiz: ‘pesquisa’, ‘comum’

No sufixo verbal: ‘vendi’, ‘dormi’

No sufixo nominal: ‘mesmice’, ‘modismo’

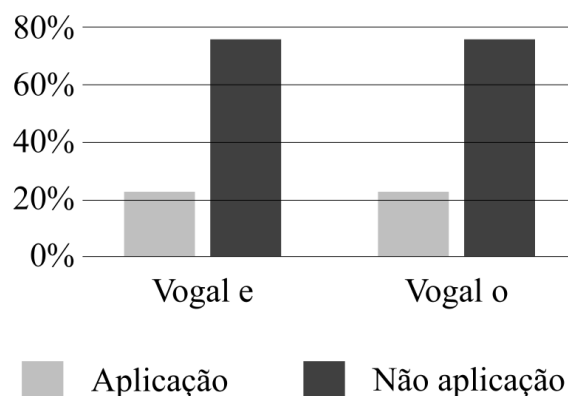
Com relação à delimitação dos dados, em conformidade com Schwindt (2002), em contextos de palavras que contam com mais de uma vogal pretônica, como em ‘merecimento’, cada uma dessas vogais foi analisada como um dado individual. Na ocorrência de palavras que apresentam mais de uma vogal alta, como em ‘definitivo’, somente a mais próxima ao alvo foi considerada como gatilho. Além disso, os contextos excluídos por Schwindt (2002) também foram excluídos na constituição da nossa amostra, ou seja, quanto ao alvo, não fizeram parte da amostra palavras começadas por ‘en-’ e ‘es-’, palavras em que a vogal média está em um prefixo transparente e vogais médias em ditongo ou hiato; quanto ao gatilho, não foram consideradas vogais altas em ditongo e hiato, palavras com o sufixo -zinho e palavras compostas em que o alvo estivesse no primeiro vocábulo e o gatilho no segundo.

Após a análise auditiva das entrevistas e a codificação dos dados coletados, foi verificada, estatisticamente, a relevância de cada variável no uso da regra de harmonia vocálica. Para a análise estatística foi utilizado o pacote de programas Goldvarb.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram obtidos 1231 dados referentes à vogal média ‘e’, entre os quais houve elevação em 295, e 705 referentes à vogal média ‘o’, ocorrendo elevação em 163 deles. A porcentagem de uso da regra, em Bagé, foi de 23%, tanto para ‘e’ quanto para ‘o’, como podemos observar no Gráfico 1. Esse resultado é mais baixo do que o encontrado por Schwindt (2002), em que o resultado geral de elevação, no Rio Grande do Sul, foi de 36% para ‘e’ e 42% para ‘o’, como mencionado anteriormente. Contudo, os resultados do presente trabalho confirmam a análise feita pelo autor, que caracteriza o uso da regra como moderado no dialeto gaúcho. Schwindt (1997) descreve, ainda, que, quanto mais ao Sul, menores são os números de aplicação da harmonia. Isso poderia explicar o baixo uso da regra em Bagé, já que se trata de uma cidade do extremo Sul do Rio Grande do Sul.

Gráfico 1 – Porcentagens de harmonia vocálica em Bagé



O baixo percentual de aplicação do processo de harmonia vocálica, em Bagé, também pode estar relacionado ao fato de que a cidade está distante da região metropolitana do estado e próxima às cidades que estabelecem fronteira com o Uruguai. Evidências para essa hipótese podem ser encontradas na investigação de Bisol (1981), que apresentou, como mencionado anteriormente, índices de aplicação altos para os metropolitanos e baixos para os fronteiriços, considerando este grupo o mais conservador no uso da regra. Ainda em sua análise, Bisol explica que os brasileiros buscam aproximar a sua fala à dos uruguaios para facilitar o entendimento entre eles e que, em consequência disso, tendem a preservar a pronúncia das vogais médias, evitando qualquer fenômeno que as modifique (BISOL, 1981, p. 122).

Além disso, consideramos pertinente estender o resultado de Vieira (2002) sobre a elevação da vogal média postônica final para a nossa análise, relacionada ao resultado da pretônica. A autora trata o contexto de fronteira com a Argentina como uma possível causa para a diferença entre os pesos relativos em São Borja (0,44) e em Porto Alegre (0,99). Vieira menciona que a baixa elevação da vogal média postônica final em São Borja talvez se justifique pela influência do espanhol, que tem tendência a preservar a vogal média. A possibilidade de a língua espanhola exercer influência sobre a fala dos bageenses carece de uma maior investigação, uma vez que a população urbana, que constitui a amostra do Banco de Dados, não tem a mesma proximidade com um país de língua espanhola como as cidades mencionadas acima. De qualquer forma, indica-se aqui a necessidade de pesquisas que investiguem mais detidamente esta questão.

A análise estatística dos dados foi feita separadamente para cada uma das vogais médias pretônicas. Com relação à vogal 'e', foram selecionadas como estatisticamente relevantes para a aplicação do fenômeno cinco variáveis linguísticas e uma variável extralinguística. Listadas em sua respectiva ordem de seleção, as variáveis selecionadas foram as seguintes: *contexto seguinte*, *contiguidade*, *esco-*

laridade, contexto precedente e localização morfológica. Quanto à vogal ‘o’, todas as variáveis, com exceção de *homorganicidade*, foram selecionadas, na seguinte ordem: *tonicidade*, *contiguidade*, *contexto precedente*, *nasalidade*, *contexto seguinte*, *localização morfológica*, *sexo*, *escolaridade* e *idade*.

Embora a análise estatística de ‘e’ e de ‘o’ tenha sido realizada separadamente, os resultados para as duas vogais serão apresentados em conjunto. Tendo em vista que a ordem de seleção é diferente para as duas vogais, manteremos na análise a ordem em que as variáveis linguísticas foram apresentadas na seção de metodologia. Logo após, serão analisadas as variáveis extralinguísticas.

Com relação à variável *contiguidade*, selecionada para ambas as vogais, apresentamos os resultados na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados de ‘e’ e ‘o’ para *contiguidade*

	Vogal ‘e’			Vogal ‘o’		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
Contíguo ‘verídico’, ‘procuró’	288/ 1053	27	0,56	158/579	27	0,58
Não contíguo ‘apelativo’, ‘conheci’	7/178	3	0,17	5/126	3	0,16
TOTAL	295/ 1231	23		163/705	23	

Podemos observar, na Tabela 1, que a elevação da vogal média é favorecida quando a vogal alta está em sílaba vizinha. Por outro lado, a distância entre as vogais envolvidas revela-se desfavorecedora.

A Tabela 2 traz os resultados da variável *nasalidade*, selecionada apenas para a vogal ‘o’.

Tabela 2 – Resultados de ‘o’ para *nasalidade*

	Apl./Total	%	PR
Oral ‘profissão’	154/531	29	0,64
Nasal ‘consultar’	9/174	5	0,14
TOTAL	163/705	23	

Como é possível observar, vogais orais favorecem a ocorrência da harmonia, enquanto vogais nasais a desfavorecem. Este resultado vai ao encontro do fato, mencionado anteriormente, de que a nasalidade pode fazer com que as vogais sejam percebidas como abaixadas, centralizadas ou, ainda, abaixadas e centralizadas ao mesmo tempo (SCHWINDT, 2002).

Os resultados obtidos para a variável *contexto precedente*, selecionada para ambas as vogais, podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 – Resultados de ‘e’ e ‘o’ para *contexto precedente*

	Vogal ‘e’			Vogal ‘o’		
	Apl./ Total	%	PR	Apl./ Total	%	PR
Labial ‘ferido’, ‘populoso’	78/335	23	0,65	64/178	35	0,77
Sibilante ‘serviçal’, ‘sofri’	114/236	48	0,59	9/15	60	0,85
Pausa ‘existir’, ‘hospital’	34/154	22	0,54	2/65	3	0,34
Alveolar ‘dentista’, ‘novidade’	49/381	12	0,36	22/130	16	0,24
Velar ‘queria’, ‘coluna’	12/96	12	0,26	66/317	20	0,45
Palatal ⁸ ‘gingibre’	8/29	27	0,25			
TOTAL	295/ 1231	23		163/705	23	

A Tabela 3 mostra que labiais e sibilantes favorecem a elevação de ‘e’ e ‘o’. A pausa parece ter uma atuação neutra em relação a ‘e’ e desfavorecedora em relação a ‘o’. Os demais fatores atuam desfavorecendo a elevação tanto de ‘e’ quanto de ‘o’. Em conformidade com a análise de Schwindt (2002), seria de esperar que

⁸ Com relação à vogal ‘o’, não há resultados para o fator *palatal* pois houve uma única ocorrência (‘jornalista’) com esse contexto, não sendo possível, portanto, sua inclusão na análise estatística, em função do *knockout* que isto provocaria.

consoantes mais altas (palatais e velares) favorecessem a elevação, enquanto as menos altas (labiais, sibilantes e alveolares) a desfavorecessem ou exercessem um papel neutro. Com exceção dos resultados para as alveolares como contexto precedente, os resultados não foram os esperados, o que deixa em aberto a questão da relação entre a harmonia vocálica e o contexto precedente à vogal média.

A Tabela 4 traz os resultados referentes à variável *contexto seguinte*, selecionada para ambas as vogais.

Tabela 4 – Resultados de ‘e’ e ‘o’ para *contexto seguinte*

	Vogal ‘e’			Vogal ‘o’		
	Apl./ Total	%	PR	Apl./ Total	%	PR
Velar ‘legume’, ‘documento’	106/176	60	0,83	2/74	2	0,14
Sibilante ‘tecido’, ‘cozinhar’	67/229	29	0,68	51/126	40	0,84
Labial ‘revista’, ‘proposital’	15/144	10	0,51	41/236	17	0,50
Palatal ‘regimento’, ‘codificar’	38/201	18	0,39	12/68	17	0,68
Alveolar ‘verificar’, ‘gordura’	69/481	14	0,30	57/201	28	0,32
TOTAL	295/ 1231	23		163/705	23	

Em comum entre as duas vogais, há o papel favorecedor da sibilante, o papel desfavorecedor da alveolar e o papel neutro da labial. A velar e a palatal mostram um comportamento oposto nas duas vogais: a velar favorece a elevação de ‘e’ e desfavorece a de ‘o’, enquanto a palatal desfavorece a elevação de ‘e’ e favorece a elevação de ‘o’. Parece, mais uma vez, que não há um papel regular do traço alto das consoantes atuando aqui. Como afirma Schwindt (2002, p. 176), “uma tarefa que ainda merece atenção é a determinação precisa das consoantes que poderiam favorecer o espriamento da altura da vogal e daquelas que, porventura, poderiam bloquear esse processo”.

Os resultados para a variável *tonicidade*, selecionada apenas para ‘o’, po-

dem ser vistos na Tabela 5.

Tabela 5 – Resultados de ‘o’ para *tonicidade*

	Apl./Total	%	PR
Tônico ‘formiga’	135/366	36	0,76
Átono ‘organizado’	28/339	8	0,21
TOTAL	163/705	23	

Como é possível observar na Tabela 5, gatilhos tônicos favorecem a ocorrência da harmonia vocálica, enquanto gatilhos átonos a desfavorecem. Em sua pesquisa, Schwindt (2002) optou por separar as variáveis contiguidade e tonicidade para que fosse verificado o papel de cada uma separadamente. Seus resultados mostraram que, para ambas as vogais, a distância entre o alvo e o gatilho é mais relevante do que a tonicidade da vogal alta. Em nosso trabalho (em que também foram analisadas a contiguidade e a tonicidade separadamente), isso se confirmou em relação à vogal ‘e’, uma vez que a variável tonicidade sequer foi selecionada. Com relação à vogal ‘o’, entretanto, a variável tonicidade foi selecionada antes de contiguidade.

Quanto à variável *localização morfológica*, selecionada para ambas as vogais, os resultados estão na Tabela 6.

Tabela 6 – Resultados de ‘e’ e ‘o’ para *localização morfológica*

	Vogal ‘e’			Vogal ‘o’		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
Raiz ‘pesquisa’, ‘comum’	189/855	22	0,68	135/526	25	0,58
Sufixo verbal ‘vendi’, ‘dormi’	94/258	36	0,47	24/77	31	0,74
Sufixo nominal ‘mesmice’, ‘modismo’	12/118	10	0,30	4/102	3	0,06
TOTAL	295/ 1231	23		163/705	23	

A partir da Tabela 6, podemos dizer que o contexto de raiz favorece a elevação de ‘e’ e ‘o’, enquanto o sufixo nominal a desfavorece, também em ambas as vogais. Já o sufixo verbal tem um papel neutro com relação à vogal ‘e’ e um papel favorecedor para ‘o’. Estes resultados apontam para o fato de que a ausência de uma fronteira morfológica entre o alvo e o gatilho favorece a ocorrência da harmonia vocálica, enquanto a presença de tal fronteira a desfavorece, ao menos no que diz respeito ao sufixo nominal. Schwindt (2002), remetendo a Bisol (1981), afirma que o sufixo verbal pode favorecer a harmonia vocálica em função do maior número de gatilhos na flexão verbal. Schwindt e Collischonn (2004), entretanto, ao analisarem a harmonia vocálica apenas em verbos, mostram que não há homogeneidade de comportamento entre os diferentes sufixos verbais: alguns favorecem, outros desfavorecem a harmonia vocálica. O fato de ‘e’ e ‘o’ não terem apresentado resultados convergentes quanto à atuação do sufixo verbal pode ser uma consequência disso. Collischonn e Silva (2013, p. 5), ao discutirem o domínio da harmonia vocálica, apontam “para a necessidade de mais levantamentos nessa área, especialmente no que se refere ao comportamento da harmonia na fronteira entre constituintes morfológicos”.

A Tabela 7 mostra os resultados da variável *sexo*, selecionada apenas para ‘o’.

Tabela 7 – Resultados de ‘o’ para *sexo*

	Apl./Total	%	PR
Masculino	91/320	28	0,63
Feminino	72/385	18	0,39
TOTAL	163/705	23	

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 7, homens favorecem a harmonia vocálica, enquanto mulheres a desfavorecem. Uma vez que há uma tendência de mulheres liderarem a mudança quando a forma inovadora não é socialmente estigmatizada, estes resultados podem apontar para o fato de que não haveria evidências de uma possível mudança, o que atestaria o status de variação estável da harmonia vocálica, como destaca Schwindt (2002).

Os resultados da variável *idade*, selecionada apenas para ‘o’, são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Resultados de ‘o’ para *idade*

	Apl./Total	%	PR
Mais de 50 anos	98/359	27	0,57
25 a 50 anos	65/346	18	0,42
TOTAL	163/705	23	

Como podemos ver na Tabela 8, a faixa etária maior favorece a harmonia vocálica, enquanto a menor a desfavorece, embora os pesos relativos não estejam muito distantes do ponto neutro. Tendo em vista que a preferência da variante inovadora pelos mais jovens também pode ser indicativo de uma possível mudança, não temos tal evidência em nossos resultados, o que pode apontar, novamente, para uma variação estável.

A variável *escolaridade*, selecionada por ambas as vogais, tem seus resultados apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 – Resultados de ‘e’ e ‘o’ para *escolaridade*

	Vogal ‘e’			Vogal ‘o’		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
1 a 4 anos	135/387	34	0,66	65/259	25	0,48
5 a 8 anos	98/439	22	0,49	77/270	28	0,65
9 a 11 anos	62/405	15	0,34	21/176	11	0,28
TOTAL	295/1231	23		163/705	23	

A Tabela 9 mostra que o nível de escolaridade mais alto desfavorece a ocorrência da harmonia vocálica para ambas as vogais. Com relação aos dois primeiros níveis de escolaridade, ‘e’ e ‘o’ apresentam resultados divergentes: o primeiro nível de escolaridade favorece a harmonia em ‘e’ e tem papel neutro em ‘o’, enquanto o segundo nível tem papel neutro em ‘e’ e favorece a harmonia em ‘o’. Destes resultados, destacamos o papel claramente desfavorecedor do nível de escolaridade mais alto. Essa questão será discutida mais detalhadamente na próxima seção.

5. O PAPEL DA ESCOLARIDADE NA HARMONIA VOCÁLICA

Conforme Votre (2010),

a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades (VOTRE, 2010, p. 51).

O autor contrapõe fenômenos que envolvem estigma social e que são sistematicamente objeto de ensino (como o rotacismo, por exemplo) a fenômenos em que as variantes não são socialmente julgadas e, assim, não há sobre tais fenômenos ensino sistemático (podemos incluir aqui a harmonia vocálica).

Como foi possível observar na discussão sobre os resultados da harmonia vocálica em Bagé, os falantes mais escolarizados (9 a 11 anos de escolaridade) desfavorecem a aplicação do fenômeno, tanto para ‘e’ quanto para ‘o’. Schwindt (2002) encontrou resultados semelhantes e, como foi mencionado anteriormente, para o autor, isso se justificaria pela tendência de pessoas mais escolarizadas aproximarem sua fala da escrita. Segundo Schwindt (2002, p. 178), “essa constatação está muito presente na literatura da harmonização vocálica e de outros fenômenos fonológicos que não envolvem (ou que envolvem pouca) consciência do falante”. Assim, a escola, embora não inclua a harmonia vocálica entre seus “conteúdos”, parece ter papel influenciador nesse fenômeno, a partir, provavelmente, da possibilidade que oferece de maior contato com a escrita.

Schwindt *et al.* (2007) discutem essa relação entre a fala e a escrita. A análise de fenômenos como a epêntese vocálica e a harmonia vocálica (nos quais não há uma pressão normativa intencional da escola, mas sobre os quais, mesmo assim, há evidências de que uma maior escolarização desfavoreça sua ocorrência) oferece elementos para que os autores afirmem que a fala alimenta a escrita, uma vez que a função básica da segunda é representar a primeira, mas, ao mesmo tempo, em uma fase pós-letramento, a escrita retroalimenta a fala (KATO, 1995⁹). Os autores concluem que “a consciência ortográfica parece ser um fator determinante na frequência de escolha de formas fonéticas mais aproximadas da língua escrita, na medida em que aumenta o nível de escolarização dos falantes” (SCHWINDT *et al.*, 2007, p. 10).

⁹ Kato (1995) afirma que leigos, além de linguistas, alfabetizadores e professores de línguas, têm uma concepção de fala que é bastante influenciada pela escrita. Para a autora, isto acontece em função do ciclo segundo o qual haveria uma fala₁ pré-letramento, seguida de uma escrita₁, em que a escrita representa a fala de uma maneira mais direta; na sequência viriam uma escrita₂, mais convencionalizada e quase independente da fala, e uma fala₂, resultado do letramento.

Essa possível função retroalimentadora da escrita em relação à fala nos conduz a uma discussão sobre a influência da escrita nas representações fonológicas. Abaurre (1988) analisa a escrita inicial de crianças e observa que elas parecem preferir grafar as vogais nasais, como em ‘quando’, apenas com uma vogal, como na grafia ‘quado’. Isso, segundo a autora, pode ser uma evidência de que as crianças, em sua representação fonológica, opõem vogais orais e vogais nasais. Como explica Abaurre (1988), já que uma mesma letra pode representar diferentes fonemas vocálicos (como, por exemplo, a letra ‘e’, que pode representar os fonemas /e/, em ‘beba’, e /ɛ/, em ‘bebe’), o mesmo poderia ocorrer com as vogais orais e nasais, distintas fonologicamente, mas representadas por uma mesma letra, sem qualquer indicação de nasalidade. O contexto ao redor seria suficiente para indicar que vogal (oral ou nasal) estaria sendo representada.

Um outro caminho seria interpretar as vogais nasais fonéticas como uma sequência de vogal oral seguida de nasal na subjacência, que, conforme Abaurre, é a análise fonológica implicada na ortografia do português. Como discute a autora, a interpretação das crianças pode ser mais adequada levando em consideração o estágio atual do português, mas a escrita ainda mantém a interpretação fonológica de uma sequência de vogal e nasal, o que poderia levar a criança a uma posterior reestruturação de sua representação fonológica para as vogais nasais.

Nesse mesmo sentido, Taft (2006) discute a possível influência da ortografia na representação fonológica de palavras com ‘r’ em coda no inglês australiano. Segundo mostra o autor, o inglês australiano é uma variedade “não-rótica”, como mostram as realizações [kɑ:] e [kɔ:t] para ‘car’ e ‘court’, respectivamente. O autor descreve um teste em que os informantes recebiam um cartão com uma pseudopalavra escrita cuja realização fonética seria homófona a uma palavra existente na língua inglesa. Algumas das pseudopalavras seriam homófonas a palavras reais com ‘r’ ortográfico, como no par ‘cawn’ e ‘corn’, outras não, como no par ‘soke’ e ‘soak’. Recebida a pseudopalavra, os participantes teriam de informar qual seria a palavra em inglês com a mesma realização. Segundo Taft (2006), os participantes tiveram mais dificuldade para indicar a palavra homófona nos dados que conteriam um ‘r’ ortográfico em inglês. Para o autor, isso seria resultado da presença de um ‘r’ nas representações fonológicas de palavras como ‘car’, ‘court’ e ‘corn’. Taft (2006) argumenta que, uma vez que não podiam ler em voz alta a pseudopalavra recebida, a busca por homófonos era dificultada porque deveria ser feita exclusivamente com base nas representações fonológicas, e estas divergiam por uma apresentar o ‘r’ e a outra não. De fato, em outra parte do teste em que os participantes podiam fazer a leitura em voz alta da pseudopalavra recebida, não houve diferença significativa entre palavras com ou sem ‘r’ ortográfico. Para o autor, a presença do ‘r’ na representação fonológica de palavras em que este segmento não tem realiza-

ção fonética é consequência da influência da ortografia. A partir de tais evidências, Taft (2006) afirma que

É possível que um leitor iniciante se comporte como uma máquina que responde às características *input-output* da sua língua, mas que leitores avançados desenvolvam um sistema fonológico mais sofisticado com representações abstratas que façam a mediação entre ortografia e pronúncia (TAFT, 2006, p. 75).

Cristófar-Silva e Greco (2010) também analisam as relações entre fala e escrita. A partir de dados de alçamento de vogais médias pretônicas (o que inclui casos do que está sendo considerado no presente trabalho harmonia vocálica e ASM), as autoras defendem que a fala influencia a escrita, assim como a escrita influencia a fala, em um processo de retroalimentação. A partir disso, Cristófar-Silva e Greco discutem a questão da representação fonológica. Esse processo de mútua influência entre fala e escrita leva as autoras a defender uma representação fonológica maximamente especificada, com múltiplas entradas e gerenciada por questões estruturais, sociais e pragmáticas. Segundo as autoras, “unidades discretas como fonemas têm papel importante na descrição dos fatos, mas não expressam o conhecimento linguístico” (CRISTÓFARO-SILVA; GRECO, 2010, p. 93).

Não temos argumentos adicionais neste trabalho para defender a hipótese de que a representação fonológica é influenciada pela escrita, tampouco para argumentar a favor de uma representação fonológica mais abstrata, como a proposta por Taft (2006), ou plenamente especificada, como a defendida por Cristófar-Silva e Greco (2010). Nosso objetivo foi o de indicar que essa questão merece ser discutida a fim de se buscar evidências contrárias ou a favor da relação entre a escrita e as representações fonológicas. Nesse sentido, segundo Taft (2006),

A ideia de que a ortografia pode moldar a representação fonológica tem consequências não só para os modelos psicológicos de conversão do impresso para o sonoro, mas também para as abordagens linguísticas da representação fonológica. A sugestão de que algo tão pouco natural como a ortografia possa desempenhar um papel na formatação da representação fonológica é improvável para quaisquer abordagens da fonologia linguisticamente baseadas [...]. No entanto, os presentes achados mostram que considerações ortográficas são de fato importantes, ao menos se alguém está tentando dizer algo sobre a performance linguística humana (TAFT, 2006, p. 76).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de nosso trabalho revelam que a harmonia vocálica tem aplicação relativamente baixa entre os bageenses, com taxa de 23% tanto para ‘e’ quanto para ‘o’. É possível supor que esse valor esteja relacionado ao fato de que a cidade de Bagé está localizada em uma região de fronteira com o Uruguai, no extremo Sul do estado e, conseqüentemente, distante da metrópole, onde a aplicação da harmonia se mostra maior.

Com relação ao papel desempenhado pelas variáveis linguísticas, podemos dizer que há favorecimento da elevação de ‘e’ quando: (i) a vogal média é contígua ao gatilho, (ii) o contexto precedente é uma consoante labial ou sibilante, (iii) o contexto seguinte é uma consoante velar ou sibilante e (iv) quando o gatilho está localizado na raiz. Quanto à vogal ‘o’, a elevação é favorecida quando: (i) a vogal média é contígua ao gatilho, (ii) a vogal média é oral, (iii) o contexto precedente é uma consoante labial ou sibilante, (iv) o contexto seguinte é uma consoante sibilante ou palatal, (v) o gatilho é tônico e (vi) está localizado na raiz ou no sufixo verbal.

Ainda quanto às variáveis linguísticas, a *homorganicidade* não foi selecionada para nenhum das vogais, o que pode ser uma evidência do que afirma Schwindt (2002), segundo o qual a vogal ‘i’ como gatilho tem maior poder de elevação do que a vogal ‘u’, independentemente da qualidade da vogal média. Assim, estaria justificada a não relevância da *homorganicidade* em nossos resultados.

No que se refere às variáveis extralinguísticas, elas mostraram menos relevância do que as linguísticas em nosso estudo. Quanto à vogal ‘e’, apenas a variável *escolaridade* foi selecionada. No que diz respeito à vogal ‘o’, as três variáveis extralinguísticas (*sexo*, *idade* e *escolaridade*) foram selecionadas, mas apenas após todas as variáveis linguísticas. Para ‘o’, pessoas do sexo masculino e mais velhas favoreceram a harmonia. Sobre a *escolaridade*, selecionada para ambas as vogais, a elevação é favorecida por uma menor escolarização no caso de ‘e’ e por uma escolarização intermediária no caso de ‘o’. Em nossa análise, destacamos o fato de que as pessoas mais escolarizadas desfavorecem a elevação das duas vogais. Discutimos, então, a possibilidade de a escrita exercer influência sobre a representação fonológica, apontando para a necessidade de mais estudos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representations. *European Journal of Psychology of Education*, v. 3, n. 4, p. 415-430, 1988.

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon*, v. 28, n. 54, p. 49-61, 2013a. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38159/27047>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BISOL, L. Vogais pretônicas. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (Orgs.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013b. p. 19-33.

COLLISCHONN, G.; SILVA, M. E. da. Elevação das médias pretônicas por harmonia: questões teóricas e empíricas. *Working Papers em Linguística*, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2013v14n2p1>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

COSTA, E. P. F. de S.; KELLER, T. Harmonia vocálica em registros escritos antigos do português. **Fragmentum**, n. 39, p. 41-57, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/14388>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GRECO, A. Representações fonológicas: contribuições da oralidade e da escrita. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 1, p. 87-93, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6862>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1995.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

RAMIREZ, M. V. de. **El español del América I**: Pronunciación (a). 3. ed. Arco Livros – La Muralla, S.L, 1996. (Cuadernos de la lengua española; 28).

SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise varacionista. **Graphos**, v. 1, n. 2, p. 55-65, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9197/4892>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SCHWINDT, L. C. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. **Organon**, v. 28, n. 54, p. 137-154, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38285/27053>>. Acesso em: 31 out. 2017.

SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Harmonia vocálica variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. **Organon**, v. 18, n. 36, p. 73-81, 2004. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31155>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SCHWINDT, L. C. *et al.* A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. **ReVEL**, v. 5, n. 9, p. 1-12, 2007. Disponível em: < http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_a_influencia_da_variavel_escolaridade.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SIMIONI, T. *et al.* Banco de dados de língua falada de Bagé: um encontro entre a sociolinguística e a comunidade bajeense. In: KELM, M.; IRALA, V. (Orgs.). **Retratos de linguagem**: uma homenagem aos 10 anos da área de Letras da Unipampa – Campus Bagé/RS. Bagé: Ed. Unipampa, 2016. p. 162-171.

TAFT, M. Orthographically influenced abstract phonological representation: evidence from non-rhotic speakers. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 35, n. 1, p. 67-78, 2006. Disponível em: < <http://www2.psy.unsw.edu.au/users/mtaft/Taft%20JPR.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VIEIRA, M. J. As vogais médias postônicas: uma análise varacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 51-57.

Desvios de pronúncia em língua espanhola: um estudo de caso com graduandos do Curso de Letras Português/Espanhol

Patrícia Paprocki Brasil Hindrichson

Universidade La Salle

Maria Alejandra Saraiva Pasca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

O espanhol é o quarto idioma do mundo pelo número de falantes nativos e o segundo na comunicação internacional. Os Estados Unidos já são oficialmente o segundo país do mundo com o maior número de falantes de espanhol, de acordo com o estudo intitulado *El Español: una Lengua Viva*, realizado pelo Instituto Cervantes (2015). A partir desse estudo, sabe-se que o número de falantes de espanhol alcança 450 milhões de pessoas, como língua materna, segunda língua ou língua estrangeira.

No contexto de sala de aula, o ensino de uma língua estrangeira deve contemplar não apenas questões de estrutura da língua (questões linguísticas) como também questões culturais, políticas, econômicas e geográficas dos lugares onde se fala essa língua. Inclui-se nisso a questão da integração entre os países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Quanto mais se estudam as diversas variáveis do processo de ensino-aprendizagem, maior a tendência de o aprendiz ter interesse pela língua, ou seja, o aprendiz passa a envolver-se com a língua como um todo (ABREU, 2017).

É necessário pensar na língua como instrumento e resultado do ensino (ZINNI, 2008). Isso significa realizar em sala de aula atividades que sejam relevantes e que apresentem um significado real ao aprendizado do aluno. E, nesse contexto, é importante o professor se preocupar, também, com as questões de pronúncia.

No entanto, a maioria dos livros didáticos falha em providenciar exercícios significativos e específicos o suficiente para os aprendizes e os professores de espanhol para brasileiros. Com isso, esses materiais tendem a considerar o ensino da pronúncia como menos relevante ou como a parte do livro que pode ser ignorada (KELLY, 2000). Isso ocorre porque a maioria dos livros didáticos é de origem estrangeira, ou seja, são produzidos por editoras internacionais (LIMA JR., 2010), para o público mundial, abrangendo falantes de variadas L1s (línguas maternas). Além disso, segundo Yule e MacDonald (1994, p. 111), “muitos no campo do ensino de línguas parecem sentir que o ensino da pronúncia tem pouco efeito observável e que o tempo em sala de aula pode ser mais efetivamente utilizado para promover outros aspectos da L2 (segunda língua)”¹.

É primordial, portanto, a incorporação de atividades orais em sala de aula, para ajudar a promover a motivação e para facilitar o processo de aprendizagem da L2. Com a chegada da Abordagem Comunicativa, a partir dos anos 1980, o ensino de pronúncia ganha “renovada urgência”, pois o foco é a língua para comunicação (CELCE-MURCIA; BRINTON; GOODWIN, 2010, p. 8). Por isso, vários pesquisadores e educadores têm destacado a importância do ensino da pronúncia no auxílio do desenvolvimento da habilidade comunicativa dos aprendizes de L2. Segundo Lima Júnior (2010), mesmo que os aprendizes não tenham aulas exclusivas de pronúncia, o fato de o professor utilizar alguns minutos da aula comunicativa de L2 para focar questões de pronúncia reflete em efeitos positivos e duradouros na retenção e desenvolvimento adequado da aquisição da pronúncia da L2. Sendo assim, a repetição oral de palavras e frases e a prática de trava-línguas devem fazer parte da aula de L2, assim como explicações explícitas sobre pronúncia (TEJEDA; SANTOS, 2014).

Considerando a importância da pronúncia no processo de aprendizagem da Língua Espanhola (LE) como L2, este capítulo tem dois objetivos principais, a saber: a) apresentar os principais fonemas consonantais da LE que podem gerar dificuldade ao aprendiz brasileiro, as vogais da LE e *palavras heterotônicas*, ou seja, palavras graficamente semelhantes ao português, mas cuja sílaba tônica é diferente em espanhol; b) descrever as principais dificuldades de produção oral desses fonemas e das palavras heterotônicas em LE pelos participantes da pesquisa: universitários brasileiros de Letras/Português-Espanhol de uma Instituição de Ensino Superior (IES) comunitária do RS.

¹ Utilizaremos L2, neste capítulo, como termo genérico para *segunda língua* e *língua estrangeira*. Utilizaremos LE para nos referirmos à Língua Espanhola.

2. DIFERENÇAS ENTRE SONS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS EM ESPANHOL E EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Foneticamente, o português brasileiro (PB) e o espanhol possuem algumas diferenças quanto à pronúncia de certas vogais e consoantes. Por exemplo, na palavra ‘casa’, em espanhol o “s” entre vogais representa o som de [s] enquanto que no PB o “s” nesse contexto representa o som de [z]. Essa e outras diferenças podem ser um fator de dificuldade para o falante de PB aprendiz de espanhol ao tentar falar esta língua. Hoyos-Andrade (1993) mostra a noção de interferência, no que se refere aos aspectos linguístico-contrastivos entre a língua espanhola e a língua portuguesa. O autor apresenta algumas das interferências mais frequentes cometidas por brasileiros na produção oral em língua espanhola:

as três oclusivas sonoras /b/, /d/, /g/, que os brasileiros têm o hábito de pronunciar como fricativas; a pronúncia de alguns fonemas fricativos, nos quais também é visível a interferência do português, tais como o /s/ que no espanhol raramente é sonorizado, assim como, as confusões com o fonema português /z/, que não existe no espanhol (HOYOS-ANDRADE, 1993, p. 20).

Uma diferença entre as duas línguas com relação às vogais está na pronúncia da vogal “e” tônica, por exemplo, na palavra ‘café’. Essa vogal é fechada em espanhol /e/, mas aberta em português /ɛ/. Segundo Blanco Alonso (2002), o luso-falante tenderá em direção à abertura das vogais médias “e”, “o”. Além disso, outros desvios podem ser cometidos como a pronúncia do grafema “v” como fricativo; a palatalização das consoantes representadas pelos grafemas “g” e “j”. Além disso, falantes de português tendem a velarizar o “r” vibrante múltiplo do espanhol e realizar uma fortíssima nasalização vocálica transportada de sua língua materna.

Por isso, com relação às dificuldades na produção oral das consoantes e vogais em espanhol por falantes do PB, há algumas diferenças e considerações significativas a serem observadas e que são apresentadas mais detalhadamente em 2.1 e em 2.2.

Pensando no ensino de espanhol como L2, Masip afirma que o espanhol e o português devem ser comparados em sala de aula com relação às diferenças de pronúncia, por serem línguas próximas:

uma didática eficaz deve partir da língua materna, especialmente, quando se trata de códigos tão próximos como o português e o espanhol, ancorados em realidades socioculturais semelhantes, que facilitam os primeiros contatos, mas que podem confundir (MASIP, 1998, p. 2).

Baseando-se nessa afirmação, é primordial que o aprendiz de L2 conheça esses aspectos fonológicos das línguas (ODLIN, 1989), principalmente acadêmi-

cos de licenciatura em Letras Português-Espanhol, como futuros professores de espanhol, para que possam analisar as diferenças de sons e suas respectivas execuções em ambas as línguas e evitar pronunciar as palavras com desvios na L2. Embora haja diversas diferenças de pronúncias entre as duas línguas, neste capítulo foram analisadas as consoantes e vogais que mais poderiam apresentar dificuldades para esse público.

2.1. Fonemas consonantais

Neste capítulo, serão usadas barras / / e colchetes [] para representar fonemas e alofones, respectivamente. O *fonema*, expresso entre barras, é a menor unidade sonora de uma língua que estabelece contraste de significado para diferenciar palavras. O *alofone*, expresso entre colchetes, é a variação fonética de um fonema, que não estabelece diferença de significado.

Devido à diferença entre espanhol e PB quanto à pronúncia de certas consoantes e vogais, é comum identificar desvios na produção de certos sons do espanhol por aprendizes brasileiros adultos de L2. Masip (1998) afirma que há cerca de 27 desvios de pronúncia que podem ser cometidos por brasileiros aprendizes de espanhol como L2 devido à diferença entre as duas línguas. Cruz (2001) afirma que alguns desses desvios são os seguintes: ditongação indevida, realização de abertura das vogais (/e/ → [ɛ] e /o/ → [ɔ]), sonorização (/s/ → [z]), vocalização do “l” em final de sílaba ou palavra (/l/ → [w]), velarização do “r” vibrante (/r/ → [x]). Masip (1998) cita, ainda, desvios de fricativação da consoante plosiva representada pelo grafema “v” (/b/ → [v]), realização pós-alveolar das consoantes velares fricativas representadas pelas letras “g” e “j” (/x/ → [ʒ]), nasalização de vogais antes de consoantes nasais (/an/ → [ã]), entre outros. No que se refere à pronúncia das consoantes representadas pelos grafemas “y” e “ll”, o aprendiz brasileiro precisa receber instrução quanto às diferentes formas de pronunciá-las. Isso porque /ʃ/ e /z/, que são alguns dos fonemas que podem ser representados por essas consoantes não coincidem com os contextos nos quais são realizados em PB. Ou seja, enquanto em espanhol tanto /ʃ/ quanto /z/ podem ser representados pelos grafemas “y” e “ll”, em PB /ʃ/ é representado pelos grafemas “x”, “ch” e /z/ é representado pelos os grafemas “j” seguido de vogal e “g” seguido de “e” ou “i”.

Embora aprendizes brasileiros de espanhol como L2 possam apresentar um número expressivo de desvios de pronúncia (MASIP, 1998), apresentamos, a seguir, as consoantes e vogais do espanhol que oferecem os maiores problemas, gerando erros fonéticos muito salientes e persistentes na produção oral desses aprendizes: as consoantes representadas pelos grafemas “b”, “v”, “j”, “l”, “ll”, “y”, “r”, “s”, “z”, a vogal “a”, seguida de consoante nasal “m”, “n” e “ñ”, e as vogais representadas pelos grafemas “e”, “o”.

2.1.1. Fonemas bilabiais /v/ e /b/ e alofone [β]

De acordo com o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005), a ortografia espanhola manteve por tradição ambos os grafemas “v” e “b”, que em Latim representavam sons distintos. O grafema “b” pode representar duas pronúncias. Pode ser pronunciado como [b] em posição inicial de sílaba, por exemplo, na palavra ‘botella’ ([b]otella). E, também, ser pronunciado como alofone fricativo bilabial sonoro [β] quando o “b” está entre vogais, por exemplo, na palavra ‘caballo’ (ca[β]allo). Os falantes brasileiros de espanhol tendem a acrescentar o som vocálico [i] após a consoante bilabial “b” quando esta está em sílaba travada como, por exemplo, na palavra ‘absurdo’ (a[βi]surdo). Nesses casos, esse aprendiz tende a inserir a vogal epentética para manter a pronúncia oclusiva do PB (MASIP, 1998). Em PB, a vogal epentética tende a ser usada pelo falante “para desfazer encontros consonantais em palavras como *admitir, tecnologia, opção*, entre outras” (COLLISCHONN, 2003, p. 286).

Ainda de acordo com o *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005), o grafema “v” representa em espanhol o alofone fricativo bilabial sonoro [β]. O fonema labiodental /v/ em espanhol existiu nos séculos XVIII, XIX e princípio do século XX. Atualmente, só se dá de forma espontânea em falantes de Valência, em algumas regiões do sul da Catalunha, por influência de sua língua regional. Também ocorre espontaneamente em alguns pontos da América por influência das línguas ameríndias. A *Real Academia Española* (RAE) deixou de recomendar tal distinção. Ou seja, a RAE recomenda que a pronúncia de “v” em espanhol seja idêntica à do “b”, não se fazendo nenhuma distinção entre ambas.

O alofone fricativo bilabial sonoro [β] é realizado aproximando os lábios, soprando suavemente e articulando uma espécie de /b/, mas sem obstruir a saída de ar (MASIP, 1998), como ocorre nas palavras escritas com o grafema “v” depois de consoantes, ‘calvo’ (cal[β]o) e ‘cuervo’ (cuer[β]o), por exemplo, e após vogais que não estejam em sílaba inicial de palavra, como em ‘vivir’ (vi[β]ir).

No início de palavras com o grafema “b”, como na palavra ‘beso’ ([b]eso) e ‘buey’ ([b]uey) é usado [b], como foi mencionado anteriormente. O mesmo ocorre nas palavras escritas com o grafema “v” em início de palavras como em ‘verano’ ([b]erano) e ‘vosotros’ ([b]osotros).

2.1.2. Fonema fricativo velar /x/

A articulação do fonema fricativo velar surdo /x/, em espanhol, é realizada com o pós dorso da língua contra o véu palatino (QUILIS, 1998). Esse fonema é

representado pelo grafema “j” seguido de qualquer vogal (‘oreja’, ‘jefe’, ‘jirafa’, ‘ojos’, ‘jugo’) e pelo grafema “g” seguido das vogais “e” ou “i” (‘genio’, ‘colegio’). Além disso, é usado com nomes de lugares com o grafema “x”, como ‘México’ e ‘Oaxaca’ (HUALDE, 2010). A dificuldade de articulação relacionada a esse fonema é confundi-lo e articulá-lo como [ʒ], fricativo palatal sonoro, representado ortograficamente em português pelo “j”, seguido de qualquer vogal (‘janela’, ‘jogo’), e pelo “g” seguido das vogais “e” ou “i” (‘gente’, ‘girassol’), conforme Masip (1998).

2.1.3. *Fonema lateral alveolar sonoro /l/*

Segundo Masip (1998), os falantes do PB tendem a pronunciar como [w] o fonema lateral alveolar sonoro /l/ em posição final de sílabas em espanhol (‘abril’, ‘girassol’). O fonema lateral /l/ em espanhol pode apresentar alofones, que são variantes dentalizadas, interdentalizadas e palatalizadas de /l/, diante de fonemas dentais, interdentais, e palatais, como nos exemplos ‘alto’, ‘alzo’ e ‘colcha’, respectivamente (TORREGO, 1998). No entanto, em espanhol *standard*, [w] não é alofone de /l/ em espanhol². Assim, tanto em posição final quanto em posição inicial de sílaba (‘sol’, ‘luna’), “l” deve ter a pronúncia [l] em espanhol.

2.1.4 *Fonemas e/ou alofones para os grafemas “ll” e “y”*

Os grafemas “ll” e “y” usados em língua espanhola representam diversas variações de pronúncias, dependendo das regiões geográficas em que esses sons são realizados. Fanjul (2004) explicita que,

a partir de um olhar científico sociolinguístico, as diferenças entre o “espanhol da Espanha/ da América/ do México...”, “português brasileiro/ de Portugal” etc. correspondem, em princípio, à variação geográfica entre formas de uma mesma L1. É importante essa especificação, porque existe também, nas línguas, a variação social, isto é, aquela relacionada a diferenças de classe, faixa etária, nível de escolaridade ou qualquer outra variável do tipo (FANJUL, 2004, p. 167).

Labov (1983, p. 325-397) adverte não apenas sobre o diferente alcance dessas variações, mas também sobre a possibilidade da transformação de uma delas na outra e sobre o fato de que, em domínios diferentes, um mesmo traço pode di-

² De acordo com Bravo (2006), na região de Cibao, República Dominicana, ocorre a vocalização da consoante líquida /l/, mas esse fenômeno apresenta certas restrições: a) não é produzida em sílaba final tônica de palavra; b) não ocorre se a vogal que está antes da consoante líquida for /i/; c) não ocorre com o artigo definido ‘el’ (‘o’) nem nas contrações ‘al’ (‘ao’) e ‘del’ (‘do’).

ferenciar variedades sociais e variedades geográficas.

O fenômeno do “yeísmo” é uso do som [y] sem distinção de pronúncia entre os grafemas “ll” e “y”. De acordo com Hualde (2014), há o desaparecimento da diferença fonológica entre a consoante lateral palatal /ʎ/ e a fricativa palatal sonora /y/, de maneira que palavras como ‘haya’ (‘haja’) e ‘halla’ (‘acha/encontra’) se pronunciam da mesma forma. Isso faz com que uma grande maioria dos falantes de espanhol pronuncie ambos os grafemas da mesma maneira.

Esse fenômeno se estende a praticamente todos os países de língua espanhola, desde a Espanha até os países americanos. Este fenômeno linguístico é consequência da eliminação das diferenças entre a articulação de /ʎ/ e /y/ em razão da proximidade de sua pronúncia. O “yeísmo”, hoje em dia, é admitido plenamente dentro da norma culta do espanhol. No entanto, não se pode dizer que seja um processo terminado, já que ainda persiste a distinção em algumas zonas e entre falantes cultos de áreas “yeístas”.

A rejeição ao “yeísmo” por parte do aprendiz brasileiro deve-se, talvez, ao fato de que exista como realização do fonema lateral, palatal, sonoro da língua portuguesa um alofone estigmatizado [i], característico de zonas rurais do Brasil: ‘fia’ (‘filha’), ‘muié’ (‘mulher’). Masip (2006) afirma, ainda, que o uso do alofone lateral, palatal, sonoro pode ser uma opção para evitar problemas ortográficos no processo de ensino-aprendizagem por parte dos brasileiros.

O alofone [dʒ] é comum em países da América onde há contato com línguas indígenas que contêm tal fonema, como no Paraguai, onde a palavra ‘calle’ é pronunciada ‘ca[ʎ]e’ e a palavra ‘mayo’ é pronunciada ‘ma[dʒ]o’ (COSTA, 2014). No Paraguai, a presença do [dʒ] se vê reforçada pelo contato espanhol-guarani que tem somente um som africado. Em português o som africado palatal sonoro [dʒ] é representado por “d” seguido da vogal “i”, por isso esse alofone acaba sendo facilmente usado pelos brasileiros que estudam espanhol para realizar os grafemas “ll” e “y” (HUALDE, 2014). Entre vogais, no entanto, aos brasileiros parece-lhes mais cômoda a realização vocálica do [i], como em [‘maio] ‘mayo’.

Sabe-se que o alofone palato-alveolar fricativo sonoro [ʒ] como em ‘ella’ (‘e[ʒ]a’) e ‘mayo’ (‘ma[ʒ]o’) ocorre em algumas zonas do Equador (terras altas do centro) e é um som usado predominantemente pelas gerações mais velhas na zona de Buenos Aires e Montevideu. De forma concreta, a pronúncia *standard* argentina, utilizada nos meios de comunicação do país, tem características próprias como o som fricativo sonoro [ʒ] (HUALDE, 2014).

O uso do alofone [ʒ] para pronunciar palavras com os grafemas “ll” e “y” chama-se “zheísmo”. Esse fenômeno é muito característico no espanhol argentino e muito difundido na região do Rio da Prata. Muito recentemente, o “zheísmo” se converteu em “sheísmo”. Isso significa que o som fricativo palato-alveolar sonoro [ʒ] é ensurdecido e o falante o produz como fricativo, palato-alveolar surdo [ʃ]

para pronunciar palavras com “ll” e “y”, como ‘ella’ (‘e[ʎ]a’) e ‘mayo’ (‘ma[ʎ]o’), de acordo com Hualde (2010).

O alofone [ʎ] é mais comum entre os jovens da mesma região de Buenos Aires e Montevideu nos mesmos casos: ‘ella’ (‘e[ʎ]a’) e ‘mayo’ (‘ma[ʎ]o’). Até o século XIX, a pronúncia era predominantemente sonora [ʒ] ou [dʒ], mas, desde o último quarto do século XX, se nota uma marcada tendência, enraizada na população mais jovem, muito particularmente em Buenos Aires e Montevideu, por preferir a variante surda [ʎ], um fenômeno único no uso do espanhol e que pode ocorrer devido à influência dos imigrantes italianos que, ao desconhecerem [ʒ], usam a variante surda [ʎ] do italiano (HUALDE, 2010).

O interessante é que não se trata de um fenômeno oposto entre surdo-sonoro, mas um fenômeno que apresenta variante intermediária de um mesmo fonema e que pode ser claramente identificado (HUALDE, 2010). Esse som pode corresponder também ao grafema “ch” em zonas do sul da Espanha, Novo México, Panamá e Chile, como na palavra ‘macho’ (‘ma[ʎ]o’) no lugar da realização mais comum (‘ma[tʃ]o’).

O alofone palatal lateral sonoro [ʎ] do espanhol não representa dificuldade de articulação para os falantes de PB, pois equivale ao som representado por “lh” em português. Esse fonema ainda existe como fonema independente no Paraguai e na região andina, em partes da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, além de zonas relativamente pequenas no Chile e Argentina (CANFIELD, 1981). Do mesmo modo que na Espanha, na maioria desses países latino-americanos, o fonema está desaparecendo rapidamente da fala das gerações urbanas jovens.

Sendo assim, há várias pronúncias para “ll” e “y”. Os sons [y], [dʒ], [ʒ], [ʎ] e [ʎ] representam “ll” e [y], [dʒ], [ʒ] e [ʎ] representam “y”. Tais variantes ocorrem em diferentes regiões onde o espanhol é falado.

2.1.5 *Fonema vibrante alveolar sonoro múltiplo /r/*

No espanhol, há dois fonemas vibrantes, o vibrante múltiplo /r/, de ‘carro’ (‘ca/r/o’), e a vibrante simples /r/, de ‘caro’ (‘ca/r/o’) (HUALDE, 2014). Brasileiros aprendizes de espanhol têm dificuldade de pronunciar o fonema vibrante alveolar sonoro múltiplo /r/, que é representado ortograficamente em espanhol pelo grafema “rr” em posição intervocálica (‘arroz’, ‘perro’) e pelo grafema “r” em posição inicial de palavra (‘río’, ‘rosa’). Isso porque o aprendiz brasileiro tende a realizar esse som como o [x] do português (‘rico’, ‘carro’) ou então como tepe [r] (‘caro’, ‘mero’) (MASIP, 1998).

Há que se destacar, também, a partir das observações de Masip (1998), que em espanhol temos pares de palavras muito parecidas, cuja diferença de significado

é expressa apenas por um som consonantal. Assim, caso não sejam pronunciadas corretamente, haverá uma troca significativa no sentido da frase. Isso pode ocorrer com os fonemas /r/ e /r/, em palavras como ‘pero’ (‘mas’) x ‘perro’ (‘cachorro’) e ‘para’ (preposição ‘para’) e ‘parra’ (‘videira’), cujas transcrições são, respectivamente: pe/r/o x pe/r/o e pa/r/a x pa/r/a.

2.1.6 Fonema fricativo alveolar surdo /s/

No espanhol, o fonema fricativo alveolar surdo /s/ pode ser representado por três grafemas: 1) o grafema “s” no início de sílabas (‘segundo’), entre vogais (‘casa’) e no final de sílabas (‘muñecas’); 2) o grafema “z” nos mesmos contextos: no início de sílabas (‘zapato’), entre vogais (‘azul’) e no final de sílabas (‘luz’); e 3) o grafema “c” seguido de “e” ou “i” (‘cenicero’, ‘cigarrillo’). Entretanto, /s/ em sílabas travadas, onde a sílaba termina em consoante (‘mismo’), ou entre vogais (‘presente’, ‘meses’) é, muitas vezes, incorretamente pronunciado pelo aprendiz brasileiro como [z], um som fricativo alveolar sonoro (MASIP, 1998). Assim, com relação à pronúncia de “s”, é crucial perceber que, enquanto no PB o /s/ assimila a sonoridade do segmento seguinte no final de sílaba (‘às oito’ = ‘à[z] oito’; ‘as coisas’ = ‘a[s]coisas’) e “s” pode representar o fonema /z/ em posição intervocálica (‘asa’ = ‘a/z/a’), isso não ocorre em espanhol.

2.2. Fonemas vocálicos

Segundo Bechara (2009, p. 47), em língua portuguesa há sete vogais orais, /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/, e cinco vogais nasais, /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ³. Em contrapartida, no espanhol *standard* não há vogais orais médias abertas com distinção fonológica e não há vogais nasais. A nasalização das vogais por aprendizes brasileiros de espanhol como L2 é muito perceptível, principalmente a nasalização da vogal representada pelo grafema “a”. Segundo Pasca (2003), a articulação nasalizada dessa vogal é muito mais perceptível do que a nasalização das vogais representadas pelos grafemas “e”, “i”, “o”, “u”. Isso ocorre porque, na produção dessa vogal, além de haver abaixamento da língua, há abaixamento mais significativo do véu palatino (SILVA, 1999).

³ Embora Bechara (2009) considere que há 5 vogais nasais no PB, não há consenso na literatura sobre o estatuto fonológico das vogais nasais em português. Para Câmara Jr. (1953), por exemplo, as vogais nasais são vogais orais seguidas de um arquifonema consonântico nasal, sendo a natureza nasalizada da vogal decorrente da consoante nasal que lhe trava a sílaba.

Assim, o espanhol apresenta somente cinco fonemas vocálicos: vogal central aberta /a/, vogal palatal média /e/, vogal palatal fechada /i/, vogal velar média /o/ e vogal velar fechada /u/. Dois problemas recorrentes com a pronúncia das vogais em língua espanhola por falantes do PB são os seguintes: 1) a abertura completa das vogais /e/ e /o/, transformando-as em [ɛ] ou [ɔ], e 2) a realização da nasalização das vogais orais seguidas de consoantes nasais (representadas ortograficamente por “n”, “ñ” e “m”), quando em espanhol *standard* as vogais devem ser sempre orais, sejam elas seguidas por consoantes nasais ou não (MASIP, 1998).

Cabe mencionar, entretanto, que há casos de nasalização vocálica em espanhol. Esse fenômeno é mais encontrado nas Antilhas do que em outros países de língua espanhola. No Caribe, a nasalização vocálica pode afetar todas as vogais de uma palavra mesmo que não estejam em contato com a consoante nasal. Na República Dominicana e em Porto Rico, a consoante nasal pode até desaparecer, nasalizando fortemente a vogal anterior. Esse fenômeno também ocorre no norte do México, mas está restrito a indivíduos de pouca escolaridade (BRAVO, 2006).

2.3. Palavras heterotônicas

A maioria das palavras em português e em espanhol mantém a mesma sílaba tônica, mantendo assim a sílaba tônica que herdaram de sua língua de origem. No entanto, os heterotônicos são um grupo de vocábulos que, no processo evolutivo das duas línguas, mantiveram aspectos semelhantes tanto na escrita como no significado, porém apresentam divergências em relação à posição do acento (SILVA, 2008).

Assim, ao estudar espanhol como L2, o aprendiz brasileiro deve prestar atenção na pronúncia dos substantivos terminados em -emia (ex., ‘academia’ e ‘leucemia’), -acia (ex., ‘democracia’ e ‘aristocracia’), -crata (ex., ‘demócrata’ e ‘aristócrata’) e aos verbos terminados em -iar quando conjugados em tempos verbais como o Presente do Indicativo (ex., ‘yo copio’), no Presente do Subjuntivo (ex., ‘que yo copie’) e no Modo Imperativo (ex., ‘copia’, ‘copie’).

Isto é, o aprendiz brasileiro deve estar atento às mudanças de sílabas tônicas entre ambas as línguas para conhecer e reconhecer quando se trata de palavra heterotônica ou não.

3. TRANSFERÊNCIA DE SONS DO PORTUGUÊS (L1) PARA O ESPANHOL (L2): CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A partir da nossa experiência como professoras de espanhol, realizamos um estudo exploratório cujo objetivo foi refletir sobre a pronúncia de sons em espanhol que são diferentes dos seus equivalentes em LP e que, por isso, os aprendizes brasileiros normalmente têm dificuldade de produzir.

Assim, com base na análise dos aspectos fonéticos e linguístico-contrastivos entre LE e PB, apresentados na seção 2, foi realizada uma coleta de dados para analisar as dificuldades encontradas pelos sujeitos desta investigação ao produzirem esses sons. O estudo foi realizado com acadêmicos do Curso de Letras Português-Espanhol de uma Instituição de Ensino Superior (IES) Comunitária de Canoas/RS. No currículo em vigência à época, a Instituição oferecia oito disciplinas de Língua Espanhola e cinco de Cultura e Literatura em Língua Espanhola, mas não oferecia disciplina específica de fonética na LE. Os participantes da pesquisa foram 14 alunos da disciplina de Espanhol IV do Curso de Letras, matriculados em 2016/2. Embora esses acadêmicos não tenham sido submetidos a teste de proficiência, seus níveis de proficiência na LE não eram homogêneos, segundo a professora titular da disciplina.

Para a coleta dos dados, foi escolhido um texto em espanhol para ser lido em voz alta pelos participantes da pesquisa, cujo conteúdo será descrito nesta seção. No entanto, antes de relatarmos como ocorreram as gravações da leitura, é importante considerarmos algumas questões práticas sobre coleta de dados, que podem influenciar o resultado. A leitura de textos em voz alta pode fazer com que o aprendiz coloque atenção redobrada na pronúncia das palavras, produzindo os sons mais apropriadamente do que o faria em fala espontânea. Ao solicitar que o aprendiz leia uma lista de palavras, é provável que ele coloque atenção redobrada à sua produção oral e apresente uma melhor pronúncia (TEJEDA; SANTOS, 2014, p. 160). Além disso, um fator limitador é a presença do pesquisador no momento da gravação individual, pois o participante pode sentir que está sendo avaliado já durante essa leitura (TEJEDA; SANTOS, 2014, p. 160). O ideal é que todos os participantes da pesquisa sejam gravados em cabines individuais e ao mesmo tempo para evitar esse constrangimento por parte do aprendiz.

Nesta pesquisa, por não haver um laboratório de idiomas à disposição em que os participantes pudessem gravar sua produção oral todos simultaneamente, os mesmos foram solicitados a ler o texto escolhido, individualmente, um de cada vez, sem a presença da pesquisadora, e sua leitura foi gravada em um aparelho

celular para posterior análise. Resultados diferentes poderiam ter sido encontrados se o instrumento de coleta de dados deste estudo fosse, por exemplo, uma entrevista oral com perguntas abertas. Isso porque, na fala espontânea, o aprendiz tende a focar mais no conteúdo do que na forma. No entanto, o uso da fala espontânea poderia representar um empecilho como instrumento de coleta de dados, pois o participante da pesquisa poderia não utilizar todos os contextos de interesse neste estudo, incluindo, por exemplo, palavras heterotônicas.

Assim, foi escolhido o texto *Sufres dolor de cabeza – Radical Solución* da Revista *Muy Interesante*, de 2010, para ser lido em voz alta pelos participantes da pesquisa. A escolha do texto utilizado como instrumento de coleta de dados nesta pesquisa baseou-se em dois critérios: a) ser um texto curto, apropriado para o tempo disponível para as gravações, e b) conter várias palavras com questões de interesse nesta pesquisa: sons consonantais e vocálicos que apresentam diferença entre PB e espanhol e palavras com a sílaba tônica diferente em relação ao PB. O conteúdo do texto é apresentado a seguir:

Sufres dolor de cabeza – **Radical Solución**

Barrie Wilson es un ciudadano inglés que sufría intensos dolores de cabeza y a pesar de que **recurría** a los analgésicos para mitigarlos, éstos **llegaron** a serle insuficientes. “Es como si **alguien** tomara una vara ardiendo, la pusiera en tu ojo y la moviera todo el tiempo”, esa experiencia la **llevó** consigo durante **14** años.

La solución fue **dolorosa**: escanearon su **cerebro**, detectaron el área afectada y le colocaron un electrodo. Wilson **asevera** que a cuatro meses de que le **realizaron** esta intervención sólo una **vez** ha experimentado dolor de cabeza.

Tal procedimiento quirúrgico podría ser una solución para **gente** que sufre de cefaleas en **racimo**, una afección cuya persistencia muchas veces **lleva al** suicidio de quien la padece. El presente video quizá te hará **cerrar los ojos** unos segundos; sin embargo, la **radical** técnica empleada está destinada a mitigar la situación en pacientes que sufren intensos dolores de cabeza (Muy Interesante, 2010⁴).

A pronúncia pelos acadêmicos das consoantes e vogais negritadas no texto foi posteriormente analisada, assim como a pronúncia dos heterotônicos ‘alguien’ e ‘cerebro’. Embora o texto apresente outras palavras que também contêm os sons de interesse para a análise, optou-se por selecionar apenas 35 palavras. Selecionamos para análise pelo menos dois exemplos com cada fonema de interesse nesta pesquisa (descritos nas seções 2.1 e 2.2) e dois exemplos de heterotônicos.

As gravações ocorreram no dia sete de outubro de 2016. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficando uma via com o aluno e outra via com a pesquisadora. Nessa data, lhes foi disponibilizada uma cópia do texto em formato paisagem, com fonte Arial 24, para que lessem em silêncio e esclarecessem junto à pesquisadora alguma questão referente a vo-

⁴ <http://www.muyinteresante.com.mx/salud/10/12/28/solucion-dolor-cabeza.html>

cabulário. Surgiram algumas dúvidas de vocabulário, que foram esclarecidas pela pesquisadora a cada aluno, antes da leitura do texto, sem que ela repetisse a palavra em questão. Nenhuma explicação sobre pronúncia foi fornecida.

Ao realizar a gravação, o aluno permanecia sozinho em uma sala de aula da IES, sem a presença da pesquisadora ou de qualquer outra pessoa, e era instruído a ler o texto em voz alta e, logo após, efetuar a gravação no celular da pesquisadora. Ao terminar a gravação, outro estudante era convidado a ficar sozinho na sala e re-realizar sua gravação. Assim, todos os 14 participantes da pesquisa gravaram o texto nas mesmas instalações e condições.

Os dados coletados e sua posterior análise tinham como objetivo auxiliar os participantes da pesquisa a refletir um pouco mais sobre determinados sons do espanhol que podem gerar dificuldade de produção para o aprendiz brasileiro devido à transferência da L1.

4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

As gravações em áudio foram analisadas auditivamente considerando os sons citados anteriormente, e desvios de pronúncia frequentes cometidos pelos estudantes foram apontados. Num momento posterior, os estudantes receberam um *feedback* individual, por meio da análise da sua gravação⁵.

Cada texto gravado foi analisado individualmente. No entanto, para uma melhor análise, os resultados estão aqui apresentados de forma conjunta, por fonemas, evitando a identificação dos indivíduos.

4.1. Fonemas bilabiais /v/ e /b/ e alofone [β]

O texto sob análise continha as seguintes palavras com o grafema “v”: ‘vara’, ‘moviera’, ‘asevera’, ‘intervención’, ‘vez’, ‘veces’, ‘lleva’ e ‘video’. Dos 14 alunos que realizaram a gravação da leitura do texto, 13 pronunciaram grande parte dessas palavras escritas com o grafema “v” com o [v] do português. Já as palavras do texto escritas com o grafema “b” foram perfeitamente pronunciadas pelos alunos com [b].

⁵ Os procedimentos adotados para o *feedback* e sua análise não serão aqui descritos porque isso vai além do objetivo deste capítulo.

4.2. Fonema fricativo velar /x/

Como foi mencionado anteriormente, fonema /x/ é um som fricativo velar surdo que ortograficamente é representado pela a letra “j” em espanhol (‘oreja’, ‘jefe’, ‘jirafa’, ‘ojos’, ‘jugo’) e pelo grafema “g” seguido da vogal “e” ou “i” (‘genio’, ‘colegio’). No texto havia as seguintes palavras com tais combinações citadas acima: ‘analgésicos’, ‘ojo’, ‘quirúrgico’, ‘gente’ e ‘ojos’. Na execução de tal som, na leitura do instrumento proposto, os 14 alunos analisados pronunciaram corretamente tal fonema em espanhol.

4.3. Fonema lateral alveolar sonoro /l/

No que diz respeito ao fonema lateral alveolar sonoro /l/ em posição final de sílaba em espanhol, há uma tendência a ser pronunciado como [w] pelos falantes do PB. Entretanto, em espanhol, o grafema “l” é pronunciado como [l], independentemente da sua posição na sílaba, como foi mencionado anteriormente. Houve resultados diferentes de acordo com as palavras do texto, como pode ser observado no Quadro 1. A palavra ‘radical’ é usada duas vezes no texto (título e corpo) e dois dos 14 alunos não leram o título do texto, portanto eles a pronunciaram uma única vez.

Quadro 1 – Diferentes pronúncias para o grafema “l” pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS				
	‘radical’ (título)	‘analgésicos’	‘tal’	‘al’	‘radical’ (corpo do texto)
1	[l]	[w]	[w]	[w]	[l]
2	[w]	[w]	[w]	[w]	[w]
3	[l]	[l]	[l]	[w]	[l]
4	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]
5	Não leu	[w]	[w]	[w]	[l]
6	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]
7	[w]	[w]	[w]	[w]	[w]
8	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]
9	Não leu	[w]	[w]	[l]	[l]
10	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]
11	[l]	[w]	[l]	[l]	[l]
12	[w]	[w]	[w]	[w]	[w]
13	[l]	[w]	[w]	[w]	[l]
14	[w]	[w]	[w]	[w]	[w]

As cinco palavras do Quadro 1, retiradas do texto, apresentam a pronúncia do grafema “l” pelos participantes da pesquisa. Dos 14 alunos, quatro realizaram o som correto [l] nas palavras ‘analgésicos’, ‘tal’, ‘al’ e ‘radical’. Quatro dos 14 alunos pronunciaram “l” como [w] nas quatro palavras, considerando as duas realizações de ‘radical’. Na palavra ‘analgésicos’, a lateral foi pronunciada como [w] por nove dos 14 alunos e na palavra ‘al’ a consoante foi pronunciada como [w] por oito dos 14 alunos. Com isso, pode-se dizer que a maioria dos estudantes da pesquisa tende a usar, em algum momento, o som [w] no lugar de [l] no final de sílabas, o que mostra a forte interferência do português (L1).

4.4. Fonemas e/ou alofones para os grafemas “ll” e “y”

Em espanhol, a representação ortográfica “ll” pode ter até cinco pronúncias distintas, a saber: [y], [dʒ], [ʒ], [ʃ], [ʎ], e a representação ortográfica “y” até quatro, a saber: [y], [dʒ], [ʒ], [ʃ]. Falantes de espanhol como L1 produzem um mesmo som tanto para “ll” quanto para “y”, exceto quando o falante pronuncia o “ll” como /ʎ/. Neste caso, outro fonema é utilizado para o “y”, uma vez que /ʎ/ é representado apenas por “ll”. O Quadro 2, a seguir, mostra como os participantes pronunciaram palavras com “ll” e “y” retiradas do texto utilizado na gravação: ‘llegaron’, ‘llevó’, ‘lleva’ e ‘cuya’.

Quadro 2 – Diferentes pronúncias para os grafemas “ll” e “y” pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS			
	‘llegaron’	‘llevó’	‘lleva’	‘cuya’
1	[dʒ]	[dʒ]	[ʒ]	[ʒ]
2	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]
3	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]
4	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[y]
5	[ʎ]	[ʎ]	[ʎ]	[y]
6	[dʒ]	[ʎ]	[dʒ]	[y]
7	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]
8	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]
9	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[y]
10	[ʎ]	[dʒ]	[dʒ]	[ʒ]
11	[ʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[ʃ]
12	[dʒ]	[dʒ]	[l]	[ʒ]
13	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]	[dʒ]
14	[ʎ]	[dʒ]	[dʒ]	[y]

A grande maioria dos alunos optou pelo alofone [dʒ] ao pronunciar as palavras com os grafemas “ll” e “y”. Dos 14 alunos, somente cinco pronunciaram tais grafemas sempre com o mesmo som, mostrando uma padronização da sua

pronúncia. Estes cinco alunos optaram pelo alofone [dʒ]. Este mesmo alofone foi usado na palavra ‘llegaron’ por 10 dos 14 alunos, na palavra ‘llevó’ por 12 dos 14 alunos, na palavra ‘lleva’ por 11 dos 14 alunos e na palavra ‘cuya’ por cinco dos 14 alunos.

O alofone [ʒ] foi realizado por um mesmo aluno nas palavras ‘lleva’ e ‘cuya’; porém, este mesmo aluno pronunciou o som [dʒ] para as palavras ‘llegaron’ e ‘llevó’. Na palavra ‘llegaron’, um dos 14 alunos realizou tal som. Na palavra ‘llevó’, nenhum dos alunos executou tal som, e três dos 14 alunos o utilizaram na palavra ‘cuya’.

O alofone [ʃ] foi realizado somente por um aluno e isto ocorreu na palavra ‘cuya’. Esse mesmo aluno pronunciou as palavras ‘llevó’ e ‘lleva’ com o alofone [dʒ] e a palavra ‘llegaron’ com o som [ʒ].

O alofone [y], por sua vez, foi utilizado somente na palavra ‘cuya’ e por cinco dos 14 alunos. Ao pronunciar a palavra ‘lleva’, um dos alunos não realizou nenhuma das possibilidades fonéticas para o grafema “ll”, mas realizou o som [l], o que é considerado desvio em espanhol, pois tal som não é representado por “ll”, mas por “l” na LE.

O alofone [λ] foi realizado somente em todas as palavras escritas com o grafema “ll” por um aluno. Um aluno utilizou esse alofone apenas em ‘llevó’, enquanto outros dois o utilizaram apenas em ‘llegaron’.

Esses dados mostram que grande parte dos alunos mescla as diferentes pronúncias para os grafemas “ll” ou “y”. A maioria dos alunos não segue um padrão ao pronunciar palavras com esses grafemas. Isso significa que os graduandos misturam pronúncias de países e regiões diferentes. Comparando-se com o português, seria como se uma única pessoa realizasse um mesmo grafema com pronúncias diferentes de distintas regiões do país, como, por exemplo, pronunciar o “s” final da palavra ‘seis’ do português ora como ‘sei[s]’ e ora como ‘sei[ʃ]’, o que não ocorre em português.

Isso mostra que esses aprendizes precisam de explicações explícitas sobre a pronúncia em LE e suas diversas variações, seja nas próprias disciplinas de língua estrangeira ou nas de Literatura ou em disciplina específica de Fonética e Pronúncia, para que reflitam sobre as semelhanças e diferenças entre a LE e o português, entendam como funciona a articulação dos sons em ambas as línguas e procurem corrigir seus desvios.

4.5. Fonema vibrante alveolar sonoro múltiplo /r/

Em espanhol como L1, o falante usa o vibrante alveolar sonoro múltiplo [r] para os grafemas “r” no início de palavras e “rr” no interior de palavras, como foi

mencionando anteriormente. Entretanto, conforme o Quadro 3, além desses sons, os participantes da pesquisa também utilizaram os seguintes: [x] e [r]. As palavras analisadas no texto foram ‘recurría’, ‘realizaron’, ‘cerrar’, ‘radical’ e ‘racimo’.

Quadro 3 – Diferentes pronúncias para “r” e “rr” pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS						
	‘recurría’	‘recurría’	‘realizaron’	‘cerrar’	‘radical’ (título)	‘radical’ (corpo do texto)	‘racimo’
1	[x]	[x]	[x]	[r]	[r]	[r]	[r]
2	[r]	[x]	[r]	[x]	[x]	[r]	[r]
3	[r]	[r]	[x]	[x]	[r]	[r]	[r]
4	[r]	[r]	[r]	[x]	[r]	[r]	[r]
5	[x]	Leu ‘re-cusaria’	[x]	[r]	Não leu	[x]	[x]
6	[r]	[r]	[r]	[r]	[x]	[x]	[r]
7	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[x]	[x]
8	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]
9	[r]	[r]	[r]	[x]	Não leu	[r]	[r]
10	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]
11	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]
12	[r]	[r]	[r]	Leu ‘hacer’	[r]	[r]	[r]
13	[r]	[x]	[x]	[r]	[r]	[r]	[x]
14	[x]	[r]	[x]	[x]	[x]	[x]	[x]

Para o “r” inicial da palavra ‘recurría’, quatro dos 14 alunos realizaram o som alveolar vibrante de forma correta; sete dos 14 alunos realizaram o tepe e três

dos 14 alunos pronunciaram o som [x]. No dígrafo “rr” da palavra *recurría*, cinco dos 14 alunos realizaram o som alveolar vibrante de forma correta; cinco dos 14 alunos realizaram o tepe; e três dos 14 alunos pronunciaram a palavra com o som [x]. Um aluno não pronunciou a palavra ‘*recurría*’, mas a palavra ‘*recusaría*’, impossibilitando a análise da sua pronúncia para o dígrafo “rr”.

No que se refere à palavra ‘*realizaron*’, quatro alunos realizaram o som corretamente; cinco pronunciaram a palavra com o tepe e outros cinco com [x]. Já na palavra ‘*cerrar*’, seis dos alunos pronunciaram corretamente; dois alunos com o som [r]; cinco alunos com o som [x]; e um aluno pronunciou a palavra ‘*hacer*’ no lugar de ‘*cerrar*’.

Na palavra ‘*radical*’ no título do texto, oito alunos pronunciaram corretamente; um aluno com o tepe, três com [x] e dois alunos não leram o título do texto. No entanto, na palavra ‘*radical*’ que aparece novamente no corpo do texto, cinco alunos pronunciaram corretamente; cinco com o tepe e quatro com [x].

E, por último, na palavra ‘*racimo*’, seis a pronunciaram corretamente; quatro a pronunciaram com o tepe e outros quatro com [x]. Os exemplos apresentados mostram que grande parte dos alunos ainda apresenta dificuldade na execução correta do fonema alveolar vibrante sonoro múltiplo /r/.

4.6. Fonema fricativo alveolar surdo /s/

Na América Latina, os grafemas do espanhol “c” + “e” ou “c” + “i”; o grafema “s” e o grafema “z” são pronunciados com o mesmo som: [s]. Para o falante de PB, como mencionamos anteriormente, é comum transformar /s/ em [z] (consoante fricativa alveolar sonora) em contextos de grafemas “s”, entre vogais e em sílabas com um segmento sonoro na sílaba seguinte, e “z”.

Conforme o Quadro 4, essa transferência é observada nesta pesquisa na leitura das palavras ‘*a pesar*’, ‘*pusiera*’, ‘*catorce*⁶’, ‘*dolorosa*’, ‘*meses*’, ‘*veces*’, ‘*presente*’ e ‘*quizá*’.

⁶ As palavras ‘*catorce*’ e ‘*veces*’ foram incluídas na análise porque em PB as consoantes sublinhadas equivalem ao grafema “z” e à pronúncia [z].

Quadro 4 – Pronúncia do “s”, “z” e “ce” pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS							
	‘pesar’	‘pusiera’	‘catorce’	‘dolorosa’	‘meses’	‘veces’	‘presente’	‘quizá’
1	[z]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
2	[s]	[s]	[s]	[s]	[z]	[s]	[s]	[s]
3	[z]	[z]	[s]	[s]	[s]	[s]	[z]	[s]
4	[s]	[s]	[z]	[s]	[s]	[s]	[z]	[z]
5	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
6	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
7	[s]	[z]	[s]	[z]	[z]	[s]	[s]	[s]
8	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
9	[z]	[s]	[s]	[s]	[z]	[s]	[s]	[s]
10	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
11	[z]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[z]
12	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
13	[s]	[z]	[z]	[s]	[s]	[s]	[s]	[s]
14	[s]	[z]	[z]	[s]	[z]	[s]	[z]	[z]

Nota-se, a partir do Quadro 4, que nenhum dos alunos pronunciou equivocadamente todas as palavras com [z]. No entanto, a única palavra do quadro que foi pronunciada corretamente com [s] por todos os participantes foi ‘veces’. Nessa palavra, tanto o “c” quanto o “s” foram pronunciados corretamente como [s]. O “s” marcador de plural também foi pronunciado corretamente por todos os participantes na palavra ‘meses’. Isso mostra que esse morfema “s” em espanhol não parece representar um problema de pronúncia para o falante do português.

Conforme pode ser observado no Quadro 4, dos 14 alunos, cinco pronunciaram todas as oito palavras de forma correta, utilizando [s]. Os demais alunos variaram a pronúncia, utilizando às vezes [s] e às vezes [z].

Os resultados mostram que pronunciar palavras com “z”, “ce”, “ci” e “s” ainda representa dificuldade aos acadêmicos, considerando que nove deles cometeram desvios de pronúncia ao produzirem as palavras descritas acima.

4.7. Fonemas vocálicos

Em espanhol, as vogais são sempre orais, mesmo que sejam seguidas por consoantes nasais. Além disso, diferentemente do português, não há vogais médias abertas. Estas são sempre fechadas (MASIP, 1998).

Durante a análise da leitura do texto pelos estudantes de Letras, foi possível observar que houve a nasalização das vogais seguidas de consoantes nasais em palavras como ‘ciudadano’ (nos dois ‘as’) e a abertura completa da vogal /e/ transformando-a em [ɛ] nas palavras ‘cefaleas’ (no segundo “e”) e ‘analgésicos’. Ainda, o fonema /o/ foi transformado em [ɔ], nas palavras ‘dolorosa’ (no terceiro “o”) e ‘ojos’ (no primeiro “o”).

Na palavra ‘ciudadano’, os 14 graduandos nasalizaram as duas vogais “a”, não fazendo a abertura completa da vogal. Na palavra ‘analgésicos’, onze dos 14 alunos realizaram a vogal [ɛ]. Na palavra ‘cefaleas’, quatro dos alunos produziram a vogal [ɛ] e três alunos pronunciaram outra palavra no lugar de ‘cefaleas’ (as palavras ‘cafaleas’ e ‘céfalas’, que não existem em espanhol).

Já nas palavras com o fonema /o/ também ocorreu a abertura da vogal. Na palavra ‘dolorosa’, quatro dos 14 alunos realizaram [ɔ] na sílaba ‘ro’, e na palavra ‘ojos’ seis dos 14 alunos realizaram [ɔ] na primeira sílaba. Nos fonemas vocálicos das palavras citadas no parágrafo anterior, três dos 14 graduandos não executaram de forma correta nenhum dos fonemas vocálicos sob análise. Esses resultados mostram, portanto, a forte interferência do português como L1 na pronúncia de sons do espanhol como L2.

No quadro 5, a seguir, agrupamos os desvios fonéticos cometidos na realização das vogais em espanhol pelos participantes da pesquisa. A presença de tais desvios na fala de cada aluno é indicada pela célula destacada em cor.

Quadro 5 – Diferentes pronúncias dos fonemas vocálicos pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS				
	‘ciudadano’	‘analgésicos’	‘dolorosa’	‘cefaleas’	‘ojos’
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9				Leu <i>cafaleas</i>	
10					
11				Leu <i>céfalas</i>	
12					
13					
14				Leu <i>céfalas</i>	

4.8. Heterotônicos

No texto lido pelos alunos, havia duas palavras cuja sílaba tônica era diferente da sua correlata em português. Essas palavras heterotônicas eram ‘alguien’ (cuja sílaba tônica é a primeira) e ‘cerebro’ (cuja sílaba tônica é a segunda).

No quadro 6, a seguir, agrupamos os desvios fonéticos cometidos na realização da sílaba tônica em espanhol nas palavras heterotônicas pelos participantes da pesquisa. A presença de tais desvios na fala de cada aluno é indicada pela célula destacada em cor.

Quadro 6 – Diferentes pronúncias para as palavras heterotônicas pelos alunos de Letras

ALUNO	PALAVRAS	
	‘ <u>al</u> guien’	‘cere <u>bro</u> ’
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		

A grande maioria dos alunos não pronunciou corretamente ambas as palavras, embora ‘alguien’ seja bem recorrente em espanhol. Dos 14 alunos, 12 pronunciaram tal palavra equivocadamente, colocando a tonicidade na última sílaba, ‘alguien’. Dos 14 alunos, 13 pronunciaram ‘cerebro’ incorretamente, colocando a tonicidade na primeira sílaba à esquerda, formando uma proparoxítona, ‘cérebro’.

Apesar de não ser um heterotônico, a palavra ‘racimo’, que é paroxítona em espanhol, foi incorretamente pronunciada como proparoxítona por oito dos 14 alunos. Chama a atenção esse desvio de pronúncia, pois a palavra não é acentuada graficamente. Talvez esse erro tenha sido causado pelo desconhecimento da palavra ou pela semelhança com a palavra ‘máximo’, do português.

Exemplos de desvio de pronúncia nas palavras ‘alguien’ e ‘cerebro’ mostram que, talvez, os alunos participantes da pesquisa não estejam familiarizados com os heterotônicos e desconheçam que são palavras que se escrevem de forma semelhante ou igual em ambas as línguas, porém apresentam a sílaba tônica diferente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta de dados desta pesquisa não teria sido possível sem a participação e colaboração fundamentais dos graduandos do Curso de Letras. A escolha deste grupo de participantes foi feita com base na importância da sua formação, pois serão futuros professores e transmissores de conhecimento. Por isso, é primordial que se preocupem com a pronúncia correta dos fonemas do espanhol em geral.

Em nenhum momento foi feita a correção direta dos sons produzidos pelos graduandos durante a gravação, pois todos permaneceram sozinhos durante sua realização. Tampouco houve compartilhamento dos desvios de pronúncia com os demais participantes ou com a professora titular da disciplina. O *feedback* foi dado individualmente aos estudantes, na forma de transcrição fonética das palavras selecionadas e por eles lidas.

Com esse *feedback*, o objetivo da pesquisa foi buscar uma conscientização e, talvez, uma futura autoanálise por parte dos graduandos de como está sua pronúncia. Deve partir deles, com a ajuda de seus professores, a busca pelo aperfeiçoamento dessa habilidade oral. Quanto mais conhecimento os aprendizes tiverem sobre as diferenças de pronúncia entre a língua espanhola e a portuguesa, melhor será seu aproveitamento nas aulas de LE e seu desempenho como futuros professores da língua.

O processo de aprendizagem de uma L2 é longo e inclui diversas questões pessoais como motivação, idade, contato com a L2, que não foram analisadas nesta pesquisa. Justamente pela proximidade em relação à sintaxe, à morfologia e à pronúncia do PB e da LE, o espanhol pode parecer, num primeiro momento, fácil de ser aprendido e falado. No entanto, a literatura sobre aquisição e ensino de L2 está repleta de descrições sobre as dificuldades com as quais os aprendizes se deparam ao tentar pronunciar os sons em uma língua estrangeira e justificativas contrastivas para tais dificuldades são bastante comuns (DECHERT; BRÜGGEMEIER; FUTTERER, 1984). Os dados coletados nesta pesquisa corroboram essa afirmação, pois mostram que a proximidade entre o espanhol e o português faz com que sejam necessárias explicações explícitas sobre diferenças fonológicas entre as línguas e muita prática oral por parte do aprendiz para que sua pronúncia se aperfeiçoe cada vez mais. A repetição oral em grupo é uma boa técnica para a prática da pronúncia em sala de aula, pois encoraja o aprendiz a ganhar autoconfiança, uma vez que está praticando em grupo, não havendo possibilidade de os aprendizes rirem daqueles que pronunciam errado (TEJEDA; SANTOS, 2014).

Para reconhecer diferenças entre as línguas, o aprendiz de L2 precisa ter explicações explícitas por parte do professor, que precisa ter determinados conhecimentos para ensinar pronúncia efetivamente (BRINTON, 2012). Entre eles,

destaca-se o conhecimento das regras de articulação, das ocorrências no discurso, da entoação, de acentos. Além disso, é necessário o conhecimento de fatores que influenciam seus estudantes na aquisição de características de uma nova língua, o que inclui o papel da transferência a partir da L1, e das prioridades pedagógicas, como estar disponível para tomar decisões sobre quais aspectos da pronúncia devem estar focados, ou seja, quais características devem ser ensinadas e quando.

Em sala de aula, diversas atividades devem ser utilizadas para observar a pronúncia dos aprendizes. Em LE, Celce-Murcia e Olshtain (2000, p. 328) sugerem que o aprendiz seja testado através de exercícios de gravação de diálogos, caso o professor queira observar a entoação em L2. Já a leitura de textos em voz alta é sugerida para observar a pronúncia das vogais, consoantes, sílabas tônicas, conforme foi feito nesta pesquisa. Além disso, segundo os autores, os grafemas que representam os fonemas de interesse podem ser grifados nos textos para que o aprendiz preste especial atenção na produção desses sons.

Além da avaliação diagnóstica, os professores precisam considerar a melhor forma de fornecer *feedback* contínuo, estabelecendo um clima saudável em sala de aula, onde individual ou coletivamente os alunos sejam encorajados a participar. Além disso, o professor deve saber como projetar testes de sala de aula para medir a evolução dos aprendizes. Essas questões podem fazer com que a pronúncia tome o seu lugar legítimo ao lado do ensino das quatro habilidades, das questões de vocabulário e de gramática (BRINTON, 2012).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Z. **A Língua Espanhola, o MERCOSUL e o Brasil**. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/LINGUAESPANHOLA.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLANCO ALONZO, R. Una propuesta fonética didáctica para brasileños estudiantes de español: la pronunciación es la tarjeta de presentación de la expresión oral. **Frecuencia L**, 21, p. 24-28, 2002.
- BRAVO, E. M. **La pronunciación del Español Americano**. 2006. Disponível em: <http://www.siff.us.es/fil/publicaciones/apuntes/ebravo/EA-_tema4-CLS.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- BRINTON, D. M. Pronunciation instruction. In: BURNS, A.; RICHARDS, J. C. (Orgs.) **The Cambridge Guide to pedagogy and practice in second language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 246-257.
- CÂMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CANFIELD, D. **Spanish pronunciation in the Americas**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D.; GOODWIN, J. **Teaching pronunciation: a course book and reference guide**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CELCE-MURCIA, M.; OLSHTAIN, E. **Discourse and language teaching: a guide for language teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralingüísticas. **Revista Letras**, n. 61, ed. especial, p. 285-297, 2003.

COSTA, Z. El fonema lateral palatal español y sus aspectos fonéticos-fonológicos, ortográficos y sociolingüísticos en la enseñanza-aprendizaje de ELE para brasileños. In: JORNADA NACIONAL DO GELNE, 2014, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2014. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/1190.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

CRUZ, M. L. O. B. **Estágios de interlíngua**: estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DECHERT, H.; BRÜGGEMEIER, M.; FUTTERER, D. **Transfer and interference in language: A Selected Bibliography**. Amsterdam: University of Kassel, 1984.

Diccionario panhispánico de dudas. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. Madrid: Santillana, 2005. Disponível em: <<https://www.diccionariodedudas.com/yeismo/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

FANJUL, A. Português Brasileiro, espanhol de... onde? Analogias incertas. **Letras & Letras**, v. 20, n. 1, p. 165-183, 2004.

HOYOS-ANDRADE, R. E. Las interferencias fonético-fonológicas del portugués en el español de estudiantes brasileños. In: **Actas del I Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español a Luso Hablantes**. São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil, 1993. p. 19-30.

HUALDE, J. **Introducción a la lingüística hispánica**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUALDE, J. **Los sonidos del español**: Spanish language edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

INSTITUTO CERVANTES. **El español**: una lengua viva. 2015.

KELLY, G. **How to teach pronunciation**. Harlow: Longman, 2000.

LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madri: Cátedra, 1983.

LIMA JR., R. Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 3, p. 747-771, 2010.

MASIP, V. **Fonética espanhola para brasileiros**. Recife: Sociedade Cultural Brasil-Espanha, 1998.

MASIP, V. **Fonología y ortografía españolas**. Recife: Bagaço, 2006.

ODLIN, T. **Language transfer**: cross-linguistic influence in language learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PASCA, M. A. S. **Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por estudantes de língua portuguesa**: a questão da percepção. Dissertação (Mestrado em Aquisição da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. Madrid: Arcos Libros, 1998.

SILVA, E. **Análise de aspectos contrastivos fonológicos de heterotônicos entre o português e espanhol**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.

TEJEDA, A., SANTOS, N. Pronunciation instruction and students' practice to develop their confidence in EFL oral skills. **Profile**, v. 16, n. 2, 151-170, 2014.

TORREGO, L. G. **Gramática didáctica del español**. 4. ed. Madrid: SM, 1998.

YULE, G.; MACDONALD, D. The effects of pronunciation teaching. In: MORLEY, J. **Pronunciation pedagogy and theory: new views, new directions**. Bloomington: TESOL, 1994. p. 111-118.

ZINNI, A. **Ensino de língua estrangeira vai além da gramática**. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2459/ensino-de-lingua-estrangeira-vai-alem-da-gramatica>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

Gisela e eu

Patrícia Rodrigues Barbosa

Conheci a professora Gisela Collischonn em 1995 ou 1996, cursando a disciplina de Fonologia. Tive o prazer de ser sua monitora em Produção textual e em Fonologia e, no ano seguinte, 1997, sua bolsista de iniciação científica pela FAPERGS.

Foram muitos os acontecimentos desde que a conheci: assisti à defesa de sua tese de doutorado, fomos ao CELSUL de “Floripa” para a minha primeira apresentação científica e, obviamente, para conhecer alguns lugares paradisíacos. Apresentei inúmeros trabalhos, sob sua orientação, em encontros, congressos e seminários, fiz mestrado e doutorado com ela... Lembro, com carinho, o IX salão de iniciação científica da UFRGS, evento em que debutamos em 1997. Em 1998 e 1999, fomos destaque na sessão, o que foi motivo de muita alegria para todos.

Além de ampliar o aspecto intelectual, em que incluo escrever bem, gostaria de destacar que a Gisela me ensinou a trabalhar em equipe, a ter bons olhos para ver as situações, a ser discreta e a pensar cientificamente sobre os fatos da língua. Isso se reflete até hoje e me garante o respaldo necessário nas instituições em que atuo.

A Gisela era também a paciência em pessoa. Dona de um humor inteligente e refinado, era perspicaz e sempre fazia a gente rir. Aquele seu jeito de boa moça cativava a todos. Depois do doutorado, nós nos distanciamos um pouco e, como não segui a carreira acadêmica, nossos encontros passaram a ser, então, encontros de amigas. O último deles, um almoço, foi regado à comida árabe, boa conversa e muitas risadas, foi no verão 2015-2016, não me recordo exatamente da data, mas não esqueço do quão agradável foi. O jeito simples de ser, algo comum entre as grandes pessoas, foi sua marca registrada, assim como foi um exemplo de professora, orientadora, amiga, mãe e, sobretudo, mulher à frente do seu tempo.

Gisela está aqui

Laura Helena Hahn-Nonnenmacher

Estou muito feliz por ter escrito este artigo e por ele compor este livro em homenagem à Gisela. O escopo deste estudo é parte de um trabalho que começamos a pensar e produzir juntas. Há muito da Gisela nele: suas ideias, sua escrita, sua orientação, sua aluna... Não foi fácil retomá-lo sem ela, mas, por ela, foi prazeroso e desafiador.

É um prazer homenageá-la! Reunir seus ex-alunos, que tanto a admiram e sentem a sua falta, para tratar de temas que muito a interessavam; cultivar a semente do conhecimento e da pesquisa que ela semeou em todos nós; manter viva a sua memória.

É um desafio homenageá-la! Escrever sobre tópicos de uma área que ela dominava, inspirava e era referência; escrever e não receber seus comentários sobre o texto; escrever e não contar com o seu aval; escrever e o resultado estar a sua altura.

Gisela foi generosa conosco, compartilhou muito do que sabia com seus alunos e seus colegas. Sua generosidade rendeu frutos, nos uniu e permitiu que, com o apoio e o auxílio um do outro, nossos estudos prosseguissem.

Como ficar sem as palavras sempre sábias de Gisela Collischonn?

Juliana Escalier Ludwig Gayer

Foi em 2002, para minha sorte e por uma ajuda do destino, que, quando eu entrava no prédio administrativo do Instituto de Letras da UFRGS, a Professora Gisela Collischonn saía da sala do Departamento. Eu tinha sido sua aluna na disciplina de Fonologia e, naquele encontro, ela perguntou se eu gostaria de fazer parte de um de seus projetos de pesquisa. Eu sempre me interessei por Linguística e, principalmente, por Fonologia. Então minha resposta foi "sim". Eu falo em destino, porque nosso encontro aconteceu exatamente no último dia que ela tinha para indicar o bolsista. A partir daquele momento, começamos a trabalhar com os padrões de acento na poesia brasileira.

Já naquele dia, me admirei com a sua excelente memória, pois ela preencheu todo o formulário, com meu nome completo, sem me perguntar um dado. Isso quer dizer que ela lembrava não só do meu nome, mas dos meus sobrenomes, que não são tão comuns assim. Com os passar dos anos, fui comprovando a primeira impressão que tive sobre sua memória: ela falava sobre autores, obras e anos de publicação com a maior naturalidade. Além disso, sempre me admirei também com sua inteligência e sua generosidade raras.

A partir desse primeiro projeto, foram mais de dez anos trabalhando juntas e eu aprendendo sempre, nos últimos anos à distância. Desde o início, nunca apresentei trabalho ou publiquei um texto sem antes saber a sua opinião. Essa troca era muito importante para mim, porque a Gisela trazia sempre ótimas sugestões e orientações.

Concluímos um TCC, uma dissertação e uma tese, além de outros projetos. Como orientadora, Gisela sempre foi cuidadosa, dedicada e paciente. Sempre que eu chegava para a reunião ansiosa por não conseguir concluir alguma tarefa, ela tinha um sorriso que já acalmava e uma palavra de alívio, mostrando que tudo poderia ser resolvido. Suas palavras eram sempre sábias e tornavam tudo tão simples! Sinto muita falta também do seu incentivo. Normalmente, ela acreditava mais em mim do que eu mesma, inclusive na época em que comecei a me dedicar a concursos.

O último email que a Gisela me enviou foi uma lista de sugestões de artigos que poderiam ser produzidos a partir da minha tese; e, como sempre, foram sugestões excelentes e que estou em fase de conclusão. Mas como publicar qualquer texto sem antes pedir a opinião dela?

Eu ainda tinha vários planos para nossos trabalhos. Gostaria de chamá-la para vir a Salvador; gostaria que minhas bolsistas tivessem a oportunidade de conhecê-la, mas infelizmente o tempo foi curto para tudo o que eu tinha planejado. Agora ficamos com as memórias, o exemplo de profissional e seus registros escritos. A Fonologia e a Linguística como um todo saem perdendo, porque, com certeza, muitos outros projetos e análises interessantes para a área ainda estavam por vir. Saem perdendo também todos que conviviam com ela, pois ficamos órfãos da professora, da orientadora e da amiga.

Difícil pensar em ritmo longe de tua métrica

Luiz Carlos Schwindt

Gisela Collischonn nos deixou na linda manhã de outono desta quarta-feira, 15 de junho, em Porto Alegre, muito jovem, com pouco mais de 50 anos. Foi vencida, não sem muita luta, por um câncer violento, cujo tratamento, em sua fase mais recente, a maltratou demais. Um anjo me levou até ela na noite anterior. Tive o privilégio de vê-la em seu último embate contra a falência física. Queria conversar naquela nossa batida usual. Fez perguntas e até sorriu, com pouca força para mover os lábios.

Minha colega e amiga mais querida tornou-me, em diferentes aspectos, uma pessoa melhor. Nunca vou poder recompensá-la por isso. Gisela tinha uma leveza que contrastava com meu peso. Isso fazia de nós muitas vezes uma espécie de iambo. É bem verdade que noutras tantas vezes subvertíamos tudo e nos convertíamos num troqueu – e talvez por isso mesmo, por termos aprendido a flexibilizar nossas posições, nos amássemos tanto.

Era generosa. Profundamente generosa. Sábia. Profundamente sábia. Sensível. Profundamente sensível. Gisela olhava igualmente para uma pessoa com muitos títulos e para um estudante de início de curso. Interessavam-lhe as ideias, e estabelecia relações entre as diferentes ideias com destreza invejável. No meio disso tudo, sentia. E expressava seu sentimento com a timidez desajeitada dos artistas. Sim, a arte foi sempre parte essencial de sua vida e se casou lindamente com a fonologia que praticou.

Seu sorriso largo acolhia as pessoas. Estava aberta a elas, porque sua personalidade era forjada sobre uma matriz de ciência e amor, o que não lhe permitia, de partida, conceder qualquer espaço a preconceitos.

Gisela conduziu competentemente sua vida profissional. De um jeito germanicamente flexível, fez muitas coisas com absoluto êxito em sua história no Instituto de Letras da UFRGS e além dele: foi professora exemplar, chefe de departamento, coordenadora de nosso PPG, atuou em inúmeras comissões, pesquisou, orientou, publicou nacional e internacionalmente, criou comigo um produtivo grupo de estudo e pesquisa – o nosso “Círculo” –, foi líder em

associações regionais e nacionais de Linguística, organizou eventos. Nunca se considerou pronta, nem por um momento, apesar de sua boa autoestima. Isso fez toda a diferença. Sua produção representa hoje contribuição definitiva nos estudos de fonologia do português. Não se cogita falar em sílaba ou acento – pra ficar apenas em suas duas grandes especialidades – sem mencionar seu nome.

Seu maior legado, porém, por incrível que pareça, não está na Linguística. Está na bela família que constituiu e nos amigos que pra sempre conquistou. Lucinha, sua menina, é linda como ela, inteligente e sensível como ela, sabe de música e de Letras como ela, e amadureceu por duras penas nesses três últimos doloridos anos. Com o marido, Manuel, nutria um amor de namorados, bonito demais de se ver. Um dependia do outro numa sintonia fina, admirável. Com os amigos, funcionava como uma espécie de “porto seguro”. Perto dela se sabia que era mais difícil errar, e que, mesmo errando, tudo podia ser consertado.

Gisela nos deixa. Me desculpem o egoísmo, me deixa. É que dividimos muito: da sala de trabalho, passando pelos inúmeros textos que escrevemos juntos, pela partilha de alegrias e tristezas, até as longas conversas sobre os detalhes de seu tratamento. Penso em como ela me consolaria agora. Possivelmente ficaria comigo até o Alexandre chegar. Me receitaria algum remedinho ou me ensinaria uma técnica qualquer para aplacar a dor, porque era também meio curandeira. Me diria “já volto”, mesmo que fosse demorar. E não alimentaria exageradamente o meu choro pra não me mimar além da conta.

Quero ficar assim, Giselinha: anestesiado pelo unguento da convicção de nosso reencontro. E, sei que não te importas, quero dividir esse unguento com todos os que, como eu, tiveram suas vidas tocadas por tua inesquecível existência.

Texto publicado no Facebook (<https://www.facebook.com/notes/luiz-carlos-schwindt/dif%C3%ADcil-pensar-em-ritmo-longo-de-tua-m%C3%A9trica/10202004761918830/>) em 15/06/2016.

BIOBIBLIOGRAFIA DE GISELA COLLISCHONN

Formação acadêmica e carreira

1987 – Graduação em Letras Licenciatura com habilitação em Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

1993 – Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Título: Um estudo do acento secundário em português. Orientador: Leda Bisol.

1997 – Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Título: Análise prosódica da sílaba em português, Orientador: Leda Bisol.

1995 – Professora Assistente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

1998 – Professora Adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

2006 – Professora Associada do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

2014 – Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

2006-2008 – Presidência do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL).

2008-2010 e 2010-2012 – Coordenação do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL.

2009-2011 – Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Temas de interesse: sílaba e acento, língua portuguesa, fonologia, morfologia, variação fonológica.

PUBLICAÇÕES

Artigos

COLLISCHONN, G. A elisão em contextos de vogais adjacentes: implicações para a Teoria da Otimalidade. **Organon**, v.8, p.258-278, 2013.

COLLISCHONN, G.; DA SILVA, M. E. Elevação das médias pretônicas por harmonia: questões teóricas e empíricas. **Working Papers in Linguistics**, v.14, p.1, 2013.

COLLISCHONN, G. Sândi vocálico no português brasileiro: como o acento determina sua realização. **Letras & Letras**, c.28, p.13-27, 2012.

COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. N. de O. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. **Revista de Linguística**, v.56, p.835-853, 2012.

COLLISCHONN, G. A interação entre acento e processos de (re)estruturação silábica: um desafio para a Teoria da Otimalidade. **Linguística**, v.7, p.87-98, 2011.

SWCHINDT, L. C.; SCHER, A. P.; COLLISCHONN, G.; QUADROS, E. S. Um novo retorno da morfologia. **ReVEL**, v. especial, p.1-5, 2011.

- COLLISCHONN, G. Traçando percursos da fonologia. **Revista da ANPOLL**, v.29, p.193-217, 2010.
- COLLISCHONN, G. Surge um clássico em fonologia. **Letrônica**, v.2, p.311-318, 2009.
- COLLISCHONN, G. Review: Phonology: Hayes (2009). **University of Maryland Working Papers in Linguistics**, v. 20.4168, p. 20.4168, 2009.
- COLLISCHONN, G. Opacidade fonológica em português europeu e sua análise pela Teoria da Otimalidade: a teoria das cadeias de candidatos (McCarthy, 2007). **Alfa**, v. 52, p. 311-333, 2008.
- COLLISCHONN, G. Opacidade contra-alimentadora no PE: análise por Marcação Comparativa. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 15, p. 167-186, 2007.
- GAYER, J. E. L.; COLLISCHONN, G. Análise variacionista da resolução de choque de acento. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, p. 1-17, 2007.
- COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. Ressilabação da lateral pós-vocálica final e sua limitação prosódica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n.3, p. 7-38, 2005.
- COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Considerações sobre a sequência /sC/ inicial em português brasileiro. **Lingua(gem)**, Macapá, v. 3, p. 249-266, 2005.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do sul do Brasil. **Signum. Estudos de Linguagem**, Londrina, v. 7, n.1, p. 61-78, 2004.
- COLLISCHONN, G. Vigário, Marina (2003) The prosodic word in European Portuguese. **Lingua(gem)**, v. 1, n.1, p. 233-244, 2004.
- COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n.36, p. 73-81, 2004.
- COLLISCHONN, G.; BORGES, S. D. Choques de acento e sua resolução: um estudo em corpus poético. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 6, p. 89-108, 2004.
- COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 2, n.2, p. 31-54, 2003.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. **Revista Letras** (Curitiba), Curitiba, v. 61, p. 285-297, 2003.
- COLLISCHONN, G. The Prosodic Word in European Portuguese (Review). **University of Maryland Working Papers in Linguistics**, v. 14.1956, p. 14.1956, 2003.
- COLLISCHONN, G. Fonologia Lexical e Pós-Lexical e TO. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 127, p. 163-187, 2002.
- COLLISCHONN, G. Review of Jessen, M. Phonetics and Phonology of tense and lax obstruents in German. **Language** (Baltimore), v. 78, n.2, p. 375-376, 2002.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 2000.
- COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de J. Ito (1986). **Letras de Hoje**, v. 31, n.2, p. 149-158, 1996.
- COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. **Letras de Hoje**, v. 29, n.4, p. 43-53, 1994.

Livros

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Fonologia**: teoria e perspectivas. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. v. 1. 172p.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L. (Orgs.). **IV Seminário Internacional de Fonologia**: Livro de Resumos. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2012. v. 1. 93p.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L. (Orgs.). **Anais IV Seminário Internacional de Fonologia**. 1. ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2012. v. 1.

BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Língua e Linguagem**: perspectivas de investigação. Pelotas: EDUCAT, 2011. v. 1. 324p.

BATTISTI, E.; SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **III SIS Vogais**: Livro de Resumos. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. v. 1. 58p.

SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G.; SCHER, A. P. (Orgs.). **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** - ReVEL, v. 9, número 5 - novembro de 2011.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 186p.

COLLISCHONN, G.; FINGER, I. (Orgs.). **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, 8, 2008, Porto Alegre, RS. Pelotas: EDUCAT, 2008. v. 1.

COLLISCHONN, G. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2006. 114p.

COLLISCHONN, G. **Fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2005. v. 1. 90p.

COLLISCHONN, G.; HORA, D. (Orgs.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: EdUFPB, 2003. 434p.

Capítulos de livro

FROTA, S.; CRUZ, M.; SVARTMAN, F. R. F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A. A.; SERRA, C. R.; OLIVEIRA, P.; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Sónia Frota; Pilar Prieto. (Org.). **Intonation in Romance**. 1ed. Oxford/UK: Oxford University Press, 2015, v. 1, p. 235-283.

COLLISCHONN, G. Vocalização de l. In: Leda Bisol; Elisa Battisti. (Org.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. 1ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014, v. 1, p. 89-104.

COLLISCHONN, G. Sândi vocálico no português brasileiro: uma aplicação para o serialismo harmônico (McCARTHY, 2008)?. In: Seung Hwa Lee (Org.). **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2012, p. 42-56.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Percurso e avanços da Teoria da Otimalidade. In: Rosane de Andrade Berlinck, Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher, Patricia Ormastroni Iagallo. (Org.). **Estudos linguísticos**: níveis de análise. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 9-32.

SILVA, A. H. P.; COLLISCHONN, G. Entre o Dado e a Interpretação: o Papel da Experimentação em Fonética e Fonologia. In: Débora de Carvalho Figueiredo; Adair Bonini; Maria Marta Furlanetto; Maria Ester Wollstein Moritz. (Org.). **Sociedade, Cognição e Linguagem** - Apresentações do IX CELSUL. 1ed. Florianópolis: Insular, 2012, p. 403-421.

COLLISCHONN, G. Opacidade. In: Leda Bisol; Luiz Carlos Schwindt (Org.). **Teoria da Otimidade: Fonologia**. Campinas: Pontes, 2010, v. 1, p. 167-206.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. As laterais variáveis da Região Sul. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 154-176.

COLLISCHONN, G. Opacidade em Teoria da Otimidade: um panorama parcial. In: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer; Ana Ruth Moresco Miranda; Ingrid Finger; Luís Isaías Centeno do Amaral. (Org.). **Estudos da linguagem: VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. 1ed. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 335-351.

COLLISCHONN, G. Variable aspects of Brazilian Portuguese phonology: the laterals in coda. In: Leda Bisol; Cláudia Regina Brescancini. (Org.). **Contemporary Phonology in Brazil**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008, p. 177-192.

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica e seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: Gabriel Antunes de Araújo. (Org.). **O acento em português: Abordagens fonológicas**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 195-223.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. Acentuação gráfica na redação dos vestibulandos. In: Avani de Oliveira; Lúcia Sá Rebello; Valdir do Nascimento Flores; Maria Cristina Meira. (Org.). **A Redação no Contexto do Vestibular 2006 - Níveis de avaliação de textos**. 1ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006, p. 207-225.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-133.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 135-169.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Teoria da otimidade em fonologia: discutindo conceitos. In: Dermeval da Hora; Gisela Collischonn. (Org.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. 1ed. João Pessoa: EdUFPB, 2003, v., p. 17-50.

COLLISCHONN, G. A sílaba nos estudos fonológicos brasileiros. In: Bento Carlos Dias da Silva. (Org.). **Todas as Trilhas: Perfilando Pesquisas e Projetos**. 1ed. Araraquara/São Paulo: Laboratório Editorial, FCL, UNESP/ Cultura Acadêmica, 2003, v. 5, p. 17-33.

COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Org.). **Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro**. 1ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, v. 1, p. 205-230.

COLLISCHONN, G. Resenha de Christóforo Silva, Thais. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999. In: César Reis. (Org.). **Estudos em fonética e fonologia do português**. Belo Horizonte: FALE - UFMG, 2002, v. 5, p. 245-250.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 91-123.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Leda Bsiol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 125-158.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 95-130.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Leda Bisol. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 131-164.

COLLISCHONN, G. Contribuições para o estudo da forma canônica da sílaba em português. In: Marília dos Santos Lima; Paulo Coimbra Guedes. (Org.). **Estudos da Linguagem**. Porto Alegre: Sagra-DC, LUZZATTO, 1996.

Trabalhos completos em anais

COLLISCHONN, G. A sílaba, unidade de organização melódica da fonologia. In: **VII SENALE**, 2013, Pelotas. Ensino e linguagem: novos desafios. Pelotas: EDUCAT, 2012. p. 1-7.

LIMEIRA, L. R.; COLLISCHONN, G. O não alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a Sociolinguística Quantitativa. In: IV Seminário Internacional de Fonologia, 2012, Porto Alegre. **Anais do IV Seminário Internacional de Fonologia**. Porto Alegre: UFRGS - Instituto de Letras, 2012. v. 1. p. 1-19.

COLLISCHONN, G. Uma interpretação d'elisão em hiato em dados de Lages (SC). In: X Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, 2012, Cascavel. **Anais do X Encontro do CELSUL: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Cascavel: Unioeste, 2012. p. 1-10.

COLLISCHONN, G. Opacidade fonológica em português e sua análise pela Teoria da. In: XV Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2008, Montevideo. **Anais do XV Congresso Internacional de ALFAL**, 2008.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul:. In: VIII Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre - RS. **Anais do 8º Encontro do CELSUL**. Pelotas - RS: EDUCAT, 2008.

COLLISCHONN, G. Duas regras fonológicas do português europeu e sua. In: Colóquio Nacional: a pesquisa em letras e linguística em tempos de pós-..., 2007, Porto Alegre: Jadeditora, 2007. p. 223-226.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica verbal. In: VII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, 2004, São Luís, 2004.

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. In: 5º Encontro do CELSUL, 2003, Curitiba. **Anais 5º Encontro do CELSUL**, 2002. v. 1. p. 21-27.

COLLISCHONN, G. A epêntese e restrições de acento no português do sul do Brasil. In: Encontro Nacional da ANPOLL, 2000, Niterói, RJ. Cartografias, **Boletim Informativo da ANPOLL**, 2000. v. 30. p. 74-74.

COLLISCHONN, G. A epêntese e a fonologia lexical do português brasileiro. In: XIV Encontro da APL, 1998, Aveiro. **Anais do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, 1998.

COLLISCHONN, G. Inserção da vogal à esquerda do /s/: três alternativas de análise. In: I CELSUL, 1995, Florianópolis. **ANAIS DO I CELSUL**, 1995.

Resumos expandidos em anais

COLLISCHONN, G. Aspectos fonológicos do português da região Sul. In: V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 2007, Belo Horizonte. **Caderno de Resumos**, 2007. v. 1. p. 807-808.

COLLISCHONN, G. Counterfeeding opacity in EP: analysis by Comparative Markedness. In: Phonetics and Phonology in Iberia, 2007, Braga. **Phonetics and Phonology in Iberia - Abstracts**. Braga: Universidade do Minho, 2007. v. 1. p. 23-23.

Resumos em anais

COLLISCHONN, G. Um' interpretação d'elisão em hiato em dados de Lages (SC). In: X Encontro do CELSUL, 2012, Cascavel. **Caderno de Programação e Resumos do 10º Encontro do Celsul**, 2012.

COLLISCHONN, G. A Elisão em Hiato no Português Brasileiro e o Tratamento das Sequências Vocálicas Resultantes. In: XVI Congreso Internacional de la ALFAL, 2011, Alcalá de Henares. XVI Congreso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de la América Latina - **Libro de Resúmenes**. Alcalá de Henares: UAH - Obras Colectivas Humanidades 27, 2011. v. 1. p. 235.

COLLISCHONN, G. A Elisão em Hiato no Português Brasileiro e o Tratamento das Sequências Vocálicas Resultantes. In: III SIS Vogais, 2011, Porto Alegre. **III SIS Vogais: Livro de Resumos**. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. v. 1. p. 26.

COLLISCHONN, G. Experimentação e argumentação em fonologia: uma avaliação. In: 9º Encontro do Celsul, 2010, Palhoça. **Caderno de Programação e Resumos do 9º Encontro do Celsul**. Palhoça: Editora UNISUL, 2010. p. 137.

COLLISCHONN, G. Sândi vocálico no português brasileiro: uma aplicação para o Serialismo Harmônico (McCarthy, 2008)?. In: II SIS - Vogais, 2009, Belo Horizonte. **Programação e Caderno de Resumos II Simpósio sobre Vogais**, 2009. v. 1. p. 9-10.

COLLISCHONN, G. Opacity in European Portuguese: an OT-CC account. In: The 16th Manchester Phonology Meeting, 2008, Manchester, Inglaterra. **Abstract Booklet**, 2008.

COLLISCHONN, G. Opacidade fonológica em português e sua análise pela Teoria da Otimalidade: uma comparação entre diversas alternativas teóricas. In: XV Congreso Internacional de La Asociación de Linguística y Filología de América Latina, 2008, Montevideo, Uruguay. **Libro de Resúmenes**. Montevideo: Imprenta Gega, 2008.

COLLISCHONN, G; LUDWIG, J. E. A elisão em São Borja. In: VIII Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre. **8º Encontro do CELSUL - Programação e Resumos**. Pelotas -RS: EDUCAT, 2008. p. 380.

COLLISCHONN, G. A representação fonológica de 's' pós-vocálico: repisando o percurso teórico de Câmara Jr. In: XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2007, Rio de Janeiro. **Livro de Resumos e Programação**, 2007. v. XI. p. 21-22.

COLLISCHONN, G. Aspectos fonológicos variáveis do português brasileiro: as laterais em coda. In: III Seminário Internacional de Fonologia, 2007, Porto Alegre. **Livro de Programa**, 2007. p. 9-10.

COLLISCHONN, G. Opacidade em teoria da otimidade: um panorama parcial. In: III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia/IX Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, 2006, Belo Horizonte. **Caderno de Resumos**, 2006. p. 61-62.

COLLISCHONN, G. Constituintes prosódicos e ressilabação de laterais no português de Porto Alegre. In: I Simpósio Internacional e XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2006, Uberlândia. **Resumos**. Uberlândia: Imprensa Universitária/Gráfica UFU, 2006. p. 39.

COLLISCHONN, G. Opacidade em Teoria da Otimidade: um panorama parcial. In: 7º Encontro do CELSUL, 2006, Pelotas. **Programação e Resumos**. Santa Maria: Gráfica e Editora Palotti, 2006. p. 61-62.

COLLISCHONN, G; LUDWIG, J. E. O tipo de resolução de choque de acento no sul do Brasil sob a ótica variacionista. In: 7º Encontro do CELSUL, 2006, Pelotas. **Programação e Resumos**. Santa Maria: Gráfica e Editora Palotti, 2006. p. 191-192.

COLLISCHONN, G; BORGES, S. D. Choque de acentos em corpus poético: um levantamento. In: Congresso Brasileiro da SBPC, 2004, Cuiabá. Congresso SBPC, 2004.

COLLISCHONN, G; COSTA, C. F. Ressilabação de laterais no português (amostra de Porto Alegre). In: VI Encontro do CELSUL, 2004, Florianópolis. **VI Encontro do CELSUL - Resumos**, 2004. v. 1. p. 100.

COLLISCHONN, G. A vocalização da lateral pós-vocálica: um caso de neutralização. In: II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE), 2003, João Pessoa. II ECLAE. **Caderno de resumos e programação**. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 124.

COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e o papel da escrita. In: XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Gramado-RS. **ANPOLL - Boletim Informativo**. Porto Alegre - RS: Gráfica da UFRGS, 2002. v. 31. p. 337-338.

COLLISCHONN, G. Acento secundário em português: uma análise pela Teoria da Otimidade. In: XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Gramado RS. **ANPOLL - Boletim Informativo**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2002. v. 31. p. 94-95.

COLLISCHONN, G. Restrições de preenchimento de coda no português. In: II Seminário Internacional de Fonologia, 2002, Porto Alegre - RS. **II Seminário Internacional de Fonologia - Resumos**, 2002. p. 14.

COLLISCHONN, G.; KELLER, T. Epêntese vocálica e o papel da escrita na determinação da forma subjacente. In: Seminário Internacional sobre Linguagem e Ensino, 2001, Pelotas. **SENALE - Programação e Resumos dos Trabalhos**, 2001, p. 102.

COLLISCHONN, G; SIMIONI, T.; COSTA, E. P. S. Realização variável da vogal em contextos sC iniciais. In: XII Encontro Regional do VARSUL, 2001, Porto Alegre. **XII Encontro Regional do VARSUL - Programação e Resumos**, 2001. p. 15.

COLLISCHONN, G; KELLER, T. O papel da escolaridade no fenômeno da epêntese vocálica. In: XII Encontro Regional do VARSUL, 2001, Porto Alegre. **XII Encontro Regional do VARSUL - Programação e Resumos**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001. v. único. p. 18.

COLLISCHONN, G. Estrutura da sílaba, acento e epêntese em português: uma abordagem pela Teoria da Otimização. In: II Congresso Nacional da ABRALIN, 1999, Florianópolis/SC. **II Congresso Nacional da ABRALIN – Caderno de Resumos**. Florianópolis/SC: Rocha Gráfica e Editora, 1999. p. 31.

COLLISCHONN, G. Acento e epêntese numa abordagem pela TO. In: Colóquio Acento em Português, 1999, Campinas/SP, 1999.

COLLISCHONN, G. A epêntese como um fenômeno do léxico em português. In: XIII Encontro Nacional da Anpoll, 1998, Campinas/SP. **XIII Encontro Nacional da Anpoll - Boletim Informativo** 27, 1998. p. 142.

Apresentações

SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Frequência e papel do léxico na elevação de /e/ pretônico no sistema verbal do português do sul do Brasil. 2014.

HORA, D.; MADUREIRA, S.; COLLISCHONN, G. Entre o Dizível e o Invisível: Aspectos Fonético/Fonológicos da Realidade do Falante/Ouvinte. 2013.

COLLISCHONN, G. Silabificação das vogais altas em wãnsöjöt: uma análise pela OT. 2013.

COLLISCHONN, G. Elevação das vogais médias em Curitiba: análise comparativa. 2013.

HORA, D.; SEARA, I. C.; COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L. Considerações acerca do Ensino: Aspectos Variacionistas e Fonológicos. 2012.

COLLISCHONN, G. Um' interpretação d'elisão em hiato em dados de Lages (SC). 2012.

COLLISCHONN, G. Harmonia da pretônica: questões teóricas e empíricas. 2012.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; CRUZ, M.; SVARTMAN, F. R. F.; COLLISCHONN, G. Portuguese. 2011.

COLLISCHONN, G. A Elisão em Hiato no Português Brasileiro e o Tratamento das Sequências Vocálicas Resultantes. 2011.

COLLISCHONN, G. Aspectos da fonologia do português. 2010.

COLLISCHONN, G. Experimentação e argumentação em fonologia: uma avaliação. 2010.

COLLISCHONN, G; SCHWINDT, L. C. Percurso e avanços da Teoria da Otimidade Desafios. 2010.

COLLISCHONN, G. Sândi vocálico no português brasileiro: uma aplicação para o Serialismo Harmônico (McCarthy, 2008)?. 2009.

COLLISCHONN, G. Fonologia: uma breve retrospectiva e algumas perspectivas. 2009.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. As laterais variáveis da região Sul. 2008.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul: o papel das variáveis linguísticas envolvidas. 2008.

COLLISCHONN, G.; LUDWIG, J. E. A elisão em São Borja. 2008.

COLLISCHONN, G. Aspectos fonológicos variáveis do português brasileiro: as laterais em coda. 2007.

COLLISCHONN, G. Counterfeeding opacity in EP: analysis by Comparative Markedness. 2007.

COLLISCHONN, G. Problemas e perspectivas no estudo da epêntese. 1998.

PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

Mestrado

SCHWINDT, L. C.; SANDALO, F. S.; MENUZZI, S.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Emanuel Souza de Quadros. Competição morfológica e ilhas de confiabilidade na morfologia derivacional. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALTENHOFEN, C. V.; BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G.; FREITAG, R. M. K. Participação em banca de Cláudia Camila Lara. Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MATZENAUER, C. L.; ALVES, U. K.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Jones Neuenfeld Schüller. A percepção das vogais médias pretônicas e sua relação com os processos de harmonia e de alçamento vocálico. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

BATTISTI, E.; SCHWINDT, L. C.; SILVA, T. B.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Aline Regina Hohrbach. A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O.; FAGGION, C. M. Participação em banca de Priscila Silvano Azeredo. A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngue de Flores. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MATZENAUER, C. L.; COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; ALVES, U. K. Participação em banca de Guilherme Duarte Garcia. Aquisição de acento primário em inglês por falantes de português: uma análise de derivações com sufixos não neutros via algoritmo de aprendizagem gradual GLA. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALVES, U. K.; BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Roberta Quintanilha Azevedo. A epêntese no português brasileiro (L2), em segmentos plosivos em codas mediais, por falantes nativos do espanhol colombiano (L1): uma análise via Teoria da Otimidade estocástica e gramática harmônica. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; LEE, S. H.; SILVA, T. C. Participação em banca de Evilázia Ferreira Martins. Os glides no português brasileiro. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais.

CRUZ, R. C. F.; OLIVEIRA, M. B.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Josivane do Carmo Campos de Souza. A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará.

BRESCANCINI, C.; MONARETO, V. N. O.; BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Giselle da Silveira. O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil: uma nova abordagem. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Alexandre Tunis Pioli. Duas abordagens para a formação de sintagmas fonológicos em Rikbaktsa. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas.

BATTISTI, E.; FAGGION, C. M.; LUCAS, J. I. P.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Natália Brambatti Guzzo. A elevação da Vogal Média Anterior em Flores da Cunha (RS). 2010. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul.

COLLISCHONN, G.; BRESCANCINI, C.; QUEDNAU, L.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Eduardo Luís Nedel. A lateral pós-vocálica em Lags/SC: análise variacionista. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; KLAUTAU Jr., A. B. R.; VILLAVICENCIO, A. Participação em banca de Fabiano Weimar dos Santos. Validação de Corpus para Reconhecimento de Fala Contínua em Português Brasileiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Computação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRESCANCINI, C.; GOLDNADEL, M.; QUEDNAU, L.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Paula Vianna. Sândi vocálico externo: o processo e a variação na cidade de Florianópolis - SC. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; GOLDNADEL, M.; SCHWINDT, L. C.; GONÇALVES, C. A. Participação em banca de Aline Grodt. Um estudo sobre produtividade derivacional em português brasileiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALVES, U. K.; COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de André Schneider. A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; MONARETO, V. N. O.; ALCANTARA, C. C. Participação em banca de Taize Winkelmann Teixeira. A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do português do Sul do Brasil. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BRESCANCINI, C.; QUEDNAU, L.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Inaciane Teixeira da Silva. O uso do participio em formações verbais no português do Sul do Brasil. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G. Participação em banca de Violeta Toledo Piza Arantes. Perception and productin of english final stops by young Brazilian EFL students. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente)) - Universidade Federal de Santa Catarina.

TENANI, L. E.; KOMESU, F. C.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Livia Barbosa Borduqui Campos. Segmentações alternativas e constituintes prosódicos em português brasileiro: uma análise através de canções da MPB. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista - Campus de São José do Rio Preto.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L.; MONARETO, V. N. O.; MENON, O. P. Participação em banca de Gabriela Donadel. Grupos consonantais impróprios: estudo diacrônico com base em gramáticas. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L.; ESPIGA, J. Participação em banca de Juliana Radatz Kickhöfel. O processo de sândi externo na aquisição da fonologia do português brasileiro - uma abordagem com base na Teoria da Otimidade. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; BRESCANCINI, C. Participação em banca de Denise Nauderer Hogetop. A degeminação no italiano em frase fonológica reestruturada. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

QUEDNAU, L.; SCHWINDT, L. C.; MIRANDA, A. R. M.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Patrícia Antunes Nunes de Lima. A morfologia. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O.; QUEDNAU, L.; TASCIA, M. Participação em banca de Alice Telles de Paula. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngues de Taquara e Panambi -RS. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L.; QUEDNAU, L.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Evelyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa. Características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRESCANCINI, C.; COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Luciane Trennephol da Costa. Estudo do Rotacismo: Variação entre as consoantes líquidas. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BATTISTI, E.; PAVIANI, N. Participação em banca de Marciana Tomiello. A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul.

COLLISCHONN, G.; BATTISTI, E.; MONARETO, V. N. O.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Taís Bopp da Silva. A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulos entre falantes bilíngues e monolíngues no português do Rio Grande do Sul. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; LAMPRECHT, R. R. Participação em banca de Sandra Beatriz Koelling. A concordância nominal em Porto Alegre (RS) Análise variacionista. 2004. Dissertação (Mestrado em LETRAS) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; ESPIGA, J. Participação em banca de Leticia Mena Alves. O acento primário em português e em espanhol: uma proposta de análise unificada à luz da Teoria da Otimidade. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Denize Nobre Oliveira. O papel da hierarquia de restrições na aquisição das vogais coronais do inglês como língua estrangeira. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; ALTENHOFEN, C. V.; LIMA, M. S.; SANTOS, V. M. X. Participação em banca de Dorildes Michelin. A motivação para a aprendizagem da língua inglesa: um estudo sobre o aprendiz do Ensino Médio. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; LAMPRECHT, R. R. Participação em banca de Marco Antônio Bomfoco de Almeida. A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha: uma análise quantitativa. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; IBANOS, A.; LIMA, M. S.; ABREU, S. P. Participação em banca de Jucélia Meneghetti Zeni. Mecanismos de vinculação referencial: um estudo descritivo da produção escrita de aprendizes surdos de português brasileiro. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; ABREU, S. P.; FLORES, V. N.; SILVA, J. C. Participação em banca de Denise dos Santos Duarte. Unidades Terminológicas Complexas: um estudo lexical no âmbito da Análise Sensorial Enológica. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L.; VANDRESEN, P. Participação em banca de Clara Emília da Silva. Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; LAMPRECHT, R. R.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha. Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

Doutorado

MIRANDA, A. R. M.; SCHWINDT, L. C.; FRONZA, C. A.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Gabriela Donadel. As palavras dentro da palavra: segmentações não convencionais na escrita de adolescentes e sua relação com o estatuto da palavra. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHWINDT, L. C.; GONCALVES, G. F.; BISOL, L.; MATZENAUER, C. L.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Letícia Stander Farias. A assibilação na formação de palavras em português: análise via Teoria da Marcação Comparativa. 2012. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Tenani, L. E.; SCARPA, E. M.; MENDES, R. B.; SANTOS, R. S.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Eneida de Goes Leal. Teoria fonológica e variação: a queda de sílaba em Capivari e em Campinas. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

SILVA, A. H. P.; COLLISCHONN, G.; SEARA, I. C.; NEGRI, L.; MADUREIRA, S. Participação em banca de Gustavo Nishida. Sobre Teorias de Percepção da Fala. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná.

SEARA, I. C.; BISOL, Leda; COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Luciana Pilatti Telles. As consoantes geminadas do italiano: análise de sua produção por falantes italianos e por aprendizes brasileiros. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa. Os efeitos da estrutura moraicada do latim em três línguas românicas: italiano, português e espanhol. 2011. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; RAUBER, A. S.; MIRANDA, A. R. M.; MARTINS, F.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Juliana Radatz Kickhöfel. Processos de sândi externo na aquisição fonológica. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; BERLINK, R. A.; MASSINI-CAGLIARI, G. Participação em banca de Daniel Soares Costa. A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do português arcaico. 2010. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; MATZENAUER, C. L.; SCHWINDT, L. C.; WETZELS, L. W. Participação em banca de Tais Bopp da Silva. Formação de palavras compostas em português brasileiro: uma análise de interfaces. 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G.; LEE, S. H.; BRESCANCINI, C.; COSTA, J. C. Participação em banca de Tatiana Keller. O papel da sonoridade no mapeamento de sequências consonantais. 2010. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SANDALO, M. F. S.; LAMPRECHT, R. R.; BRESCANCINI, C.; BISOL, L. Participação em banca de Ubiratã Kickhöfel Alves. A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade. 2008. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; KOERICH, R. D.; BAPTISTA, B. O.; OLIVEIRA, D. N.; RAUBER, A. S. Participação em banca de Melissa Bettoni Techio. Perceptual training and word-initial /s/-clusters in BP/English interphonology. 2008. Tese (Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente)) - Universidade Federal de Santa Catarina.

COLLISCHONN, G.; CARDOSO, W.; HORA, D.; CHRISTIANO, M. E. A.; CAVALCANTE, M. C. B. Participação em banca de Rubens Marques de Lucena. Busca por padrões silábicos não-marcados no Português Brasileiro: uma abordagem baseada em restrições. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; LAMPRECHT, R. R.; POERSCH, J. M.; ALBANO, E. C. Participação em banca de Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha. Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade. 2005. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Teses de doutorado.

COLLISCHONN, G.; ZILLES, A. M. S.; SIMOES, L. J.; LAMPRECHT, R. R. Participação em banca de Mary Elisabeth Cerutti Rizzatti. Consciência fonêmica e aprendizado da leitura e da escrita: implicações de uma opção metodológica mais sintética ou mais global para a alfabetização. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; ZILLES, A. M. S.; ALTENHOFEN, C. V.; MERCER, J. L. da V.; VANDRESEN, P. Participação em banca de Felício Wessling Margotti. Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BAPTISTA, B. O.; MATZENAUER, C. L.; SCLiar-CABRAL, L. Participação em banca de Michael Alan Watkins. Variability in Vowel Reduction by Brazilian Speakers of English. 2001. Tese (Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente)) - Universidade Federal de Santa Catarina.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; ABAURRE, M. B. M.; MENUZZI, S.; LAMPRECHT, R. R. Participação em banca de Laura Rosane Quednau. O acento do latim ao português. 2000. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Exame de qualificação de doutorado

MONARETO, V. N. O.; BARBOSA, A. G.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Roberto Francisco Nasi. Elevação em vogais pretônicas no português Sul Rio-Grandense: retrato oitocentista e considerações sobre percurso histórico. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Camila de Bona. O papel da frequência lexical na variação fonológica condicionada morfologicamente. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MATZENAUER, C. L.; ALVES, U. K.; MIRANDA, A. R. M.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Roberta Quintanilha Azevedo. Formalização fonético-fonológica da interação de restrições na produção e percepção da epêntese em variedades do português. 2014. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; ALVES, U. K. Participação em banca de Felipe Flores Kupske. Formalizando o caos: o comportamento de padrões de VOT por falantes nativos do inglês residentes no Brasil. 2013. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, A. H. P.; BORGES NETO, J.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Gustavo Nishida. Sobre teorias de percepção da fala. 2012. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Paraná.

MIRANDA, A. R. M.; SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Gabriela Donadel. Um estudo sobre os limites da palavra gráfica. Segmentações alternativas resultantes do conflito entre norma e competência linguística. 2012. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Isabel Maria Paese Pressanto. Derivação regressiva e conversão no português brasileiro. 2012. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L. Participação em banca de Carla de Aquino. Sobre a relevância do peso para a silabificação e a atribuição de acento em português. 2012. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa. As geminadas vocálicas e consonantais do latim às línguas neo-românicas. 2010. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; RAUBER, A. S.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Juliana Radatz Kickhöfel. Estudo dos processos de sândi vocálico externo na aquisição fonológica. 2010. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Católica de Pelotas.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; MATZENAUER, C. L. Participação em banca de Tatiana Keller. Grupos consonantais em português e catalão. 2008. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Taís Bopp da Silva. Produtividade na composição em português brasileiro. 2008. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Taíse Simioni. O ditongo crescente em PB. 2008. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRESCANCINI, C.; COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Luciana Pilatti Telles. O ranqueamento de restrições no licenciamento das consoantes geminadas do italiano: evidências na aquisição de L2. 2008. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MATZENAUER, C. L.; SCHWINDT, L. C. Participação em banca de Cristine Ferreira Costa. Teoria da Otimidade e opacidade fonológica: Análise da vocalização de /l/ e monotongação de /ow/ no PB. 2006. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BISOL, L.; BRESCANCINI, C.; COLLISCHONN, G. Participação em banca de Ubiratã Kickhöfel Alves. A Produção de sequências de obstruintes em final de palavras do inglês (L2) por falantes do português brasileiro (L1): Análise via Teoria da Otimidade. 2006. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MENUZZI, S.; COLLISCHONN, G.; SCHAF FILHO, M. Participação em banca de Denise dos Santos Duarte. Unidades lexicais complexas: por uma proposta de descrição formal das regras de formação no português brasileiro contemporâneo. 2006. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MENUZZI, S.; BISOL, L. Participação em banca de Aline Cagliari. Acento secundário: uma análise pela OT. 2005. Exame de qualificação (Doutorando em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Qualificações de Doutorado.

COLLISCHONN, G.; SIMOES, L. J.; GARCEZ, P. M. Participação em banca de Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti. Consciência fonêmica e aprendizado da leitura e da escrita: implicações fonêmicas de uma orientação metodológica mais sintética ou mais global de alfabetização. 2003. Exame de qualificação (Doutorando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; OTHERO, G. A. Participação em banca de Thiey Andressa Schwingel. O emprego do subjuntivo e a hipercorreção linguística em dados do Vale do Taquari/RS. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; GOLDNADEL, M. Participação em banca de Eduardo Elisalde Toledo. Um estudo prototípico do objeto direto em textos escritos. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras Hab Português e Lit. de Ling. Port.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; ABREU, S. P.; SCHAF FILHO, M. Participação em banca de Pablo Nunes Ribeiro. Processos de formação lexical: uma análise do léxico do comércio exterior. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Giselle da Silveira. O processo de abreviação em textos escritos e na fala. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O.; QUEDNAU, L. Participação em banca de Evelyne Patrícia de Sousa Costa. As preposições inseridas na mudança do tipo morfológico latino para o tipo sintático nas línguas românicas. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura com Hab. em Port. e Latim) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Luciane Trennepohl Costa. Análise Variacionista do Rotacismo: a substituição da lateral pela Vibrante. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. em Port. e Esp.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; ABREU, S. P. Participação em banca de Sabrina de Araújo Pacheco. O tratamento dos idiomatismos em dicionários de língua portuguesa - um estudo das unidades fraseológicas complexas. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Port e Esp) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; FLORES, V. N.; ABREU, S. P. Participação em banca de Leandro Zanetti Lara. Para uma especificação semântica do léxico da análise sensorial enológica. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COLLISCHONN, G.; SCHROEDER, D. N.; MONARETO, V. N. O. Participação em banca de Luciana Pilatti Telles. A caracterização fonológica das consoantes geminadas do italiano. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Licenciatura com Hab em Port e Italiano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Concurso Público

NAME, M. C. L.; MEIRELES, A. R.; COLLISCHONN, G. Concurso Público para provimento do cargo de Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2013. Universidade Federal de Juiz de Fora.

SILVA, A. H. P.; COLLISCHONN, G.; PAGOTTO, E. G.; GUIMARÃES, M. R.; D'ANGELIS, W. R. Concurso Público de Provas e Títulos para o provimento na carreira de Magistério Superior na classe de Professor Adjunto 1. Área de Conhecimento: Linguística. 2009. Universidade Federal do Paraná.

COLLISCHONN, G.; MAGALHAES, J. S.; SANDALO, F. S. Concurso Docente. 2009. Universidade Federal de Uberlândia.

MAGALHAES, J. S.; LEE, S. H.; COLLISCHONN, G. Concurso Docente. 2008. Universidade Federal de Uberlândia.

COLLISCHONN, G.; MAGALHAES, J. S.; OLIVEIRA ANDRADE, M. L. C. V. Concurso Público de Provas e Títulos para Professor na área de Língua Portuguesa e Linguística. 2005. Universidade Federal de Uberlândia.

COLLISCHONN, G.; BISOL, L.; MASSINI-CAGLIARI, G.; SANTOS, R. S.; PETTER, M. M. T. Concurso para provimento de um cargo de Professor Doutor no Departamento de Linguística, área de Fonologia. 2004. Universidade de São Paulo.

COLLISCHONN, G.; SCHAF FILHO, M.; BRIGGMANN, A. P. Seleção para Professor Substituto em Língua Portuguesa. 2004. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Avaliação de cursos

HORA, D.; COLLISCHONN, G. Visita a Programa de Pós-graduação (CAPES). 2012. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COLLISCHONN, G.; VASCONCELLOS, L. M. Avaliação das condições de oferta - MEC. 2000. Universidade Federal de Juiz de Fora.

COLLISCHONN, G.; PIZARRO, E. G. Avaliação das condições de oferta - MEC. 2000. Universidade do Sul de Santa Catarina.

COLLISCHONN, G.; NASCENTES, P. Avaliação das condições de oferta - MEC. 2000. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Duque de Caxias.

COLLISCHONN, G.; VASCONCELOS, L. M. Avaliação das condições de oferta - MEC. 2000. Faculdade de Ciências Humanas do Sul Paulista.

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

BRESCANCINI, C.; COLLISCHONN, G. Encontro Comemorativo do VARSUL - 30 anos. 2014. (Congresso).

COLLISCHONN, G.; MONARETO, V. N. O. III Jornada do VARSUL. 2013. (Congresso).

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. IV Seminário Internacional de Fonologia. 2012. (Congresso).

BEVILACQUA, C. R.; GARCEZ, P. M.; COLLISCHONN, G. III Colóquio do PPGLetras. 2011. (Congresso).

BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. III SIS Vogais. 2011. (Congresso).

COLLISCHONN, G.; MENUZZI, S.; BATTISTI, E.; FINGER, I. VIII Encontro do CELSUL. 2008. (Congresso).

COLLISCHONN, G. Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios. 2002. (Outro).

COLLISCHONN, G.; ZILLES, A. M. S.; ALTENHOFEN, C. V.; SCHAF FILHO, M.; MONARETO, V. N. O. XII Encontro Regional do Projeto VARSUL. 2001. (Congresso).

COLLISCHONN, G.; ALTENHOFEN, C. V.; RAMOS, P. C.; GARCEZ, P. M.; ZILLES, J.; SCHEEREN, C.; SILVA, M. I. L. E. VI Semana de Letras. 1999. (Congresso).

ORIENTAÇÕES

Iniciação científica

Débora Heineck. Análise da haploglogia no Português fala(do) de Lages (SC). 2015. Iniciação científica (Graduando em Letras - Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Débora Heineck. 'Fes do Pinhão': Análise da haplogogia em dados de fala de Lages (SC). 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Bruna Lima Peixoto. Resolução de hiato na frase: o sândi vocálico. 2011. Iniciação Científica. (Graduando em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Aline Gouveia de Medeiros. Processos opacos no português e sua análise na perspectiva da fonologia derivacional. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Paulo Henrique Pappen. Variação da lateral pós-vocálica em Irati (PR). 2007. Iniciação Científica. (Graduando em Licenci. Letras Hab Português e Lit. de Ling. Port.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa UFRGS.

Simone D. Borges. Padrões de acento na poesia brasileira. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Licenci. Letras Hab Português e Lit. de Ling. Port.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Beatriz Ilibio Moro. Padrões de acento na poesia brasileira. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa UFRGS.

Juliana Escalier Ludwig. Padrões de acento na poesia brasileira. 2004. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa UFRGS.

Graziella Steigleder Gomes. Realização variável da vogal em encontros SC iniciais em São José do Norte. 2003. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa UFRGS.

Taíse Simioni. Realização variável da vogal em contextos /sC/ iniciais. 2002. Iniciação Científica - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa. A variação da epêntese no português do sul do Brasil. 2002. Iniciação Científica - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Taíse Simioni. Realização variável da vogal em contextos /sC/ iniciais. 2001. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura com Hab. em Port. e Latim) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Evellyne Patrícia de Sousa Costa. A variação da epêntese no português do sul do Brasil. 2001. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura com Hab. em Port. e Latim) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Aline Marca Padilha. Realização variável da vogal em contextos /sC/ iniciais. 2001. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa UFRGS.

Tatiana Keller. A variação da epêntese no português de Panambi e Blumenau. 2000. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab. em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Patrícia Rodrigues Barbosa. A variação da epêntese no português do sul do Brasil. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab. em Port e Esp) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Gabriel Raimundo Kinzel. A variação da epêntese no português do sul do Brasil. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab. em Port. e Esp.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Patrícia Rodrigues Barbosa. A variação da epêntese no português do sul do Brasil. 1998. Iniciação Científica. (Graduando em Letras Licenciatura Com Hab. em Port. e Esp.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa.

Mestrado

Tarcisio Oliveira Brambila. Análise variacionista da ditongação como processo de sândi externo na fala de Lages/Santa Catarina. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Alessandra Santos Solé. O acento secundário do espanhol em falantes nativos do México. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Larissa Roberta Limeira. O não-alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Marcia Eliane da Silva. O alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/RS: harmonia vocálica. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Liana Bairros de Souza. [fi:l] ou [fi:w]? A produção variável da lateral pós-vocálica na aquisição do inglês por falantes do português brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Laura Helena Hahn. A realização da lateral /l/ no inglês por falantes do português brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Juliana Escalier Ludwig Gayer. Os processos de sândi externo: análise. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Taíse Simioni. A alternância entre ditongo crescente e hiato em português: uma análise otimalista. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Patrícia Rodrigues Barbosa. A fricativa coronal /z/ em final de morfemas no PB: uma análise pela Teoria da Otimidade. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tatiana Keller. Um estudo experimental do acento secundário no português brasileiro. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Cristine Ferreira Costa. Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de vocalização de /l/ e monotongação de /ow/ no PB. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Maria Alejandra Saraiva Pasca. Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por falantes de língua portuguesa: a questão da percepção. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aline Cagliari. A produção de encontros consonantais s+C do inglês por falantes nativos de português brasileiro. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Doutorado

Juliana Escalier Ludwig-Gayer. Uma análise da elisão e da degeminação com base em restrições. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Táise Simioni. Uma análise dos vocóides altos em português brasileiro: relações entre silabificação e atribuição do acento. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Patrícia Rodrigues Barbosa. Consoante pós-vocálica final no PB: Onset de sílaba com núcleo vazio. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cristine Ferreira Costa. Opacidade e Teoria Fonológica: de regras a restrições. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso

Beatriz Ilibio Moro. Radoppiamento sintattico: descrição do fenômeno e proposta de ferramenta de aprendizagem. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Juliana Escalier Ludwig. Identificação por falantes nativos do português brasileiro da resolução de choque de acento em corpus poético. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. em Port. e Esp) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Simone Diefenbach Borges. Realização das regras prosódicas de Nespor e Vogel (1994) em versos de redondilha maior do Romancero da Inconfidência. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Fernanda Martins Wasserman. As dificuldades na percepção e produção de fricativas dentais por estudantes brasileiros: implicações teóricas e observações da prática docente. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. Em Português E Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aline Marca Padilha. Análise da resolução de choque de acentos e sua relação como constituinte frase fonológica. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. Em Português E Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Táise Simioni. A variação entre ditongo crescente e hiato na realização de segmentos vocálicos contíguos. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura com Hab. em Port. e Latim) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Taís Bopp da Silva. A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Panambi. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. em Port. e Esp.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tatiana Keller. Epêntese e acento secundário: um estudo exploratório dessa inter-relação. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab. em Português e Inglês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gabriel Raimundo Kinzel. O papel da sonoridade na epêntese do português do sul do Brasil. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cristine Ferreira Costa. A variação fonológica entre também e tamém no português de Panambi: um caso de resíduo, difusão lexical ou gramaticalização. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura Com Hab em Port e Esp) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Informações retiradas do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0142741006647718>.

SOBRE OS AUTORES

Alessandra Santos Solé

Licenciada em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas na Universidade Federal do Rio Grande em 2012. Mestre em Letras (Fonologia e Morfologia) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2014. Doutoranda em Letras (Fonologia e Morfologia) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua principalmente nos seguintes temas: fonética acústica, acento secundário e fonologia da língua espanhola.

Email: alessandra_sole@hotmail.com.

Débora Heineck

Professora de Língua Inglesa do Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão da UFRGS desde 2016. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Estudos da Linguagem na UFRGS em 2018. Doutoranda em Estudos da Linguagem na UFRGS desde 2018. Atua principalmente nos seguintes temas: Fonologia, Morfologia e Variação Linguística.

Email: heineck.debora@gmail.com.

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa

Professora Associada do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria onde atua desde 2009. Licenciada em Letras Português/Latim na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2002. Mestre em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2006. Doutora em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2011. Atua principalmente nos seguintes temas: Latim Clássico; Latim Vulgar; Estudos Diacrônicos de Língua Portuguesa; Sociolinguística Histórica.

Email: evellyne.costa@gmail.com.

Juliana Escalier Ludwig Gayer

Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras da Universidade Federal da Bahia onde atua desde 2013. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2005. Mestre em Teoria e Análise Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2008. Doutora em

Teoria e Análise Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2014. Atua principalmente nos seguintes temas: Fonologia, Variação e Ensino.

Email: julianaludwig@yahoo.com.br.

Laura Helena Hahn-Nonnenmacher

Professora da área de Letras - Português e Inglês do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS desde 2013. Licenciada em Letras - Português e Inglês na UFRGS em 2007. Mestre em Letras na UFRGS em 2010. Doutora em Letras na UFRGS em 2019. Atua principalmente nos seguintes temas: fonologia; lateral pós-vocálica; vocalização.

Email: laura.nonnenmacher@feliz.ifrs.edu.br / laurahhahn@gmail.com.

Luiz Carlos Schwindt

Professor Titular do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua desde 2002. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico desde 2007. Licenciado em Letras pela Universidade La Salle em 1991. Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1995. Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2000. Atua principalmente nos seguintes temas: morfologia, fonologia, morfofonologia, gramática, variação linguística.

Email: schwindt@ufrgs.br.

Maria Alejandra Saraiva Pasca

Professora Assistente do Curso de Graduação em Letras da Universidade La Salle (Canoas) desde 2006. Bacharel em Letras Português-Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1995. Especialista em Língua Inglesa no Unilasalle em 2001. Mestre em Aquisição da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2003. Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015-2019). Atua principalmente nos seguintes temas: Aquisição de inglês e espanhol como L2 e L3; Transferência Linguística.

Email: alepasca@terra.com.br.

Méllani da Silveira Laus

Licenciada em Letras na Universidade Federal do Pampa em 2017. Atua principalmente nos seguintes temas: Fonologia; Variação Linguística.

Email: mellanilaus@gmail.com.

Patrícia Paprocki Brasil Hindrichson

Bacharel em Letras Português-Espanhol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Licenciada em Letras Português-Espanhol e respectivas Literatura na Universidade La Salle (2017). Especialista em Metodologia de Ensino de Línguas Portuguesa e Estrangeira - Faculdade Internacional de Curitiba (2007). Professora de Português, Espanhol e Literatura no Colégio IPUC (Canoas) desde 2016. Professora particular de Português e Espanhol desde 2009. Atua principalmente nos seguintes temas: Aquisição de espanhol como L2.

Email: patsybrasil@gmail.com.

Patricia Rodrigues Barbosa

Professora do Colégio Santa Inês em Porto Alegre (RS). Licenciada em Letras – Português e Espanhol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1999. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2005. Doutora em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011.

Email: profepatriciarb@gmail.com.

Táise Simioni

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa onde atua desde 2009. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2002. Mestre em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2005. Doutora em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011. Atua principalmente nos seguintes temas: fonologia, morfofonologia, variação linguística e ensino de língua portuguesa.

Email: taisessimioni@unipampa.edu.br.

Tarcísio Oliveira Brambila

Professor de Língua Portuguesa da rede municipal de Xangri-Lá desde 2016. Licenciado em Letras na Faculdade Porto-Alegrense em 2012. Mestre em Estudos

da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2015. Atua principalmente nos seguintes temas: variação linguística e fonologia.

Email: tarcisio553@hotmail.com.

Tatiana Keller

Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria onde atua desde 2010. Licenciada em Letras Português/ Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2001. Mestre em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2004. Doutora em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2010. Atua principalmente nos seguintes temas: Fonologia do português, Português Histórico, Sociolinguística Histórica.

Email: tatianakeller.ufsm@gmail.com.

SOBRE O LIVRO

Estudos em Fonologia: uma homenagem a Gisela Collischonn
Taíse Simioni, Tatiana Keller (orgs.)

ISBN: 978-85-99527-49-8

E-book em Portable Document Format (PDF)

Dimensões: A4 (21 cm x 29,7 cm)

Tipografia: Times New Roman (texto); Schadow BT (títulos)

2019. Todos os direitos reservados aos autores.



PPGL UFSM